

Mons. Ricardo Domingos Liberali

POLÊMICAS

Coletânea de polêmicas mantidas
pela imprensa

1ª EDIÇÃO

EDITORA «O LUTADOR»
Manhumirim — Minas.

— 1956 —

Ao Coronel Berra
Ao meu caro discipulo
e não saia da linha
com um abraço, ofere
O autor

POLÊMICAS

Arápolis, 19/8/1967

POLÉMICAS
APROVAÇÃO ECLESIASTICA

NIHIL OBSTAT

Caxias do Sul, 6-5-1947
Pe. Frei Teodoro de Al-
fredo Chaves, o.f.m., cap.
Censor ad hoc

I M P R I M A T U R

Caxias do Sul, 5-5-1947
† José, Bispo de Caxias.

MONS. RICARDO DOMINGOS LIBERALI

POLÊMICAS

COLETÂNEA DE POLÊMICAS MANTIDAS
PELA IMPRENSA

1ª EDIÇÃO

EDITORA «O LUTADOR»
Manhumirim — Minas
— 1956 —

Dedicatória

A Cristo-Rei, Fundador e Sustentáculo da Igreja Católica,
Apostólica, Romana.

A seu Lugar-Tenente na terra, S. S. o Papa Pio XII na pessoa
do seu Representante
o Nuncio Apostólico, Exmo. e Rev. Sr. D. Armando Lombardi

Preito de homenagem à saudosa memória do gigantesco
polemista

Pe. Júlio Maria, S.D.N., Fundador da Congregação
dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora

O AUTOR

DUAS PALAVRAS EXPLICATIVAS

As polêmicas que aí vão não foram provocadas por mim. Apenas entrei na liça na qualidade de sacerdote, obedecendo à ordem de Cristo que disse: «Luz a vossa luz na presença dos homens». Luz é a verdade, trevas a mentira. Como pode a luz ver as trevas invadirem seu campo, sem reclamar?

Umás se referem ao tempo de lutas acesas, preparatórias à constitucionalização do país após a revolução de 1930, sem contar a da abertura que é contra um darwinista impenitente, escorado pelo espiritismo.

As de Uruguaiana, Alegrete e S. Paulo foram provocadas por indivíduos desses lugares.

Nunca comecei polêmica por esporte, nem guardo rancores para com o adversário.

A de Uruguaiana terminou sem que eu conhecesse pessoalmente o meu antagonista, que, parece, hoje se penitenciou, ou, ao menos acompanha a religião até certo ponto. Atualmente não se coligou com os demolidores da Pátria.

Os outros contendores me são completamente desconhecidos até hoje.

Nenhum deles voltou à carga, salvo o primeiro de Veado Branco, como alguém me contou. Como, porém, não me foi possível obter os jornais em que êle escreveu, não foi possível contestar o que poderia ter escrito.

As polêmicas, em geral, não convertem ninguém. Os cabeçudos se acirram ainda mais em seus erros, quando refutados, pois o orgulho os domina.

Entretanto, o silêncio é tomado por êles como consentimento. O erro deve ser refutado para que a verdade apareça. As polêmicas são úteis, pois, não tanto ao inimigo, como serve para fortificar na fé os católicos fracos,

dando-lhes a direção na vida. Por parte dos católicos o silêncio é cobardia. A mentira deve ser desmascarada, as trevas devem desaparecer.

Nunca, porém, se deve ofender, mas manter a polêmica no campo pessoal.

«Combata-se o êrro e amem-se as pessoas» — direi com Santo Agostinho.

E permita Deus que estas polêmicas façam algum bem.

E' o que eu desejo.

O AUTOR

COM UM DARWINISTA

MAIS UM COVEIRO

Mandou-me, há dias, um amigo espírita os ns. 12-13 do «Jornal Espírita», com certeza para me dar oportunidade de ler o artigo assinado por certo Teodoro Doleys, de Veado Branco, Tupacoretan, intitulado: «A luta pela verdade», dirigido «ao clero de todos os credos».

Ele pretendia, sem dúvida, fazer alguma África com «o», para êle, irresponsível artigo do pseudo teólogo do Veado Branco.

E o amigo teve razão de se deixar levar a isso. Então, é brinquedo a apresentação que ~~ele~~ fazia a redação? Apresentava-o esta como «brilhante colaboração» de «esclarecido confrade», que o «dedica ao clero de todos os credos com excepcional propriedade».

E' que a redação e o amigo não conheciam o autor, tornando-se por isso mais uma vez patente a veracidade do rifão: «quem não te conhece que te compre».

Sim, Teodoro Doleys, quem não te conhece que te compre.

Quer o leitor saber quem é o «esclarecido confrade» que tem o «topete» de dar lições «ao clero de todos os credos»? Pois, quem havia de ser? Um negociante, um «bolicheiro» da Serra São Xavier.

Isso, porém, não seria nada. Uma pessoa humilde pode, por mercê de Deus, ser iluminada a dar lições. Há aí cousa pior.

Teodoro Doleys foi católico dos frouxos. Materializado, fazia bons negócios e não cogitava de praticar a religião. Não ligava ou fazia que não tinha tempo para isso. Um dia, porém, trouxe o jornal a notícia da morte

religiosa de Nilo Peçanha, reconhecido maçom, grau 33. E de um momento para outro ei-lo convertido. Chegou a receber a Comunhão. O seu Vigário, Pe. Blass, que o diga.

E eis que depois veio o semeador da má semente.

Ele mandara vir livros espíritas, com eles descobrira a pólvora. Já se considerava alheio às cousas deste mundo. Não fôsem os filhos, seus negócios teriam falido. Tornou-se taciturno, misantropo, afastado de todos. Quando se pergunta a algum serrano sobre o «bolicheiro», a resposta é sempre a mesma: «Coitado!...»

E o serrano faz uma rodinha significativa à altura das fontes, com o indicador.

Pois bem, é este o homem que o espiritismo apresenta aos incautos como «esclarecido confrade», autor de «brilhante colaboração» dirigida «ao clero de todos os credos».

Se não tiver coisa melhor...

Só a apresentação do homem é a sua melhor refutação. O artigo deveria ser encerrado aqui.

Mas não, não termino. Não quero privar os leitores de saboroso prato de «grilos» do espiritismo serrano.

Diz ele no começo do artigo: «A flor da criação terrestre, o decantado Homo SAPIENS, possui no seu âmago a fagulha divina, PARTICULA DO CRISTO UNIVERSAL» (O último grifo é meu).

Mas não pense o leitor que isso seja alma, nem que o «Cristo universal» seja o Cristo que nós adoramos. Essa fagulha, esse «Centro luminoso da alma humana» (então já não é simples; tem centro) «é a quintessência (?) do Bem, do Belo, do Verdadeiro.» (Fala difícil!)

Quanto ao «Cristo Universal» (existente na cabeça dele) diz que dele foram mediadores Chrischna, Zaratus-tra, Confúcio, Moisés, Laotse, Buda e também, em mais

alto grau, Jesus de Nazaré, a quem chama de «encarnação terrestre da sua forma presente».

Quem engole semelhante salada de frutas? Quem te entende «bolicheiro»?

Agora outra do mesmo «teólogo».

Para defender os novos dogmas do espiritismo teve de desfazer dos católicos.

Para êle a teologia dogmática é «intrincada» (pudera não, se não a estudou) e «insulsa» (para os insulsos, talvez!).

Assim mesmo quer ver se acha uma ponte entre os dogmas católicos e os do espiritismo. Mas é infeliz na tentativa, pois tem a coragem de dizer sem receios e à queima-bucha: «os ensinamentos da teologia dogmática eram verdadeiros e úteis para o homem medieval e os seus estreitos horizontes. Mas êles tornaram-se presentemente inverídicos por causa da concepção muito elevada do homem atual acêrca de sua situação no cosmo.»

Pobre bolicheiro! argumenta pior do que um cabo de esquadra.

— Então, as verdades mudam conforme os conhecimentos dos homens? Esta é piramidal, digna de quem os serranos dizem... o que dizem... Não duvido que os exagerados conhecimentos dos espíritas dêem ainda a lua como sendo queijo. E' questão de tempo e de conhecimento... Vão ver.

E remata o ataque ao dogma católico com as seguintes afirmações: ...«havendo as ciências naturais privado (?) a inanidade (??) e completa impossibilidade (???) do dogma», etc.

Para o bichão de Veado Branco, que descobriu agora a pólvora, é alta novidade o que foi mil vezes repetido e reduzido a pó.

Sabe-se que a maior parte dos sábios foram seguidores do dogma, que êste não pode ser contra a ciência,

por ambos agirem em terreno diferente, sendo que esta termina onde começa aquêle. Um age no campo espiritual e a outra no material. Como pode haver conflito entre êles? Nem se encontram.

Mas, para quem é atrasado qualquer desejo é prova.

Evidentemente, o homem pensa fazer como em sua loja: passar gato por lebre. Mas errou o «pulo».

Outra das boas do teólogo improvisado é que para êle as teorias sôbre o homem precâmbrico e suas origens lugiescas (o homem é pitecoide) tem por si «provas esmagadoras».

E trata de calá-las, bem caladinhas.

O bolicheiro perdeu uma excelente oportunidade de se tornar célebre. Conhece provas esmagadoras para defender a origem pitecoide do homem... E isso até hoje não se conhecia. Darwin, Lamarck, Hechel e todos os da liga monista de todo o mundo andavam mortinhos por encontrar provas para as suas teorias, e acabaram por desistir de defendê-las por falta delas. E eis que do Veado Branco surge o felizardo que vai dar às cartas no assunto.

Entretanto o bolicheiro cala. E' que êle em realidade afirma o que não pode provar. Não há provas sôbre o assunto, depois de terem os doutores Brass e Gemelli desmascarado as falsificações de Ernesto Hechel. E' tudo.

Quanto à narração bíblica da origem do homem por meio de Adão e Eva, chama-a «LENDA pueril!» Ouviram? A Bíblia pode trazer «lendas!»

E' bom registrarmos o pouco caso que faz o espiritismo da palavra de Deus. Aliás, não é só o «esclarecido irmão» que faz pouco da Bíblia.

Lá há dias um artigo de Egidio Hervé, no qual se referia à Bíblia como sendo «êsse grande livro que o egoísmo farisaico adulterou.»

Mas não diz quem foi, nem quando. Afirmações e nada mais.

Depois disso, o bolicheiro vira a coveiro da Igreja. Acha que «os mosteiros ardem nessa época de derrocada». As Igrejas estão «ameaçadas de extermínio». Diz que agora as metralhadoras espíritas estão em luta contra o materialismo. Terminado êste (quanta ingenuidade ou estupidez) serão dirigidas contra as varinhas dos vendilhões (para êle são — injúria! — as igrejas), que serão quebradas. E remata: «E o puro Evangelho, o (nem na Bíblia acredita e vem falar em puro Evangelho o hipócrita) de Cristo começará o seu domínio sôbre o mundo renovado.» O mundo está farto de Evangelhos «puros»: E' que assim falam tôdas as heresias. E elas se desmancham e a Igreja fica.

Antes, porém, direi que não me admiro com as «sabenças» do bolicheiro-teólogo. Para um ignorante em matéria religiosa, foi até «sabido».

Isso, entretanto, não impediu de se pegar o «marreco» em flagrante, demonstrando por outro lado o estratagemma de impingir «gato por lebre». Espiritismo, quem não te coashece que te compre...

COM UM MONO

BILHETE-RESPOSTA A TH. S. DOLEYS

«Ésses monos miocênicos somos nós» —
T. S. Doleys — *Jornal Espírita*, ns. 21 e 22)

Meu caro senhor. Li a sua enorme carta aberta (nada menos de sete colunas) no «Jornal Espírita», números 21 e 22. Desculpe, se lhe digo de saída, que ela constitui uma formidável indigestão científica e uma lamentável confusão da ordem natural com a espiritual. Nela também não se distinguem a ordem lógica das coisas reais, e as suposições ou hipóteses de fulano ou sicrano implantadas como leis. Mas, vamos ao que nos interessa.

DE QUEM A CULPA? Começa o amigo a se queixar dos católicos, dizendo que se esquecem das palavras de Santo Agostinho, as quais mandam se castigue o erro e não os errantes.

Não é bem assim. Os católicos não esquecem isso. Os acatólicos é que não sabem disso e desancam os católicos de mistura com o catolicismo, sem piedade: é retrógrados por aqui, é vendilhões por ali, etc. Ora, de tanto ouvir palavras fortes, julgamos que seja esta a linguagem preferida pelos nossos adversários, e por isso a utilizamos de vez em quando contra êles. Fazendo isso, seguimos um princípio de lógica que manda usemos com alguém a linguagem que êle mesmo usa, sob pena de não sermos atendidos ou tomados a sério. Mudem de linguagem os senhores e nós automaticamente os acompanharemos! De quem, pois, a culpa da linguagem um tanto forte?

VENHA CÁ! E depois, venha cá. Ponha-se sem preconceitos e olhe a História com imparcialidade. Faz vinte séculos que estão surgindo à granel os falsos pro-

fetas que predizem o fim da Igreja dentro de curto prazo. Aí temos como pano de amostra, os jacobinos, os ebionitas, os marcionistas, os pelagianos, os maniqueus, os arianos, os nestorianos, sem falar dos albigenses, Waldenses, Huss, Wiclef, nos protestantes com seus centos de seitas, os Voltaires, os Podreccas, os maçons e ateus, com os livres-pensadores todos; todos predisseram o fim da Igreja em futuro não remoto. Lutero disse que a sua morte seria a do último Papa. Voltaire, em 1769, dava 20 anos para a existência da Igreja. E todos, todos desapareceram com a sua raiva impotente: só a Igreja ficou sobranceira a tudo e a todos.

Agora me diga: pode-se tomar a sério mais um destes falsos profetas, embora saia êle das bibocas do Veado Branco? Ora, faça-me o favor... Mas, para mostrar que sou indulgente, que lhę quero bem e que só tenho pena do amigo, vou responder a alguns tópicos de sua extensa missiva.

Reclama contra o título de «bolicheiro». Diz que é comerciante. Ora, que é um comerciante, senão o mesmo «bolicheiro» que gira com um pouco mais de «cobre»? E' todo metido a espiritista e faz caso de mais ou menos dinheiro? Que história é esta? Mas, como quer ser comerciante sê-lo-á. E diz V. S. que é um boêmio. Está certo. Será um comerciante boêmio. Esplêndido!

INDIGESTÃO DOGMÁTICA. Diz V. S. que o R. Pe. Blass lhe deu um tratado de dogma que achou «intrincado e insulso», escrito em meados de século passado, no qual se condenava o homem fossil, como inexistente.

Ora, meu amigo, condenar a Igreja por uma opinião de um teólogo é ter pouquíssima boa vontade. Nem tudo o que se encontra num livro de dogmática é dogma. Ao lado dos dogmas, há sentenças de teólogos, teorias, pareceres que de forma alguma são dogma. V. S. entendeu mal.

Antes de abandonar o catolicismo — o reino da verdade — deveria ter consultado o Pe. Blass, a fim de lhe pedir esclarecimentos a respeito. Não se condena o que se não conhece. E o amigo cometeu esta injustiça contra a Espôsa de Jesus Cristo!

Em compensação, foi cegamente atrás de dogmas cem mil vêzes mais intrincados e duvidosos do que os católicos: um espírito fala, não se pode constatar se é o tal de verdade ou, se em vez dêle, é o demônio; e eis que é crido com uma fé inabalável que chega às raízes do fanatismo e da loucura.

Lembre-se de que a verdade não está na superfície, mas no âmago das cousas. Deixar a verdade ensinada por Cristo (que tal é o dogma) por seguir o que diz o espírito da minha avó ou do meu tio... não é negócio.

Não será tão difícil nem tão pesado como o dogma católico. E' evidente. Mas fie-se...

Então, V. S. queria que os livros dogmáticos dos «meados do século passado» estivessem em dia com as descobertas atuais? E' exigir muito. Mesmo das contemporâneas não é caso estranho se duvidar até não termos provas certas. Assim Gustavo Le Bon dizia que postulados, hoje comuns, eram tidos, quando êle os enunciara pela primeira vez, como heresias científicas pelos sábios. — («L'évolution de la Matière», pág. 2).

Se os sábios se admiram das descobertas recentes, não o podem fazer os teólogos?

HONESTIDADE E MORAL. V. S. acha que os sacramentos de nada valem, porque nos países escandinavos há menos crimes que nos países latinos.

Não se faça de tolo, amigo! Então, para a honestidade e moral de um povo entra só o fator religioso? E quem lhe disse que os noruegueses não têm sacramentos? Diga isso a um protestante... E depois, as estatísticas são sempre problemáticas. Mas, o que influencia muito nos cos-

tumes de um povo é o sangue e o clima. O sangue latino não pode ignorá-lo, é mais dado às paixões que o germânico e o clima quente favorece o desenvolvimento da natureza, tornando-a mais inquieta e veemente. O norueguês, com sangue latino e em climas quentes, seria igual ou pior que o calabrés.

E depois, não faz tantos anos que nasceu o protestantismo e ainda segue a moral católica. Aliás, o protestantismo todo nos imita a moral, que é a de Cristo.

Seja mais sincero em seus ataques outra vez e não faça meras afirmações.

EVOLUÇÃO. Diz V. S. que a lei da evolução (geral e universal, não só dentro das espécies) **É TÃO CERTA QUANTO O GIRAR DA TERRA EM REDOR DO SOL.**

É interessante como certa gente se deixa enganar e se torna depois fanatizada. Pois, meu caro Doleys, **NINGUÉM, ATÉ HOJE, PROVOU TAL EVOLUÇÃO.** O movimento da terra foi provado pelo sacerdote católico **COPÉRNICO**, que dedicou o livro dessa prova ao Papa então reinante, sendo que esse livro nunca foi pôsto no índice pelos censores Romanos, que não defendemos sejam infalíveis, como declara erroneamente.

E a prova da **ORIGEM MACACAL DO HOMEM?** Quem no-la trouxe? Diz V. S. que os dados científicos a esse respeito (muito meus conhecimentos) são pelos espíritos (diz nós) **«COMPREENDIDOS A' LUZ DOS EN-SINOS DOS ESPÍRITOS».** Ora, os espíritos terão outra cousa a fazer que cavar macacos para dá-los como pais dos homens. Deixe-se disso! Conheço a célula, a existência do núcleo pelo qual se divide, conheço as partes em que se pode dividir: átomos, ions, electrons. Conheço a vida material da célula de cuja agregação se formam os corais, as fermentações. Mas nunca me passou pela idéia, por exemplo, que a massa do pão levedado, algum dia achasse a porta e saísse disparando por sua conta e risco.

Só na bôca de algum cachorro, talvez. Mas dessa «substância anorgânica», se assim se pode dizer, especialmente dos cristais, dos quais conheço um excelente estudo de Le Bon, elevar-se à vida vegetativa vai um salto intransponível e sem ponto possível. O mesmo vaie de passar da vida vegetativa à vida sensitiva, e desta para a espiritual a diferença ainda é maior.

Mas, para V. S., levado por espíritos brejeiros, tudo isso não passa de pinto. Há ponte, porque deve haver! Está liquidado. E as provas. E' O MOMENTO SOLENE, é a ELEVAÇÃO DA ALMA, é a ENTEQUIA, o PROTOPLASMA em combinações com o cristal nas fórmulas C. H. O. Az!!! E' a fecundação da monada protoplásmica, é a evolução da MONADA DO CRISTAL PROTOPLÁSMICO! Só isso de cristal PROTOPLÁSMICO é um crime científico. Cristal protoplásmico...

Que é um cristal? Di-lo Le Bon, autoridade máxima no assunto, num livro, editado pela última vez em 1931 («L'évolution de la Matière», pág. 250): «LE CRISTAL serait donc la phase DERNIÈRE de certains équilibris de la matière, NE POUVANT S'ELEVER à des formes de vie supérieure». E logo abaixo: «La structure cellulaire serait donc une phase embryonnaire et la structure CRISTALLINE une forme ADULTE». E o protoplasma é a matéria primitiva ainda desagregada, em absoluto. Organizando-se, ela deixa de ser protoplasma.

E note de passagem, que Le Bon diz não poder o cristal passar para uma vida superior. E o diz êle, o pai do evolucionismo!!! Não obstante, o intelectual de Veado Branco (sem ironia) vai contra o mestre, e o cristal se fecunda e sai correndo com vida e cabriolando... Ora, meu amigo...

ALMA COLETIVA. V. S., por sua alta recreação, acha que todos os animais, menos os vertebrados superiores, têm uma alma comum. Cada bicho, por exemplo, é

como que um biquinho dessa alma. Morre o bicho e a alma recolhe o biquinho.

E quando é que os vertebrados deixaram de ter uma alma coletiva para tê-la individual? Será que arrancaram o biquinho da alma «maezeira»? Seria curioso saber qual dos espíritos folgazões lhe meteu isso na cabeça!

Pobre Doleys, condena o dogma e a Bíblia, para seguir essas verdadeiras orgias científicas... E depois se queixa dos serranos... Diz que de atrasados é que não compreendem. Quero ver qual é o sábio que «abona» 'u achado pitoresco. Alma coletiva: não faltava mais nada! «Nihil novi sub sole».

ALMA EXTENSA. V. S. grita contra os materialistas e lhes adota, sem saber, os erros. Reafirma que a alma tem um «centro luminoso». ORA, o que tem CENTRO, é porque tem periferia. E o que tem periferia, é porque é extenso. Logo, a sua alma é extensa. Ora, o espírito é simples e extensa é a matéria. Logo, sua alma é MATERIAL. Logo, apesar dos seus protestos, V. S. cai também no materialismo mais crasso, tanto mais que faz surgir sua alma da mesma matéria. O que não se tem, não se pode dar. Ora, a matéria não tem espírito, e por isso não se pode elevar a êle. Logo, fica no seu campo a matéria.

O espírito que lhe ensinou isso lhe quis pregar uma peça.

DEUS MATERIAL. Seu Deus é material, e V. S. recaí no materialismo também por aí. Vejamos. Diz que até agora se descobriu apenas UMA DIMINUTA FRAÇÃO DO PROTOESPÍRITO ETERON. Quem tem fração, tem partes; quem tem partes, tem extensão; quem tem extensão, é material. Por conseguinte, seu Deus é material.

Que diabo de espírito tem o amigo a lhe dar mais conselhos? Abra o ôlho!

ÁRVORE GENEALÓGICA. Conheço diversas de diver-

tos autores. Nenhuma concorda com a outra. Que se conclui daí? que são produtos de cérebros fantasistas e nada mais. Não se pode tomar a sério uma afirmação que dá como tendo a mesma e única origem, por ex., o homem e a motuca ou a pulga, o mosquito e a baleia, o moreço e o jacaré, o beija-flor e o tigre, a formiga e o elefante, a aranha e o polvo, etc.

Vá bebendo o que lhe assopram espíritos vagabundos e verá onde vai dar...

CRISTO UNIVERSAL. Faz V. S. mais ou menos o seguinte silogismo cheio de erros: «O sol tem pelo menos dois planetas, dos quais pelo menos um, a terra, é habitado. Marte, com certeza, também o é. Como o sol, há 30 milhões de estrêlas fixas. Logo, haverá pelo menos 30 milhões de planetas. Ora, aqui na terra Cristo se manifestou em Buda, Confúcio, Chischua, Moisés, Maomé e em Jesus. Ora, suponhamos que pelo menos se reencarnasse uma vez por planeta (e isso pelo mínimo!) e teríamos um total de 30 milhões de reencarnações. Ora, não é possível admitir-se tantos Cristos. Logo, é melhor que haja um só que se reencarne 30 milhões de vêzes. Daí o termos um **CRISTO UNIVERSAL.**»

Mas, meu caro Doleys, foi para trocá-lo por este dogma que abandonou o católico? Não vê que aqui peca contra a lógica? Seu silogismo está errado! Supõe como certo o que é uma hipótese, apenas. V. S. faz do possível o provado e de um «talvez» uma certeza. Conclui demais. Há de permear as seguintes dúvidas: 1) Se há tantos planetas; 2) Se são habitáveis; 3) Se são habitados de fato; 4) Se habitados por gente inteligente ou por brutos; 5) Se esta gente inteligente precisa de um Cristo.

Tôdas estas dúvidas vêm uma após outra. Resolvida a primeira, restam as outras, e assim sucessivamente.

Meu caro Doleys, o espírito que lhe ensinou, se di-

vertiu em «metê-lo no mato sem cachorros», «num beco sem saída».

EVOLUCIONISMO — V. S. defende que tudo veio dum «monada» inicial e, depois, que o homem descende do macaco. Daí o pronunciar a sentença que encabeça estas linhas. Daí o tirar eu o título do artigo, do qual não se pode ofender.

Diz que tem por ela provas esmagadoras. Não as vejo. Ninguém as pôde ver. Consultei geólogos, anatomistas, paleontólogos, e não encontrei as tais «provas esmagadoras», resultando que esmagam o que falou nelas por obedecer a um espírito arrojado e fiteiro que lhe quis pregar uma peça como os outros.

Não «dormi nos últimos vinte anos», meu amigo, nem as preocupações do meu cargo me privaram dos estudos antropológicos que venho acompanhando em seu desenvolvimento. Pelo contrário, nas minhas viagens fiz estudos apreciáveis de geologia, definindo as diversas camadas geológicas da minha paróquia, até atrás de fósseis já andei. Já vê que o tal espírito o logrou, quando lhe assoprou tal suposição.

Como lhe disse, nada encontrei que me desse provas da descendência macacal do homem. Vou citar alguns dos autores, e isso a esmo, para lhe mostrar que sou sincero.

Schwalbe, por exemplo, estudando o afamado PITE-CANTHROPUS ERECTUS, descoberto em 1891 a 1892 (e não, há 25 anos, como afirma) diz: «Sistematicamente, o HOMEM NÃO PERTENCE AOS MACACOS... A ciência nem fala sequer da DESCENDÊNCIA MACACAL DO HOMEM, pois ainda não se achou o elo (o missing link) de conjugação: nem por parte do homem, nem por parte do macaco». (Schwalbe, citado por Constantino Gutherlet — *Der Mensch*, trad. italiana, pág. 351 do 1º volume).

Moritz Alberg, retomando as investigações de Klaasck,

Peters, Mubrecht e Strates, declara: «NÃO SE PODE absolutamente PENSAR em uma DESCENDENCIA MACACAL do homem». («Zur Abstammung des Menschen», citado por Brass-Gemelli, no livro «Le falsificazioni di Ernesto Heckel», pág. 23).

Ranke, citado pela mesma obra, pág. 24, dizia num grande congresso antropológico de sábios, em Ulm, em 1899: «Os fatos nos quais se funda a teoria de Klaasek não existem», e protesta que esta QUEIRA APRESENTAR EM NOME DA PALEONTOLOGIA E DA ZOOLOGIA O QUE NÃO ERA SENÃO O PRODUTO DA SUA FANTASIA. E todos os sábios presentes concordaram.

O Dr. Blass, o maior adversário que já em vida teve Heckel, referindo-se ao *Pithecanthropus erectus*, diz: «O Dr. Dubois (foi quem descobriu êste fóssil) tinha sustentado que êstes ossos eram da época terciária e até da terciária superior. Mas as investigações de Volz, primeiro, e depois as de K. Martin e de Elbert (que foram a Trinil estudar a camada geológica do *Pithecanthropus*) DEMONSTRAM CLARAMENTE QUE ESSE PRETENSO ANTEPASSADO DO HOMEM E' CONTEMPORÂNEO do homem quaternário e por isso NÃO PODE SER INTEPPRETADO COMO SENDO UM DOS SEUS ANTEPASSADOS». (Brass-Gemelli, livro citado, pág. 30).

O próprio Heckel reconhece ter a expedição Selenka (a que foi a Trinil) provado que o *Pithecanthropus* é do antigo antidiluviano e não do terciário. (Op. cit., pág. 30). O mesmo reconheceu Branca, um dos maiores antropólogos da Alemanha: «A idéia de afirmar ser o *Pithecanthropus* o intermediário entre o homem e o macaco E' MUITO FRACA».

Isso com o fóssil mais antigo que se conhece. O mesmo vale a «fortiori» dos achados em Le Moustier e dos Homos de Heidelberg (que é que se pode concluir de um só queixo aqui achado, especialmente se fôsse de um

cretino?) de Krapina (Kroalia), de Spy, de la Chapelle-aux-Saints, de La Ferraise, o australiano, o de Solo, o Palinander, o Neanderthalensis, etc.?

A propósito de criar Schwalbe, devido ao achado de Neanderthal, um «Homo Primigenius» distinto do «Homo Sapiens, acha-o arbitrário Virchow, que a êsse respeito diz: «Do crâneo de Neanderthal não se pode tirar um tipo novo, porque êle representa tão somente UMA FORMA INDIVIDUAL PATOLÓGICA».

Quanto ao último achado de importância antropológica, o Sinanthropus Pekinensis, surgiram dúvidas. A princípio, em 1930, julgou-se achar nele o suspirado elo. Entretanto, as pesquisas ulteriores realizadas pelo Abbé Breul vieram desmanchar as esperanças dos pitecomaniacos. Achou êle, indo estudar o caso «in loco», (partindo, para isso, de Paris) que o Sinanthropus Pekinensis: «1) produzia fogo; 2) fabricava instrumentos de quartzo e pedras; 3) trabalhava admiravelmente bem em pontas de cervos e em seus ossos para fazer dêles instrumentos e vasos; 4) que em vista disso era VERDADEIRO HOMEM». («O ECO» de Pôrto Alegre, n. 8, agosto de 1932, página 252).

F' de notar que a descoberta do Sinanthropus Pekinensis foi devida ao trabalho dos Padres Jesuítas Teilhard de Chardin e Licent, embora coadjuvados fortemente pelo governo chinês e por uma fundação Rockefeller. Foi o primeiro dêles que deu ao mundo o conhecimento do achado na revista francesa: «Revue des Questions Scientifiques», de julho de 1930.

As identificações de Breul são de 1931.

Sôbre todos os fósseis assim se exprime um célebre geólogo, J. Bümüller: («Aus der Urzeit des Menschen», citado por Gutberlet, livro e volume citados, pág. 376): «O homem diluviano (fóssil), NEM SOB O ASPECTO INTELECTUAL, NEM SOB O ASPECTO FÍSICO, LANÇA

UMA PONTE SÓBRE O ABISMO QUE SEPARA O HOMEM DO MACACO». Num outrô livro («Die Entwicklungs theorie und der Mensch»), assim se exprime: «A evolução geral é uma generalização TEORÉTICA de fatos que afirmam uma descendência dentro de LIMITES RESTRI- TOS, generalização SEM NENHUMA BASE HISTÓRICO- PALEONTOLÓGICA, isto é, SEM NENHUMA BASE EXPERIMENTAL».

Assim falam os sábios, meu caro Doleys.

Como, pois, ousa falar em provas ESMAGADORAS da evolução geral?

Será que teremos de cantar: «Cesse tudo que a Musa antiga canta?»

Ora, deixe-se de histórias: pare com tanta fita!

O sol não se tapá com a peneira.

E' inútil, pois, meu amigo, querer tentar derrubar o que Deus fêz: a criação, como vem descrita no Gênesis, embora não seja obrigado a aceitar a interpretação dos dias de 24 horas, mas de épocas de milhões de anos. Acha que é conto o Gênesis? Pois, mil vêzes menos verosímil é a criação Darwino-Lamarckeska-Heckeliana da passagem forçada, automática, do nada ao sêr, do sêr inerte à «vida anorgânica», e desta à vida sensitiva e, por fim, à espiritual, dando por cúmulo ao homem a pior das origens: A MACACAL.

E basta para hoje. Termino aconselhando-o que não siga ao conselheiro de Eva, o espírito maligno. Èle a fêz perder o paraíso e hoje faz perder o juízo a muita gente. Dê o fora naquelas «blagues» e volte à casa paterna!

E' o desejo do autor que muito lhe quer.

DESCENDÊNCIA MACACAL

TRÉPLICA A UM PITECOMANIACO
PANTEÍSTA

Até que enfim, obtido o n. 6 do «Jornal Espírita», curada a gripe e feita a transferência para Uruguaiana, onde estamos às ordens dos distintos leitores da «Estrêla do Sul», posso responder ao caro, mas infeliz amigo de Veado Branco, que me veio retrucar o artigo: «Com um mono», publicado na «Estrêla».

Antes, porém, convém lembrar que a teoria da descendência macacal, recebida com entusiasmo no século passado (o «estúpido século dezenove», como o chamou um filósofo) pelos discípulos de Darwin e de Heckel. Já eram ateus, nunca tinham encontrado uma alma com o bisturi e queriam achar uma explicação do universo sem recorrer a um Deus Criador. E eis que Darwin, Lamarck e Cia., primeiro, e depois Heckel constroem teorias sôbre teorias, dando o mundo como originário da matéria eterna que sob os influxos de certas combinações químicas se organizou. Aos poucos se foi aperfeiçoando e um belo dia do fundo dos mares gerou-se a vida. Textualmente dí-lo Le Bon: «...na imensidade das massas líquidas a vida teve a sua aurora». (Em «L'évolution de la Matière»). Mas como se deu isso e quem testemunhou o fato não o sabem explicar êles os pretensos sábios e querem que se engula essa patacoada científica como um dogma intangível. A única prova que trazem é a palavra dêles, aliás mais do que suspeita por se lhes conhecer a «gana» de se verem livres de Deus: é nula, portanto.

A cousa está neste «magister dixit» até agora, agosto de 1933.

A maior parte dos sábios, porém, já largou de mão êsse absurdo. Se não admitem a teoria criacionista, ficam na expectativa de outra saída. Ou mesmo não ligam ao caso maior importância. Não cogitam das crígens das cousas.

E' o caso dos positivistas que não enxergando as cousas, para êles não existem. E acabou-se.

Assim mesmo, sempre há algum filosofete que, tendo descoberto nalgum alfarrábio velho essas asneiras do século passado, as adota e defende por julgá-las alta novidade e bancar o sábio, nem que seja de cordel.

Parece-me ser êste o caso do meu caro amigo de Veado Branco (que é bicho raro também em nossas plagas), Sr. Teodoro A. Doleys.

Sem mais, vamos, pois, à análise dos que êle chama «estudos».

E' interessante. Começa a sua resposta dizendo que eu fugira cautelosamente o que de «irrespondível» êle escrevera (!)

A tudo eu dera resposta, ponto por ponto, negando os seus assertos.

Êle é que ficou devendo as provas das afirmações que lhe neguei.

Quem afirma é que deve provar.

E querem ver como êle prova?

Negara a existência da descendência macaca¹, em nome da ciência, por não se ter achado o homem-macaco, isto é, o homem meio macaco, meio homem, que viesse comprovar a época da transição que, como os transformistas afirmam, deve ser de muitos milhares de anos.

E sabeis qual a resposta do que se queixa que eu fujo do «irrespondível»?

Que só daqui há uns 5.000 anos é que talvez se tenha encontrado o tal intermediário. Por enquanto, a antropologia é ainda uma ciência nova. Remonta a 50 anos, ape-

nas... «Daqui há 5.000, venha Pe. Liberali, que eu lhe responderei». Essa é a resposta do Sr. Teodoro Doleys, traduzida em língua vulgar.

Depois, sou eu que fujo dos argumentos «irrespondíveis»...

Continuemos a analisar.

PANTEISTA. A seguir, Doleys se manifesta redondamente panteísta como um Hegel ou Spinoza, ou, melhor, como um pelagiano ou um Giordano Bruno. Tem passagens como esta: «Nunca lhe ocorreu a idéia... que a substância e a vida possam ser somente diferentes vibrações duma mesma substância? Que a matéria, a vida, a alma, o espírito alcançam a sua perfeita união no seio do Proto Espírito Eterno, DE ONDE INCESSANTEMENTE MANAM?»

Quantas confusões! As diversas modalidades da MATÉRIA sim, podem ser originárias das diferentes vibrações dos átomos. Mas passar daí a uma cousa superior à própria matéria, como seja a vida, aí é que está o absurdo. Mais. O espírito ou alma sim, alcança sua mais perfeita felicidade na união com Deus, mas não segue daí que tanto o espírito como a matéria promanem incessantemente de Deus, (que V. S. chama de Proto Espírito Eterno).

E segue o panteísta. A matéria não passa de electricidade positiva ou negativa. Aquela forma o sexo masculino; esta o feminino (Sagrêdo Rosacruz). Sendo tudo uma e mesma electricidade, a diferença entre Deus e as cousas que não é essencial e, sim, modal unicamente. Das substâncias, a elétrica é ainda a mais verdadeiramente material. Em grau de perfeição ascendem: a substância fluida (além da elétrica), a etérica, a astral, a mental, a causal e, por fim, a DIVINA. De cada força saem raios característicos. Há, assim, raios X, raios ultra-violetas, raios fluidicos (auréola fluidica), raios cósmicos e outros, ainda desconhecidos até chegar aos «RAIOS DA LUZ DIVINA».

Da enumeração dos raios só faltam os de carreta e os

«raios te partam» do português. Mas nada adianta. Palavras não são provas. E, depois, não há provas para absurdos. Um louco teima em sustentar loucuras, não tendo a seu favor mais do que a sua vontade de que aquilo seja de fato, como êle quer. Assim, o amigo quer provar que «TUDO O QUE EXISTE E' SUBSTÂNCIA DIVINA... NADA NO COSMOS TEM VIDA PRÓPRIA; A VIDA E' ATRIBUTO PURAMENTE DIVINO». «TÔDA A CRIAÇÃO E' DIVINA». Mas o que V. S. diz são asneiras de quilate maior. V. S. erra por equivocar-se, com certeza, porque não creio que admita semelhantes absurdos. V. S. ouviu cantar o galo, mas não sabe onde. V. S. no tempô em que era seminarista, ouviu que só Deus vive por si. Isto é, que só Deus é Vida por Essência, Vida absoluta. Só Êle pôde e pode dizer: «EU SOU QUEM SOU». Nós somos aquilo que Deus nos fez e não o que somos e quisermos ser. Mas daí não se segue, caro Doleys, que a vida do Criador seja uma e a mesma com a da criatura. Se nós fôssemos substância divina, teríamos os privilégios de Deus. Seríamos todo-poderosos, e criariamos sóis e luas, à vontade. Entretanto, não podemos aumentar um centímetro à nossa estatura. Isto faz dizer que não somos Deus. Nem com todos os seus raios as cousas não mudam.

Somos criaturas finitas, distintas de Deus, criadas para a sua glória e seu serviço. Esta é a realidade. Nada mais.

Outra piramidal do Sr. Doleys é afirmar que o fluido magnético do animal já perdeu a substância da matéria para estar já no campo espiritual. E' pelo jeito a matéria desmaterializada, a matéria já evoluída, já «elevada».

Meu caro Doleys, repito-o, o que não se tem não se pode dar. O espírito é infinitamente superior à matéria. Seu campo é outro. Não se encontra a não ser no homem assim mesmo cada qual age no seu campo. O espírito, ou alma, como agente e o corpo como instrumento. Um não se confundirá jamais com o outro. Quanto ao fluido magné-

tico é inegável que o homem e certos animais o tenham. Mas dizer que tenha «PERDIDO TODOS OS ATRIBUTOS DA MATÉRIA» é que é afirmar demais. Neste caso, a cobra, que tem desenvolvido êsse fluido, seria um animal dotado de mais espiritualidade do que o homem que tem menos fluido do que ela.

Mas se V. S. crê na cobra como sendo espiritual, não lhe gabo o gôsto.

Crerá porque é um absurdo — «Credo quia absurdum» — porque parece que o amigo deu em admitir como certeza justamente os absurdos, as novidades bobas.

Não lhe gabo o gôsto. Enfim, cada qual é livre. «Sua alma, sua palma».

UM CÍRCULO VICIOSO. A certa altura, o Sr. Doleys se scandaliza porque em questões científicas seguiu, em parte, a Le Bon. Em questões de ciência, meu amigo, não se cogita de religião. Com certeza queria que eu fôsse consultar sôbre a questão de fósseis e da constituição da matéria a algum moralista ou dogmático? E' verdade que sôbre as origens dos homens dêle divergimos tanto eu como V. S. Eu no corpo e alma, e V. S. só na alma que admite, cousa que êle nega. Assim, quem se aproxima mais de Le Bon é o amigo, não eu. V. S. adotou, como Du Prel, as teorias transformistas e quer adaptá-las como êle ao espiritismo. Mas não vai muito mais além do que os mesmos transformistas. Le Bon, por exemplo, que apesar de materialista não negava a vida dos animais, plantas, etc., diz que o cristal não pode passar para a vida da planta e muito menos para a do animal ou do homem. Isso comtine-se com as substâncias químicas que quiser. Não passará do cristal. Acabou-se.

V. S., porém, afirma, depois da minha chamada na «Estrêla», que «a alma animal não é o produto evolutivo do cristal, mas DA VIDA ORGANIZADA DO CRISTAL».

E donde vem esta «VIDA ORGANIZADA», faz favor?

O cristal anorgânico é uma matéria bruta, incapaz, como diz Le Bon, de se elevar a uma forma de vida superior, pois representa — diz êle — a forma derradeira, perfeita da matéria que até êle evoluíra. Mas V. S. precisa de uma vida e cria essa vida, com a sua prodigiosa fantasia. Não digo que com isto V. S. tenha macaquinhos na cabeça, mas apenas que nesse terreno não o acompanhe, nem quero levar os leitores da «Estrêla». Fique-se com o seu cristal protoplásmico que vira bicho e sai correndo. Nós não o queremos, nem o admitimos, por ser mil vêzes mais absurdo do que a criação direta dos seres pela mão de Deus, pois se baseia num círculo vicioso.

Quanto ao homem, tem Doleys uma passagem gozada. Ei-la: «Naquela época, Deus aproveitando a alma inteligente (já antes de ser homem é inteligente!!!) do antropóide (macaco) evocou nela o foco da espiritualidade»...

E isto êle afirma com a «cara» de quem viu Deus pegar o fogo da espiritualidade na alma do macaco, sem outra prova mais do que gritar com todos os seus pulmões, bancando sem razão e sem oportunidade o Calileu: — «Eppur si muove!! Eppur si muove!!» Está cientificamente provado que a lua é queijo.

Com argumentos dêsse jaez é muito fácil afirmar cousas do «arco da velha»!

A questão está em achar quem engula tais cousas. E não faltam na grei espírita, na qual a serpente infernal encontra muitas Evas crédulas. «Eppur si muove!»

«Se non è vero è bene trovato».

Mas não me venha falar em nome da ciência, que a profana.

Fale em nome do espiritismo, de Satanás se quiser, mas não em nome de quem não conhece. Ciência não é isso. Ciência é lógica, ciência é prova provada de fatos palpáveis ou cognoscíveis experimentalmente ou por dedução ou indução. Ciência é a matemática em seus diversos ra-

mos. Ciência é muita coisa que não se conhece em Veado Branco.

Convém não confundir a nuvem por Juno, nem trocar alhos com bugalhos.

COPÉRNICO. Não ignoro, como afirma, a vida de Copérnico. A obra dele não esteve no índice nem pelos motivos que alega, nem nos anos que pensa. Copérnico editou sua obra em 1453, dedicando-a a Paulo III, Papa. Não foi posta imediatamente no índice, nem foi por defender a teoria heliocêntrica. Tal aconteceu em 1616 porque Galileu se estribava, ou, melhor, julgava estribar-se nela, quando afirmara que a Bíblia mentia. Logo, foi posta no índice pelas circunstâncias, não pela teoria em si mesma, que era defendida pelo Vaticano ao mesmo tempo que por Galileu. Retirou-se do índice em 1758 e não em 1830.

Assim, o amigo ou está em má fé ou desconhece os fatos, quando diz que a obra de Copérnico foi posta no índice e Galileu foi preso «por defenderem a teoria heliocêntrica». Tal não se deu. Afirmá-lo é falsear a história. (Vêde Cantù).

Quanto a Giordano Bruno, que esposava as idéias panteístas que vimos, foi julgado como herege e morto pela inquisição. Isso de matar um homem era cousa muito comum na idade média, costume que nos viera dos bárbaros que substituíram a civilização greco-latina por outra mais selvagem. Eram, pois, costumes. Um tanto severos, mas costumes. Se vivesse hoje Giordano Bruno, e em nosso meio, teria merecido, quando muito, uns artigos de ataque do signatário destas linhas, na «Estrêla do Sul» e nada mais. Os mais o teriam esquecido. Tanto mais se morasse num lugarejo como Veado Branco, por exemplo. Não tenha, pois, receios de que eu vá levá-lo ao cadafalso. Basta o escarmento dos leitores da «Estrêla do Sul». Uma cousa, porém, deve fazer. Quando fala de épocas remotas, deve levar também o pensamento geral a essa época, para

não cometer injustiças, comparando-as com a nossa. Os tempos mudam e nós com êles — diz um provérbio latino.

RESPOSTAS. 1) Antes de terminar a sua arenga o Sr. Doleys faz umas perguntas que acha com certeza «irrespondíveis». Pelo menos o tem declarado a um amigo.

Vejamos se são tais. A primeira se refere aos tempos geológicos do homem fóssil que achã incompatíveis com o tempo bíblico, pois diz que pela Bíblia o homem não tem mais de seis mil anos. Como se faz harmonizar isso?

Resposta. A Bíblia não é manual científico, nem tão pouco cronológico.

A Bíblia nada quer dizer sôbre a idade do homem na terra. Pode ser de seis mil ou seis milhões de anos, que para ela isso é o mesmo. Nada diz.

2) Como se explica a forma mais tosca dos homens antigos, e mais delicada nos modernos?

Resposta. Em primeiro lugar a diferença não é maior do que entre um australiano ou negro africano e um europeu atual. Nisto muito influi o clima, os usos e costumes. A cabeça de um cearense, (não de todos) é quase sempre mais chata do que a dos outros homens, e isso não por ser mais ou menos macaco do que os outros, mas por dormir mais em rêdes do que os outros. Os gnomos têm cabeças deformadas, porque desde a nascença os pais davam por meio de fôrmas certos aspectos horrendos às cabeças dos filhos. Os antigos lacedemônios e os antigos germanos forçosamente tinham aspecto mais bestial do que os romanos ou gregos efeminados, pois, mesmo no rigor do inverno, usavam banhar-se diariamente. Deus que fêz a natureza humana, fê-la já apta para resistir a maiores ou menores trabalhos, conforme as necessidades. Mas sem deixar de ser natureza humana, entendido isso vem a ser uma espécie de isomorfismo. O homem do campo, em geral, é mais rude de inteligência, menos delica-

do de formas que o cidadão. Mas convirá comigo que nisso não periga a natureza humana do camponio.

3) TUBALCAIN. Diz que foi este que inventou os instrumentos de ferro. Antes não se conhecia senão a madeira, a pedra. Logo, conclui, os homens primitivos eram mais bestiais, mais macacos do que os que vieram depois.

Quem não vê a fraqueza da argumentação? Então, das invenções que o homem faz se conclui alguma coisa? Então, hoje somos menos macacos do que há 100 anos? Aristóteles, Santo Agostinho, os Apóstolos, Cícero, Júlio César, Anibal, eram mais macacos do que nós, só porque não inventaram, por exemplo, o telefone, o rádio ou mesmo o trem, o automóvel, etc.? Entretanto, o desmentem as múmias de Pompéia, de Herculano e do Egito.

Então, de mais ou menos descobertas, é que se conclui de mais ou menos dose macacal na humanidade? De onde foi tirar semelhante absurdo?

Sofista de Veado Branco, pare com estas engroladas.

Vá pentear certo bicho que quer fazer passar por homem.

Quanto a mim, não creio no meu íntimo, como pensa que de fato seja melhor fazer sair o homem da carcassa do macaco, mas creio que é muito mais sublime sair o homem diretamente da mão benéfica e santa do seu Criador.

Credo, pois, não «quia absurdum», como V. S. diz, mas «quia verum».

A PROVA DE SANGUE. Por fim, para dar um cheque-mate na criação direta do homem por Deus, traz como argumento «irrespondível» a prova do sangue. O sangue do mono não é destruído pelo do homem, como o dos demais animais... Logo, o homem é parente do macaco: é consanguíneo dêle.

Sr. Doleys, vá contar isso aos serranos, más não a quem estuda.

O Sangue do mono não é destruído pelo do homem...

Como pode V. S. afirmar com a «cara» mais séria dêsse mundo um dislate dêsses? Consulte qualquer químico, qualquer tratado hematológico e verá que a cousa não é assim. O sangue do homem precipita o de todos os animais e MESMO DOS DEMAIS HÔMENS, exceto em certos casos, quando o sangue em tudo é igual. E, se de homem para homem há diferença de sangue, como quer sustentar que não há tal diferença entre o macaco e o homem? Desta forma, segundo a sua teoria, o macaco é mais próximo do homem do que o próprio homem...

E' verdade que o sangue do macaco é semelhante ao do homem, mas essa não é especialidade do macaco, mas de todos os mamíferos, tirando o camelo, lhama e outros camelóides. O sangue do homem e mais mamíferos, afora os últimos, consta de serum e glóbulos vermelhos, REDONDOS, SEM NÚCLEOS E BICÔNCAVOS. O dos peixes, anfíbios, aves, etc., consta de glóbulos nucleados, bicôncavos e eclípticos. Se pela semelhança do sangue se infere parentesco, seguir-se-ia que o homem é parente do cavalo, do burro, do bode e não o seria do peixe, do sapo, da águia, etc. E com que provas sustentaria V. S. tais asneiras que se depreendem logicamente de seus princípios?

Ah! Não sabe? Pois nem eu tão pouco... Pobre Doleys!

FILOGENIA. Outra prova do parentesco macacal do homem, tira-o o Sr. Doleys da filogenia, isto é, da semelhança que apresenta o embrião humano primeiro com um verme, depois com um peixe e por fim com um embrião de mono. Logo, conclui o filósofo de Veado Branco, logo, o homem foi primeiro uma célula que passou por ser verme, para em seguida ser peixe, e de peixe, após muitíssimos séculos de evolução, saiu um mono, do qual saiu o homem, infundindo Deus na alma macacal o foco de espiritualidade. A prova a traz o homem desle o ventre materno. Não há negar!

Este, em resumo, o pensar do Sr. Doleys.

Pois, caro Sr. Doleys, saiba que parecer, não é ser. Alhos não são bugalhos. Se o homem foi macaco um dia, foi também peixe e vimos, pelo exame de sangue de antes, que os glóbulos vermelhos do peixe e do homem são absolutamente diferentes. Logo, o homem não podia ter sido peixe. Logo, nem tão pouco macaco, porque se a prova da mera semelhança não conclui para um, não conclui tão pouco para o outro.

Outra consideração.

No estado embrionário são idênticos o coelho, a galinha e a tartaruga.

Poderá admitir, acaso, que a galinha fôsse um dia tartaruga ou o coelho galinha ou tartaruga? E admitirá, sequer, um parentesco entre êstes dois animais? E no caso afirmativo, com que provas?

O embrião do papagaio tem dentes.

Segue-se daí que o papagaio teve outrora dentes ou que seja parente do leão ou do cachorro?

Outra para o Sr. Doleys meditar.

Durante quase toda a gestação o embrião humano não tem partes genitais.

No sétimo mês já as tem, mas comuns de dois: são hermafroditas.

Segue-se, então, logicamente, conforme o seu princípio, que os homens antigamente não tinham partes genitais e depois que tinham comuns de dois?

Não vê que repugnam suas conclusões embriológicas?

A IGREJA E A EVOLUÇÃO. A Igreja não condena, como erroneamente pensa, toda e qualquer evolução. Uma evolução moderada de animais e plantas pode alguém admiti-la sem deixar de ser católico. Mas, mesmo essa afirmação é falha de provas. A lei de Mendel veio provar que é mais fácil voltar ao estado primitivo da espécie do que conservar melhoramento artificial. Mendel experi-

mentou a cruzar ratos comuns com ratos brancos durante trinta anos e depois de ter obtido diversas e curiosas variedades, no fim estava novamente nos dois troncos primitivos. Estes são documentos vivos da falsidade da lei da evolução.

ANJOS CRIADORES. Afirma V. S. que ficava «pau» para Deus fazer tantas espécies de animais, umas após outras; assim volta e meia teria Deus de enviar seus anjos a fazer do barro êste ou aquêle animal, conforme a época.

Isso é o que se chama desconhecer o que seja criação.

Deus para criar não precisa de auxiliares, nem consta que os animais tivessem sido feitos de barro. Deus eria com a sua vontade. Quer e está feito.

Nunca ouviu dizer que Deus é onipotente? E então?

Mais «pau» é ouvir V. S. falar assim, creia-me.

Deus, caro Sr. Doleys, fêz o mundo do nada.

Mas não se segue que saísse a terra firme e o mar já separados.

Eu, por mim, acho que Deus criou o mundo conforme a teoria Kant-Laplace.

A princípio havia só um cometa de vapores ou gases.

Aos poucos foram êles se nucleando, formando assim cometas, os quais, encolhendo pelo resfriamento suas caudas, formaram os planetas e o sol.

A princípio os vapores eram de uma incandescência suma.

Então, a vida era impossível. O mesmo vale para os primeiros milhões de anos depois da precipitação dos gases, porque o que não era gás era líquido incandescente com milhares de graus de calor (os metais eram líquidos!)

Aos poucos formando-se tênue crosta terrestre, pouca luz poderia haver devido à enorme espessura de gases vaporosos causados ainda pelo intenso calor. Nesse es-

tado talvez pudessem resistir árvores gigantescas e simples. Eram os gigantescos fetos. Quando foi possível a existência de algum animal, criou Deus os maiores animais (erbívoros) que pudessem aguentar o intenso calor. Esfriando sempre mais a terra e precipitando-se mais os vapores foi possível a existência para plantas e animais mais complicados, desaparecendo os primeiros sob a ação dos imensos cataclismos que a pouca consistência da terra permitia e, mesmo sob a ação de temperaturas inferiores, inadequadas à sua estrutura.

Nós, católicos, suponhamos um Deus Criador, mas «inteligente».

Tendo chegado a terra em sua maturidade, repleta de todas as espécies de animais e plantas, criou Ele o rei da criação, o homem, sua obra mais perfeita — sua imagem e semelhança. E depois descansou: quer dizer depois nada mais criou.

O mundo chegara ao auge. Daqui tenderá para o aniquilamento, sob a ação lenta do resfriamento. Os sábios estão concordes em afirmar que as energias chegarão ao estado de inércia absoluta. Então é o fim. Mas quantos milhões de anos isso levará não se pode saber. Só Deus sabe.

V. S. chama de «sarrambulhada» à crença criacionista. Pois acho que o seja a sua teoria, que não tem vislumbres de prova. Tudo o que V. S. afirma tem como prova a fantasia. A nossa faz desenrolar os fatos confirmados pela ciência uns após outros até o seu remate — o homem. V. S. faz desenvolver tudo de uma só célula criada e por fim tira da costela do macaco o homem. Pois fique com a sua macacada, que eu não admito ser ela ancestral do homem pela impossibilidade física, anatómica, moral, intelectual e religiosa. Se fôr preciso, voltarei a tratar das provas dessa impossibilidade.

E por aqui paro, esperando que o amigo sempre

se lembre de voltar daqui há 5.000 anos para trazer o argumento decisivo em favor da descendência macaca.

Passe bem, pois, meu amigo, com os seus macacos em Veado Branco. Não aconteça que os macaquinhos lhe subam à cabeça.

' E' o desejo do amigo sincero, o autor.

UM ESPÉCIMEN DÊLES

Bem se diz que o fanatismo cega, que não quer conversa de espécie alguma. Nenhum argumento, nem o da própria evidência, será capaz de convencer a uma pessoa fanatizada. E' porque é, porque deve ser assim. O fanatismo é a teimosia, como a de certo quadrúpede por demais conhecido...

A's provas.

Achá-las-emos recorrendo à arqueologia anticlerical. Cavuquemos.

Acharemos no tal «Congresso» um espécimen, aliás raro, pela quantidade de despautérios que disse no seu famigerado discurso. E' o Dr. Alcides Chagas de Carvalho, o homem do: «Crê ou morre» e de muitas outras belezas, como a da defesa da falsa eugenia ou limitação da natalidade. Dêste, entretanto, já se falou.

Cavuquemos mais. Remontando aos tempos da assinatura do decreto de 30 de abril de 1930, encontraremos um belo espécimen «dêles» na pessoa do Dr. (custa a crer) Lourenço Sousa, de Santo Ângelo. Homem de vistas largas, vira logo no decreto facultando o ensino de **TÓDAS AS RELIGIÕES**, o estabelecimento da Inquisição (a qual, aliás, embora existindo em séculos menos cultos, nunca chegou ao cínico barbarismo da dos nossos inimigos do **SÉCULO VINTE**), vira imperando a «clerocracia» que mata e engole os homens com tôda certeza, pelo mêdo que lhe causa. Tudo isso êle chega a telegrafar ao Dr. Getúlio Vargas, acrescentando que com o decreto o Brasil retrogradara **MILHARES DE SÉCULOS!**

Como se vê, o homem enxergava demais. Tinha a vista alucinada. Para êste lado um lobis-homem, para

aquêle um boitatá. No fim, a morte pela Inquisição.

Que pesadelo!

Entretanto quem não vê, no despacho, o intuito de desorientar a opinião pública? Um «Dr.» não pode dizer isso com sinceridade. Disse-o com intuito de que houvesse alguém mais atrasado do que êle que engulisse a «bola».

De certo, julgava o nosso povo igual ao «português» da anedota...

E a coragem de mandar tais ridicularias ao Chefe da Nação!!

De certo o Dr. Getúlio toma a peça por um humorismo qualquer. E não passa de humorismo (e sem graça) afirmar que com o decreto o Brasil retrogradava MILHARES DE SÉCULOS. Pois se o Brasil só conta QUATRO SÉCULOS e trinta e quatro anos com êste, como pode atrasar-se milhares de séculos?

Não é, acaso, loucura semelhante afirmação? Loucura ou fanatismo que vem a ser a mesma coisa.

Mas desfiemos o novelo.

Quem diz «milhares» diz pelo menos dois, para fazer o plural. Logo, o Brasil com o decreto getulino se atrasou (e isso no mínimo) 200.000 anos. Ora, quem conhece a ciência como um «Dr.» não pode ignorar que a existência do homem sôbre a terra não vai além de alguns milênios. Demos ao homem a enorme idade de 50.000 anos (que não tem) e chegaremos à conclusão de que o atraso do Brasil com o decreto é tão profundo que só depois de percorridos 150.000 anos alcançaria a civilização dos primeiros homens sôbre a terra. E isso na melhor das hipóteses. A civilização que trouxe o decreto é igual a que tinham os manutes, os hidrosauros e outros bichos que viviam faz 200.000 anos...

Como se vê, o Dr. é um bom cientista.

Chegou a descobrir os seus colegas de 200.000 anos atrás.

E para que no futuro não se esqueça a memória do grande paleontólogo, descobridor da civilização pre-simiésca de há 200.000 anos, aqui ficam consignadas estas despretensiosas linhas.

COM UM PAULO ~~DE~~ DAMASCO

Ingenieros, o grande filósofo argentino, diz que «el hombre solemne» é sempre um homem medíocre, de idéias curtas.

Efetivamente, assim é.

Certo dia, por exemplo, mandaram-me de uma cidade da fronteira um jornal, n. 1, que se apresentava como sendo órgão comercial, político, noticioso e CIENTÍFICO. Efetivamente num de seus primeiros artigos aborda um assunto científico, mas com uma infelicidade que não podia ser maior. Trata da criação do homem que nega «em nome da ciência», para afirmar que o homem descende legitimamente do MACACO. Nem mais nem menos. Isso, aliás, não constitue novidade. Já muitos tentaram afirmar a mesma cousa e todos foram infelizes. Por mais que matutassem por descobrir provas de suas afirmações, foram baldadas as tentativas. E o nosso articulista, além de usar frases horrendas contra o clero «obscurantista», tem um sem número de erros gramaticais e de sintaxe. Causa pena a uma criança dos cursos elementares. Isso me despertou a curiosidade. Quis saber quem era o autor e quem eram os redatores de tanta asneira.

Quis, enfim, saber quem eram os «bichões» que se abalançavam a tanto.

E sabe o leitor quem descobri «bancando» os anticlericais e cientistas de meia pataca, assassinando o português e o bom senso?

Novamente dois aventureiros. Um dos redatores era um alemão bebedor de chop, dono do boliche da esquina e o outro, conhecera-o na campanha, violão na mão, rôto,

sujo, faminto, feito cantador ambulante, para não dizer vagabundo reles e sem princípios.

São sábios como êsses indivíduos desclassificados, que se arvoram em inimigos fanáticos da Igreja: são êles que tratam os Padres de RETRÓGRADOS e OBSCURANTISTAS, êles que só lhes falta cair de quatro pés para sair pastando...

Eles, formados em Caixapregos, pela Academia da Burrolândia, êles que, se muito, serviriam para lacaios.

Não são todos, porém.

Há outros que, mais instruídos, ou, antes, instruídos demais, se multiplicam em ataques, inventando nomes falsos com que assinam seus artigos só para armar ao efeito, aparentando muita gente, quando é um só que escreve.

De todos os estratagemas lançam mão os adversários do catolicismo.

Bancam os sábios, não o sendo; multiplicam-se artificialmente, viram raposas e tudo com muita solenidade. E' preciso salvar as aparências.

O fraco quer vencer pelo artifício. A coruja, não podendo alcançar o passarinho no vôo ligeiro, atrai-o com micagens.

Mas o lobo que anda coberto com a lã da ovelha será desmascarado.

De nada valerão, hoje em dia, espertezas e micagens.

O povo saberá levantar o pelego do lobo que o quer enganar.

Mas vamos ao que nos interessa. O nosso conhecido Pedro Tarsier, apesar de ser de Tarso como Paulo (Tarsier), não viu ainda o seu Damasco.

Sua linguagem de fanático, conforme a definição de Paulo Hecker, prova que com êle não está a verdade. Quem possui a verdade não precisa usar do expediente da injúria e da baixaza como êle está usando.

Vejam como êle, um estrangeiro, conforme Mons.

Marx, injuria o nosso clero. Diz combatendo pelo estado ateu: «O Brasil não deve morrer nos braços do clero ATRASADO e OBSCURANTISTA». (O grifo é meu).

Então, colega dos acadêmicos supra, o clero é atrasado e obscurantista?

Por que?

Porque não admite as patotas dos seus adversários? Os seus «cuentos», Tarsier?

Quem é atrasado e obscurantista se deixa embuçar de depressa. Mas o clero, apesar de tôdas as micagens e estratagemas, segue o seu caminho, que é o da nacionalidade. Logo, não pode ser atrasado e obscurantista.

Por que será, impagável Doutor (se o fôr)? Responda!

O que o Sr. quer é injuriar e caluniar, porque não pode provar o que diz.

E retrógrado e obscurantista é quem se mete em talas sózinho, não podendo provar o que afirma. Mas quem sabe, se o Sr. Tarsier julga os padres analfabetos?

Então, será quanto ao saber que o clero merece essa injúria, êsse título?

Mas qual é o conhecimento humano que não pertença também ao clero? Qual? Que é que o sr. sabe e que o clero não o saiba?

Logo, se por isso são «obscurantistas» e «retrógrados» os padres, que título merece quem está na mesma plana no saber ou em plano muito inferior?

Um conselho, sr. doutor (se o fôr). Não desenterres fósseis do tempo dos jacobinos ou anteriores. Deixe essas velharias aos seus colegas de Caixapregos que redigem jornais científicos sem terem estudado ciência.

Mas vamos a outras afirmações do Sr. Tarsier.

Diz cinicamente: «A pátria nada deve ao espírito teocrático medieval (quer dizer, à influência da Igreja Católica), a não ser o atual atraso intelectual».

Senhor Dr. (se o fôr), me diga uma coisa. Quando é

que a Igreja foi ministra da instrução pública no Brasil?
O Sr. Tarsier tem culpa se o meu vizinho dorme em vez de ficar acordado?

E' a mesma coisa.

E' exquisito êste Tarsier, como aliás todos os adversários da Igreja.

São simplesmente incontestáveis. Se se mete em política, a Igreja, então, é teocrática, a inquisição, o diabo. Se não se mete, é a causa do atraso dos povos. Pobre Igreja! E' condenada por ter cão e por não ter! Pobre cordeiro quando o lobo se quer apoderar dêle! Não há razões que lhe valham.

E por fim diz o nosso homenzinho: «A pátria nada deve... à astúcia loiolista» (inventa até palavras — quer dizer dos jesuítas).

Tarsierzinho de minha alma, quem é que inventa?

Não vê que com isto passa a si mesmo um atestado pouco lisonjeiro?...

Então não conhece um livrinho que tôdas as crianças da escola conhecem e que se intitula «História do Brasil»? Pois, homem, como vai falar no Brasil a brasileiros sobre História do Brasil, se nem a conhece? Se conhecesse êsse livrinho, saberia que foram os Jesuítas, em parte, que o fizeram.

Resumindo, sem falar dos seus merecimentos como educadores, missionários e moralizadores das massas, só falarei de uma benemerência da astúcia «loiolista», em favor do Brasil.

Se Tarsier soubesse História do Brasil, não poderia desconhecer que São Paulo (é da pátria de São Paulo e não sabe), foi fundado a 25 de janeiro (dia em que se festeja S. Paulo) por Nóbrega e Anchieta. Os dois faziam parte dos homens da sua «astúcia loiolista», os dois eram jesuítas. E graças ao seu colégio, Piratininga progrediu e se tornou o que é. Sem êles, nada seria. E não havendo

São Paulo, não teríamos tido bandeirantes e sem êstes não teríamos tomado posse do oeste de São Paulo, nem teríamos Mato Grosso, Goiás, Sul do Amazonas, Paraná, Santa Catarina, Norte do Rio Grande e o Oeste de Minas.

Nada deve o Brasil aos jesuítas. Só lhes deve a metade do seu território e a sua configuração atual. Não deve nada...

Tarsier tem a mania de julgar os outros por si.

Não duvido que aos anticlericais nada deva o Brasil, senão a destruição de uma riquíssima civilização que poderia hoje ser a sua Califórnia.

Olhe, meu caro Tarsier, vá a Damasco, pense melhor, não vomite besteiras.

Os de Tarso sem Damasco não são Paulos: São Saulos. São peixes fora da água.

Vá a Damasco e voltando não vomitará tanta barbáridade contra a Espôsa de Cristo e seus ministros. Deixe de perseguir ao Cristo. Fazendo isto, ainda poderá ser um bom homem. Do caso contrário continuará a ser Tarsier, tão bem conceituado no conceito dos acatólicos, que, num momento de entusiasmo o poderão eleger deputado para a Constituinte... Seria o que faltava. Um estrangeiro deslocado na câmara dos deputados...

ESCARAVELHOS

Li, há dias, no «Livro dos Médiuns», que «até os animais podem ser médiuns». (Vide neste livro de Allan Kardec, 10ª. edição, pág. 327). Segue-se logicamente, admitindo-se o princípio espírita, que há animais informados por almas humanas e vice-versa: há gentes informadas por almas que passaram por animais. E' o que se conclue das premissas postas pelo codificador (aliás fundador) do Espiritismo. E está quase sendo provado pelo proceder de certa gente.

Comparemos. Há, por exemplo, um bichinho, um coleóptero, cuja ocupação consiste em escarafunchar nas imundícies donde tira o sustento. Ora, por outro lado, há homens que, em falta de argumentação para sua defesa própria, procuram, negativamente, alimentar-se com os defeitos que encontram ou julgam encontrar nos outros. E' diante desta gente, que se fica quasi inclinado a aceitar certas teorias espíritas...

Aos exemplos. Daniel de Montalvão, Pedro Tarsier, Bernardino Paixão Coelho e tantos outros, pertencentes a diversas religiões, não se limitam a provar que a religião dêles é verdadeira. Talvez não encontrem provas... Divertem-se, então, êstes cavalheiros a remexer na história, para ver se, durante dois mil anos de existência, tem havido na Igreja alguma imundície. E naturalmente acabam por encontrá-la, julgando terem, assim, provado a veracidade da própria. Positivemos. No dia 25 de outubro, appareceu nas colunas do «Jornal da Manhã», um artigo do Daniel de Montalvão. Artigo semelhante appareceu, dirigido contra o R. Pe. Rohden, pelo mesmo. Quer êsse Sr. condenar a Igreja porque alguns católicos, vamos dizer uns centos, praticaram obras meoas boas, embora DESOBE-

DECENDO A ELA. Milagre! Então, os homens não podem errar? Com essa lógica precipitada se iria longe. Assim, se Daniel de Montalvão tivesse vivido nos tempos apostólicos, deveria condenar inexoravelmente a religião de Jesus Cristo pelo fato de Judas tê-lo vendido. «Não aceito essa religião — teria sido obrigado a dizer — porque nela se vende a Jesus Cristo».

Em cidades, há partes menos decentes. E isso em todas. Logo, segundo a lógica de Montalvão, as cidades não prestam...

Nas casas, há partes escusas. Logo, as casas são indecentes...

No próprio corpo humano, os naturalistas assinalam membros para fins que não são os mais nobres. Logo, os corpos dos homens são repelentes...

Não vê, meu caro Montalvão, que seguindo por esse caminho segue a lógica do absurdo? É pena que não o leia Mendes Fradique, o impagável humorista.

Se entre cada treze católicos há um que dê mau exemplo, mesmo que esse tal seja Papa (pois não é impecável, nem infalível, quando age como particular e sem intenção de representar a Igreja), nem por isso a Igreja deixa de ser boa e genuína Espôsa de Cristo. Uma religião não se deve julgar pelo proceder deste ou daquele membro, mas pela sua doutrina.

Isso, admitidos como verdadeiros os fatos citados por Montalvão.

Entretanto, a maior parte deles são inventados pelo prodigioso repetidor de historietas. Por que não trouxe também o FATO (a mentira é fato para muita gente) da Papisa Joana, dando à luz numa procissão? E o da cadeira furada de não sei que Papa? Tiraria neste caso as dúvidas sobre o FATO se o espírito de um escaravelho se pode ou não encarnar num homem...

Vamos aos célebres «fatos».

Escolherei ao acaso. Todos não é possível trazer na curteza de um artigo.

Só direi que a história tem, pelo jeito com que a concebe Montalvão, um aditivo. Deveria ser mais: da Carochinha. Balelas são para êle História. E se utiliza da tradução espúria de Cantù, feita por Ennes e repudiada pelo autor...

Vejamos, «inimigos da Igreja e dos clérigos foram os franciscanos»...

Pois, meu caro Montalvão, não sabe que a maior parte dos franciscanos são clérigos da Igreja? Como podem, pois, ser contra ela? Mais, o próprio fundador diz em sua primeira regra, capítulo 20, textualmente isso: «Tutti i frati sieno cattolici, vivino e parlino cattolicamente» — «Todos os Irmãos sejam católicos, vivam e falem catolicamente». («Fioretti» — edição de Papini — pág. 247).

Que diz a isso?

De São Domingos tem uma boa. Todos conhecem a vida e estampas dêste grande Santo. O facho que o acompanha é a luz do Evangelho, um símbolo portanto. Mas para Montalvão não é isso, pois até lhe causa arrepios na espinha dorsal. Leiam e pasmem os leitores como se deturpa a História: «Inimigo da Igreja foi São Domingos de Gusmão, que com o crucifixo na mão esquerda (já a esquerda) e o facho INCENDIÁRIO na direita, incitava ao assassinio dos albigenses». O facho da fé é INCENDIÁRIO!!!

Atribui como feitos pela Igreja os crimes de Torquemada que era um excomungado.

Para êle os jesuítas seguem máximas IMORALÍSSIMAS. Mas não diz quais. Só tem a TOLERÂNCIA (própria dos anticlericais) de endossar a «gana» de um tal Castila de vê-los expulsos de todos os países como «perros rabiosos».

Quais as máximas imoralíssimas e porque expulsá-los assim?

O Sr. Montalvão não há-de achar resposta. Entretanto, amanhã ou depois há-de voltar à carga pontificando as mesmas asneiras em nome da história... da Carochinha, entendido. De provas, nem sombra. Tia Carocha vai rir a bom riso...

Na sua prodigiosa imaginação, Montalvão acha Papas... imaginem caftens...

O escaravelho se vem manifestando de um modo quase patente...

A idade média, que foi o maior caldeamento científico, um verdadeiro colégio de alfabetização das massas bárbaras, chama-a êle de «mil anos de imundície e de ignorância». Pobre Montalvão, vá fazer companhia a Tarsier, que também não gosta dessa época. Mas lembrem-se de que desconhecer a Idade Média é desconhecer mil anos da História. Para o acatolicismo, que veio tarde, êsse tempo é incômodo. Afasta-os de mil anos de Cristo. E' um «buraco». E alija-se para o balão subir... Entretanto, a História não se troca com historietas. A Idade Média fêz de uma Europa de bárbaros uma Europa de civilizados. De zero universidade, a Europa passou, na Idade Média, a possuir 70!!! E o Brasil ATE' HOJE, apesar de não estar mais na Idade Média, não possui nenhuma universidade propriamente dita. E Montalvão, nem por isso, julga estar numa terra cheia de «imundície e ignorância».

Vem, por fim, a inefável e infalível citação de Rui Barbosa na «Igreja e o Concílio».

Ora, meu caro Montalvão, isso já é ter muita vontade de enganar os outros. Já foi dito e repetido que aquê-le livro que se cita à bôca cheia, como sendo de Rui Barbosa, é da autoria de JANUS. Rui só o traduziu num ato de loucura impensada, aos vinte anos de idade. Depois,

retratou o conteúdo do livro por muitas outras manifestações do seu pujante espírito. Atribuir a homem um pensamento que êle mesmo retratou, é o mesmo que dizer que a comida usual de alguém é exatamente aquela que vomitou... Uma imundície, portanto.

Sr. Daniel de Montalvão, não quero dizer que em V. S. se encontre uma alma que, em outra encarnação, tivesse sido escaravelho, mesmo porque não sei se êsse inseto pertence à classe dos ditosos animais reconhecidos como possíveis «médiuns», uma vez que Kardec, no lugar citado só fala em certos passarinhos hábeis em tirar de uma caixinha a sorte de pessoas. E depois, eu não sou espírita. Em todo caso, «abra o ôlho». A semelhança do trabalho de um e de outro poderia levar certa gente a lhe abonar uma comparação nada lisonjeira. Espiritistas não faltam...

Abra o ôlho: «Quem avisa amigo é».

Não escarafunche na História, não se alimente de imundícies, defenda a sua religião. Só assim não se parecerá com certo bichinho imundo que chamamos escaravelho, com o qual não desejo que se assemelhe.

1) «Estrêla do Sul», n. 51, de 18 de dezembro de 1932.

NOTA. — Esta é uma resposta geral a todos os detratores da Igreja.

Mas com grande surpresa minha os anticlericais e papafrades endossaram êsse apelido de escaravelho. No n. 7 dos «Reflexos» de Livramento, se encontra isso: «Nós, do estado leigo, os escaravelhos! é verdade!»... «e nós, os escaravelhos», etc. Uma poesia é assinada por «Escaravelho, com o qual não desejo que se assemelhe. (1)

CATURRICES DE UM DOUTOR

Quem mete as «patas» demonstra a que raça pertence.

E' e caso de certo Dr. (não parece!) Pedro Tarsier que escreve artigos para o «Jornal da Manhã». (E não sei como o jornal aceita tais artigos).

Para êle, o catolicismo é Ultramontanismo, (1a patada).

Santo Tomás para êle não passa de uma nulidade que nada tem de seu.

Felizmente o Cônego Dr. Scherer já lhe respondeu a êste respeito.

Para o Dr., tudo o que é ruim na História é devido à Igreja. E' incapaz de reconhecer um merecimento no catolicismo. Para êle, o catolicismo não apresenta «nada de positivo» no desenvolvimento da instrução. Êle desconhece com certeza que, antes da Reforma, a Igreja fundara 70 universidades, tendo ela hoje, nada menos de umas 116.

Mas está perdoado. «Mete as patas». Já se sabe quem é.

Outra «patada». Diz êle que a instrução «teocrática» (podia dizer católica), quando não, são trevas, é um meio de propagá-las...

E quem diz isso é um Dr... Razão tinha eu para desconfiar do doutorado do homem. Quem é tão jacobino e tão tapado que não saiba ser a instrução católica tão boa como qualquer outra, porque a instrução não tem religião, êsse não pode ser «Dr.». Um Dr. deve saber as cousas como são!

E afirma ainda o homem: que o catolicismo quer «debelar a civilização intelectual».

Todo e qualquer padre católico é um intelectual. Os nossos intelectuais leigos quase todos formaram o seu intelectualismo nos estudos de humanidades dirigidos por padres ou religiosos.

E depois o catolicismo quer «debelar a civilização intelectual»...

Isso é o que se chama tapar o sol com a peneira.

E o homem, em defesa de uma causa perdida, cita a autoridade de Rui.

Mas não tem sorte, porque o livro citado não é d'ele. E' de Janus. Rui o traduziu apenas, quando tinha 20 anos. E um homem de 20 anos não merece a fé da idade madura e da velhice. E em ambos êsses estádios vemos um Rui muito diferente do de 20 anos. Retratou, portanto, praticamente a tradução de Janus com suas afirmativas em Nova Friburgo e em São Paulo.

E o que êle retratou é o que o Dr. traz como sendo autenticamente d'ele...

Traga outros argumentos, meu caro, para as suas defesas, porque êsses não pegam. O povo já não está tão atrasado como pensa.

Depois, fala o «Dr.» sôbre o atraso na Idade Média, atribuindo unicamente ao catolicismo, para êle, a «Teocracia».

E' o mesmo como se se inculpasse o catolicismo de ter aparecido tão tarde a locomotiva ou a electricidade.

Ponha os pontos nos «ii», meu caro amigo.

Quer saber qual o motivo do atraso da Idade Média? (E devia sabê-lo).

Nunca ouviu falar, meu caro Tarsier, na invasão dos bárbaros?

Pois, foi ela a culpada do atraso da Idade Média, que aliás não foi tão grande como faz supor.

São estas e muitas outras as tolices que o Sr. Pedro Tarsier publica no «Jornal da Manhã» e que promete publicar em livro intitulado: «Roma, o Jesuitismo e a Constituição».

Não se assustem perante tanta basófia os leitores. Só os nomes de «Teocracia» por catolicismo, que trata também de ultramontanismo, de «jesuitismo» e outros conceitos honrosos a respeito da ação benéfica do catolicismo através da História, darão a origem do autor do panfleto.

Será a sua melhor refutação.

ANTAGONISMO VISCERAL

Não há cousa que deixe um espírita mais melindrado do que dizer-lhe não ser o espiritismo a religião de Cristo, mas a antítese dela. Sim, há um antagonismo absoluto entre o Espiritismo e a Religião de Cristo.

As provas!

1. Jesus fundou a sua Religião no ano 30 da nossa era, com a promessa de que fôrça alguma havia de pervertê-la, apelando para a sua onipotência: «Todo o poder me foi dado no céu e na terra». (Mat. 28, 18). «Ide, ensinai a TODOS os povos».

O espiritismo acha que essa religião se perverteu (fazendo passar a Cristo por mentiroso e falto de poder) e que êle, espiritismo, iria «restaurar» o messiado de Cristo. (Vide «Jornal Espírita», ns. 21-22 de 1932). Mas apareceu tarde demais, pois veio à luz com o «Livro dos Espíritos», em 1853. «Tarde piaste...»

2. Jesus sempre se considerou igual ao Pai sem usurpação (Fil. 2, 6). Disse ser uma cousa só com o Pai: «Eu e meu Pai somos um». (Jo. 10, 30).

O espiritismo nega que Jesus Cristo seja igual ao Pai e mesmo que seja um, pois eis o que escreve: «A astronomia, povoando o universo infinito de bilhões de planetas e de bilhões de humanidades que necessitam de bilhões de Cristos». («O Jornal Espírita» de 1933, n. 5).

Jesus diz ser um; o espiritismo diz serem bilhões de Cristos...

Qual dos dois terá razão? Só um louco pode duvidar.

3. Jesus sempre fala no Pai e promete enviar-nos o Espírito Santo, o mesmo que pairou sôbre a sua cabeça no batismo do Jordão, aparecendo de um modo patênte a

existência da Santíssima Trindade. Isso se vê especialmente no texto de São Mateus (28, 19). «Ide, pois, ensinaí a todos os povos, batizando a todos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo».

O espiritismo diz (no mesmo jornal e número supracitado): «A astronomia reduziu a nada o dogma da Trindade»...

4. E Jesus disse: «examinai as Escrituras». (Jo. 5, 39).

O espiritismo diz (jornal e número supracitado): — «Atualmente tôdas estas explicações dos textos sagrados tornaram-se INÚTEIS e SUPÉRFLUAS». (!!!)

5. Jesus fala sempre na condenação e condenação eterna. (Jo. 25, 41).

O espiritismo diz («Jornal Espírita», n. 3, 1933): — «Na lei Fatal (a reencarnação) nós extinguimos o mêdo secular, dogmático da pena eterna».

dade com um rebanho que estaria a seus pés: bons, à direita, seriam as ovelhas e como tais levados ao céu, e os maus, à esquerda, (logo separados) seriam os «bodes» que receberiam a condenação eterna.» (Mat. 25). Para o Espiritismo, porém, tudo seria igual pela lei «fatal» da reencarnação...

Para que se haveriam de ter «bodes»?... Sim, de certo Cristo não soube o que disse!...

Jesus inculcou a prática de sete sacramentos, especialmente do Batismo e da Eucaristia. (Jo. 20, 22; Jo. 3, 5), etc...

O Espiritismo diz: «Não são os chamados sacramentos outros tantos incentivos para o vício e para o crime?» — («Jornal Espírita», n. 3). De certo, julga que nós tenhamos, como eles, a imoralidade da reencarnação, pela qual um demônio vira um anjo e pela qual ninguém se condena. Nero, segundo ouvi de espíritas, já está melhor, pois

êle é hoje, sabeis quem? — Mussolini. (Nem mais, nem menos!)

7. No Evangelho se encontram muitas manifestações diabólicas. Aparecem muitos casos de possessos libertados por Cristo. (Marc. 1, 34; 1, 32; Luc. 8, 2, etc.) Cristo fala com os demônios; a um d'êles Jesus nomeou Belzebu.

Ora, o Espiritismo nega redondamente a existência do demônio. Digo mais, o demônio se faz negar por êles, para melhor iludir os espiritas, pois nem há melhor Frêgoli do que o demônio para se disfarçar.

8. Jesus fala na ressurreição dos mortos, sendo que cada qual tomará de novo o próprio corpo. (Mat. 2, 23; Jo. 5, 28; 11, 23). São Paulo confirma essa verdade (I Cor. 15, v. 12 até o fim).

Ora, o Espiritismo, devido à sua decantada reencarnação, é obrigado a negar essa verdade, porque, imaginem agora, se ressuscitassem alguns centos de corpos nos quais esteve só uma alma... Era briga na certa. E por isso, deve-se cuidadosamente negar. Qual ressurreição, qual nada! Cristo enganou-se...

Pois, vão contrariando a Cristo e no fim veremos quem é que está em engano.

Êstes e outros são os antagonismos patentes e flagrantes, que saltam aos olhos de um cego, entre o espiritismo e a Religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dizer que o espiritismo é a religião de Jesus Cristo é o mesmo que afirmar ser a negação uma afirmação ou vice-versa: dizer que o prêto é branco, que o direito é torto ou, melhor, que o torto é direito, etc.

Prevenimos, portanto, aos espiritas de boa vontade para que deixem uma sociedade que se diz religiosa e tão poucas garantias oferece de nos obter uma eterna salvação, a começar do seu tardio aparecimento, acabando com a negação do dogma fundamental, ou verdade fundamental, da ressurreição da carne.

Na casa paterna há sempre lugar para os filhos pródigos que a procuram com amor e docilidade. Voltem, antes de morrerem de miséria e de fome. E' o desejo do autor!

Mons. Liberali

A MENTIRA

(AO SR. PROF. GUIDO CARLOS PASINI)

Recebi, nestes dias, uns recortes do jornal espírita «A Verdade», os quais me foram enviados pelo farmacêutico prof. Carlos Pasini, verdadeiro exemplo de ação católica (auxiliando os Vigários, os seminaristas, as obras de caridade, defendendo a religião, etc.), com um bilhete no qual me pedia desse uma resposta cabal ao autor a quem chamava de «diabo em carne e osso». Os artigos vinham assinalados e num, em que se achincalhava a Eucaristia, vinha a nota: «Infame!»

Pois, meu caro Pasini, essa é a melhor resposta às felonias desses patifes que torcem o sentido das coisas para o lado pior. E' uma «infâmia» o conceito que esses «diabos» fazem do catolicismo! Não o conhecem, e por isso o difamam.

Por que se desfaz do que se não conhece? Só por velhacaria, má vontade, ruindade.

Responder a essa gente? E' tempo perdido, é gastar cera com ruim defunto...

Apenas lembro que essa tal «Verdade» trouxe a pretensa carta do bispo Frederico Fedeiro (transcrita também em secção livre do «Correio do Povo», em 1926), a qual pôs no mato o espírita Aguiar, de Santa Maria, em polémica com o Pe. Rohden: êsse, enfim, teve a ombriedade de desdizer. O mencionado espírita, comentando o nome do jornal, escrevia:

— E que tal, se não fôsse «A Verdade»...

Quer dizer: é «Verdade» de nome, e de fato coisa bem diversa.

* * *

Mas, para gáudio dos leitores da «Estrêla», vou citar os «grilos» dos recortes.

1. — No artigo mais «infame», achincalha a comunhão, dizendo que é de origem pagã e que não é de Cristo.

Resposta: é preciso ser cego para não ler, no capítulo VI de São João, vers. 48 em diante, que Jesus prometeu dar a «sua carne» a comer, a mesma que havia de entregar pela vida do mundo. (v. 51). E no vers. 59 se lê: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim, e eu nêles».

Essa foi a promessa.

A realização da entrega do seu Corpo se vê em São Lucas, cap. 22, vers. 19, onde se lê que Jesus, tomando do pão (a forma aparente) disse: «Isto é o meu corpo que por vós será dado: fazei isto em memória de mim».

Esta foi a entrega do que prometera.

E, na prática, aparece desde os primórdios do cristianismo, como sendo «o partir do pão». (At. 20, 7).

O Apóstolo São Paulo fala mais claro: verbera os que iam à sagrada mesa sem preparo, dizendo que aquê- le que recebia sacrilegamente a comunhão se tornaria réu do Corpo e do Sangue do Senhor. (I Cor. 11, 27). No verso 29 diz que os que assim fazem «não distinguem o Corpo do Senhor».

Logo, não é verdade, vovó Virgínia (a autora do artigo), que os cristãos «criaram o dogma da transubstanciação». Quem o criou foi Cristo, o Autor de todos os dogmas.

* * *

2. — «O espiritismo e os Romanos»: êste é o título de outro artigo em que se quer provar terem existido manifestações espíritas no IV século da nossa era, com Hilário e Patrício.

Quid inde? Que concluir daí?

— Que o Espiritismo é velho? Ora, isto não constitui nenhuma novidade.

No tempo dos gregos havia os oráculos, entre os judeus havia os «pythos», e entre os Romanos os augures. Todos tinham relações com espíritos, e isso antes de Cristo. Mas, tratava-se de «espíritos diabólicos», os mesmos que aparecem hoje, aos pagés do Mato Grosso, os mesmos que sustentavam no ar a Simão Mago diante de Nero, tendo perdido o poder pela prece de São Pedro e precipitando ao solo o seu protegido.*

O que se nega, porém, é que seja o antigo espiritismo que se diz «cristão». O diabo quer cobrir-se com pelego de ovelha! E isso é que começou com a publicação do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, em 1853 — (a 10 de junho).

E' esse o rabo que o diabo não pode esconder, apesar de tôda a sua astúcia, e se lhe pode dizer: — «Vai-te embora, capeta; com a tua impostura! Tarde piaste!»

* * *

3. — A Trindade. — O articulista anônimo afirma uma mentira descomunal, a saber, que nós católicos somos panteístas. E quer provar pela Bíblia, a nós, que há um só Deus.

Está chovendo no molhado! Pretende ensinar o Pai Nosso ao Vigário!

Essa é boa! Estude o catecismo, para não dizer asneira. E não venha com semelhantes balelas pelas colunas da «Verdade».

* * *

4. — O último artigo trata de supostos erros dos Papas, para lançar o ridículo sobre a infalibilidade.

Mais um que confunde impecabilidade com infalibilidade! Mais um que ignora o que a Igreja entende por infalibilidade do Papa!

E o que é triste é que, não sabendo as coisas, tais pessoas pontificam com um desprante que espanta — ou então escrevem com o intento de enganar, cientes de que sempre há algum simplório que lhes engole a pilula de vidro moído que lhe vão ministrando.

Para terminar: poderiam os 260 Papas ter sido uns assassinos ou bandidos, sem com isto perigar a infalibilidade, tal como a Igreja a entende; é que tais poderiam ser como particulares; mas, quando falam encabeçando a Igreja e como Chefes Supremos dela, os Papas são infalíveis, e isto pela honra de Cristo que está empenhada, e pelas suas solenes promessas de com ela estar todos os dias (S. Mat. 28, 20) e de lhe enviar o Espírito da Verdade que a guiasse com toda a verdade. (S. João, 16, 13).

E com isto fica aí calçada a bota no espiritista. Ele que a tire!

De tudo isso se depreende que a «verdade» em espiritismo não é bem o que significa este vocábulo...

COM O IRMÃO ORELHUDO

DESMASCARANDO

O catolicismo é a verdade e por isso o católico que conhece a sua religião a fundo, pode e deve disputar, sabedor de que a vitória é sua, embora o adversário não a queira conceder.

E é bom disputar com gente instruída na dialética e conhecedora da História. Disputar com um ignorante e pretensioso e fanatizado é trabalho perdido.

Assim, por exemplo, quando ainda no Seminário, escrevia semenalmente a um metodista que se dizia de alguma leitura. Fazia objeções que eu rebatia por extenso. Pois, bem. Nunca êle me refutou uma só das minhas razões. Desfiz as dêle em pó. Apesar disso, sem ter um só argumento a seu favor, continua protestante fanatizado.

Tem-se a impressão de que êsses poços de-ignorância, que se metem a defender as causas perdidas das heresias sejam maníacos. Procuram sempre «saltar». Nunca recebem o embate. Não têm capacidade para isso. Não pegam o argumento. A ignorância é demasiada. Tem-se a impressão de estar montado num gato. Quer-se cravar as esporas e não se encontra nada...

Assim foi, por exemplo, certo prègador aventista do Cacequí.

O homem é redondamente analfabeto. E' a filha quem lhe lê a Bíblia, que êle pretende interpretar aos menos espertos do que êle.

Imaginem agora um analfabeto a interpretar justamente a Bíblia, que é o livro mais sagrado e de mais difícil interpretação, por isso que foi traduzido de diversas

línguas mortas e têm variações as diversas traduções existentes.

E' fatal que, abrindo a bôca, besteira sai. Nem podia deixar de ser assim.

Nas disputas que com êle mantive, confundia êsse homem as épocas e emendava as perseguições romanas à Inquisição espanhola que, naturalmente, atribuía à Igreja. Os imperadores romanos eram Papas e os perseguidos adventistas, embora êstes só tenham aparecido com Guilherme Miller, em 1831, aliás, que êle não admite. Se eu dissesse que dois e dois são quatro, êle seria capaz, pelo só espírito de contradição, dizer que são cinco.

Certo dia, em 1930, me aproximei na hora do sermão (?) para pegá-lo em flagrante dizendo asneiras.

Tive a impressão de ouvir o «Irmão Orelhudo» da fábula do Pe. Schuppe.

E prégava com tôdas as forças de seus pulmões: — «João Batista, disse Deus que não era gente como nós. Era anjo».

Anjo significa primeiro emissário, e não espírito, como êle entendera. Vem da palavra grega «angelo», (mandar). Mas que grego pode lá entender um analfabeto.

Continuemos a arenga. «João Batista só bebia água e comia só gafanhotos com mel silvestre. Logo, nós não podemos tomar vinho, nem bebidas alcoólicas».

Quem não vê a monstruosidade da lógica do adventista? A seguir a esta, se deveria também concluir que só se pode comer gafanhotos com mel silvestre.

E vociferava: «João Batista teve a dita de batizar a Cristo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, **HAVENDO POR ISSO NO CÉU TRÊS DIVINDADES**».

Registremos a crença do prégador. Há três divindades. Logo três deuses!...

Prosseguindo, dizia: «...teve a dita de batizar Jesus Cristo, aquêlê mesmo que ajudou a Deus a fazer Adão e Eva, aquêlê mesmo que os católicos chamam de São Miguel!»

Entenderam? Jesus Cristo, o mesmo São Miguel, ajudou a Deus a fazer Adão e Eva. Há aqui as seguintes heresias, negadas até pelo adventismo: 1) a negação da divindade de Jesus Cristo (São Miguel não é Deus); 2) a negação da onipotência de Deus, porque precisa de auxiliares. Admitindo por hipótese êsse absurdo, como podia Cristo ajudar a Deus neste caso? Como Deus ou como homem? Como homem não podia ajudar a fazer os próprios pais. Como Deus... quantos deuses há? Foi êle quem os fez.

Mas paremos aqui. E' isso mais que suficiente para conhecermos a mentalidade dos que vêm do estrangeiro para nos prêgar o «Evangelho Puro». (Puro de erros, entenda-se).

E' lógico que, tendo tais mentalidades a dirigi-las, tenham as seitas interêsse em combater o ensino religioso nas escolas. Querem deixar o povo às escuras, para ludibriá-lo à vontade.

Mas não vencerão. NON PRAEVALEBUNT!

E os Irmãos Orelhudos serão então enfrenados e ensinados.

E' o que merecem.

ORELHAS COMPRIDAS?

E' engraçado, realmente, o Sr. Daniel Cristóvão.

Dá por paus e por pedras e depois se alguém reclama finge pedra, dizendo que a cousa não é com êle. Assim são os meninos; fazem mil diabruras e se depois alguém se lembra de lhes encontrar as orelhas, é um Deus nos acuda. Não fizeram nada. E' pura injustiça o que lhes fazem...

Ponhamos as cousas em seu terreno real, 'os pontos nos «ii».

Escrevera o Sr. Daniel Cristóvão um artigo com o título: «Os candidatos do Espiritismo». Pois bem, neste artigo, escrito para refutar a teoria de Ivon Costa sôbre os candidatos do Espiritismo na Constituinte, saiu do tema, exorbitou do assunto, razão pela qual foi por mim atacado na «Estrêla do Sul». E eis que êle se ressentido com isso, dizendo que não era da minha conta responder pelo Ivon Costa, que eu andava com cataratas nos olhos, quando não vi que a cousa não era comigo, etc. E ainda quer fazer espírito, comparando-me com certo quadrúpede do qual falarei no fim.

Pois, sem falar nos candidatos que o Estado leigo reservou para «pegar no bico» do Espiritismo (e êste os aceitou sem protesto), vamos ver as razões pelas quais passei a responder ao Sr. Tenente Daniel Cristóvão (que ataquei como espírita e não como tenente), porque êle diz o que não sabe.

Quer, então, saber porque foi, rico Sr. Daniel?

(E quem não tem orelhas compridas devia sabê-lo!)

Pois foi pelas seguintes razões:

1) Porque quem escreve o que quer públicamente,

se sujeita a ouvir o que não quer e de quem quer que seja. O artigo que se publica num jornal não é só para uma pessoa. Para isso temos a correspondência particular. O artigo é para todo mundo. Responde a êle quem quer. Foi fazendo uso dessa liberdade que eu lhe respondi.

2) Porque sou católico e V. S. desvirtuou o catolicismo, dando-o como «uma religião organizada pelas conveniências e interêsses do Papa», quando foi organizado por Cristo para conveniência e interêsse de todos.

3) Porque sou Padre e V. S. diz do Ivon: «Quis fazer negocio do espiritismo, como fazem os padres do catolicismo». Ora, quem como eu tem trabalhado tôda a sua vida de acôrdo com as leis da Igreja e não possui nada a não ser uma (e uma só) batina decente e meia dúzia de livros, não pode tolerar tal injúria em silêncio.

Sim, fazer negocio do catolicismo!... Cobrar entrada na Igreja, como o Ivon! A tabela de emolumentos, meu caro Daniel, são donativos que o povo faz por ocasião de certos atos religiosos, para sustento do sacerdote que não vive do ar nem dos espíritos. E êsses donativos não são comerciais. Se se dá a espórtula, se tem ato religioso; se não se dá, se tem da MESMA MANEIRA. Faça o mesmo numa casa comercial e verá se tem sorte. E note bem que essa é a lei da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana — a Espôsa de Cristo. Ouviu, Sr. Cristóvão? Por aí não descobriu a América, amigo.

4) Porque sou cristão, e Cristo mandou que se aca-tasse a autoridade, e V. S. acha que o Presidente assinou uma lei que é um «atentado à paz religiosa da família brasileira». («Diário do Interior», n. 115, de 26 de maio de 1933, página 2, artigo «Os candidatos do Espiritismo», primeira coluna, linha 38 a 47).

5) Porque sou reservista e amigo do glorioso Exército Nacional, e V. S. diz que a Lei do ensino religioso «FACULTATIVO» será, na prática, «OBRIGATÓRIO»,

desmoralizando assim a sua classe, que julga incapaz de garantir a lei.

6) Porque sou amigo da verdade, e V. S. falta à verdade quando afirma que «são milhões e milhões» os que acompanham o Estado Leigo.

Já se vê que me sobram razões de lhe responder.

E agora me permita, caro contraditor, uma pequena observação.

Diz o amigo que nem sonhava que eu existisse no mundo. (Veja-se «Diário do Interior», de 6 de julho de 1933).

Ora, comigo se dá justamente o contrário. Conheço-o pelos seus escritos no «Jornal Espírita», no «Jornal da Manhã» e no «Diário do Interior». E a mim, V. S. não conhece, apesar de fazer mais de um lustro que escrevo em muitos jornais e revistas daqui e do Rio, e isso continuamente.

Isso quer dizer algo, amigo. Sim.. *

Depois, sou eu que tenho orelhas compridas, hein?

Pela amostra, está-se vendo...

Pelo dedo se conhece o gigante...

COM UM TENENTE

Daniel Cristóvão, como todos sabem, é um tenente. Mas espírita dos quatro costados. Em artigo de 26 de maio último, no «Diário do Interior», castigava o seu cor-religionário Ivon Costa, dizendo que o Espiritismo não tinha candidatos para a Constituinte.

Mas como, Sr. Tenente? Não tem o Espiritismo um Agnelo Cavalcanti e um Fernando do O, 'êste, proposto por um grupo de dez espíritas de Santa Maria? Mas, já sei. V. S. diz isso, por ter d'antemão a certeza da derrota. Não tem, não, sr. Tenente. Q Espiritismo não tem candidatos!... Dona Raposa, as uvas não prestam; estão verdes. Não há uva!...

Contudo, até 'aí nada há que se possa criticar. E' muito lógica a sua atitude de espírita «queimado» com o fracasso dos candidatos laicistas. Mas há mais.

O primeiro tenente contador do Hospital Militar de Santa Maria afirma redondamente que o Excelso Chefe da Nação, Dr. Getúlio Vargas, assinou um decreto que êle, TENENTE, julga «UM ATENTADO A' PAZ RELIGIOSA DA FAMÍLIA BRASILEIRA»!!! E isso o Chefe da Nação não viu. Só o portentoso tenente é que descobriu isso. Será que êle vai ser a palmatória do mundo? Se do Presidente faz um conceito tão elevado, que pensará dos mais superiores hierárquicos?

Mas isso é lá com êles. Vamos ao que nos diz respeito.

Diz que o «facultativo» do decreto será «brigatório» na prática. Com que, então, desmoraliza a sua classe? Não temos o glorioso exército nacional para fazer respeitar a lei?

«Facultativo» é «facultativo» mesmo. Tem religião no ensino quem quer; quem não quer, não tem. Não há melhor liberdade. Se todos querem como parece ser o seu pensamento, não se deve considerar «obrigatório», mas «facultativo», de uso universal. Mas se todos querem, mais um motivo para conceder e não para negar tal ensino.

Agora, o mais grave. Ele insulta o povo brasileiro que devia defender, pois para isso percebe seus vencimentos. Mas não. De certo acha que isso é coisa «facultativa», e por isso talvez tome por «obrigação» fazer o contrário. Vejamos:

Todos os brasileiros, menos os laicistas (meia dúzia!), se bateram nas últimas eleições pelo ensino religioso. Pois, para ele, os únicos brasileiros concientes e que leram uma página da História da Civilização foram os laicistas. Quer dizer que o grande público, o Brasil em peso, não é conciente nem conhece uma página da História da Civilização...

Se isso não fôr pedantismo, sr. Tenente, que será?

Em todo caso, convença-se de que foi outro o Daniel que saiu ileso da cova dos leões, e outro o Cristóvão que descobriu a América. Dar por paus e por pedras, aconteça o que acontecer, não é cousa muito própria para um tenente!

Para finalizar, tomo a liberdade de transcrever a conclusão de seu artigo contra Ivon Costa: «Por tudo o que escreve contra os verdadeiros interesses do povo brasileiro, a favor de uma causa perdida que não merece o gasto das suas energias de moço, Sr. Tenente, os meus sentidos pêsames!»

COBRAS E LAGARTOS

Os acatólicos se queixam seguidamente da que chamam «intolerância clerical» e das expressões um tanto fortes que se empregam contra êles. Apresentam-se como mártires... São vítimas do ódio clerical, etc., etc...

Quem não os conhece que os compre.

Saibam, de uma vez para sempre, os prezados leitores da «ESTRÉLA DO SUL» que cada expressão dura por parte de um escritor católico, por mais forte que seja, não passa de humilde resposta a um rosário de injúrias. Os acatólicos (há exceções) mentem pela gorja e injuriam sem piedade. Nos últimos tempos, especialmente, dir-se-ia que o inferno abriu o vulcão de suas cloacas pestilenciais para vomitá-los sôbre a terra por meio dos acatólicos. Parece um desencadeamento, num «tour de force» das hostes infernais para tentar segurar o terreno que vão perder na futura legislação.

E para os leitores não me censurarem de conversa fiada; escolherei de tôda a literatura acatólica unicamente os dois últimos números dos «Reflexos», de Santana do Livramento, e do «Jornal Espírita», da Capital.

Vejamos os «Reflexos», n. 5 (março de 1933). Na página, encontramos um «bruto» elogio à Maçonaria que teria feito «da Moral de Jesus Cristo o seu código», (?!?!). Como combinar isto com o célebre «Salute, Satana» do Irmão Josué Carducci? Mas, se o artigo só exaltasse a Maçonaria, não era nada. Pretende desancar o dogma dizendo: «O dogma... contraria à razão... Sujeitár-se ao dogma (isto é, à verdade ensinada por Cristo) é sinal de falta de independência ou de fanatismo religioso» (mas não diz o porque)... transformaram (os padres) o ensina-

mento de Jesus Cristo em fonte de receita (quem trabalha pelo altar, do altar tem direito de viver, dizia São Paulo Apóstolo de Cristo). «A Humanidade para êles é um rebanho de ovelhas e precisa ser tosquiado». «O clero faz da ignorância dos povos a base do seu poderio»...

E remata a primeira página com êsses mimos de educação: «Bem, reverendo, vá se coçando que ainda tem mais».

Página 2. — Sabemos que a Igreja, com Cristo, é contrária ao divórcio. Mas, se um casamento é nulo por sua natureza (pela impotência, falta de finalidade matrimonial, etc.), a Igreja o declara tal. Não há divórcio; é o casamento que não existiu. Assim o de M. Viana. «Reflexos», porém, envenena tudo. Diz que a Igreja não admite o divórcio «exceto (vejam a ironia maldosa) se os candidatos tiverem dinheiro para pagarem rêgiamente essa concessão. Os pobres, os prontos, os que apitam, etc., têm de gemer na regra». (Se fôsse isso, a Inglaterra seria hoje católica, porque Henrique VIII teria com que pagar o divórcio).

Traz, depois, por pilhéria, um telegrama de S. Pedro no qual o Padre Eterno é chamado de milionário, insinuando que a Côrte Celeste requereu exame médico no intuito de interditi-lo por ter passado amplos poderes à Igreja romana. Depois diz que a procuração era falsa, produto da vigarice dos representantes de Deus na terra.

Sobre o celibato, acha bem que os padres o guardem, mas vejam os motivos pelos quais não quer o casamento dos padres: «Atualmente em cada Igreja romana habitam dois, três ou mais dêsses mentirosos, e os seus casórios trariam fatalmente êsse resultado: — dentro da Igreja duas ou mais famílias de mentirosos.

Quando fala em padre celibatário diz: «não confundir com casto», como se a questão não fôsse exatamente da castidade antes que de puro celibato.

A seguir, relata: «Quarenta freiras de um convento armadas de vassouras mataram ao vigário que requestava uma noviça de 20 anos»... E agora vem a generalização:— «Cuidado! Os sanhudos padres (!!!) já não respeitam nem as irmãs», etc.

E continua: «Que é caluniar a Jesus?» Entre outras besteiras, sai-se com essa: «E', finalmente, procurar provar ter sido êle o inventor da tal Igreja romana».

«Em 1797 tinha a católica Espanha 3.661.157 parasitas (foi contá-los?) padres, freiras, frades, etc. (Os padres instruindo o povo, moralizando, são... parasitas).

Página 3. — Abre esta chamando a um padre de «roupeta» e a todos os seus colegas de VENDILHÕES DO TEMPLO. O catolicismo é a «barbárie romana» ou «sociedade mercantil».

Uma frase retumbante é esta: «E' de pasmar (os pasmaras pasmam) essa dos fariseus e traficantes que se occultam dentro das vestes negras!»

«O único fim do batismo é «arrancar dinheiro aos trouxas». Quanto à utilidade, outra não vemos. Não vemos porque não há». Quanta petulância e «burragem» em tão poucas palavras! E, principalmente, quanta impiedade!»

A Igreja para cuidar do sustento dos seus ministros, e com todo direito, estabelece taxas para certos atos religiosos, mas não de um modo comercial, absoluto. Quem tem com que pague a tabela recebe o serviço religioso e quem não tem, recebe da MESMA MANEIRA. Essa é a lei da Igreja. Mas a maldade vai longe. Envenena tudo. Diz: «Por falta de dinheiro... a Igreja não faz batizados, não reza missas, não vende o céu (isto é produto do cérebro doentio do fanático do que escreveu êste artigo nos «Reflexos»), não casa, não descasa, não concede indulgências (basta fazer o sinal da cruz, sem mais despesas, para

ter uma!) não encomenda, nada faz». E mais: «O batizado é um caça níqueis»... Et. reliqua.

Página 4. — Esta página começa falando da «azáfama dos ultramontanos de batina» aos quais atribui gratuitamente «ânsia de galgar as alturas e dominar» Para êle há «pretensões vergonhosas do clero romano». (O que pretendemos são apenas liberdades para tôdas as religiões; se a liberdade é vergonhosa, então...) Garganteia o articulista T. L. (não têm coragem, nenhum dos pérfidos escrevinhadores de mentiras, de aparecer de viseira erguida!!!) dizendo: «Livrai a pátria do erro e da superstição, do atraso mental em que seu povo tem jazido, em consequência de 430 anos de evangelização clerical». (A Igreja nunca tomou as rédeas do poder civil, no Brasil, e ela é a culpada do atraso do povo!!! Se a evangelização fôsse anticlerical, teríamos o adiantamento da Rússia, onde não há religião nem propriedade).

Mons. Marx é, para outro articulista que nem mesmo tem a coragem de colocar suas iniciais em baixo, «o pedantismo com vesfes sacerdotais». Os padres: «praticam impunemente a libertinagem em nome de Cristo»... «Os clérigos... cometem pecados dos quais a policia de costumes deveria tomar severas contas». (Que bôca infernal vomitando asneiras e calúnias impunemente!)... «A história dos papas, bispos, etc. etc. é negra! Acusa-os de concubinários e traficantes». E termina: «A policia deve (quer mandar até na policia: deve!) ter sob suas vistas êsses traidores (!) e falsários(!) que mercadejam o corpo de Jesus Cristo(?) não lhes bastando a deturpação que fazem do Evangelho». (Não somos acatólicos para fazer isso!)

Qual o católico que diante de uma desfaçatez dêste jaez, por mais indiferente que seja, não se sinta indignado? E ainda apelam para a policia para consumir com a violência da perseguição religiosa suas mentiras, aleivosias

e calúnias repugnantes, êles que querem cercear as liberdades das maiorias. Se galgassem o poder... pobres católicos. O veneno oculto se derramaria em ferro e fogo!

Mas lembrem-se os acatólicos que não se injuria impunementê um povo. Não que tenhamos máu interior, mas povo é povo.

Com vistas à policia que não deveria permitir insultos contra a consciência de um grande povo.

* * *

Passemos ao «Jornal Espírita».

Apesar de se julgar a «religião da caridade», não fica o espiritismo atrás dos panfletários dos «Reflexos». Vejamos. O confessionário, a cruz dos padres, é chamado por Carlos Fuhro (n. 5): «a maior ratoeira armada à humanidade». Os sacramentos «são outros tantos incentivos para o vício e o crime». A Santa Hóstia é «um pouco de massa.» A Extrema-Unção é «lubrificação». «O padre é o maior dos falsários e celerados (por que, Fuhro?) o maior dos mentirosos imagináveis».

Até aqui um artigo.

Outro artigo de Francisco Cardoso Filho diz que os Cardeais adoram o Papa porque se ajoelham diante dêle (é a pragmática, não adoração! Por que fala do que não entende?)

E paremos por aqui. Está suficientemente provada a inocência dos mártires anticlericais que vêem por tôda a parte as fogueiras inquisitoriais das suas imaginações doentias. Eles, revestidos de um espírito draconiano, pensam que, se um dia o catolicismo chegasse a mandar (nunca se pensou nisso) faria o que êles estão fazendo na Rússia, Espanha e México, onde há, em NOSSOS DIAS, coisa pior do que nos tempos bárbaros era a inquisição. Essa é a verdade que dói. Querem nos assustar para ver se nos impressionam. Mas estão enganados.

Marcharemos e venceremos.

INTERESSES DE DEUS

Há no mundo dois grandes campos, nos quais se debatem duas causas: a causa de Deus e a causa de Satanás. Existem, pois, sobre a terra os interesses de Deus e os interesses do demônio. Os bons defendem os interesses de Deus e os maus os do demônio. Os bons se batem pelo bem e os maus pelo mal, embora às vezes iludidos penseem combater pelo bem. A causa de Deus é, pois, a causa dos bons. E Deus se compraz em entregar a sua causa a eles: de sua atividade ou inércia a causa de Deus será vitoriosa ou sofrerá prejuízo. Nem sempre Deus está obrigado a recorrer ao milagre. Este vem quando os recursos humanos terminam. Mas esperar um milagre, quando nós nos podemos defender com os nossos próprios votos, seria tentar a Deus, um pecado. Quanto mais temerário será, pois, esperar um milagre como recompensa de um bom sono.

Que Deus entrega os seus interesses entre os homens aos cuidados dos mesmos homens, temos bastos exemplos na Bíblia. Serviu-se de Noé para salvar os bons, serviu-se de Abraão para multiplicar o seu povo, serviu-se de Moisés para tirá-lo do Egito. Jesus era sem dúvida da causa de Deus: pois serviu-se de José para levá-lo ao Egito. E assim por diante.

Por que é que não pode haver, hoje no mundo, a causa de Deus?

Por que é que se exasperam certos indivíduos, quando nós falamos e escrevemos que estão em jogo os interesses de Deus?

Será que é só o demônio que tem direito de ter interesses no mundo?

E a causa de Deus e a nossa são idênticas: uma e a

mesma. Não disse Deus aos nossos precursôres: «Eu estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos»? Não disse: «Ide e ensinai a todos os povos»? Entenderam? Todos os povos: não só os que haviam de aparecer depois de Lutero, mas TODOS. E a única Igreja que atravessou todos os séculos como queria Cristo (assim como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós) foi a Católica. Com ela está Cristo: ela constitui a causa de Deus.

Não têm, pois, os acatólicos motivos para «botarem a bôca no mundo», escandalizados tôda vez que alguém faça referências a isso.

Assim os «Reflexos», um pasquim (recheado de cobras e lagartos) anticlerical de uma tiragem de 100.000 exemplares (no papel, bem entendido!) editado em Livramento, chama a isso de uma «monstruosidade».

Só o demônio pode achar tal cousa uma monstruosidade.

Naturalmente, arregimentando-se os católicos, para êle a cousa não vai bem. Não pode fazer conosco o que está fazendo com a Espanha, o México e a Rússia.

Será quando menós um «buraco». Daí a «monstruosidade».

Sim, queriam os acatólicos, que dormíssemos a bom dormir, enquanto êles espalhassem o joio para colherem os frutos da perseguição religiosa, graças a grande «tolerância» que lhes é tão peculiar... Queriam colher-nos em suas malhas de aço e fazerem de nós um juguete de saciar o seu ódio, com certeza santo. Haja vista os países onde reina a «tolerância» anticlerical... Que beleza!... Ofuscam-se diante dêles todos os «mimos» da Inquisição de Torquemada.

Então, senhores «amigos da verdade», (!) escandalizam-se farisaicamente de haver no mundo quem defenda os interêsses de Deus?

Quem não vos conhece que vos compre.

Por quem combateis vós? Por que concitais as memórias a munir-se do título?

Por que dizeis (Reflexos n. 5, p. 4) que: «se amanhã, depois de havermos abandonado os nossos privilégios cívicos, cairmos sob o domínio clerical (o grande mal, o espantinho quixotesco para êles) até a nossa oração, pedindo o auxilio de Deus contra o adversário (muito perigoso com certeza: padres e freiras — então é brinquedo?) correrá o risco de não ser ouvida, porque então tereis merecido o CASTIGO da nossa incúria?»

Por que ameaçar com castigos de Deus os que não se alistam eleitores, se êle não tem nada que ver com os vossos interesses?

E' aqui que se pega o «marreco».

Eles se escandalizam quando nós fazamos que combatemos pela causa de Deus porque não gostam de que se lhes diga que estão de outra parte, embora lá estejam, pois não querem nenhum direito religioso (não já católico, que aliás é expressão máxima da religiosidade), na futura Constituinte.

Sim, êles é que, ainda, apesar de tudo, querem ser a causa de Deus.

Eles que combatem a Deus na legislação, escorraçando-o.

Não faltava mais nada.

Mas, de todo jeito, vieram tarde.

Tarde piastes!

NÃO E' ROUBANDO

Razão tinha Vivoriano Lobo da Silva, em sublinhar que êsse negócio de tanto falar sôbre as riquezas alheias e escandalizar-se, manifestava vontade de roubar, ou, melhor, «ôlho grande». (Veja «Estrêla», n. 39).

Pois não é só o Bernardino Paixão, contra o qual escreve Vivoriano, que fala dos bens das igrejas ou da Igreja.

O nosso já conhecido Prof. Pedro Tarsier faz o mesmo. Mas, com uma vantagem. Não usa de rebuços. Tem escandalosamente «ôlho grande» a respeito dos bens da Igreja. Quer que se saqueiem para pagamento das dívidas do Brasil. Sim: os politiquinhos, durante quarenta anos, esbanjaram os cofres da Nação e deixaram fugir o ouro que servia de lastro para o nosso papel, e agora, quem tem que pagar o pato, segundo Pedro Tarsier, é a Igreja. Por que não oferece êsse senhor os seus bens particulares para êsse fim? Fazer caridade com o dinheiro dos outros, é muito fácil. E' dar barretadas com chapéus alheios. Bonito conselheiro teria o Sr. Getúlio Vargas em Tarsier. Um mestre que ensina a moral de se avançar nas «fichas» dos outros...

E agora os motivos. Naturalmente, o lobo quer encobrir-se com o pelego da ovelha. Quer justificar o avanço nos bens da Igreja pelas seguintes causas: (Vide «Jornal da Manhã, do dia 7 de outubro):

1) A revolução de São Paulo, «esta obra reacionária foi das gentes míopes e de espírito astuto encarnado na legião das côrtes malélicas de Loiola». E prossegue: «Na reação paulista predominaram... a miopia política e o fanatismo do clero ultramontano, ávido do domínio político».

Registremos as expressões jacobinistas e fanáticas daquele que gosta de injuriar e de passar depois por mártir.

E as provas das afirmações? Não há! Conversa fiada. Nada mais.

Então, as hostes de Loiola são maléficas? E por que Santo Deus!? Será porque desbravaram os nossos sertões, civilizando os nossos índios? Será porque são os homens mais preparados e mais aguerridos e mais unidos da Igreja Católica? Será porque abrem tantos colégios, educando a mocidade nos princípios religiosos, arrancando-a das garras de Satanás?

Por tudo isso, talvez.

Mas, por se terem êles metido a motineiros, isso é a mais vil das calúnias. Quando é que se viram os jesuitas falando em comícios políticos e insuflando a revolução paulista?

Mais acertado andaria o Sr. Tarsier, se fôsse procurar os autores dêsse horrível atentado contra a nacionalidade nas lojas maçônicas, nas sinagogas judaicas e nas direções do positivismo. Ali, nas duas primeiras pelo menos, é quase certo, encontraria farta documentação comprometedora.

Ah! mas isso êle não irá fazer. Comprometeria a gente do Estado Leigo.

E isso se deve evitar, com tôda a prudência.

Mas, um dia a casa cai. Tanto vai o cântaro à fonte até que quebra.

Em quase tôdas as revoluções se tem encontrado o rasto da Maçonaria, menos na de trinta. Seria para admirar se ela, acostumada a fazer revoluções impopulares, não fôsse a promotora dessa última.

Leia o amigo o livro de Léon de Poncins, e verá o que não quisera ver...

2) Os donativos recebidos por igrejas e associações eclesiásticas como doações por parte do governo, por serem de utilidade públicas (aliás outras associações acadêmicas também receberam, mas destas não fala) devem devolver tudo, **TOMANDO POR BASE O MIL RÊIS OURO** (quer dizer dez vêzes mais).

E continua explanando a sua megalomania: «São somas fabulosas» (não sei onde se achem) que o clero ultramontano tem desfalcado... Só o Cristo do Corcovado daria 200 contos para pagamento das dívidas da Nação.

Judas vendeu a Cristo por trinta dinheiros. Tarsier é mais esperto, quer vendê-lo por 200 contos. Mas cuidado com as árvores! Elas convidaram ao primeiro Judas a ser um fruto delas. Cuidado!...

3) «A Ordem de Jesus. Esta merece especial atenção **POR SER PERIGOSA** (só tem espalhado o bem). **AO BEM-ESTAR DO PAÍS**». (Os grifos são meus).

E continua: «por ser de caráter **INDESEJÁVEL**» (para ele, porque ela não pactua com os inimigos de Cristo) e **PERIGOSÍSSIMA**» (e emprega o absoluto!...)

Num meio católico como o brasileiro, não se pode ser mais inconveniente.

Nenhum católico viu nem verá tanta barbaridade nos jesuítas, pelo simples fato de ser tudo isso da pura invenção de caluniadores sem consciência.

Quem escreve estas linhas não é jesuíta. Conhece apenas o espírito e as normas de agir dos filhos de Santo Inácio. Foi aluno deles durante doze anos: percorreu suas bibliotecas, viu seus arquivos, observou seus movimentos e **NADA, ABSOLUTAMENTE NADA** notou na Companhia de Jesus que a tornasse «perigosa ao bem-estar moral e material do País», nem que fôsse «indesejável» e «perigosíssima».

Só o contrário é que viu.

Sem falar na História que lhe dedica o melhor ca-

pítulo em Anchieta, Nóbrega, Malagrida, Vieira e outros, hoje em dia mesmo, a Companhia de Jesus, longe de ser «perigosíssima» e «maléfica» ou «indesejável», é altamente oportuna pelos seus colégios que são células de pujança intelectual e colmeias do saber, nos quais se ministra, além de sólida educação moral, não menos sólida instrução científica. Há professores especialistas em todas as matérias, nas quais se exaure o assunto. Há gabinetes de física e química dos mais modernos. Tantas são as suas benemerências que o Governo houve por bem reconhecer-lhes os institutos.

Mas os governos, os fiscais de exames, os alunos, todos estão enganados...

Os jesuítas são «maléficos», «indesejáveis», «perigosos», «perigosíssimos».

É o Sr. Dr. Prof. Pedro Tarsier quem o diz.

«Roma locuta...»

«Cesse tudo o que a antiga musa canta...»

Cita depois o inefável doutor o decreto da expulsão dos jesuítas da Espanha que chama de «exemplo ótimo».

Nós também achamos essas expressões do Sr. Tarsier «exemplo ótimo» da intolerância dos acatólicos.

E vai rematando o seu artigo: «É justo (céus! que justiça!) que a emancipação econômica do Brasil se faça à custa dos bens do clero ultramontano (muito obrigado pela injúria...) Parece-nos que isto será suficiente para pagar as dívidas externas...»

Deus guarde o Sr. Dr. Getúlio Vargas de semelhantes conselheiros!

E agora um comentário.

Não é preciso roubar os bens do clero, o maior benfeitor do Brasil, para pagar as dívidas externas. Em primeiro lugar, o Brasil deve muito. Os bens do clero não são tão grandes no Brasil como supõe o grande patriota. E depois, seria um crime. O que o clero tem é legitimamente

adquirido. O que tem recebido do govêrno republicano é uma insignificância em comparação com a nossa dívida. Com o confisco dos bens eclesiásticos, o Brasil praticaria um ato draconiano e retrógrado e não pagaria as suas dívidas, tanto mais que os «liquidadores» se encarregariam de reduzi-lo a pouco mais de nada.

Aliás, o próprio Tarsier os está barateando, quando dá ao monumento do Corcovado o valor de 200 contos. E' sabido que custou dez vêzes mais. E' como disse: sendo poucos e desbaratados, os bens do clero não dariam para pagar cousa alguma. Só nos serviriam para nos enxovalhar perante as nações civilizadas e liberais da terra.

Mas escute, meu caro Dr. Tarsier. Quer aconselhar a independência econômica do Brasil? Não aconselhe fazê-la «à custa dos bens do clero», mas com causas eficientes de verdade e muito mais nobres.

Há no Brasil 290 minas de ouro conhecidas, das quais só uma é explorada, a do Morro Velho, Minas, e duas em vias de exploração: a de Lavras (neste Estado) e a de Bom Fim (em Goiás). Exploradas as nossas minas por métodos eficientes e impedida a evasão do ouro em barra e amedado, em poucos anos o Brasil estaria com as suas dívidas externas pagas e o seu lastro-ouro seria suficiente para garantir uma emissão de papel moeda dez vêzes mais que a atual, e a 27 pences.

Não devendo nada e tendo abundância de numerário bem valorizado, o Brasil será os Estados Unidos da Sul América, talvez maior que o seu rival do Norte. Então o Brasil será independente. Mas só assim. Não é roubando dos seus benfeitores que o orientaram moralmente, e exasperando os ânimos e fazendo surgir lutas de religião que são as piores e formam o gáudio dos inimigos do catolicismo.

Entendeu? Não é roubando.

RELIGIÃO DEFINIDA

Inácio Raposo, que se está revelando um grande escriptor, escreveu um artigo sobre o espírito de religiosidade do povo brasileiro, provando pelos seus templos que esse espírito era bastante precário, pois a manifestação externa da fé é a prova da fé interior. E, realmente, não se pode contestar as palavras de Raposo, especialmente se a gente vai ao Rio e a São Paulo. O leitor deve saber, se é que já não o sabe, que as igrejas que herdamos dos nossos antepassados são, em geral, coisinha muito pequenina. Estão cheias de artes do Aleijadinho e outros artistas, mas são coisinhas muito atoa em tamanho. Aí estão, por exemplo, as igrejas da Glória, da Penha, da Sta. Cruz dos Militares, de São Jorge, do Carmo, etc., no Rio, e a dos Remédios, da Santa Cruz, dos enforcados do Rosário, da Boa Morte, etc. em São Paulo.

E para desmentir a Raposo, o povo de Uruguaiana está construindo um templo que demonstra a pujança da fé do gaúcho mais espiritualista que o emigrado português que aqui aportou à cata do ouro.

Mas poderá desmenti-lo na outra ousada afirmação que faz? Diz Raposo que devido à falta de uma fé viva o povo brasileiro não tem a formação de caráter que devia ter, para se lançar de corpo e alma às grandes empresas. Diz que a falta de religião é a causa da falta de pontualidade e de energia do povo brasileiro. O brasileiro não tem disciplina. E' católico mas a seu modo. E' católico e este nega o inferno e aquê, por conveniência, nega a confissão, tornando-se assim, «meio católico», um homem de meias crenças, fácil presa de algum inimigo esparto, que explora estas fraquezas. E' verdade que mui-

tas vezes se definem as posições diante do inimigo, mas as mais das vezes é uma derrota certa.

Aqui também Raposo não deixa de ter sua razão. O catolicismo tem credenciais suficientes de veracidade em todos os dogmas que ensina. Não é para cada particular crer neste e alijar aquê. O que é accidental no catolicismo, cada qual pode admitir ou não, mas o que é revelado, dogmático, é obrigação admitir integralmente. A religião não é um produto da imaginação doentia de certos personagens que dizem, por exemplo, que a gente se reencarna e que se vai purificando. A religião de Cristo é algo de positivo «já definido» faz muitos séculos. Não está susceptível de mudanças radicais porque a fértil e doentia imaginação dêste ou daquê não ficaria melhor não haver confissão ou que não, houvesse qualquer outra cousa no catolicismo. Ou somos católicos ou não somos! Se somos, devemos admitir «in totum» o catolicismo, porque esta foi a religião que Jesus Cristo nos deixou. Ninguém tem credenciais para corrigir a obra de um Deus. Se Deus quisesse um outro catolicismo amoldado ao capricho, nem sempre limpo, dos homens de hoje em dia, êle o teria feito. Se fêz o catolicismo assim como veio, é porque é assim que êle o quer. E não há homem que tenha qualidades para se fazer mais conhecedor da natureza humana do que o que fêz a mesma.

Não queiramos, pois, acender uma vela a Deus e outra ao diabo.

«Viva o homem marcado», dizia o nosso grande Júlio Maria, «mesmo que a marca seja do diabo». O pior inimigo não é o ateu, nem o herege, porque êstes têm as suas posições definidas, mas o «água morna» que é inimigo oculto. Devemos ter, pois, fé definida. Sem o que se verificarão as palavras de Raposo de sermos um povo sem caráter, coisa que não devemos admitir mas desmentir.

Cristãos, sejamos católicos integrais, homens de caráter.

Na Igreja Católica está a salvação... mas na Igreja completa, com a qual está Cristo, a qual não tem «ruga nem mancha, nem cousa semelhante» mas gloriosa, santa e sem defeito, como afirma São Paulo. (Ef. cap. 5, vers. 26 e 27).

Comarú
COM UM ADVOGADO DE URUGUAIANA
A presunção

São Paulo Apóstolo diz, em uma de suas Epístolas, que, nos últimos tempos da humanidade, hão-de surgir homens presunçosos, egoístas, adoradores de si mesmos.

Não sei se estamos no fim do mundo, mas a medir pela presunção que existe hoje, êle não pode estar longe.

Há, efetivamente, hoje, um fato psicológico desconhecido em outros tempos. Antigamente, os velhos eram respeitados como depositários do bom senso e da sabedoria. Hoje tornaram-se inúteis, são seres retrógrados, incapazes de compreender o progresso, a liberdade absoluta, o nudismo, etc.

Antigamente, as tradições familiares, da Religião e da Pátria eram acatadas; hoje, tudo isso se tornou desnecessário; qual família, qual religião, qual Pátria, qual nada. Gozar, em tudo e por tudo — eis o lema. Gozar contra tudo e contra todos. Para isso se deve alijar a consciência por incômoda, os deveres religiosos por antiquados, etc., etc. Qualquer rapazola se torna palmatória do mundo e se toma a liberdade de com a arrogância de cavalo de Átila lançar por terra, qual novo Dom Quixote, instituições multisseculares, reconhecidas como sábias e de utilidade geral, assim por exemplô, a filosofia escolástica, a ordem social até hoje existente, a Igreja Católica, com seus sacramentos, etc.

Tudo passa para o «papo» dos novos avestruzes que engolem pedras sem nada lhes acontecer. Para êles tudo é hipocrisia!

Saibam, entretanto, êstes gozados senhores: não é com o desdém nem com o sarcasmo de entes falsamente superiores que se transforma o mundo. Não. Não é com o rádio, a luz elétrica ou a locomotiva que se aperfeiçoa a humanidade. O homem não é máquina. A prova está nisso: no século das luzes não tivemos melhores oradores que Cícero e Demóstenes, melhores poetas que Homero e Virgílio, melhores filósofos que Aristóteles e Platão, melhores pintores que Apeles, melhores guerreiros que Alexandre. O homem do século XX, fiando-se na máquina, não dá o que devia dar e baseando-se na sua estupidez e presunção nega o passado que não conhece.

Se vivesse São Paulo, certamente reconheceria em certos senhores modernos, os tais admiradores de si mesmos e prognosticaria — ai de nós — para muito breve, o fim do mundo.

De que Deus nos livre e guarde... por enquanto.

2 POIS NÃO!...

Tendo, como de costume, lançado um desprezioso artigo neste jornal, com o título: «A pretensão», não foi intenção minha atacar a quem quer que fôsse. Referia-me a diversos autores de livros e outros escritos, sem individualizar a ninguém. Dizia simplesmente, que o pretensioso, em sua ingenuidade ridícula e espalhafatosa, tem ares de um semi-deus, pois julga pôr tudo por terra, elevando-se a si mesmo como único bom entendedor das cousas. Até o seu aparecimento ninguém fêz nada. Tudo foi tempo perdido. Tudo foi engano, tudo «bobagem». Mas só diz; não prova nada. Destrói, mas não constrói. E' um vândalo... Comparei-o — (quem não proíbe?), com o cavalo de Átila, que é a figura da destruição. Comparei-o com um avestruz, que é o tipo do sem escrúpulo. Comparei-o, por fim, com Dom Quixote, pois êste cavaleiro criou inimigos imaginários, tomando moinhos de vento por castelos inimigos e carneiros por exércitos. Arremeteu contra êles. Esparramou os carneiros, e «garganteava» aos quatro ventos as suas estrondosas vitórias.

Assim disse que era o pretensioso, mas não fazia menção de ninguém. Pus o espelho; que nele visse a imagem do pretensioso, bom proveito. Fiz um macacão: quem nele se metesse, fá-lo-ia por própria culpa. Pois, qual não foi o meu espanto ao encontrar nas malhas alguém que enfiasse a peça por mim feita para o pretensioso. E dizem que êsse alguém é inteligente, doutor até... Sai a campo com um artigo intitulado: «Aqui, me tendes», como quem diz: «eu sou um dêsseese...»

E' de pasmar. Mas se bem o disse, melhor o fêz. Não

há duvidar. Quis mostrar-se digno do título que se atribuiu. E' que êle, ainda jovem, leu livros condenários de tudo, especialmente da religião, e não leu os que defendem o bem. E condenou tudo com uma injustiça atroz. Isso é de se admirar em quem estudou lógica e direito, pois, segundo essas ciências, não se pode condenar a ninguém por uma informação unilateral. Ninguém deve ser condenado sem ser ouvido. Mas o pior é que são só palavras. As provas ficaram para outra ocasião. Talvez no tinteiro. Começa êsse sr. dizendo que há gente que dá patadas. E' o único asserto que é provado pelos dois artigos publicados por êle. Patada contra o universo inteiro, contra a sociedade, a religião, a Pátria, cuja liberdade depende das duas primeiras. Mas deixemos de lado estas pequenas cousas e vamos «al grano», como diria o castelhano. Afirma êle que: «A religião é inimiga do progresso». E' «mizoneísta». «Sempre a religião tolheu os passos da ciência», etc.

Evidentemente, com estas palavras o nosso homem pretende tapar o sol com a peneira. Sim. Vejamos. Onde foi que o ilustre autor dessas palavras auferiu a sua formatura? Não foi no Ginásio Santana? E não é êste Ginásio da religião? Se esqueceu tudo o que aprendeu, a culpa não é da religião. Em todo caso, sua inteligência não deveria permiti-lo «meter as botas» contra a sua benfeitora. Fica feio, fica mal. Apesar de apóstata, não deveria, por educação, ter feito tal cousa. Sou inimigo de entrar no campo pessoal, mas às vêzes se torna necessário. Não se ensina nesse Ginásio, como em todos os Ginásios católicos ou protestantes, princípios de tôdas as ciências? Não é em consideração a êsse amor pela ciência desenvolvida pelos institutos religiosos, que o govêrno os está oficializando? Por que não escreve ao Sr. Getúlio Vargas, dizendo que êle está dando fôrças à inimiga do progresso e da ciência? Será que todos estão, cegos, menos um rapaz?

E não eram religiosos mais de 95% de todos os sábios e não continuam a sê-lo?

Newton, Kepler, Herschel, Tycho Brahe, Piazzi, Leverrier, Euler, Cuvier, os dois Saint-Hilaire, Volta, Ampère, Mariotte, os dois Gasmões, e mil outros foram eminentemente religiosos. As principais invenções que revolucionaram o mundo se atribuem a religiosos. A iraprensa, a pólvora, a pilha elétrica, o rádio, etc. foram inventadas por religiosos. Não se conhece uma invenção importante que se atribua a um ateu. O ateu sabe destruir; mas dificilmente constrói, pois é sempre um pessimista. Lordo, Kelvin — o grande químico inglês — assim dizia: «profundi ños estudos da ciência e achei ser bem verdadeiro o ditado: «a pouca ciência afasta de Deus, a muita a Êle conduz». Luis Pasteur, o inventor da vacina contra a hidrofobia, o matador da geração espontânea, dizia ter muita fé porque muito estudara; se mais estudasse, mais fé teria.

Mas em Uruguaiana, um poder mais forte se alevanta... um sábio mais profundo se define... (Sem haver nisso pretensão, modestamente!) Tudo é mentira!!!

Que é o progresso? Não é o nudismo, não é o modernismo. Progresso é o «aperfeiçoamento moral e material dos homens». E quem foi maior fatora dêsse melhoramento do que a religião, notadamente a católica? Quem fundou as primeiras 70 Universidades na Europa? Quem fundou as primeiras Escolas livres? Quem foi que mandou os missionários à Inglaterra para civilizá-la? (Santo Agostinho). E à Alemanha e à Suíça para tirá-las da barbárie? (São Bonifácio e São Columbano). Quem civilizou os Balkans e a África, e os bárbaros invasores? Quem civilizou o nosso índio? A quem devem, pois, certos doutores descendentes dêsses índios a graça de serem cidadãos civilizados e não botocudos antropófagos? não é à religião?

E', pois, a religião inimiga da ciência? E será inimiga da arte?

Quem possui os melhores e mais antigos monumentos de arquitetura, aos milheiros por tôda a Europa? Quem possui essas galerias de estátuas antigas de mármore, de perfeição inimitável? Quem possui as melhores pinturas?

E' a religião; é a «inimiga da ciência!»

E as provas, onde estão? Os outros é que não provam...

* * *

DIVÓRCIO — O autor combate a monogamia; quer o divórcio. Ao que me consta, êle é ainda solteiro. Nega-mos-lhe, pois, autoridade para falar sôbre essa medida de vida e de morte para a sociedade. Case; queira bem a sua mulher com um amor único, amor com o qual se ama uma só vez na vida, e depois venha falar sôbre o divórcio.

CONTRADIÇÃO — Sabe o autor que o catolicismo é contrário ao divórcio; assim mesmo não tem pêjo de assacar éssa injúria aos católicos, incorrendo numa contradição manifesta com a vontade de ofender: «A sociedade católica é tão polígama como o maometanismo».

E diz isto com a cara de quem diz a coisa mais innocente do mundo. Ofende com isso quarenta milhões de brasileiros e pouco se lhe dá...

Mas as provas são como as do rábula...

E quem diz calúnias sem provar, que nome merece?

Sim, os outros é que não provam...

CONFISSÃO — Da confissão diz, mais ou menos, que é uma imoralidade. E as provas?

Citêmo-las. E' do Padre Chiniqui. 400.000 padres católicos e possivelmente outro tanto entre orientais e protestantes afirmam o contrário praticando a confissão... Mas de nada valem. Chiniqui falou, acabou-se. Êle vale mais do que todos os outros padres. Que lógica de fer-

ro!!! Para o argumento valer, deveriam ser mais da metade que dissessem isso da confissão. Mas é um só, e infeliz. E depois, por cúmulo, era um padre excomungado. Um apóstata. Um inimigo do catolicismo. E o amigo se fia de pareceres de inimigos? Está mal, muito mal. Informar-se das coisas do catolicismo por meio dêsse ex-padre americano apóstata, é o mesmo que pedir informações do Brasil de Calabar.

Se um advogado não tiver argumentação melhor do que a sua, pöbres constituintes! Terão todos a pena máxima.

NUDISMO — A passagem mais gozada, porém, a que vem no princípio, é a do nudismo. Diz o homem: «Só combate o nudismo, quem ainda não o compreendeu». Em outras palavras: quem não aceita o nudismo é porque é ignorante. Quer dizer: quem é amigo do progresso e da ciência deve ser nudista...

Nudismo, portanto, seria sinônimo de progresso máximo. Seria a civilização elevada ao auge; o cúmulo da civilização.

Em primeiro lugar, não sei se o nosso amigo leu o que os médicos japoneses, argentinos e alemães escreveram sobre o nudismo e os banhos de sol, que são causa de doenças sérias, entre outras, o câncer. Em segundo lugar, não sei se êle leu que o estado de nudez era próprio do estado de inocência anterior à primeira queda do homem. Depois disso, a vergonha que se tornou uma segunda natureza do homem (que ainda não a perdeu, entendido) exige que se cubram certas partes vergonhosas. Nem todos os índios, a mulher especialmente, andam completamente nus. E' que, segundo o nosso autor, são menos civilizados do que os que andam completamente nus. Efectivamente, a humanidade anda virada, conforme o nosso autor. Anda selvagem, porque anda vestida. Selvagem foi Batista Luzardo, proibindo a nudez em Copacabana.

Os únicos verdadeiramente civilizados, que já chegaram à etapa ideal da civilização, são os cafres, os botocudos, os antropófagos das nossas florestas que, no dizer de Rondon, andam completamente nus. Sem embargo. Rondon, em nome do govêrno, foi levar-lhes roupa. Por que fizeste êsse atentado contra a civilização dos homens mais civilizados do mundo, querido Rondon? E o govêrno que crime não cometeu, gastando 60.000 contos com essa propaganda nefasta de roupas e mantimentos.

Termino, sugerindo uma proposta ao nosso nudista: Ofereça-se ao Dr. Getúlio Vargas para tirar os trapos que ainda tenham os índios em seu corpo e merecerá dos pósteros o título de máximo civilizador da Pátria, o único que compreendeu de fato o alto fator que representa o nudismo.

3. JURAMENTO FALSO

Caro senhor. Realmente o seu artigo saiu como o esperava, até um pouco menos do que prometiam as entrelinhas.

Peço licença para passar, sem mais, à sua refutação.

Lamento, entretanto, que tenha de começar falando claro. Mas V. S. me obriga a isto. Pensa V. S. que eu não lhe decline o nome por lhe ter medo, por fraqueza. Com a franqueza do gaúcho, devo dizer-lhe que foi engano seu. E' que não pretendia responder a V. S. por não merecê-lo, mas unicamente dar uma satisfação ao povo para que não pense que as cousas sejam como V. S. as está desfigurando. V. S. não poderá, jamais, dizer com razão, que a lua seja queijo. Da mesma forma, jamais poderá derrubar as verdades eternas que são tais, não porque são defendidas pelos padres, mas porque foram fundadas por Deus e sustentadas pela sua mão onipotente. Depois, não pretendo fazer propaganda do seu nome, que não o conheço. Para isso basta que V. S. adicione à sua assinatura, a profissão, a rua e o número. Que quer mais? Mas, vamos, com toda a calma de quem tem a certeza provada de possuir a verdade, entrar no assunto.

Quem atraçou a Igreja Católica, e a única religião deixada e reconhecida por Cristo com todos os seus dogmas (não há dogma inventado ou imposto pela Igreja), para abraçar uma doutrina caótica, como Judas que atraçou a Cristo para abraçar os trinta dinheiros, êsse alguém, à falta de provas pode, sem pestanejar, com o mesmo caradurismo, fazer a pés-juntos um juramento falso...

Tinha V. S. afirmado as seguintes cousas («A FRONTEIRA», ns. 1 e 3):

- 1) Que confissão era uma hipoerisia;
- 2) Que os homens de catecismo na mão são hipócritas;
- 3) Que a religião é inimiga do progresso» («FRONTEIRA», n. 3);
- 4) Que a religião: «sempre pretendeu tolher os passos da ciência».
(E V. S. disse RELIGIÃO, e não disse «catolicismo»; sustente a nota; não fuja da responsabilidade).
- 5) Que a «sociedade católica é tão polígama como a Islamita».

Reptei a V. S. pedindo provas. Um advogado deve provar o que afirma. E que fez? Provou? Não! Desandou em palavras, malsinou intenções, saltou para outros assuntos. Reafirmou o último ponto, e acrescentou mais as seguintes afirmações que deverá prová-las para não ser taxado de caluniador:

- 6) A confissão é uma imoralidade;
- 7) O Papa é o Deus dos católicos;
- 8) Os padres são assassinos («sicários»).

Renovo aqui solenemente o meu repfo: ou o sr. prova o que disse ou se tornará digno do nome de caluniador. Defenda-se com as unhas que tiver. Porque afirmou o que não pode provar? E se o pode, por que não o faz? Mas olhe, de nada valem juramentos, nem palratórios teatrais, nem apêlo aos pais. Deixe-os dirigir suas casas. Não precisam de conselheiros da sua envergadura. Venha com provas. Só provas. Não venha tão pouco com casos isolados, esporádicos, nem com autores suspeitos e parciais, como o apóstata Chiniqui, que, na qualidade de presbiteriano, escreveu livros contra o catolicismo. Não! O catolicismo deve ser julgado em si mesmo, em sua doutrina, em seus autores aprovados. O que eu peço é apenas justiça. Comece a sua vida de advogado, agindo com retidão. Nada de velhacarias literárias, de oratórias balofas.

Também não pode fugir, passando para outro assunto, ficando este por esclarecer. Provas, traga provas, provas reais, autênticas.

Agora vamos analisar, em boa harmonia, algumas de suas afirmações. Diz que não condena a religião, mas o clero (que fez o grande mal, segundo o autor) de ter tirado os seus antepassados do mato, se é que descende de índios, (como indica o seu nome). Mimoseia o clero com a honra de «tartufos»... (Note-se: clero está no singular e tartufos no plural... depois, eu é que nada sei de português. Sim, vou lá, já volto!) «Tartufos» por que? Por ter civilizado o mundo, como vimos no número atrasado? Ou quer negar os imensos e incalculáveis benefícios que a humanidade recebeu do clero? Quer negar que foram os padres, que foi o clero, que civilizou a Europa, centro da África, e quase toda a América? quer negar que foi o clero que nos transmitiu toda a literatura grega e latina? Quer negar que foi o clero que fundou os hospitais maiores e mais antigos da Europa e da América? Quer negar que foi o clero que fundou as primeiras 70 universidades existentes no mundo, com as primeiras faculdades conhecidas? V. S. não sabe que até o décimo sexto século todo ensino superior foi ministrado pela Igreja Católica, pelo clero, em outras palavras? Quer separar o clero da Igreja? Seria o mesmo que separar o Cristianismo de Cristo, o médico da medicina, o advogado da advocacia, o governo da governança; seria uma estultice. E haveria outras benemerências do clero... «tartufos» pregadores de «estultice» que «vão rebuscar adeptos nos covis da ignorância». Como se vê, o menino está roncando grosso Olhe «o besouro também ronca — diz o ditado popular— vai se ver... não é ninguém»...

Caro senhor. Pelo jeito, V. S. quer se tornar conhecido... nem que seja bancando um Martin Fierro ou Dom Quixote ou vândalo demolidor. Pois, olhe, se é este o seu

fim, previno-lhe que já passou o tempo de uma pessoa fazer nome à custa da ignorância alheia. Passou-se o tempo em que era «chic» atacar a Igreja. O último foi Guerra Junqueiro, que o fez para ganhar dinheiro, à custa dos idiotas que acreditavam em tais patranhas. No fim, êle deu a mão à palmatória, e confessou a sua injustiça, como o atestou João Grave que lhe assistiu os últimos momentos (Veja no prefácio do livro póstumo de Guerra Junqueiro: «A caminho do céu»).

«O clero tem seus adeptos nos covis da ignorância»...

Isso já é pedantismo elevado ao cubo. Para refutar isso bastaria perguntar onde estudou V. S. Mas... dirá que saiu de lá tão orelhudo como entrou. Isto depende da inteligência de cada um... Mas, os colégios mantidos pelo clero são milhares em todo mundo. Colégios e institutos de arte, observatórios astronômicos (citarei só os mais célebres que há trezentos anos vêm prestando relevante serviço à navegação) como o de Calcutá, Manilha e Pekin.

E vão também aos «covis da ignorância», tirando os selvagens da barbárie. De um desses covis um desses «roupetas», um «sotaina», um «tartufo», tirou os seus antepassados do mato, se é que não nega o seu nome. Nesses «covis da ignorância» se encontrava também V. S. quando a mão benéfica de um Irmão Marista o tirou para educá-lo. «Nos covis da ignorância» estavam Rui Barbosa, Farias de Brito, Jackson de Figueiredo, Joaquim Nabuco, Felício dos Santos e tantos outros adeptos do clero. No «covil da ignorância» se encontram ainda Pandiá Calogeras, Flores da Cunha, Getúlio Vargas, Antônio Carlos, Altino Arantes, Afonso Celso, Tristão de Atayde, Miguel Couto, Annes Dias, Frederico Wolfenbüttel, Adroaldo Mesquita, Lacerda de Almeida (o pai) e tantos outros luminares de tôdas as ciências... mas seguidores do clero negregado. A «esses covis da ignorância» pertencem os acadêmicos seus colegas reunidos, não faz muito, em Congresso Católico em Pôrto Ale-

gre, a êsses covis pertencem o venerando ancião professor de Direito, em São Paulo, há meio século, o contrerrâneo Dr. Pacheco Prates.

Todos êstes estão nos «covis da ignorância»...

Quem o diz, do alto dos seus tamancos, é um homúnculo recém-saído dos cueiros da Academia.

Será gênio ou loucura? A primeira hipótese tem poucas probabilidades...

Mas, continuando, vejamos mais uma das suas afirmações.

SOLTEIROS — Sim, nós somos solteiros, e por isso não temos qualidade para demolir o que encontramos. E para conservá-lo baseamo-nos, não na experiência própria, e sim, na palavra sacrossanta de Cristo: «todo homem que... deixe sua mulher para casar-se com outra é adúltero». — (Mat. 19).

E V. S. com que autoridade fala?

Mas vamos ao seu assunto favorito: a confissão.

A confissão é a «morte». E' a «paz do túmulo»...

Realmente, como poeta e orador, é fecundo.

Confissão é a vida. Por ela, uma alma que está morta para Deus, ressuscita. E êle diz, por sua própria autoridade, que é justamente o contrário. Mas afirma. Uma afirmação se destrói com uma negação. Provas não vieram. Só veio o solene e dramático juramento que ela constitui uma imoralidade. E vem chorando lágrimas de crocodilo, rogando os pais que não deixem a família frequentar essa imoralidade...

Num palco, nosso amigo talvez não faça figura tão feia. Tantas atitudes, tantas piruetas.

E por que havia de ser uma imoralidade?

Por que um rapaz, sob juramento, o afirma?

E é só o argumento que apresenta, porque o outro que traz é duvidoso. Diz êle que nas confissões se fazem perguntas indecentes...

Em primeiro lugar não consta que êle tenha ouvido tôdas as confissões havidas até hoje para poder afirmar semelhante asneira. Em segundo lugar, se vê que não estudou moral e ignora, por isso, que as perguntas nunca vão além do que o penitente diz ou dá a entender «por suas palavras». Portanto, se trata sempre de fatos cometidos (quando os há) que se confessam para ficar perdoado, mas com o propósito de nunca mais os cometer. Se não se cometeu o pecado, não é pela confissão que se cometem. Onde está, pois, a imoralidade? Será que o nosso homem admite que seja menos imoral o fato que o dito? Lá por que um médico faça uma pergunta a uma senhora que se acusa de certos sintomas, acha V. S. que a medicina é imoral e se deve evitar? Não! Da confissão não vem o mal ao mundo, mas da falta dela pode ser. Não! Feliz do homem que tiver a sua mulher religiosa e católica sincera. Pode ficar descansado, que enquanto ela assim proceder terá a certeza de não ser atraçoado. E depois, não sabe que a confissão é defendida por seu caráter sagrado contra tudo e qualquer abuso? E se não bastasse isso não está defendida com a maior excomunhão reservada sòmente ao Sumo Pontífice?

Se não sabe as cousas, por que não se informa? Por que é mais fácil «bancar» o espírito forte? Que importa o «espírito superior», quando está baseado na ignorância?

Com que roupa? E faço ressaltar que está achando que a confissão, tão inócua seja imoral, justamente quem defende desbragadamente o nudismo e a imoralidade do divórcio...

E' o caso de dizer com Jesus: «Hipócrita, tira primeiro dos teus olhos a trave e depois vem tirar a palha dos olhos do teu irmão». Cure-se primeiro do nudismo (o do Éden era baseado na inocência que se perdeu com o pecado) cru e moderno (não impede que seja antigo e retrógrado) e das teorias demolidoras da santidade e unidade do lar (talvez

defenda até o amor livre) e depois venha a criticar e taxar de imoral a confissão estabelecida por N. S. Jesus Cristo...

— COM QUE DIREITO? — pergunta — podem os padres perdoar ou reter os pecados?

— Por que não abriu a Bíblia? Lá teria encontrado com que direito fazem isso.

Veja no Evangelho de São João, cap. 20, vers. 21 a 23. Trago-o aqui: «A paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós». (Logo deixou continuadores dêle com a mesma missão que recebeu.) E continua no mesmo texto: «Aos que vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos». Este texto foi tirado de uma Bíblia, edição protestante, para não ser suspeita. E fala tão claro que não precisa ser muito inteligente para lhe pegar o sentido. Deus quis o perdão dos pecados nesta condição. Que se sujeitassem os pecados aos que Ele deixaria encarregados de o substituir na terra e seriam perdoados ou não, conforme o arrependimento ou disposição do penitente.

Em todo caso, Jesus não viu nenhuma imoralidade nisso. Tanto assim que a ordem foi para todos, sem exceção de ninguém. Mas é que ainda o mundo não dera a luz a um fenômeno em Uruguaiana...

Sim, decerto Jesus, como Deus, «não sabia o futuro...»

PÁLAVRAS DE JESUS. Diz que Jesus só teve palavras de perdão e não «condenou a ninguém». Entretanto, são dêle estas palavras dirigidas aos fariseus: «Sepulcros caiados... raça de víboras... O machado já está na raiz da áyore». Aos vendilhões do templo expulsou com um azorrague. Aos maus há-de dizer: «Apartai-vos de mim, malditos, ao fogo eterno, preparado para Satanás e seus sequazes». (S. Matheus, edição protestante, cap. 25, verso 41).

Mas deixem estar que no dia do juízo o nosso advogado há-de repreender Cristo por estas palavras tão duras,

tão diferentes das do «Meigo Nazareno...»

MAIS UM IMPOSTOR? Jesus dissera: «Acautelai-vos dos falsos profetas porque por fora parecem ovelhas e por dentro são lobos vorazes». Predisse que viriam muitos falar em nome d'Ele. Mas avisou que se não os ouvisse.

E eis que agora vem o nosso homúnculo a falar em nome de Jesus... Tire o pelego da ovelha. Apareça com o pêlo fulvo. Não faltava mais nada que mais um com idéias próprias venha falar em nome de Jesus. Já é demasiada impostura. Onde estão as credenciais de sua missão divina? Nós, os sacerdotes católicos, temos a sucessão ininterrupta e a certeza de que Jesus nos assiste, se permanecermos nas normas da Igreja, que não pode errar, pois Jesus disse: «Eu estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos». (Mat. cap. 28, vers. 20). A economia de Cristo é uma só. Uma só é a sua Igreja, à qual São Paulo chama de Espôsa de Cristo e de Corpo Místico do mesmo. Para o nosso homem não foi assim. Jesus deixou os homens sem rebanho, sem entidade estabelecida, apesar de a ter estabelecido sob a primazia de Pedro. (Mat. 16, 18; João 22, 15, etc.).

E do meio da anarquia cada qual acharia a verdade. Cada qual se improvisaria em representante de Cristo, em nome de Jesus...

Vamos parar com isso e vejamos outras «cositas».

CALVA A' MOSTRA. Acha o nosso homem que o ridicularizo e que lhe crio um meio hostil. Essa é boa! Eu não inventei nada. Só analisei o que êle escreveu. Se o seu proceder o ridicularizou, não tenho a culpa. Eu só lhe tirei o chapéu. Se êle tinha uma calva que apareceu, escandalizando todo o mundo e pondo em posição esquerda a sociedade uruguaianense, a culpa não foi minha. O remédio é não ter calva. Onde há rabo, pode-se puxar. Por que não o põe sob o alqueire? Continuemos.

GABOLICE SEM NOME. Diz V. S. que contou umas

verdades ao clero (se mentira é verdade, entendido) que se irou contra si. Diz que fêz perigar (já não tremer) nesta cidade o seu poder mesquinho e treme irado... Quer dizer que o clero de Uruguaiana vai sucumbir debaixo da clava potente de um novo Holofernes...

Caramba! Isso já passa da marca da modéstia! Bem, dirá o nosso homem, se ninguém me elogia, falo-ei eu mesmo.

Quanta gabolice, quanta pretensão num menino. Quanta arrogância, quanta falta de educação. Parece que não teve pai.

Ninguém se irou consigo, amigo. Apenas nós tem causado pena.

Temos certeza que tanta petulância não é inata em sua natureza. V. S. não se libertou das crendices. V. S. caiu na ratoeira e certos escritores espertalhões. Prestou crédito a quem não merece. E das más leituras tomou a indigestão e da qual a muito custo, a custo de muita cabeçada se libertará. Não; ninguém se irou contra si (olhe que esta é uma forma defensável, em português; não o digo por não saber). A gente tem pena de ver um menino se estragar assim. Quando muito, pode ter por favor o nosso desprezo, como o merece o menino que atira pedras nos transeuntes. Irar-se? Por que?

PARA TERMINAR. Finalizo recordando que ficaram provas a dar. Não pode pular para outro assunto sem deixar limpo o passado. Sem isso, passará por reles caluniador.

E seria pena.

Um advogado caluniador...

Venha, pois, com as provas. Não traga mais sarna. Já tem suficiente com que se coçar.

Um abraço do gaúcho e amigo:

Pe. Ricardo D. Liberali

4 ESPERNEANDO...

Trocando idéias

1. PADRES ESPANTALHOS — Quando o inferno vê perdida uma causa, redobra de esforços para ver se num «tour de force», ainda consegue algo. E' o que êle está fazendo em Uruguaiana, a qual está de parabéns, pois isso é sinal que o poderio de Satanás está declinando nela. Sim, não é por nada que das cloacas infernais saem tantas imundícies. Infeliz, porém, do homem pelo qual o demônio quer enganar os homens. Esse será eternamente escravizado, salvo um milagre da divina graça, porque êsse alguém não mais se governa. Já não pode ver o direito. Vê somente o que lhe convém ver. A luz, como a uma ave noturna, lhe fere as vistas embaciadas. E engana por enganar. Não é possível que o menino que se arvora em demolidor do catolicismo tenha essas idéias por própria conta. Não, porque as tenho lido em outros autores. Mil vezes refutadas, mil vezes renovadas, com uma sofreguidão de quem acaba de descobrir a pólvora. O mais humorístico dos inimigos novos do catolicismo é o conceito que fazem dos padres. Dizem que se libertaram das credices e que agora abraçam a verdade. Em primeiro lugar, o catolicismo não tem credices, mas crenças, baseadas no testemunho eterno da verdade. Dezenove séculos de luta já tem suportado galhardamente. Não são credices; são crenças necessárias. Credices são as que admitem os anticlericais depois de estarem bem seguros nas garras de Satanás. Assim, por exemplo, os padres passam por «tartufos», retrógrados, monstros, assassinos,

verdugos das almas, exploradores da religião. Pouco falta que não lhes admitam pés de cabra. Para outros estão cheios de punhais e venenos; são evitados como se cada padre tivesse uma metralhadora debaixo da batina. Pois, admitir estas cousas não é crendice da mais crassa? Mais vale crer nos contos da carochinha. Quem crê nessas baboseiras, quem tem essa ogeriza inexplicável e inata pelo padre, demonstra que tem pouca cultura, pouca inteligência, pois, é incapaz de se libertar de falsas idéias que lhe impingem escrifores mercenários.

2. IMPOSTORES — O mesmo vale da afirmação que os padres sejam impostores.

Impostor é quem se apresenta como sendo alguma coisa que de fato não o é. Os padres católicos se dizem representantes de Jesus Cristo e os únicos reconhecidos pelo mesmo. Mas eles provam essa alta missão que Jesus lhes confiou. Logo, não são impostores. Vejamos a prova em poucas linhas, reduzida a um silogismo. Ei-la:

Maior: Jesus disse que haveria de deixar sobre a terra de modo VISÍVEL seus legítimos sucessores que durariam TODOS OS DIAS até o fim do mundo. Provas: Mateus 28, 20; João, 20, 21. E outras.

Menor: os únicos que desde o tempo de Cristo vêm representando-O, foram os padres católicos. A única entidade que se chama cristã, remontando ao tempo de Cristo, é a Católica.

Conclusão: Logo, só os padres católicos são os verdadeiros e únicos representantes de Cristo, deixados por Ele.

Prova-se a menor: Outros que apareceram dizendo-se representantes de Cristo vieram tarde; há entre eles e Cristo uma interrupção inexplicável e funesta. Os que apareceram foram os nestorianos no século 5º, o cisma do Oriente, no século 9º, os Albigenses e Waldenses, no século 13; os protestantes luteranos, anglicanos, calvinistas, zwinglianos,

socinianos, anabatistas, no século 16; os protestantes congregacionistas, unitários, presbiterianos, unitários, século 17; os protestantes quakers, uma base das trinta e tantas seitas metodistas do século 18; os protestantes mormons, adventistas e espirítistas no século 19; os sabatistas e outras seitas protestantes do século 20. Sendo os únicos que remontam ao tempo de Cristo em série ininterrupta, os padres católicos são os que, menos podem ser taxados de impostores. A impostura não vai ao sacrifício e não dura: E o catolicismo dura há quase dois mil anos e os padres mártires são milhões.

Impostores são bem outros que falam em nome de Jesus, sem terem como justificar semelhante atribuição.

3. RETRUCANDO — Mas vamos à segunda parte.

Tinha eu reptado ao causídico que viesse provar as afirmações que adiantara, algumas das quais bem infamantes. O nosso homem voltou muito «micho», como diríamos, os gaúchos. Vê-se que já lhe está faltando o recurso, o terreno lhe foge de sob os pés. E ainda quer «roncar grosso», prometendo provas de sobejo. Entretanto, só vem defender uma das suas afirmações. Naturalmente, seria a mais explorável, dado o lado escabroso que se lhe pode emprestar, conforme a malícia de quem trata do assunto. Diz Jesus que a boca fala do que está cheio o coração. Sabe lá Deus a quantas anda o velho coração do causídico para ir tão longe, para se fundar tanto no terreno desconhecido. Não quero afirmar que V. S. seja devoto de certas casas que, de certo, não são igrejas, nem nelas se vêem madonas. Não; lá se vêem as deusas do nudismo, que com tôda devoção pretende defender. Andar nu na rua não é imoral, falar algo, sim, isso é imoral... Veremos êste assunto ainda.

Razões. Examinemos agora as razões do causídico, saído de fresco da Academia. Previno-o, entretanto, que, se outra não fôr a sua argumentação em defender uma causa, pobres

constituintes! Avisa-me a mim, que não devo ser surdo voluntário. Declaro-o, aqui estou com a verdade. Admito tôdas as provas, venham de onde vier. A verdade é para mim cousa sagrada. O mesmo devia dizer o amigo. Quando lhe demonstro a verdade, admita-a. Se achar erros nos meus silogismos, aponte êsses erros, como eu faço com os seus. Se, porém, estou com a razão, por que não admiti-la? Sou católico, não por palpite, mas por conhecimento de causa; católico, após um controlado estudo comparativo das religiões. Não fiz como V. S. que condenou o catolicismo, sem conhecê-lo, só porque um autor ou outro lhe meteu macaquinhos na cabeça. Não; nunca se deve ter preconceitos contra cousa alguma. Só render-se às provas essenciais, concludentes, esmagadoras.

Vamos fazer, agora, uma crítica serena, de seu artigo.

Pretende V. S. provar a 6a afirmação: «A confissão é imoral».

Suas provas são: 1) Porque foi instituída pelos homens (pelo bispo de Metz, no ano 763). 2) Porque supõe haver na confissão a possibilidade de corrupção por parte da penitente. 3) Porque a confissão é uma fonte de renda.

4. PORMENORIZANDO — 1) Comecemos por refutar essa última afirmação.

Argumento. Maior: A confissão é uma fonte de rendas.

Menor. Ora, isso é uma imoralidade.

Conclusão. Logo, a confissão é imoral.

Prova da maior. Afirma-o o causidico. E' só a prova que se acha. Não há citação de fatos. Mas mesmo que os houvessem, não seriam da lei da confissão. Logo, nada provou. E a afirmação é igual a zero prova. Prova da menor. Admitindo o fato como o ideou o autor, concedo, aliás nego.

Conclusão: nego, porque o que não está nas premissas

sas não se pode achar nas conclusões. A conclusão afirma demais. Logo, nada afirma.

2) O nosso causídico recheado de cousas más, só vê na confissão a conversa sôbre um pecado, o pecado da lubricidade. Diz que é um perigo para o confessor e a confessanda.

O silogismo a se fazer sôbre as asseverações do nosso herói são as mesmas da precedente. O homem disse e por isso deve ser assim. Não traz fatos, faz, unicamente, suposições próprias, julgando o padre no confessorário por si mesmo com o seu coração corrompido pelo nudismo. Não duvido que se em vez de um sacerdote que renunciou o mundo para consolar a humanidade, se assentasse no confessorário um homem mundano, acostumado às frivolidades e sem as boas reservas morais, desconhecedor das leis pelas quais se rege a confissão, naturalmente haveria que temer.

Mas, em primeiro lugar, são matéria de confissão o roubo, o assassinato, o juramento falso, enfim, a matéria dos dez mandamentos.

Na confissão há restituição de paz em muita alma, há muito conselho, há muita restituição a fazer. Há muita reconciliação, muita reparação de injustiça, etc. Mas para o nosso homem, só tem um mandamento a se confessar: é o sexto. Olhe que aquilo de que está cheio o coração é que a bôca fala. Disse-o Cristo.

5. A CONFISSÃO E' ALTAMENTE MORALIZADORA — Sim, pela confissão uma alma diz: basta de desvarios, basta de pecados. quero reabilitar-me perante Deus e perante os homens. E muita mulher traidora se conserva para o seu marido, muita louquinha que ia fugir com o namorado e pelo conselho do confessor já não foge, e muito outro pecado é evitado.

A confissão é um grito de moralização da pessoa que não quer mais pecar. Quem sabe se o Sr. causídico pensa

que seja mais moral continuar a pecar do que abster-se de o fazer?

Agora, quanto a se falar ocasionalmente em assuntos escabrosos, sendo isto feito com a devida seriedade, que se supõe sempre no confessor e em quem vai confessar-se (pois quem lá vai não o faz por divertimento, mas por humilhação) não encerra mal algum como não encerra mal algum a confabulação do médico com a sua cliente. E não obstante ter havido abusos de médicos, nem por isso vai se condenar a medicina. Em Quarai um colega do causídico fez há dias uma falsificação de documentos. Agora irei por isso dizer que os advogados são imorais ou desonestos? Seria uma injustiça.

Não defende V. S. a educação sexual? Pois se se permite falar às crianças sôbre assunto escabroso sem ser isso imoral, será imoral só porque isso é feito por gente grande e para fins de melhoramento moral?

6. A PALAVRA OFICIAL — Para acabar, basta atacar as loucuras defendidas por quem tateia nas trevas do desconhecimento da matéria com a palavra oficial da Igreja.

Segundo a lógica, a imoralidade da confissão deve ser provada pela lei mesma da confissão. Eis como a Igreja determina, quanto às perguntas a serem feitas pelo confessor:

«A não ser que o penitente peça para ser interrogado, convém abster-se de fazer perguntas, ESPECIALMENTE SÔBRE OS PECADOS MAIS VERGONHOSOS». Moral de Genicot, vol. II, p. 280. Este livro de moral é o oficialmente adotado no Seminário em São Leopoldo, onde se formam todos os padres dêste Estado.

Para a confissão ser imoral deveria provar o nosso homem: 1) que sempre se fazem perguntas sôbre assuntos escabrosos e 2) que estas perguntas sejam sempre imprudentes e autorizadas pela moral católica. Ora, es-

tas duas cousas são duas falsidades, como aparece claro pela lei moral supra. Logo, está por terra que a confissão seja imoral e fica em pé que ela é uma beafeitora da humanidade, por ser a base da abstenção de muito pecado que se cometeria sem ela e por ser fonte de consôlo e de conselho e, por fim, porque seu fim é reconciliar o homem com Deus.

E depois, a confissão católica deveria ser atacada por católicos, caso o tivesse de ser, e não por acatólicos que nada têm que ver com o catolicismo, pois temos no Brasil a máxima liberdade de consciência e por ela cada qual cuide de si.

Aviso, portanto, ao amigo, que não se meta nas questões da família católica. Fique com suas idéias sem fundamento no caso que sua inteligência não chegue ao alcance das razões por mim trazidas nestas linhas. Mas deixe aos outros a própria liberdade.

7. CRONOLOGIA DA CONFISSÃO — «Foi fundada em 763. Em 1215 passou a ser sacramento...»

Decididamente se vê que o nosso menino é criança. Nem uma cousa dessas êle controla. Engole piamente tudo o que os anticlericais lhe impingem. Está êle bem arranjado!

Pobre menino que tem que fazer de testa de ferro para os outros!

Então, a confissão foi fundada por S. Bento que viveu de 450 de nossa era, a 529? Lá pelo ano 500, portanto, a confissão teve a sua origem. Depois o Bispo de Metz, em 763 a fêz lei. Quem o diz é o padre insuspeito Fleury.

O nosso causídico está de pouca sorte com os seus mentores.

Mais uma vez «caiu da petiça» como diria o gaúcho. Nem mais, nem menos, pois Fleury é bem mais suspeito ainda do que o Padre Chiniqui, porque se êste era presbiteriano, aquêle era um dos chefes da heresia dos

galicanos. Até me admiro muito como o amigo não saiba tal cousa. Por que se mete em terrenos desconhecidos? Pelo que vejo, passou pelos estudos como gato sôbre brasas. Pouco ficou. E Fleury o botou no mato. Sim, vejamos se a confissão não era conhecida antes do ano 500, isto antes do século VI.

Já no ano de 452 (quando o pretendido fundador da confissão tinha dois anos apenas!!!) encontramos uma carta do Papa Leão Magno, aquêlê mesmo que dominou Átila com sua majestade, carta dirigida a Teodoro, Bispo de Friuli, datada de 11 de junho, a qual não funda, mas supõe a confissão como existente e de obrigação geral. Diz ela, entre outras cousas: «A múltiplice misericórdia de Deus socorreu de tal forma aos humanos decaídos, que não só lhes ministra o remédio-esperança da vida eterna pela graça do batismo, — mas também pela penitência. Assim, quem tenha violado a lei da regeneração, arrependendo-se, pode, pela bondade de Deus, ser perdoado, mas é vontade de Deus que não o possa conseguir sem ser por intermédio das súplicas do sacerdote. «O Mediador entre Deus e o homem, o Homem Cristo Jesus» (I Tim., 2, 5) entregou êste poder aos chefes da Igreja»...

8. MAIS PROVAS — Um ano antes de nascer o fundador da confissão, do nosso causídico, o «raio» de São Leão cometeu a indiscrição de falar ainda em confissão (dia 6 de março de 459, em carta aos Bispos do universo, carta 163). Nessa carta diz que não é necessária a declaração pública dos pecados, «mas é suficiente comunicar as faltas de consciência ao confessor, só em confissão secreta». A confissão pública seria limitada às faltas públicas. Não funda, pois, a confissão, nem espera que a funde S. Bento... Supõe-na fundada e a regula sômente, na qualidade de delegado autorizado por Cristo, o qual disse a São Pedro: «Eu te darei as chaves do reino dos céus. Tudo o que ligares na terra será ligado no

céu» e vice-versa. E êle foi Papa e sucessor de S. Pedro, de 440 a 461.

E para mal dos pecados do causídico, São Leão não é o primeiro nem o mais antigo a falar em confissão. Não. Lá vem outro, São Jerônimo, que viveu de 331 a 420, e afirma (comentando S. Mat. cap. 16, v. 14): «O sacerdote... depois de ter ouvido os pecados, sabe a quem perdoar e a quem reter».

Santo Agostinho (354 a 430) diz: «Abandonar a confissão é lançar-se na perdição». E note-se que êle em sua mocidade não foi católico, nem santo, pois chegou a ter um filho natural. Mas diante da verdade o grande gênio se curvou também. Que remédio?

Antes dêle, ainda, S. Cipriano (não o dos magos) dizia em seu tratado «Dos Decaídos», cap. 29: «Cada qual CONFESSE seu delito, enquanto está em vida, enquanto a remissão dos pecados é feita POR MEIO DOS SACERDOTES e é aceita por Deus». S. Cipriano já morreu no ano 258, quase duzentos anos antes de nascer o autor da confissão do nosso causídico.

Santo Efrém, mais ou menos da mesma época, diz: «Sem o venerando e divino sacerdócio não se concede aos mortais a remissão dos pecados».

São Calixto, Papa de 217 a 222, regulamenta a confissão (que supõe) na África.

Santo Irineu, que morreu no ano 202, tendo, portanto, vivido durante o II século, diz referindo-se à confissão: «Que é melhor: dizer os pecados e salvar-se ou calá-los e condenar-se?»

E note-se que Santo Irineu foi discípulo de S. Policarpo, o qual, por sua vez, foi discípulo de S. Papias, inseparável companheiro de São João Evangelista, primo de Cristo.

Tertuliano, nascido em 160 e falecido em 220, diz em seu tratado da Penitência (já havia tratados!!!) cap. IX:

«Estamos de parabéns, se não é necessário confessarmos publicamente das nossas faltas». Logo, a confissão já era secreta, então. Diz o mesmo: «Se fordes tentado (atenda-se hem, sr. causídico) a fugir da confissão, pensai no inferno».

Durante o primeiro século, temos o testemunho do livro: «Didaché», escrito pelo ano 70 da nossa era, o qual assim declara no cap. X: «Depois de terdes confessado os vossos delitos», podeis receber o Corpo de Cristo.

São Clemente Romano, ordenado sacerdote por S. Pedro, depois de Papa (foi o 3º sucessor do mesmo Pedro), declara que o Príncipe dos Apóstolos, Pedro, exigia que se confessasse até os pecados de pensamento.

9. O AUTOB DA CONFISSÃO — Já estamos no primeiro século; ambos êstes dois últimos documentos históricos foram escritos, estando em vida alguns dos Apóstolos. Quem foi, pois, o autor da confissão que está sempre fugindo das datas? Foi o próprio Cristo, quando disse aquelas memoráveis palavras: (S. João, cap. XX., versos 21 e 23): «Assim como meu Pai me enviou a mim, eu vos envio a vós. Recebei o Espírito Santo. Aquêles aos quais perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, e aquêles aos quais vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos».

Eis a causa, a fonte da confissão. Não existe outra.

Os padres, se a tivessem inventado, teriam sido os mais idiotas da terra, pois é a maior cruz que lhes pesa sôbre os ombros. E, apesar de serem «raposões», na linguagem lapidar do meu ilustrado causídico, não se lembraram de fazer uma exceção nem para si mesmos. Entretanto, os padres, os Bispos e até o próprio Papa se confessam. Onde estaria a sagacidade do clero? E quando se teria introduzido a confissão? E como poderia ter sido introduzida, sem nenhum protesto? Que celeuma não se teria levantado contra ela se, de fato, tivesse sido inventada pelos Padres. Entretanto, ninguém se levantou contra

ela. Só hoje, que homens de ilustração de catálogo, que bebem tudo o que é ruim como se fôsse água boa, êsses é que viram a cousa, mas pena é que não saibam explicar. Lá no seu íntimo é que têm as provas. Procurando-as, achá-las-emos, unicamente, no ódio de Satanás que impera em seus corações corrompidos.

Até Martinho Lutero defendia a confissão como sendo instituição divina. Em seu pequeno catecismo, que se acha nas escolas luteranas em nosso Estado, há um tratado sôbre a confissão pública e particular. Esta acha que seja mais consoladora para o pecador. Outro chefe protestante, Henrique VIII, diz: «Quando mesmo não soubesse que Deus tenha instituído a confissão, bastaria saber-se que ela foi acreditada e professada em todos os tempos, para ficar convencido de sua origem divina».

O próprio ateu Voltaire reconhece que «a confissão é uma instituição divina que não teve começo senão na misericórdia infinita de seu autor. A obrigação da confissão começou no dia em que o homem tornou-se culpado».

E Voltaire, apesar dos trinta grossos volumes escritos contra a religião, especialmente contra a católica, no fim pediu a confissão e retratou-se de tudo. O mesmo fizeram Littré e Vitor Hugo.

Uma contra-prova. E' sabido que as heresias procuram diferenciar-se o mais possível da Igreja da qual saem. Pois bem. Em 440 morreu Nestório (Antes de nascer São Bento) o qual tinha fundado uma heresia que até hoje existe, contando com 60.000 membros. São os do Irak que querem aportar para cá. Pois bem. Entre outros dogmas, admitem o Sacramento da confissão. Assim também os greco-russos. Êstes, tendo-se separado da Igreja em 800, se a confissão tivesse sido fundada em 763, tê-la-iam abolido, pois não é possível que só um impagável casuídico de Uruguaiiana tivesse notícia dessa invenção no século XX.

10. SACRAMENTO — Sempre a confissão foi tida como

sacramento. Em 1215 é o uso da confissão regulamentado, mas nem se fala que seja regulamentado ou não. Aliás, nunca se duvidou disso, em todos os tempos. Em 1215, diz Inocêncio III, junto com o Concílio reunido em Latrão: «Todos os fiéis, de ambos os sexos, confessem seus pecados pelo menos uma vez por ano». E' só. Onde está a palavra sacramento?

Que foi sempre considerado sacramento, baste dizer que, no testemunho de Leão Magno, vem na mesma linha que o Batismo. São Basílio que viveu 800 anos depois de Inocêncio III, diz: «Devem-se confessar os pecados a quem foi confiada a administração dos mistérios de Deus». Mistérios de Deus sempre foram Sacramentos.

O causídico uruguaianense está, portanto, no chão com o seu arrazoado e se fôr razoável deverá dar a mão à palmatória e dizer «Amen».

De novo aviso-lhe que não convém voltar com nova sarna porque estão em pé «por provar as suas oito afirmações», as quais não poderá provar, porque são afirmações mentirosas e a mentira jamais passará por verdade. Mesmo quando domina, dura até que chegue a verdade. A noite dura até que venha o dia.

O melhor que o nosso causídico poderá fazer, será reconhecer o seu êrro, dizendo que escreveu tais cousas em um momento de perturbação nervosa. Não precisa dizer a causa. E' o melhor. De nada valerão fatos, suposições. Se quiser, provo.

- 1) Que é da essência da coisa a pecha que lhe atribui.
- 2) Com argumentos da mesma coisa.

Sem isso poderá espernear, mas cada vez mais a laçada irá se estreitando. E seria pena ver um advogado enforcado pelas próprias afirmações gratuitas e sem fundamento da lógica. Só.

5 PELA CULATRA

1. A LÓGICA LOBINA DOS NOSSOS ADVERSARIOS.

Os nossos atacantes são bem interessantes. Não entram a atacar com sinceridade, dando-se por vencidos, quando a pobreza jóbica de sua argumentação os atira ao chão. Não. Declarou-o Índio velho, em artiguinho dirigido a Aimoré. Acabar com o ultramontanismo, (podiam, dizem católicos), seja por bem ou por mal, — eis o ideal estabelecido. Assim agiu o lobo em relação ao cordeiro. Este tinha de passar pelo «papo», fôsse culpado ou não. Se não o fôsse, devia sê-lo por força. Daí o ser o cordeiro condenado pelo lobo por uma falta que não cometeu. O ultramontanismo deve desaparecer porque é luz, e a luz não convém aos olhos de aves noturnas... Deve, por isso, ser culpado. E tudo o que eu escrever, será em vão. Eles têm lá seus planos e, ou não lêem a verdade, ou a desfiguram.

2. O CONTRÁRIO — O contrário se dá comigo. Sou amigo da verdade. Procurei-a. Achei-a no catolicismo, motivo pelo qual não sou católico, por acaso, mas como resultado de profundos estudos e madura reflexão. Houve — é impossível negar — fatos dolorosos no catolicismo, mas fora de sua responsabilidade. Não se pode responsabilizar a Jesus por ter havido um Judas entre os Apóstolos. Assim, provem-me os anticlericais que eles é que possuem a verdadeira religião de Cristo, A ÚNICA QUE VEIO SEMPRE PURA DESDE O TEMPO DE CRISTO DE UM MODO VISÍVEL. (Disse Ele: «Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós» — e Ele era visível!) e eu serei anticlerical, porque quero estar com a verdade. Mas, por enquanto, é do meu conhecimento não ter vindo outra igreja com o nome Cristã do tempo de Cristo. Seria, portanto, máxima im-

prudência abandoná-la. Porque fora da Igreja de Cristo não há rebanho de Cristo e quem não está n'Ele não pode ter a salvação.

Rogo, por isso, que os anticlericais deponham a ogeriza aos sacerdotes dos quais acreditam coisas do «arco da velha», sejam sinceros e recebam a verdade, quando ela lhes bate à porta, seja por meu intermédio ou não. Mas previno-os de que devem ter para isso corações puros, aliás, a graça de Deus não achará aí guarida, nem sequer entrada. Mas vamos ao nosso atacante.

3. TIRO PELA CULATRA. — Reptara-o eu para que provasse oito (OITO!) afirmações que gratuitamente adiantara: veio pretendendo provar UMA, a saber: que a confissão é imoral. Trouxe três «provas»: 1ª) que foi inventada pelos padres; 2ª) que é uma fonte de renda; 3ª) é possível que algum padre abuse da confissão. Refutei a êsse menino que a confissão «não é fonte de renda», mas, pelo contrário, de muita massada e incômodo para os padres. Refutei a 3ª dizendo que, pelo fato de um padre poder ou já ter abusado, em nada prejudica a confissão, pois, se todo o possível fôsse realidade, não haveria nada de bom neste mundo, porque em tudo E' POSSÍVEL HAVER ABUSO, mas do possível ao ser de fato, vai tanta diferença como entre o céu e a terra.

Refutemos também a 1ª asserção, pois êle dissera que a confissão, fundada por São Bento pelo ano de 500, foi estabelecida como lei no ano de 763, em Metz. Destruí essas afirmações, citando autores que falavam da confissão desde o 1º século, ainda estando vivos alguns dos Apóstolos, sem haver protesto da parte de quem quer que fôsse. O nosso causídico, vencido pela evidência dos fatos que ignorava, agora já reconhece a confissão como sendo de instituição divina. E, escorado nalgum assoprador ou interpretador protestante, vem negar que essa confissão, «fundada por Cristo», seja auricular. E quer trazer como pro-

va o texto que teria servido a Cristo para, numa comparação, apagar a lepra do pecado da mesma forma que a lepra do corpo. E cita o texto do Levítico XII, vs. 6 a 8, que é:

«E' no sétimo dia que o sacerdote EXAMINÁ-LO-Á (o leproso), se a lepra apaçecer mais escura e não tiver crescido sôbre a cutis, limpá-lo-á, porque é sarna. Este homem lavarà os seus vestidos, e será limpo», etc.

Ora, êste texto prova justamente o contrário. E' um argumento a favor da confissão auricular.

4. VEJAMOS — Sim, porque está em jôgo, NÃO O MODO de como o sacerdote absolve e, sim, a PRÓPRIA EXISTÊNCIA DA CONFISSÃO. O adversário faz questão da comparação, pois tê-la-á. O pecado é lepra espiritual, está claro. Assim como o sacerdote tratava a lepra material, na Lei Antiga, assim tratará, na Nova, o sacerdote cristão, ao leproso espiritual.

O texto diz: «Examiná-lo-á». Ora, meu amigo, que é «examinar» espiritualmente, senão ouvir o pecador sôbre a sua vida? E ouvir o pecador não é «confissão auricular»? Sim, como poderia examiná-lo, sem ouvi-lo? E julgá-lo?

O texto, portanto, não prova nada contra a confissão auricular, mas até supõe-na como NECESSÁRIA.

Logo, o mesmo se conclui do lugar paralelo do Novo Testamento: «Aqueles aos quais vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; e àqueles aos quais os retiverdes, ser-lhes-ão retidos». Como pode um sacerdote saber quais pecados a perdoar e reter, se êle não ouve, se não sabe o que vai lá por dentro?

5. JUGO PESADO — Diz meu contraditor que a confissão auricular é um jugo pesado. Claro que um divertimento não é, nem da parte do confessor, nem da parte do penitente. O autor o sabe de própria experiência, quando aluno do Ginásio Sant'Ana. Mas PIOR JUGO SERIA, MIL VÊZES,

a confissão pública. Imagine: se o dizer as próprias faltas a um homem que não se vê, atrás de uma cortina, o qual muitas vezes nem conhecemos, é jugo pesado, como não seria pesado que ouvisse as nossas mazelas espirituais, tôda a comunidade: as pessoas da família, os amigos, as pessoas contra as quais faltamos, etc., etc. Razão tinha, pois, Tertuliano (já pelo ano 200) em dizer «De Pœnitentia», cap. 9: «Estamos de parabéns se não temos de confessar públicamente os nossos pecados». Mas se quiser vir confessar-se públicamente, pode fazê-lo. Então, ficaríamos conhecendo coisas «do arco da velha».

6. REPTO — Se a confissão auricular foi fundada pelos padres, repito ao meu atacante que traga o nome do seu inventor. E a época, o ano, etc.

Já o disse e repito: a respeito da confissão, não é agora que se descobre o σvo de Colombo. Seria possível que todos os séculos admittissem silenciosamente a confissão auricular COMO ATRIBUÏDA A CRISTO e laborassem todos em engano até que, SEM PROVAS, alguém, sem critério, em Uruguaiãna, venha descobri-lo? E' o cúmulo do ridiculo. Um escarmento.

7. UM TEXTO — Já é a segunda vez que o nosso rapaz ao ler as palavras de Jesus, Marcos, 16, 16: «Quem não crer e não fôr batizado não será salvo», acrescenta: «Que falta de memória do Salvador do mundo! Esqueceu-se completamente de dizer que além da fé e do batismo era essencial a confissão auricular»... Ora, meu amigo, não venha amolar a Cristo com tão torpe interpretação de um texto sagrado, tomado em separado. Então, V. S. quereria que Jesus concentrasse tudo em duas palavras? Naquela ocasião Ele disse estas palavras e em outras ocasiões disse outras, como por exemplo: «Quem não observar os mandamentos não terá a vida eterna». Também não teria a vida eterna quem não comesse o corpo d'Ele. Assim há muitas passagens da Bíblia. Naturalmente, num só texto não podem

estar a lei e os profetas. Mesmo se quiser ater-se a êste texto, «a confissão e as mais cousas necessárias para a salvação» estão incluídas na palavra CRER. Quem crê deveras, vai aos FATOS. A fé verdadeira supõe as obras. Não pense que o que eu digo seja coisa minha. Não afirmo coisa por minha autoridade. Não; o que digo em matéria de fé, é a linguagem de Deus. Provo, pois, o que digo, e o provo com um texto da Bíblia (Tiago, 2, 24): «Não vêdes que pelas obras é justificado o homem e NÃO PELA FE' SOMENTE?» E, a 26, assim se exprime êste Apóstolo de Cristo: «PORQUE, BEM COMO UM CORPO SEM ESPÍRITO E' MORTO, ASSIM TAMBÉM A FÉ SEM OBRAS É MORTA». Quer linguagem mais clara? E note-se que São Tiago era primo de Jesus!!! Pois bem, uma das obras ordenadas por Cristo foi a confissão, baseada nas memoráveis e claras palavras de S. João, 20, 23: «Aqueles aos quais perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e aqueles aos quais os retiverdes, ser-lhes-ão retidos». Pois bem, dessas palavras TODOS OS SÉCULOS deduziram a confissão auricular e isso TANTO O CATOLICISMO COMO AS MAIS HERESIAS próximas de Cristo, as quais desapareceram, menos a nestoriana. Negavam essas heresias o que era possível negar. Mas a confissão, não se lembraram de negar, porque neste particular, a palavra de Cristo era clara demais, para se torcer. O próprio Lutero, o maior demolidor do Catolicismo, tem um capítulo sôbre a confissão.

Seria curioso saber como é que os mentores do nosso bacharel se atribuem qualidades para condenar o chefe da reforma (pretendida). De duas uma: ou errava Lutero ou estão errando êles. E êles sem Lutero nada seriam. Quem tem, pois, razão? Anticlericais, ponde-vos em harmonia entre vós mesmos que estais divididos como os Babilônicos e depois vinde dar lições de moral e religião aos católicos.

8. RESPOSTA AO REPTO — O nosso amigo, apesar de não ter respondido aos reptos por mim feitos, de dar

solução às OITO AFIRMAÇÕES POR ELE ADIANTADAS, sem prova, vem agora reptar-me, a mim, a fim de que traduza em português «As perguntas que os teólogos mandam que se façam no confessionário». A êste repto, respondo com outro repto: prove-me que HAJA UMA SÓ PERGUNTA NOS DIVERSOS AUTORES COM ORDEM DE QUE SEJA DIRIGIDA NO CONFESSIONARIO. Nada MANDAM os teólogos se diga.

Meu caro, não se meta em terreno que não conhece. Cada macaco no seu galho, meu caro. Se não estudou moral, como descobre nela coisas do «arco da velha», que eu nunca encontrei apesar de a ter estudado?

9. FONTE DE PECADO — A confissão, pelo seu fim, e, mesmo praticamente, é o «freio dos povos», como teve oportunidade de declará-lo até o ímpio Voltaire. Ela, pela sua humilhação e pelo seu pêso, é, sem dúvida nenhuma, a maior e quase a única barreira ao pecado. Ela não ensina as liberdades dos bailes modernos, ela condena tudo o que não está conforme as lições de Jesus. Como pode ser ela «fonte de pecado»?

Não seja fanático e não queira tapar o sol com a peneira.

10. INJÚRIA A DEUS — A confissão, já o reconhece o nosso causídico (neste caso das causas perdidas), foi fundada por Cristo. Ora, dizer que Êle, a Santidade por Essência, seja capaz de estabelecer uma lei IMORAL ou uma FONTE DE PECADOS é fazer-lhe injúria, pois é atribuir-lhe o que Êle condena. Meça, portanto, caro senhor, as palavras, para não afirmar demais.

11. CLAREANDO OS HORIZONTES — Acha V. S. que o Padre não pode ser virtuoso por estar em «contato diário com mulheres bonitas e perfumadas...»

Assim, da mesma forma se há-de julgar a todos os homens. Quem anda diariamente em contato com mulheres bonitas e perfumadas não passa de um Don Juan. Seja quem

fôr. E' o senhor Mirandolino Comarú quem o diz do alto dos seus coturnos...

Era o caso de se dizer com o gaúcho: «não seja tolo!» Mas não, não digo isso. Digo apenas que por favor não venha julgar os outros por-si. V. S. só vê o padre em atitudes dúbias: comendo bem, dormindo bem, rodeado de mulheres bonitas... Eu quisera que o nosso causídico se metesse nesta batina e andasse como Vigário em nossa campanha, como eu tenho andado. E então veria o inverso da medalha. Andar a cavalo de dia e de noite: chuva, atoladores, arroios cheios. Tratar com botocudos, tuberculosos, leprosos, que pedem os Sacramentos a muitas léguas de distância. E toca a andar!... De mulheres bonitas e cheirosas... nada.

Na cidade, a coisa não muda: a maior parte do povo tem um perfume, especialmente, se de côr; perfume que cura bem a concupiscência caprina do bacharel; se a tiver, venha comigo um dia a uma dessas octogenárias «bonitas e perfumadas» e garanto-lhe que não passará lá cinco minutos. E eu teria que ouvir uma história de oitenta anos, voltar para ir buscar a Comunhão, dar-lhe os Santos Óleos, rezar, e se tiver tempo, voltar diariamente aí. Depois, encomendá-la. E tudo isso de dia ou de noite, bem alimentado, ou não, independente de retribuição. E' dever atender a todos.

12. FINALIZANDO — V. S. já frizou que viria uma proibição do Sr. Bispo a me colher do campo da luta. Aimore já manifestou o mesmo temor. Entretanto, a verdade é bem outra. Quem tem a verdade não teme a luta, pois a verdade deve aparecer. Não fugirei do campo da luta. Tenho elemento para ela. Foi para isso que estudei quase três lustros. Não; de LUTA LEAL EU NÃO FUJO. Mas, ó que não quero é fazer passar vergonha a meus amigos, sê V. S. continuar com êsse linguajar grotesco, pois seria uma vergonha para êles o ver-me terçar armas com quem não se

sabe dar o devido respeito e vem com os calões mais baixos. E' evidente que eu não posso acompanhá-lo na sargeta onde pretende colocar-se. Lutarei enquanto não des-cambar para o vulgar.

E agora, um comentário à sua promessa de trazer casos de esgôto no próximo número com o título: «D. Juan de batina». Mas previno-lhe que casos isolados não provam coisa alguma. Provam unicamente o mau proceder do indivíduo pelo qual não se pode responsabilizar uma instituição ou uma classe. Porém, se tiver pruridos e não mais puder conter as dores da indigestão, traga os seus colegas D. Juans... (que são anticlericais de batina).

O que é certo é que ficaram as suas OITO afirmações por provar. Se não as provar será um reles caluniador. Só.

6 GUASCAÇOS

I

Tu da «cuchara» metida
Onde não foste chamado,
Vá jogar a tua partida
P'ra outra banda do banhado.

Eu sou «Guasca» cá dos pagos,
O meu nome é lealdade,
Valho o romper de ferrolhos
Das portas da liberdade.

Mas ser «Guasca», seu intruso,
Não é «bancar» o pachola,
Fazendo de tudo abuso,
Como quem não teve escola.

Não. Ser «Guasca» é ter respeito
A's antigas tradições
Recebidas por direito
Das antigas reduções.

Levo padre de compadre
Sem deixar de ser valente,
Que isso honra, pois é o padre
Das coisas de Deus gerente.

Sei dominar as coxílias,
Faço rondas por semanas,
Cerro a pua nas viríllias
Sou monarca sem «macanas».

Pialo, laço, atiro a bola,
Conto «causo» cevo mate,
Toco gaita e com a viola
Dou a todos cheque-mate.

Se duvida, seu intruso,
Abriremos «entrevero»,
Mas cuide seu ventre obtuso
Se eu desembainhar o ferro.

GUASCA DOS PAGOS

7

GUASCAÇOS

II

(PELAS VENTAS DO SR. INTRUSO)

Estás muito pernóstico,
 Pobre Intruso da colher;
 Vou fazer o teu acróstico,
 Se não calas a bocarra.

O meu verso é mui decente:
 Pés quebrados tem tua avó;
 Falta um tipo unicamente,
 Por sinal que é um «ó».

Rimar «pago» com «ferrolho»...
 Se tu não quis rimar, não posso?
 E' preciso ser caólho
 P'ra cair assim no poço.

Có «entrevero» rima «ferro»;
 Não é rica, mas é rima
 Defendida nos autores
 Que podia atirar-te em cima.

Poesia não é verso,
 Poesia não é rima,
 Poesia é o universo;
 Ela é Deus que ao mundo anima.

Ser poeta é ser cristão,
 Ser poeta é ser cantor:
 E' ter grande coração,
 Bom, PIEDOSO e de valor.

Pôr colher na imundície,
Seu Intruso, é que não é,
Pondo a amostra uma calvície
De descrença de Tomé.

Ser poeta é ser gaúcho
Sob a lei da natureza,
A qual leva, não ao «bicho»,
Mas a Deus, em sua grandeza.

Eu sou guasca cá dos pagos,
Por sinal que sou «beriva»;
Sou serrano, sem afagos,
De ação muito positiva.

Fazer versos, tu os fazes,
Eu sei disso muito bem,
Mas só dizes tolas frases,
Que poesia ateu não tem.

Mas também, como é possível
Ser poeta com o diabo?
Pelo mestre tão horrível,
Caro Intruso, não te gabo...

Queres ser poeta? Então
Toma a viola do teu peito,
Limpa-a com a confissão,
E serás cantor perfeito.

Quem to diz é guasca puro
Como a nossa natureza,
Pois não sabe o que é monturo,
E é poeta em sua pureza.

GUASCA DOS PAGOS



GUASCAÇOS

III

AO ÍNDIO VELHO (1)

Índio velho, vem cá. Você não está falando sério. Você está caçoando. Se não fôr esta a velha hipótese a se fazer, será essa outra: que você não está velho, mas decrépto, pois troca alho por bugalhos. Você afirma que não é civilização tirar os índios do mato e afastá-los da antropofagia. Que civilização êles já tinham. Que bela civilização! Não sejas ingrato, índio! Tu deves tudo aos padres católicos. Se não fôssem êles, tu não escreverias coisa alguma. Só no século XX foi que o governo chamou a si a catequese, mandando rondas pelo Mato Grosso afora. Se somos ainda analfabetos, foi porque o governo não deu forças aos Padres católicos. Quando foi que êles estiveram no Ministério da Educação? Assim, não atribuas a culpa a quem não tem. Faça justiça!

Depois atribuis fins menos bons aos padres que acompanharam aos portugueses. Que os reinóis fôssem assim, pode ser, mas que os padres em geral assim fôssem, não! Se houve um ou outro fato doloroso, houve milhares de fatos edificantes.

Não sejas ingrato, especialmente para com os Jesuítas pois deves saber que foram os mais fortes defensores da liberdade dos índios. Quando os portugueses pretenderam escravizá-los, como os negros da África, foi o Papa que pelo influxo dos Jesuítas declarou que o índio era gente

(1) Êste veio defender o advogado, reafirmando acusações e fazendo outras. Com esta resposta, calou-se.

igual ao branco. Vieira, o grande literato Jesuíta, foi diversas vêzes a Portugal e Roma para defender os índios. Foi acusado e prêso por acusações falsas feitas pelos colonos portugueses perante o Santo Officio da Inquisição (Trib. civil). Outro Jesuíta, o Padre Malagrida, o apóstolo do índio no Mearim, foi queimado pela mesma inquisição, por defender ao índio dos esbulhos do colono. Leia, meu caro, a obra de Madureira: «A liberdade dos índios e a Companhia de Jesus», editada pela imprensa nacional, ou este outro de J. Cabral: — «Jesuítas no Brasil», — ou «Cartas Jesuíticas» por Afrânio Peixoto, edição nada menos que da «Academia Brasileira de Letras»!!!

Não há exemplo da morte de algum índio por parte de algum Jesuíta. E' mentiroso quem o afirma! O contrário é que houve. E depois, o Índio perverte os fatos. O Bispo Sardinha foi comido pelos índios em virtude de um naufrágio. Nunca se tinha encontrado com êles. Logo, como acha que foi bem feito isso? E comeram tôda a tripulação do navio, e teriam também comido o Índio, se lá tivesse estado naquela ocasião. E acharia isso lindo?

González foi morto por ódio de um Pagé Nheçum, o qual via suas funções esbulhadas pelo Jesuíta civilizador. Que foi uma injustiça, prova-o o fato que os mesmos índios acharam que aquela matança fôsse injusta, tanto assim que por sua conta própria mataram os matadores de Roque González e os companheiros.

Mas, o Índio velho, mais antropófago, ao que parece, que os índios, achou que aquilo era coisa linda...

Imagens. Os índios tinham fetiches. Adoravam as imagens dêles como deuses. Os católicos têm imagens como símbolos, como retratos, não como deuses. O que não é a mesma cousa, salvo que as cataratas de seus olhos sejam tão grandes que troquem alhos por bugalhos.

As crenças que nossos padres nos ensinaram, meu velho, não são crendices «caducas», nem êles pregaram uma

religião «decrépta». Não! Estás com muita parada, índio. Deves levar um bom tirão na orelha. Não sabes que uma religião que não seja séria não teria atravessado sempre a mesma, sempre firme durante quase dois mil anos de civilização? As crendices, as imposturas, são logo desmascaradas, mas se as crenças que os nossos padres nos ensinaram vêm durando tanto tempo, e nas terras mais adiantadas, não será um índio de tólido que lhe venha embargar o passo com asneiras e afirmações gratuitas, achincalhando o que é sagrado, cometendo ingratidões. Não. E depois, ela é a verdade e esta não caduca, nem envelhece.

UM GUASCA DOS PAGOS

Nos 7, 8 e 9 são contra os que
colaboraram a favor do tirandolismo
Comau.

9

GATO POR LEBRE

(AO ÍNDIO VELHO)

Realmente, quem ruma certos assuntos escandalosos e acha um prazer imenso em descrevê-los, como sua louca imaginação lhes apresenta, é porque não tem mais senso moral, como não tem quem se espoja na lama. O Índio Velho, sem ser chamado, vem metendo também a sua colher. Não pretende certa gente refutar coisa alguma, mas unicamente vomitar o que lhes vai pelo interior. Tão imundos são certos indivíduos, que não têm a coragem de aparecer em público em defesa de suas obscenidades. Os cobardes usam pseudônimos. Podem, então, ofender a todo mundo e ninguém sabe quem é. Quem defende princípios sadios e verdades provadas, não tem necessidade de se esconder. Esconde-se a coruja, porque a luz do dia a incomoda; esconde-se o reptil, para não dar o bote mais à vontade; esconde-se o gato para dar o «tapa».

Índio Velho, se continuas atacar escondido, é porque és um cobarde, sem qualidades para querer ensinar moral aos outros. Assim continuando, mereces todo o meu desprezo. Em combate sereno e leal, não há mister tapar o rosto com máscaras. Tire a máscara e salte para a arena e eu estarei disposto a te mostrar pela imprensa «com quantos paus se faz uma canoa». Tire a máscara e, então, veremos quem é esse que inventa de sua cabeça fatos imaginários, coisas do «arco da velha» e os atribui à confissão, sem outro intuito que o querer lograr a tantos «pobres de espírito», que, mesmo sem provas, comem «gato por lebre». Sai para fora, quero ver quem és, e garanto-te, por quem tu és, que te reduzo a frangalhos, para não te dizer que te «escangalho», como diria o guasca.

Para reduzir a pó de mico a tua argumentação, bastará mostrar que tudo foi produto do cérebro doentio. A lei da confissão não permite as besteiras que lhe atribues. E não será um indiático que vai dar novas e imundas leis a uma instituição divina. Bastaria também fazer um cálculo e naça mais. Disseste que o padre nas confissões (em tôdas naturalmente, porque não fazes um ressalvo) faz propostas indecentes e declarações amorosas ou, por fim, convida para o estado religioso a tôdas as pessoas que vão confessar-se. E' mentira, Índio Velho, mentira deslavada, mentira grotesca, vergonhosa, que cai nas vistas do mais idiota que pode haver sôbre a terra.

Sem falar nas excomunhões cominadas contra o padre que isso fizesse, vamos ao cálculo. Confessaram-se, quarta-feira última, em Uruguaiana, mais de 500 mulheres, castidas ou solteiras, grandes ou pequenas, de tôdas as côres e de tôdas as posições sociais. E isso num dia! Agora, meu Índio, diga-me se não é louco varrido quem afirmasse que a tôdas essas senhoras e senhoritas o padre tenha feito propostas indecentes ou convidado para entrar num convento. Com tôdas teria feito uma prolongada palestra, e como seria possível manter uma longa conversa com 500 pessoas num dia? E num meio asfiziante e apertado como é o confessional? Eu sei, de minha parte, que tomei uma sova de confessional naquele dia, que a ninguém desejo. Só quereria que ao Índio Velho lhe tocasse semelhante «esfrega», para nunca mais envenenar coisa tão sagrada e moralizadora, quer queira, quer não queira, como é a confissão.

E depois, Índio Velho se mostra truculento e descarado quando nega no padre e na penitente qualquer vislumbre de vergonha e de pudor. Que tu não tenhas nada disso, não duvido. Mas não atribuas aos outros o que é teu.

O padre te perdoa, porque sabe que estás agindo como um pobre escravo de Satanás. Deus sabe fazer justiça por

seus representantes. A justiça de Deus tarda (nem sempre), mas não falha. Dizem que, não faz muito, morreu aqui alguém no mesmo ató em que estava escrevinhando contra a verdadeira e única religião de Cristo (pois é a única que remonta ao tempo de Cristo, como era vontade dêste) — a Religião Católica, Apostólica, Romana. Índio Velho, cuidado com a justiça de Deus! Lembra-te que não se deve escandalizar a ninguém, especialmente a alguma criança. Jesus disse que antes de se escandalizar uma criança, é melhor tomar uma mó de moinho, atá-la ao pescoço e depois ir atirar-se ao mar. Farias uma excelente coisa, caro Índio, se tomando de uma corda te fôsses enforcar, porque assim não mais escandalizarias às almas inocentes.

Em todo caso, vem, aparece, com fronte erguida e fora do covil, para que vejamos quem nos está combatendo, aliás, te entregarei ao desprêzo.

Tu, aparecendo, clareariam os horizontes.

Sim.

A VERDADE CATÓLICA

(AO POVO ALEGRETENSE)

Quis Deus que me caísse nas mãos a folha alegretense: «Jornal do Sul», n. 91. Pena que me chegou às mãos tão tarde...

Não sei se o artigo intitulado: «Ao Povo Alegretense», de Antero Simões d'Ávila teve resposta ou não. Ninguém me pediu, tão pouco, que saísse a campo para defender ao Revmo. Frei Teófilo. Ele tem capacidade suficiente para isso. Não é ao Revmo. Pe. Frei Teófilo que pretendo defender. Não. Venho restabelecer a Verdade Católica tão deturpada por A. Simões, creio que por engano. Sim, só por engano mesmo, porque não creio que um gaúcho em sua proverbial lhaneza engane por querer. Vejamos, pois, as «verdades» tão decantadas por nosso escritor:

I. Crodogang ou Cristo?

Diz êle: «Não há intelectual que não saiba que a confissão auricular não é um sacramento e sim uma invenção de Crodogang, Bispo de Metz, em 763, isto nos conta o escritor CATÓLICO ROMANO FLEURY (o grifo é meu) na sua História Eclesiástica, etc». Resposta. Em primeiro lugar o Padre Fleury não era «católico romano» mas rubro heresiarca, um dos MENTORES da HERESIA chamada GALICANA.

Tão convencida estava esta heresia de possuir a verdade que, reconhecendo o crasso erro em que se achava, acabou por abjurá-lo, aderindo novamente ao catolicismo. Hoje não há galicanismo. Mas, o que os próprios galicanos abandonaram, por ser falso, os ingênuos, que não sabem as coisas, adotam agora, como certas «madames» que usam

certos chapéus depois que em Paris tinham caído em desuso. Esta é a «verdade» e não outra.

Em segundo lugar, até causa compaixão quando diz que «não há intelectual que não saiba ter sido a confissão fundada em 763, por Crodogang, Bispo de Metz»... Sim, ri-me, porque êsses intelectuais seriam de uma mentalidade bem curta e de uma crítica bem modesta. Julgo-me intelectual (pelo menos tanto quanto o Sr. Antero) e com os mais intelectuais críticos, católicos ou não, vejo a IMPOSSIBILIDADE DE TAL ASSERÇÃO, pelos fatos provarem o contrário. Antes, muito antes de Crodogang, era a confissão tida como fundada por Cristo e como tal praticada. E' só abrir qualquer compêndio de História religiosa. Diante das «provas» reais, não fantásticas, desejaria saber quais os intelectuais que optam por ficar o Crodogang... abandonando ao velho Cristo.

Vejamos. «A confissão fundada em 763» e por um Bispo de uma cidade recém-fundada... Entretanto, o PAPA GELÁSIO, que morreu já em 496, fala assim, em 495, em seu volume intitulado «NE FORTE»: «Não há, pois, pecado que a Igreja não possa orar para ser perdoado e, MESMO EM VISTA DO PODER QUE DEUS LHE DEU, ABSOLVER, desde que haja arrependimento, UMA VEZ QUE LHE FOI DITO: «AQUELES AOS QUAIS PERDOARDES OS PECADOS, SER-LHES-ÃO PERDOADOS; E AQUELES AOS QUAIS OS RETIVERDES SER-LHES-ÃO RETIDOS». — (João cap. 20, versículo 23). Assim, não foi Crodogang fundador da confissão...

Nem foi o Papa Gelásio o primeiro que fala em confissão. Não. Êle é um dos últimos. Antes dêle o Papa Leão Magno, que reinou de 440 a 461, disse em carta dirigida ao Bispo de Friuli a 11 de junho do ano 452: «A múltiplice misericórdia de Deus socorre aos humanos decaídos não só com o batismo, mas também pela penitência... Assim, quem tem pecado, pode, pela graça de Deus, ser perdoado,

mas é vontade de Deus que não possa conseguir tal coisa SEM SER POR INTERMÉDIO DOS SACERDOTES, pois «O MEDIADOR ENTRE DEUS E O HOMEM É CRISTO JESUS» (I Tim. 2, 5) QUE ENTREGOU TAL PODER AOS CHEFES DA IGREJA».

E Cristo não é CRODÖGANG, nem Leão Magno esperou 211 anos até que este fundasse a confissão para nela falar com tanta convicção.

E o mesmo Papa não fundando a confissão, mas supondo-a fundada por Cristo, diz mais, em 459 (a 6 de março em carta circular aos Bispos do mundo), comentando os sacramentos: «...mas é suficiente comunicar as faltas de consciência ao confessor, «SÓ EM CONFISSÃO SECRETA».

Antes de Leão, São Jerônimo, que morreu em 420 diz em seu comentário ao cap. 16 de S. Mateus: «O sacerdote depois de ouvir os pecados, sabe a quem perdoar e a quem absolver». E é de se notar que São Jerônimo vivia em eremitérios e não tinha interesse em enganar a quem quer que fôsse.

Santo Agostinho escreveu:

«Abandonar a confissão é atirar-se à perdição». Sto. Agostinho viveu de 354 a 430.

São Cipriano, que tivera mais de uma polêmica com o mesmo Papa Cornélio, escreveu em seu livro: «Os Decaídos», cap. 29: «Cada qual CONFESSE SEU PECADO, e enquanto a remissão dos pecados é feita por INTERMÉDIO DOS SACERDOTES, e é aceita por Deus». E São Cipriano já morreu no ano de 258, MAIS de 500 anos antes de se fundar a confissão, em Metz...

Santo Efrém, da mesma época, diz: «Sem o venerando Sacerdócio, não se concede aos homens o perdão dos pecados».

São Calixto, Papa de 218 a 222, regulamenta a confissão, que supõe, na África. Santo Irineu, que morreu já idoso, em 202; diz: «Que é melhor: dizer os pecados e salvar-se, ou calá-los e condenar-se?»

E Santo Irineu foi discípulo de Papias, o qual foi discípulo de São Policarpo, e este, por sua vez, foi companheiro de São João Evangelista, primo de Cristo. É, pois, a voz dos Apóstolos.

Tertuliano, que nasceu em 160, escreve no cap. IX do seu «Tratado da Penitência» (já havia tratados sobre a penitência!!!): «Estamos de parabéns se não é necessário confessarmo-nos publicamente dos nossos pecados». E diz o mesmo, no mesmo livro: «Se fordes tentados a fugir da confissão, pensai no inferno...»

Citando Didaché, o resumo da doutrina dos doze Apóstolos, que remonta ao primeiro século — bastaria para «matar a cobra». Sim, diz a «Didaché»: «Antes de irdes receber o Corpo de Cristo, confessai os vossos delitos». (Cap. X). São Clemente Romano, terceiro Papa depois de São Pedro e ordenado por este, escrevia no ano 87 aos Coríntios, dizendo que, conforme S. Pedro, faziam matéria de confissão até os pensamentos. E não funda a confissão. Supõe-na. Quem foi, pois, que inventou a confissão, se já no ano 87 era suposta como fundada?

Não será certamente Crodogang em 763.

Foi Cristo, segundo o Evangelho de São João (20, 23): «Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos».

Sim, dá-lo Lutero, em seu «Pequeno Catecismo», no Capítulo em que se trata do assunto: «O poder das chaves».

Dá-lo Henrique VIII. Dá-lo Voltaire.

Os nestorianos, que se separaram do catolicismo no século V, adotaram a confissão. E não seria crível que uma vez abandonado o catolicismo, fôsem aceitar um dogma de um Bispo católico (nem Papa) dois séculos e meio depois...

Os próprios orientais que se separaram do catolicismo no ano 800 adotaram a confissão. E não haviam de adotar inovação de um bispô ocidentalista 37 anos antes.

Basta isso para qualquer intelectual, mesmo bastante míope, para admitir a confissão como divina e não fundada por Crodogang em 763.

2º. POR QUE? — Se os padres tivessem inventado a confissão, teriam ao menos feito exceção de si mesmos, já que são considerados tão espertos. Entretanto, a começar pelo Papa, Cardeais e Bispos, todos se confessam, e por vêzes fazem sacrifícios para isso. Eu me lembro que, quando era Vigário de São Vicente, ia até Alegrete para me confessar, como ia também a Jaguarí, S. Pedro, Sta. Maria, Rosário e S. Gabriel para o mesmo fim.

3º INOCENCIO III, EM 1215 — E' preciso conhecer as coisas antes de falar. Em 1215, não só Inocência III, mas um Concílio reunido em Latrão (pela quarta vez) presidido por êle, não declarou a confissão SACRAMENTO porque já o era (sempre equiparado ao Batismo, veja-se a declaração de Lião); nem se FUNDOU a CONFISSÃO, porque já o fôra por Cristo.

Nem se impôs a OBRIGAÇÃO dela, porque já existia desde que fôra promulgada.

Em 1215 REGULAMENTOU-SE, apenas, a confissão, dizendo-se que se devia cumprir esta obrigação «pelo menos uma vez cada ano», para evitar abusos.

Quanto à palavra Sacramento, nem foi pronunciada naquela ocasião. (Veja-se Dentzinger — «Concílio de Latrão»).

Esta é, Sr. Antero, a verdade de verdade. E contra a verdade...

4º. SIM, Só DEUS — Acha o nosso homem que só Deus é que perdoa pecados. Ninguém duvidou disso.

Mas também é verdade que êste Deus não quis chegar aos homens sem ser por meio dos homens. Disse ou não disse Cristo: «Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós»? (S. João, 20, 21). Não disse Ele: «Quem vos ouve, a mim ouve; quem vos despreza, a mim despreza»?.

(S. Lucas, 10, 16). Não encarregou Ele, no Cap. 20 de S. João, v. 23, aos Apóstolos para que perdoassem os pecados em seu nome?

Que representantes seriam de Cristo, se nada pudessem? Seriam representantes de «bobagem»? E é de se notar que os únicos padres cuja sucessão remonta a Cristo são os Católicos, sendo, portanto, os únicos portadores da verdadeira religião de Cristo. Se Ele lhes deu o poder de perdoar os pecados, por que não o podem fazer? (Cap. 20 de S. João, vers. 21). Deverão antes receber a bênção do Sr. Antero?

É, pois, vontade de Cristo, que se obtenha o perdão dos pecados dos legítimos representantes de Cristo e lembre-se de que «Aquêle que diz que é de Cristo e não guarda os seus mandamentos é mentiroso e nêle não está a verdade». (S. João, Ep. Cap. I, v. 6).

5º. RUI BARBOSA — E' incrível a falta de critério com que certa gente cita Rui Barbosa. E não é só o Sr. Antero. Esse livro «O Papa e o Concílio», caro Sr., não é de RUI, e sim, de Janus. (Bendônimo de Dollinger, fundador da heresia dos Velhos Católicos, hoje extinta... por boa certamente!). Rui o traduziu aos 20 anos de idade, pelos anos de 1877 pouco mais ou menos. Mas a irreligiosidade de Rui não podia conciliar-se com sua inteligência de Águia. Já em 1882, na Câmara, tem manifestado seus sentimentos religiosos e altamente católicos. Em 1893, pronunciou, no Teatro Politeama da Baía, diversas conferências nas quais desdisse seu passado, inclusive o prefácio do livro «O Papa e o Concílio». Disse êle então: «Filho de um século devorado pela curiosidade suprema do infinito, duvidei, neguei, blasfemei, talvez, como êle. MAS ÊSSES MOMENTOS PASSARAM sempre como repetidas tempestades na minha consciência; quando elas se afugentaram, o horizonte do mis-

tério eterno me REAPARECIA COMO EU O VIRA NO CO-
RAÇÃO DE MEUS PAIS».

E seus pais eram católicos. Logo, católico êle tornou a ser. A grande Águia voltara à casa paterna.

E manifestações públicas, espontâneas, de Fé Católica, fizera-as êle em 1903, no discurso de paraninfo, aos bacharéis do Colégio Jesuítico de Nova Friburgo, em 1896, pelas «Cartas da Inglaterra», em 1908, em discursos, em São Paulo; em 1912 em S. Paulo e Minas, na propaganda eleitoral. Em 1920, na «Oração aos Moços». E especialmente na sua morte, para a qual se preparou, em plena lucidez de espírito, CONFESSANDO-SE com um frade e teria comungado, se a doença lhe permitisse...

Dizer, pois, que só as palavras que Rui escrevera em 1870, impensadamente, nas «estrambuleguices» de rapaz, exprimem o seu verdadeiro pensar, é o mesmo que dizer que a comida usual de alguém seja o que êste alguém vomitou.

Não é lógico.

A autoridade de Rui não serve para as trampolinagens dos anticlericais. Não se pode atribuir a êle uma coisa da qual êle mesmo se desdissse. Isso é insinceridade e falta de recursos para uma causa perdida. Sigam, pois, os verdadeiros cristãos da única verdadeira Igreja, deixada e autorizada por Cristo, a qual atravessou gallhardamente os séculos, apesar de todos os obstáculos, unicamente por ser obra de Deus, pois o que é dos homens desaparece e o que é de Deus fica e «vence o mundo».

VERDADEIRAS VERDADES EVANGÉLICAS

1. PRELIMINAR — «Verdades Católicas» foi o artigo que, sem intuítos de fazer polêmica, escrevi para orientação do povo de Alegrete, não a pedido de Frei Teófilo, o qual nem sequer me falou em escrever. Tendo estado aqui, contou-me o incidente antes mesmo de aparecer escrito algum da parte de quem quer que fôsse. Como disse, não saí a campo, em defesa de Frei Teófilo, porque em geral não costumo defender pessoas. Se o Sr. Antero Simões de Ávila se tivesse restringido a passar uma catilinária contra o Vigário daí, nada teria que ver com isso. Mas atacando, como atacou, as «VERDADEIRAS VERDADES EVANGÉLICAS», que são UNICAMENTE as católicas, o meu dever, como o de todo católico, era sair a campo para desmascarar o lobo disfarçado de ovelha. E saí, refutando as falsas afirmações d'ele a respeito da confissão e outros pontos por êle gratuitamente atacados, tocando a manivela do reledjo, já fanhoso e sempre o mesmo, da heresia. Sai a campo mesmo contra a vontade de Frei Teófilo, o qual, não por temer ser confundido, porque temos certeza de estar com a verdade, essa não se confunde, mas para relegar ao silêncio e ao desprezo a quem outra coisa não merece. Como, porém, o número dos estultos é muito grande, não quero que o nosso silêncio seja interpretado como covardia.

2. DESCOBRINDO A PÓLVORA — E o Sr. Antero Simões de Ávila, com cara de quem descobriu a pólvora no século XX, esbraveja com todos os pulmões que o catolicismo não é nada mais nada menos, que uma impostura, obra de homens, fundado por Leão I, no ano 440!!! Mussolini pronunciou estas palavras, num de seus discursos: «Dizem que há luta entre o Fascismo e a Igreja. Se houver, digo-o francamente, A VITÓRIA FINAL CABERA' A'»

IGREJA, porque ELA É OBRA DE DEUS E TEM POR SI A PERENIDADE, e o fascismo, como obra de homens, está fadado a terminar». Meu caro Antero, diante desta afirmação e do fato da Igreja ter vencido galhardamente os séculos, quando as mais instituições ruíram por terra poderá V. S. com razão atacá-la, dizendo que ela é obra de homens? Se ela tivesse nascido de um abôrto fradesco em 1517, como o Protestantismo nasceu de Frei Martinho Lutero (colega de Frei Teófilo), então, sim, se poderia dizer que era obra de homens e se desmancharia em mil seitas como se está assim desmanchando o protestantismo.

Não, o catolicismo não é para ser derrubado por um guarda-livros, quando as portas do inferno tendo por aliados impérios e imperadores de domínio universal não o puderam. Quando muito, V. S. irá quebrar os dentes contra a rocha de Pedro.

3. PADRE BOBALHÃO — («Jornal do Sul», de 4 de maio).

Antes de falar sôbre a péssima interpretação dada aos textos bíblicos sôbre a rocha, vejamos uma gentileza que me atribue. Todo Padre católico, em virtude de ter feito o curso de bacharel em ciências e letras, e, mais, por ter feito o curso de teologia, é, por força, um intelectual, pelo menos tem mais probabilidade de sê-lo do que um guarda-livros, que aprendeu apenas as quatro operações e algo mais, pouco, porque engole «gato por lebre», com uma ingenuidade desnorteante. E eu afirmando-me intelectual, sem faltar com a modéstia, sou padre, «sem nenhuma modéstia» e «bobalhão». Ele diz também ser um intelectual, (porque afirma que não há intelectual que não admita ter sido o finado Crodogang o inventor da confissão, quando a verdade, como provamos inexaurivelmente, é bem outra) e êle tem muita «modéstia» e não é «bobalhão». Dois pesos, duas medidas... Vá formar-se e depois se diga intelectual,

aliás não serei eu o sem «modéstia» e «bobalhão»... Mas entremos no assunto.

4. PULANDO — O macaco, quando apertado num galho, pula para outro. O mesmo fêz o Sr. Simões (sem querer com isso atribuir-lhe a comparação). No dia em que saiu o meu primeiro artigo (2 de maio), sem esperar para analisá-lo todo e ver se continha a «Verdade Evangélica verdadeira», que êle não possui, já me condenou antes de ler dois terços do artigo (que ainda não tinham saído). — Onde a vontade de abraçar a verdade, uma vez que está tão imbuído de preconceitos contra o Catolicismo, condenando-o antes mesmo de ouvir-lhe a defesa? E é com essa sinceridade que o Sr. Simões prega verdades evangélicas? Só mesmo assim, mas o seu evangelismo de textos alinhavados aferventadamente nada tem de verdade. Nesse artigo escrevera as seguintes e retumbantes palavras: «Espero somente que êle acabe de escrever os seus artigos para refutá-los e então o povo verá a que vai ficar reduzida a sua pobre teologia».

Quem lê isso pensará: «Esse Simões, quando menos, vai comer o padre por uma perna». Mas não. Não só não refutou, como nem sequer se referiu ao assunto dos meus artigos, verificando-se mais uma vez o adágio de Horácio: «Estão as montanhas em trabalhos de parto e nasce um ridículo ratinho». E no caso, nem o miserável ratinho. Pulou para outro assunto. E' mais fácil. Está claro... Entretanto convenhamos que também aí o nosso guarda-livros não andou com sorte.

5. POUCA SORTE — Pouca sorte tem mesmo o nosso guarda-livros. Pudera não. Esta época de crise deve ser má para os guarda-livros. Começa êle comentando as palavras de Cristo: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja», dizendo textualmente: «Os ultramontanos (não sei quem o será mais) traduziram a PALA-

VRA GREGA Cefas por pedra, quando sua verdadeira tradução é petros, pedrinha, seixo», etc.

Esta é simplesmente piramidal. Faz rir o Ibirapuitan e até o Pão de Açúcar se estivesse em Alegrete. Decididamente, o nosso guarda-livros está mal montado. Pois atreve-se a dizer que o sentido da palavra grega Cefas está errado e êle sabe o seu verdadeiro significado... Atente bem o leitor pelo modo de combater de certos protestantes. E' que a palavra «Cefas» NEM GREGA NÃO É. É ARAMAICA, língua em que falava Cristo, e significa PEDRA, ROCHA. Cristo teria, pois, dito: «Tu és PEDRA», etc. Desde o primeiro encontro entre Jesus e Simão, filho de Jonas, ou João, que é a mesma coisa, aquêle prometeu a êste que seria chamado «Cefas» — Pedra (João, 1, 41). Nessa ocasião prometeu que lhe havia de mudar o nome. E teria Cristo vontade de mudar o nome de Simão em Pedra, sem que isso significasse alguma coisa, só por brinquedo? Se lhe prometeu mudar o nome em Pedra (que é que significa Cefas) era certamente para fazê-lo «pedra fundamental, embora secundária, que a primeira era Êle, ninguém duvidou disso. E completou o promessa de lhe mudar o nome justamente na passagem malsinada pelo guarda-livros (Mat. 16, 17 a 19). Nesta passagem vemos claro que Jesus quis recompensar a Simão de um modo especial, porque foi o único que, por inspiração do Alto, reconheceu em Cristo o Messias. Jesus lhe diz, pois, nesta passagem, depois da confissão: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas (e note-se de um modo especial — tu és —), porque não foi a carne e o sangue quem te revelou a meu Pai que está nos céus. TAMBÉM eu te digo (da minha parte, como o Pai da parte d'Ele te deu a graça de me reconheceres) que tu és PEDRA (é esta a verdadeira tradução literal de «Cefas») e sôbre esta pedra (da qual eu acabo de falar: tu) edificarei a minha Igreja». E as portas do inferno não prevalecerão contra ela». (Nem quando, em

Alegrete, se servem de um guarda-livros que banca o teólogo e falso profeta). Eu te darei as chaves do reino dos céus (só a êle Toi dito assim, no singular — deu aos outros mais tarde o mesmo poder das chaves, sem diminuir a prerrogativa de Pedro, tôda singular).

6. PEDRA FUNDAMENTAL — Nunca o catolico negou ser Cristo a Pedra fundamental, PRIMÁRIA, da Igreja. Com os textos que cita para provar isso, o Sr. Simões está chovendo no molhado. Mas daí a excluir toda outra pedra, a saber, tôda e qualquer autoridade na Igreja, vai muito longe. Assim êle cita o Cap. 13 de S. Mateus, querendo provar que o Papa não se pode chamar de Pai (é o Sr. guarda-livros, aliás, que lhe dá êsse nome), porque Pai é só Deus. Da mesma forma se concluiria que «ninguém» se poderia chamar de pai, o que seria absurdo. A passagem citada de que ninguém é pai, senão Deus, deve-se interpretar assim: Deus é o Pai absoluto, universal, e os homens são pais limitados, dependentes, mas sempre pais também, embora em escala menor. Então o Sr. não tem pai? (excluindo malícia).

Pois o que vale da diferença entre Pai e pai, vai de Fundamento e fundamento. Todos os Apóstolos e profetas são tidos pela Bíblia como fundamentos. O sr. guarda-livros citou, mesmo, a passagem (Ef. 2, 19), na qual se diz que os fiéis foram fundados «sôbre os fundamentos dos Apóstolos e dos Profetas» sendo o mesmo Cristo a principal pedra angular». Quem diz principal supõe outras. O texto é tão claro que não precisa de comentários.

Mas o maior cego é o que não quer ver.

Se todos os Apóstolos e Profetas são pedra fundamental, por que não o será Pedro? Logo, Pedro é Pedra fundamental da Igreja, embora secundária.

Mas não é só nesta passagem que se firma na Bíblia o primado de Pedro sôbre os demais Apóstolos (e êsse primado não é ficção, como quixotesicamente quer fazer ver

o meu contraditór. Baseia-se, entre outros muitos textos, também nestes que não convêm ao cego voluntário pendendo para o protestantismo descabeçado. Eis um texto: (Luc. 22, 31): «Disse mais o Senhor: Simão, Simão, eis aí vos pediu Satanás, com instância, para vos joeirar como trigo. MAS EU ROGUEI por ti, PARA QUE A TUA FE' NÃO FALTE: e tu, enfim, depois de convertido (prevê a sua negação) CONFORTA A TEUS IRMÃOS».

Por que Cristo rogou de modo especial e porque o encarregou para que confortasse os mais Apóstolos, se êles eram tão privilegiados como Pedro?

Falaria Cristo atôa? Só a heresia pode sustentar tal coisa.

Mas há mais. Em João 21, 15 a 18, encontra-se a entrega do rebanho feita por parte de Cristo a Pedro, como seu Capataz. Encontra-se aí duas vêzes textualmente:

«Apascenta os meus cordeiros» e uma vez: «Apascenta as minhas ovelhas».

Por que teria Jesus entregue suas ovelhas (os pastores subalternos) e os seus cordeiros a Pedro e só a Pedro se não era mais graduado do que os outros?

E como êste há outros textos que provam de um modo iniludível a primazia de Pedro.

E não será agora que se descobre a pólvora a êste respeito, em Alegrete! E logo por quem? Por quem traga textos sem lhes ver a eficiência. Por exemplo o texto de S. Lucas: «... Mas o que entre vós é o maior faça-se como o menor e o que governa como o servo». Aqui êle vê a condenação do primado (como, não se sabe).

Aqui Jesus «não condena que haja chefes» e quem obedeça, mas apenas ACONSELHA que quem manda o faça de um modo CAMARADA. Com isso não queria, com certeza, que se fizesse o inverso, que um guardalivros, por exemplo, se metesse a palmatória dos que sabem onde têm o nariz. Isso sim, não foi autorizado por

Cristo. Mas Ele respeitava a autoridade dizendo: «O-que governa» etc.

7. CAULY E SANTO AGOSTINHO — Para a descrição de faltas de alguns (não tantas, nem sob a responsabilidade da Igreja, como faz supor) traz a autoridade de Cauly (não Gaulty). Mas toma a precaução de citar só a página sem trazer o que elle realmente escreveu. Cauly não é um Fleury, (o qual de fato era herege galicano — é o sistema de certos protestantes de trazer até o diabo com nome de católico para enganar o indígena). Cauly em sua obra de quatro volumes defende o primado de Pedro e do Papado divinamente instituído. Naturalmente como historiador não pode negar certos fatos acontecidos mesmo em Bispos, ou Papas, NEM EU NEGUEI TAIS FATOS (não tantos como fazem, nem tão grosseiros). O que Cauly faz e o que todo o historiador de consciência deve fazer é NÃO ATRIBUIR A' IGREJA tais fatos PARTICULARES e inevitáveis que representam (com perdão da palavra) o estêrco da Igreja Católica, mas não a Igreja mesma. Ocupar-se d'elle é desconhecer o resto dos imensos benefícios trazidos à humanidade por esta associação divina e milenária é obra de escaravelhos fétidos e de fanáticos inconsequentes. Fatos escandalosos os há em tôdas as associações. Entre os doze Apóstolos houve um traidor. Podemos nós, com a traição de Judas, (uma das pedras fundamentais da Igreja — era Apóstolo) nos levantarmos contra o mesmo Cristo e tôda a instituição, dizendo que ella é venal e que nella se vende Cristo? Pois aplique a comparação ao Catholicismo. Em todo o caso, seja honesto, meu guarda-livros e julgue as coisas como são. Tem licença de encontrar, se focinhar no monturo, da Igreja Católica, entre cada doze Padres, um escandaloso SEM COM ISSO TER VOSSA SENHORIA O DIREITO DE FALAR CONTRA A IGREJA.

Não se deve trocar alhos com bugalhos, nem a nuvem por Juno.

E isso é o que houve na Constituinte. Não há provas de maldade contra o Catolicismo que é a Igreja que Jesus deixou sobre a terra, porque é a única que remonta ao tempo de Cristo e do tempo de Cristo deve remontar a Igreja que é o seu prolongamento através dos séculos. Segundo Cristo, todos os povos (Não era para esperar até o ano de 1515!!!) ouviriam a palavra de Deus. E êle como Deus os assistiria: «Eu estarei convosco, todos os dias até a consumação dos séculos». Segundo São Paulo, a Igreja seria como o Corpo místico, do qual Jesus seria a cabeça. Ora, seria loucura admitir que a cabeça mude do corpo. O mesmo São Paulo afirma que a Igreja é a Espôsa de Jesus, pura e imaculada. E seria ridículo sustentar que o homem pudesse perverter o que Deus afirmou que havia de conservar: «e as portas do inferno não prevalecerão contra ela». E acabou-se. A Igreja deve ser julgada por sua doutrina santa e nada mais.

Quanto ao testemunho de Santo Agostinho, mesmo que negasse o primado de Pedro, sua voz seria isolada. Uma andorinha não faz verão. E seria explicável, já que é certo que êle não sabia aramaico, em cuja lingua não é possível traduzir a palavra pedra em fé ou cousa que o valha, uma vez que diz: «tu és Pedro e sobre esta pedra», etc. Mas nem isto é verdade. Sto. Agostinho, na sua velhice escreveu um livro com o título: «RETRATAÇÕES» no qual, entre outras teorias falsas, êle se retrata também DO QUE ESCREVERA SOBRE O PRIMADO DE PEDRO, dando as razões de sua retratação. Mas o que êle vomita é o que o nosso guarda-livros vai a j u n t a r como prova. Mas de certo não' sabia da retratação. E se não sabia, por que se meteu no mato sem cachorros? Acha que o saber se adquire por acaso? E digo mais: São de Agostinho as palavras: «Roma locuta causa finita»: Roma falou, aca-

hou-se a discussão. Na carta 43 defende a divindade de Primado de Roma.

8. O PRIMEIRO PAPA — A palavra Papa não vem de «pai» como em sua sabedoria sentenciosa o Sr. Simões, mas de uma inscrição que havia na cadeira de S. Pedro: P.A.P.A. Que significam estas letras que, lidas sem mutilação, dão Papa? Nada mais que PETRUS APOSTOLUS PRINCEPS APOSTOLORUM: Pedro, Apóstolo, Príncipe dos Apóstolos. Só. Onde está o significado «Pai»?

Gozadíssima é a passagem em que afirma solene e categoricamente que Leão Magno, ou Leão I, seja o primeiro Papa. Antes dêle houve mais quarenta, cujos nomes poderia trazer se quisesse, muitos dêles falaram expressamente no primado divinamente instituído, do Bispo de Roma. Estando ainda em vida alguns Apóstolos, o terceiro sucessor de Pedro (Clemente Romano), decreta leis universais recebidas por todos com geral agrado. E eis que mil e novecentos anos depois, surge alguém nas barrancas do Ibirapuitan, que lhe nega tal direito com cara de quem diz: terra, abre-te. Pareceria a êle que diante dêle a Igreja tremesse (todos a querem fazer tremer e enterrar até se possível) mas ela continua galhardamente o seu caminho triunfal majestosa e calma, como se nada houvesse. E' que em resumo não há nada mesmo.

Para maiores esclarecimentos, envio o Sr. Antero Simões de Ávila aos livros «A Igreja, a Reforma e a Civilização» e «Catolicismo e Protestantismo» do Padre Leonel Franca. Não lhe envio os meus exemplares, porque um está emprestado a uma ex-protestante que voltou à casa paterna, e o outro me levantou um colega dêle de Cacequi, certo sr. Varela, médico-charlatão, prégador protestante, e ladrão, o qual (creio que não fôsse devido à religião protestante — sou sincero: dou a culpa a quem a tem) fugiu da localidade, dando grandes prejuizos ao comércio e a mim que fiquei sem um precioso livro, que

a êle também não aproveitará, porque em má consciência não entra a graça de Deus. E faço votos que ao Sr. Simões aproveite melhor, se tiver consciência.

VERDADEIRAS VERDADES EVANGÉLICAS

1. — TOCANDO A MANIVELA DA FANHOLA PROTESTANTE — Recebi os números 97, 98 e 102, em que o Sr. Antero Simões de Ávila pretende refutar o meu artigo publicado na «Gazeta de Alegrete». Já em outros artigos, tinha eu notado a repetição das chapas gastas da «fanhoia» protestante ou do pseudo-évangélico e agora, êle mesmo se acusa de partidário dos pseudo-evangélicos. Entretanto, o chavão é conhecido e não emociona mais ninguém. Termina êle que falará sôbre DOZE pontos ainda do catolicismo com sua artilharia domquixotesca de invencionices e bobagens piamente acreditadas e de fatos esporádicos criminosamente generalizados, para desacreditar uma instituição intangível em sua essência. Voltaremos a tratar do assunto no fim do artigo.

Sòmente lembro que a chapa ainda não está completa. Além dos doze pontos, devia ter acrescentado que nós adoramos santos, que Deus proibiu fazer imagens, que a Missa é uma idolatria, que o Purgatório não existe, etc., etc., que fazem parte da bagagem literária do protestantismo que é seu guia.

Deixo, entretanto, patente, aqui que eu não costumo descer à sargeta para lutar com quem gosta de rebolcar-se nela. Assim que se continuar dêste modo não poderei prosseguir, mas ÚNICAMENTE POR NÃO PODER ACOMPANHÁ-LO na linguagem do «padre bobalhão», «padrecada», etc., etc.

Históricamente e teológicamente, o Catolicismo é a única fórmula cristã que é defensável. O protestantismo NÃO RESISTE A UMA CRÍTICA HISTÓRICA. Quer ser a religião de Cristo, mas nasceu depois do ano de 1500,

de um aborto fradesco. Quer ser a religião de Cristo, mas este lugar «já está tomado», assim que não há lugar para outra entidade cristã autorizada por Deus. E está tomado pela Igreja Católica, PELO ÚNICO FATO DE SER A ÚNICA QUE REMONTA AO TEMPO DE CRISTO. Contra ela força nenhuma podia prevalecer, no intuito de pervertê-la, porque Jesus prometeu sua assistência diária até ao fim do mundo, e subsistiria de um MODO VISÍVEL. O que disse: «Passarão o Céu e a terra mas a minha palavra não», haveria de sustentá-la sempre pura, nada obstando a existência de Judas (como Lutero e outros maus padres). Isto pôsto, vamos ver a afamada REFUTAÇÃO (pretensa, não real).

2. DE NOVO CRODOGANG — Dissera o nosso guarda-livros improvisado teólogo e metido a padre, conforme declara Rijo Minuano (aliás tão rijo que escondeu a cara com pseudônimo) que a confissão fôra fundada por Crodogang em 763. Retruquei eu, negando a afirmação como gratuita, CITANDO AUTORES QUE FALAVAM EM CONFISSÃO SÉCULOS ANTES DE CRODOGANG. E eis que o impagável causídico de uma causa indefensável nega, não que existissem, nem que escrevessem antes de Crodogang, mas achando-os suspeitos porque alguns eram papas e outros «cegos instrumentos da tirania papal»! Mas a lógica do guarda-livros-padre (muitos charlatães também se dizem médicos) não viu que EM NADA PREJUDICARIA A TESE DE QUE NÃO FOI CRODOGANG o fundador da confissão. Desde que haja quem antes do que êle fale em confissão (seja Papa ou ateu, pouco importa), já não foi êle o fundador da confissão. Aqui se trata da existência de quem fale de confissão antes dêle, não da qualidade. Assim que está por terra a apregoada refutação que não refuta, mas reconhece a existência de quem fale em confissão antes de Crodogang. E lembro que Cipriano estava em séria desavença com o Papa de então (Cornélio) e Tertuliano não

podia ser instrumento da tirania papal, porque nem era padre e nem católico.

E depois, parte das testemunhas por mim trazidas, como Irineu, existiam no tempo das perseguições romanas, de modo que não podiam ser cegos instrumentos da tirania papal, em primeiro lugar por esta nunca ter existido e em segundo, que tirania pode exercer uma instituição perseguida? E também quanto aos outros não é, de modo algum. «Claro que eram cegos instrumentos da tirania papal». As afirmações sem provas, como esta, se destroem com uma negação. Nego, pois, tal mentira.

Assim, meu caro, Crodogang lhe anda atravessado na garganta; V. S. enfiou uma bota que jamais poderá descalçar, porque não é dado a um guarda-livros, nem a quem quer que seja, o anular os fatos da História.

A esta altura do artigo, o correio me traz o «Jornal do Sul», n. 100 e, sem levantar-me da máquina, já entro a refutá-lo, antes de tratar de qualquer outro assunto. Nêle vemos como (êle mesmo — sem empréstimos de Minuano), o guarda-livro se declara padre (por usurpação, sem imposição de mãos de ninguém — talvez de Lúcifer). E «quem entra pela janela, diz Cristo, (neste caso pela autoridade legítima) é ladrão». Não tenho aqui «animus injuriandi». Cito Cristo, apenas. Veremos isso, a seguir.

No número cem, pois, pretende o reverendo guarda-livros provar que **TODOS OS FIEIS RECEBERAM O PODER DE PERDOAR OS PECADOS**. E se todos os discípulos de Jesus receberam êste poder, porque não o podem usar os padres católicos? Precisarão da bênção do Sr. Antero? Mas, dirá, -que não são, nem cristãos como o protestantismo não considera cristãos os católicos (Barbieri e Cia.). E neste caso, como fêz o protestantismo, a encomendação da finada sua cunhada, se a considerava pagã, e um pagão mesmo onde haja anarquia não pode ter a pre-

ce oficial de qualquer igreja cristã. Cada qual pode rezar por alma pagã, mas ninguém o pode fazer oficialmente.

Mas vamos às provas da confissão concedida a todos.

1) — No dia da ressurreição de Jesus, PELA MANHÃ, veio Maria Madalena participar aos Apóstolos: veremos ainda que tais eram só DOZE e não todos — e só A' TARDE é que se reuniram os discípulos. — por excelência os Apóstolos. — Não diz o texto sagrado que houvesse, a tal multidão de 120 discípulos, nem Maria, nem ninguém mais. E que houvesse, Jesus dirigiu-se aos discípulos por excelência, pois um texto se completa com outro. A todos foi dada a notícia, mas era destinada de um modo especial para os ONZE — faltava Judas. — Assim, São Marcos acrescenta que (28, v. 16) OS ONZE DISCÍPULOS PARTIRAM, para a Galiléia, etc. Que onze? Os onze por excelência. E não diga mais que os discípulos eram todos iguais. Fica mal para quem quer passar por Padre, sem o ser: Veja a sua condenação no capítulo 6 de São Lucas, verso 13: «E quando era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem nomeou também Apóstolos, a saber: Simão, ao qual também chamou Pedro (Çefas, Pedra), e André, seu irmão, e Tiago e João, Felipe e Bartolomeu, 15. Mateus e Tomé; Tiago filho de Alfeu, e Simão, chamado o zelador; 16. E Judas, irmão de Tiago; e Judas Iscariotes, que foi o traidor. Eis aí os que se chamam os doze ou onze «discípulos», por excelência.

E' claro que todos podem ser discípulos, mas nem todos podem ser assim, padres.

E' preciso que recebam delegação autêntica destes doze.

2) No número dois, cita At. 1, 15, para provar que a multidão ali reunida na ocasião era quase 120 pessoas. E assim todos teriam recebido o poder deles.

Parece que o guarda-livros não enxerga direito. Posso emprestar-lhe meus óculos. Não disse, não escreveu que a primeira aparição e a entrega do poder das chaves

aos doze se deu no dia da RESSURREIÇÃO A' TARDE? Pois a multidão de que fala Atos, 1, 15 é de QUARENTA DIAS DEPOIS, quando voltava do monte, onde foi assistir à Ascensão do Senhor. Leia o capítulo desde o princípio, e verá. E não sendo a mesma multidão, não procede o argumento.

De mais a mais, no próprio capítulo 1 dos Atos, está a declaração de que só os doze receberam missão especial. Verso 2: «Até o dia em que foi recebido em cima, depois de ter DADO MANDAMENTOS, pelo Espírito Santo, AOS DOZE APÓSTOLOS que escolhera».

Ouviu, reverendo guarda-livros? A própria Bíblia lhe tapa a boca. Mas dirá, São Pedro diz que o povo todo é «gente sacerdotal...» Aqui é fácil para quem sabe lógica, dar uma resposta: Distinguo: aqui São Pedro quis falar de modo que cada um fôsse considerado padre, NEGÓ; entendo que o povo deve auxiliar os sacerdotes, e, mesmo do meio do povo qualquer pessoa pode ser sacerdote, SENDO, PORÉM ORDENADO, concedo. Que é preciso a ordenação se deduz de muitos textos. Atos, 6, 6 nos traz um exemplo de ordenação: «E apresentaram — a diversos que queriam prègar e ser sacerdotes — ante os APÓSTOLOS, não ante a ninguém, como quer o guarda-livros — e Êstes — note bem: Êstes — orando lhes impuseram as mãos». São Paulo aconselha ao Bispo Timóteo que não esqueça a ordenação feita por êle, dizendo (II Tim. 1, 6): «Por cujo motivo te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti PELA IMPOSIÇÃO DAS MINHAS MÃOS». Ouviu, reverendo guarda-livros? Timóteo, segundo afirma São Paulo, não era sacerdote pelo fato de ser cristão, mas tinha tal graça, em virtude da IMPOSIÇÃO de suas mãos. Tome nota em sua caderneta e deixe-se de fanatismo baloufo.

3) Lucas. 24, 9 e 10, citado por Antero, corresponde a João, 20, 18. Era de manhã e a entrega do poder de

perdoar os pecados foi à tarde aos discípulos, aliás apóstolos, que tais são os indicados nos Atos 1, 2. (v. acima). E o verso 33 do cap. 24 de São Lucas corresponde a Atos 1, 15, isto é, não a reunião da entrega do poder de perdoar pecados mas da **VOLTA DO MONTE ONDE FORAM ASSISTIR** a Ascensão.

Assim está por terra o sacerdócio do reverendo guarda-livros que quer entrar pela janela. E lembre-se que não pode cada qual bancar sacerdote, pois São Paulo diz: Hebreus 5, 4: «E ninguém toma para si esta honra (do sacerdócio) **SENÃO O QUE E' CHAMADO POR DEUS COMO AARÃO**». E este chamamento vem por meio da escolha feita pelos representantes **LEGÍTIMOS** de Deus, os Apóstolos e seus **LEGÍTIMOS SUCESSORES**, os Bispos Católicos, **PELA IMPOSIÇÃO DAS MÃOS**, como acabamos de ver.

Quanto ao sacerdócio de Paulo, não se preocupe. Não falará êle no deserto com Cristo durante três anos, como os mais Apóstolos? De Cristo lhe veio a ordenação.

Impagável é a atitude do reverendo guarda-livros, quando me cita Lucas, 14, 27: «E qualquer que não levar a sua cruz e não vier **APÓS MIM** não pode ser meu discípulo». E me pergunta se fiz tudo o que diz o Senhor. Respondo, embora sob a imperfeição humana, fiz o possível. E agora, chegou a minha vez de citar o verso anterior de Lucas (14-26): «Se alguém vier a mim e não aborrecer (i. é, abandonar) a seu pai e mãe, e **MULHER** e **FILHOS**, e irmãos e irmãs, e ainda também a própria vida, **NÃO PODE SER MEU DISCÍPULO**». Pergunto ao reverendo guarda-livros se observou os dois versículos, especialmente se abandonou a **MULHER** e carregou a cruz do celibato como fez Cristo. Respondendo afirmativamente, pode vir receber a imposição das mãos do Sr. Bispo, se êle aceitar o seu sacerdócio.

3. COM SANTO TOMÁS — Eu estou pela sabedoria popular que diz: «cada macaco no seu galho».

Assim, o comércio aos guarda-livros e a teologia aos teólogos.

O nosso Sr. Antero, porém, pretende mudar o adágio. Apesar de guarda-livros comercial, quer fazer-se de guarda-livros teológico. (Pobre Bíblia nas mãos de um comerciante se este não tiver consciência! F i c a r á s depenada mais do que um frango na bôca do «graxaim!»). Mas não é só da Bíblia que êle se improvisa de intérprete. Não! Avança também na teologia e quer ensinar o Pai Nosso ao Vigário, atirando-nos para cima Santo Tomás de Aquino, o qual, segundo êle, é «uma consciência despertada por Deus». Diz que Santo Tomás NEGA encontrar-se a instituição da confissão particular na Bíblia. E cita mais um ex-padre.

Pois mais uma vez um apóstata o botou no mato, mais uma vez o Sr. Abade do Ibirapuitan caiu da petiça.

Santo Tomás de Aquino costuma fazer objeções que depois êle mesmo desmancha.

Faz a dificuldade herética e em seguida êle mesmo a refuta.

Para que veja que esta «consciência despertada por Deus», admite a confissão constante da Bíblia, abra-se a Suma Teológica dêle, Suplemento da terceira parte, questão 8ª, artigo 1º. Aqui diz êle, refutando uma objeção que fizera a si mesmo, e que o Sr. Antero trouxe como bom herege, a saber que Santiago diz: confessai-vos uns aos outros «e do qual a heresia queria concluir que todos os fiéis teriam poder de confessar». Quanto à passagem de Tiago, em primeiro lugar, deve-se, pois dizer que Jacó fala PRESSUPONDO (limpe os óculos e leia atentamente) PRESSUPONDO A DIVINA INSTITUIÇÃO DE SE CONFESSAR AOS SACERDOTES COMO SE EVIDENCIA EM

JOÃO 20 (Isto é «Áqueles a quem perdoardes os pecados», etc. «E' CLARO, POIS, QUE SE DEVE ENTENDER 'QUE TIAGO RECOMENDAVA A CONFISSÃO A SE FAZER AOS SACERDOTES» (como se patenteia em João 20, 23).

Eis aí, meu caro abade, como sai o feitiço contra o feiticeiro.

Pois o mesmo autor católico inèpciamente citado contra a doutrina de se encontrar na Bíblia a prova da confissão mostra, neste lugar e em diversos outros, a existência na Bíblia, de tal prova.

E, mesmo que na Bíblia não estivesse, sendo Sacramento e dogma, fatalmente devia ser obra divina, constasse ou não na Bíblia, porque esta mesma diz de si que NÃO CONTEM TUDO (João, 21, 25). A Igreja que precedeu ao Novo Testamento, essa, sim, nos trouxe tudo. «O Espirito Santo que vos enviarei vos ensinará tôdas as coisas. E VOS FARA' LEMBRAR TUDO QUANTO VOS TENHO DITO»: (Jo. 14, 26).

Mas aqui não é o caso disso. A verdade em questão, consta da Bíblia. Diz Sto. Tomás que isso E' EVIDENTE.

Só não é evidente para quem é fanático e cego voluntário, o que não é muito de Padre.

Basta disso e vamos aos outros números.

Voltando aos outros números, resumirei tudo nisso «A religião protestante é aquela religião que admite que todos os homens cristãos são padres, com poderes de prègar, dar comunhão e confessar, MENOS OS PADRES CATÓLICOS. Quanto à confissão, a diferença é só no modo de se fazer, mas a dos padres não vale e é má».

Èste absurdo do protestantismo se parece com êste outro:

Gritam os protestantes contra a infalibilidade do Papa e DEFENDEM QUE, PELO LIVRE EXAME, TODOS OS LEITORES DA BÍBLIA SÃO INFALÍVEIS. Diante disso, um ex-protestante genovês deu esta definição do protes-

tantismo ou pseudo-evangelismo: «O protestantismo é a religião que admite que todos sejam infalíveis, menos o Papa».

4. CONFISSÃO VERGONHOSA — Tenho de confessar que um dia antes de ser padre inventei que seria protestante no caso de convencer-me de que a religião protestante fôsse verdadeira. Fui aos livros. Estudei. Nada. Fui aos chefes das diversas seitas conhecidas e aí vi que eu não podia ser protestante. Fui bater à porta metodista e perguntei: «em que ramo protestante está a verdade?» No metodismo, foi o resposta.

— Mas consta-me a existência de diversas seitas metodistas DIFERENTES, qual delas será verdadeira?

— A nossa. As mais são hereges.

— Por que só a dos senhores?

— Porque se baseia na Bíblia.

Não satisfeito com isso, porque também conhecia a Bíblia e ela manda, que não se fundem seitas e mais seitas sobre ela, mas que se aceite a IGREJA deixada por Cristo, a qual escreveu a Bíblia (Novo Testamento) depois de existir e muitos anos depois. Como podia, pois, a Bíblia ser base da Igreja?

Fui ao Luterano alemão e êle me disse: «A verdade está com o luteranismo antigo e não com êsses novos que surgem por tôda a parte».

Fui ao Luterano Missouriano e êle me deu um folheto intitulado: «Qual a religião verdadeira?» e sobre a capa já pôs a resposta a tinta: «O Luteranismo de Missouri, Ohio e outros Estados». Examinar a Bíblia «ATE' conferir». Fiquei um pouco vexado com aquêle «até conferir». Nisso achei o segredo das diversas seitas. Violentam a Bíblia «até conferir» com os seus dispartes religiosos.

Depois de dar ainda muitas cabeçadas, achei que eu de boa fé NÃO PODIA SER PROTESTANTE — porque aquilo lá era a casa da sogra, na qual todos mandam e

ninguém obedece. A propósito dessa expressão, o reverendo guarda-livros acha que ela, aliás, tão em voga entre nós, ofenda as sogras e, por isso, aproveita a ocasião para captar a benevolência das mesmas fazendo-lhes o panegírico, em desagravo da minha expressão, dizendo que eu não sei apreciar tais entes porque não sou casado. Antes de mais nada, não sei se na «outra encarnação» fui casado, mas, em todo caso, tenho infinito número de sogras conhecidas — inclusive doze de irmãos meus — e nunca tive queixa desses entes. E' verdade que em S. Francisco de Paula uma sogra andou aos frigdeiraços pela cara do amado genro, mas daí a generalizar que tôdas façam o mesmo, só uma lógica protestante o poderá fazer.

Tal expressão não incluye ofensa nenhuma às sogras, assim como não trazem ofensa nenhuma aos Bonifácios e aos Braz as expressões: «por conta do Bonifácio» e «enquanto o Braz é tesoureiro». Mas vamos agora ao caso de Rui Barbosa.

5. RUI BARBOSA MATANDO A COBRA PROTESTANTE — Dissera eu que de nada serve a citação de «Papa e o Concílio», pois Rui se convertera ao catolicismo, assim que se lhe não podem atribuir frases que êle mesmo retratara. Quanto à notícia da confissão e comunhão é coisa secundária no caso.

Aqui a questão é de sentimentos, não de atos externos.

Dissera eu que se confessara com um frade. Lera-o na «A UNIÃO» do Rio, no ano de sua morte.

Vem agora V. S. trazer o testemunho de Frei Celso, NÃO NEGANDO, MAS SUPONDO QUE SE CONFESSARA, que porém não comungara. «Mas teria igualmente recebido a comunhão se tivesse podido. Não o podia por uma paralisia bulbar». Dêsse excerto do seu jornal deduz-se que: 1) Rui se confessara, pois isso sabe-se pela publicação dos jornais da época, como se sabe hoje de Miguel Couto.

(Outro atrasado que se confessava!!!) 2) Que a impossibilidade de comungar era unicamente física, não porque não quisesse.

Dizer que Rui não era católico é o mesmo que caluniá-lo.

Há, na verdade, em diversos discursos dêle, expressões fortes contra o catolicismo e há mais do que tudo o «Papa e o Concílio», traduzido em 1877, quando estava na casa dos vinte, pois Rui nasceu a 5 de novembro de 1849 (tome nota em seu canhenho). Mas é preciso reportar-se ao tempo e às circunstâncias. Rui era partidário da separação da Igreja e do Estado, vergastava os abusos viessem de quem viessem, mas não foi de coração um anticlerical. Em contato com a Maçonaria desde a sua adolescência (aos 18 anos já discursava na «Loja Americana» de S. Paulo) tinha por força de acompanhar a onda que agitava a opinião pública de então. Naquele tempo era «chie» atacar a religião. Os tempos mudam. Mas Rui nunca foi um fanático. Era um lutador de boa vontade. Desejava libertar a Igreja Católica da opressão oficial e por isso deveria achar algumas baixezas de alguns católicos notáveis — inevitáveis numa história de 19 séculos — e atirá-los contra o Estado e esbravejava contra o poderio opressor das consciências por parte do Império. Coberto por estas paixões políticas, Rui, quando os horizontes clareavam, confessava-se católico. Aquela mesma expressão por mim citada, e que o meu competidor cortou, explica êsse fato. Diz êle então: «Filho de um século devorado pela curiosidade suprema do infinito, duvidei, neguei, blasfemei, talvez como êle. MAS ÊSSES MOMENTOS PASSARAM SEMPRE como rápidas «tempestades» na minha consciência: quando elas se afugentavam, o mistério do horizonte eterno ME REAPARECIA COMO EU O VIRA NO CORAÇÃO DE MEUS PAIS».

Ora, meu caro e reverendo guarda-livros, os pais de

Rui, como bons brasileiros, eram católicos. Logo, quando passavam as tempestades em que seu gênio altivo andava metido, REFLETIA COMO CATÓLICO. Ele mesmo, certo dia em que alguns padres desconfiavam de êle ser anticlerical, chegando a derrotá-lo na Baía, disse: «A minha reputação de incredulidade, materialismo e ateísmo nascem DA ESPECULAÇÃO MALIGNA DE ADVERSARIOS SEM ESCRÚPULOS». («Rui Barbosa», por Mário de Lima Barbosa, pág. 20-21).

Especulação de adversários sem escrúpulos a tratá-lo de anticlerical. Êle mesmo o afirma, pois disse se tratava.

«O Papa e o Concílio» e outras passagens de discursos dêles são, pois, coisas passageiras, tempestades que vão de roldão pela alma da grande águia, mas, que, em realidade, nada significam. A prova está em tôda a sua vida. Se no tempo do Império atacava o catolicismo crioulo, elogiava o catolicismo norte-americano em diversos discursos. Era que não queria voltar à união da Igreja e o Estado:

Moisés Horta, diz, na introdução do livro «Pensamentos de Rui Barbosa» que êste encontrou na crença católica a paz que não encontrava na ciência humana, confessou-o com a sinceridade que sempre pôs em todos os seus atos». (Pág. 1). E mais: «...apregoaram (os inimigos de Rui) aos quatro ventos que Rui era ateu, inimigo da Igreja, adversário do catolicismo. Evidentemente era uma calúnia». (op. c., pág. 160).

Quem, porém, não vê essa evidência é o nosso reverendo guarda-livros.

Por muito inteligente talvez...

Mas ainda há mais.

Não conhece o nosso reverendo (de Cordel!) o livro de Rui intitulado: «Minhas Conversões»? Pois nêle trata de sua volta ao catolicismo. Convém procurá-lo e não atirá-lo ao cesto como fêz com o folheto católico, «por tolerância». Creio que sejam dêsse livro as citações de Rui.

que faz Moisés Horta em seus «Pensamentos de Rui Barbosa». Sobre as suas mudanças diz: (Pág. 53) «Onde, porém, creio se perceberá diferença mais sensível, é nos sentimentos religiosos». Profunda e inalteravelmente cristãos foram êles sempre. Mas quem ler o «Diário de Notícias», como ler o «Papa e o Concílio», ou o discurso da Maçonaria, verá «quanto vai do homem de 1876 e 1889 ao de 1903 e 1921: o da oração do paraninfo do Colégio Anchieta, o da oração do jubileu, na Missa Campal, e o do discurso paraninfo em São Paulo».

Quem não viu foi o Sr. reverendo guarda-livros que quer um Rui Barbosa a seu gosto e não um Rui católico. Queria vê-lo iconoclasta, fanático e cego...

Mesmo nos tempos da monarquia em que não era muito santo, assim mesmo êle sustentava que era «Lutero o maior dos heresiarcas» (Discursos e Conferências, p. 210). Naquele mesmo discurso diz: «Não quero incorrer em excomunhões maiores ou menores; bastam os meus peccados». (Op. 211).

Só o guarda-livros é mais valente que Rui ainda «acatólico» e diz não ter medo de excomunhões. De certo não tem peccados, como Rui...

A conversão de Rui se operou «de todo» depois de 1915 (completa).

Mas nunca foi um laicista ridículo como muitos o são em nossos dias, os quais entendem por separação entre Igreja e Estado uma guerra entre os dois. Não, êle queria uma mútua cooperação entre os dois poderes, como há na Norte-América, onde viu na mesa do presidente Taft, protestante, dois bispos católicos e um protestante, onde «a liberdade é fortalecida pelo espírito religioso». (Pensamentos de Rui, p. 162).

Atacou violentamente o proceder de Nilo Peçanha negando funerais oficiais católicos ao católico finado Afonso Pena, trazendo o exemplo do protestante Norte-Americano

que mandou fazer exéquias católicas, a Joaquim Nabuco, comparecendo à representação oficial só por respeito às crenças do finado. (Op. cit., p. 175).

Mas a última prova da conversão final e completa ao catolicismo de Rui foi a Missa Campal, em São Cristóvão, por ocasião do seu 50º aniversário de formatura. A Missa foi rezada pelo Arcebispo coadjutor, S. Emcia. o Card. D. Sebastião Leme. Nessa ocasião foi saudado pelo Dr. João Mangabeira, ao qual Rui respondeu com um formidável hino ao catolicismo que foi publicado pelos jornais da época. A' noite do mesmo dia, no Teatro Municipal, saudado por Constâncio Alves, tornou a elevar a religião católica. Pouco tempo depois, o vemos morrer confessado, não comungando por impossibilidade física, por não poder engulir, mas o teria feito, se tivesse podido fazê-lo, como disse Frei Celso, que lhe acompanhou a doença.

Assim, «carneirada suja» serão outros, não nós que reabilitamos a memória do ilustre morto do qual V. S. tem um retrato em seu escritório, contradizendo (conforme a teoria protestante) a Deus que proibiu fazer imagens e mais ainda possuir (Êx. 20, 4).

E assim basta para reivindicar a catolicidade de Rui, e fica em pé que «citar os seus escritos de quando não tinha serenidade», e estava em tempestades, é o mesmo que atribuir a alguém que sua comida usual é a que vomitou. Basta.

6. TERMINANDO. — O reverendo guarda-livros canta vitória antes do tempo e o mesmo faz o tal minuano e; com certeza, os curtos de inteligência, incapazes de pensar de per si, com o espírito cheio de fanatismos e paixões. A vitória será da verdade, e como esta está com a religião que atravessou os séculos, do catolicismo será a vitória.

O Catolicismo vem assombrando os séculos com sua vitalidade. A Caridade está quase monopolizada por êle, tamanho é o número dos estabelecimentos de caridade

fundados e por êle mantidos. Só uma obra: a da Santa Infância recolheu e sustentou, só em terras pagãs e só «num ano» (1932) nada menos de 727.496 crianças e batizou — só entre pagãos — (e só esta obra) — 1.003.673 (um milhão, três mil seiscentas e setenta e três crianças). E essa é a religião que se julga decrepta, que se julga obra de homens, e mesmo obra de Satanás; conforme dizem os modernos fariseus, colegas dos que outrora diziam que também Cristo obrava da parte de Belzebu. Entre êles está o reverendo guarda-livros e a escola dos que lhe dizem: Amen, pois não pensam por suas próprias cabeças. E, mesmo, julgo que o tal de guarda-livros seja apenas um testa de ferro do protestantismo, ou, aliás, do mesmo demônio que, quando vê sua obra perigar, entra em fúrias e por êste ou por aquêle se faz ouvir em mentiras, perseguições e calúnias. Alegrete está de parabéns, pois é sinal que aí os padres atacaram o demônio e sua obra de rijo, uma vez que êle está tão «queimado» a se exprimir assim por meio do Sr. Antero. Tenho visto pessoas endemoniadas a dizerem a mesma coisa contra os padres e a Igreja. E depois dos exorcismos as pessoas só falavam bem da religião católica. Quem sabe se o guarda-livros não precisará de exorcismos... Estou às suas ordens...

Quanto aos fatos que se podem citar de escândalos, etc., mesmo que êstes sejam de pessoas respeitáveis em posição, isso vem da fraqueza humana. O Catolicismo como tal, não aprova o mal. O êrro o pode cometer até um Papa, porque o Catolicismo não admite a infalibilidade do Papa, nem a sua impecabilidade «semper et ubique», mas unicamente, QUANDO ÊLE ENCABEÇA A IGREJA DE CRISTO QUE NÃO PODE ERRAR. Todos hão de admitir que Cristo afirmou que «as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja». (Mat. 16, 18). E se o Capataz pudesse errar, a Igreja sob o seu comando, a única que Cristo deixou, a êle obedecendo,

como Cristo mandou (Mat. 17 e João, último capítulo) erraria, prevalecendo as portas do inferno, «o que não pode ser».

Ocupar-se, porém, de fatos baixos e parar nêles, saboreando-os é próprio de âlmas baixas, de escaravelhos humanos. Todos os que desconhecem os benefícios incalculáveis trazidos pelo Catolicismo, para só se ater aos desmandos havidos e que, em se tratando de entes humanos, seriam inevitáveis — mesmo Cristo disse serem «necessários os escândalos» — e dar a esta reunião fétida o nome de Catolicismo é o mesmo que dizer que a verdadeira casa de alguém não é o edifício que êle ocupa, mas a estrumeira dos fundos. A história de Judas tem licença de se repetir, mesmo as negações particulares de Pedro, SEM COM ISSO DIMINUIR O POSSANTE VALOR (E' INEGAVEL PARA OS QUE ENXERGAM). DA IGREJA CATÓLICA.

Muitos protestantes lhe fazem justiça. Termino com a citação do grande publicista protestante inglês Macaulay, criticando a história dos Papas de Ranke. Escreve êle isso: «Não há e jamais houve sôbre a terra obra que, devida a sabedoria dos homens, mereça tanto quanto a Igreja Católica, prender a nossa atenção. Liga a sua história os dois grandes períodos da civilização da humanidade. Nenhuma outra instituição existente que venha dos tempos em que do Panteão subia o incenso dos sacrificios, e em que no anfiteatro de Vespasiano, saltavam os tigres e os leopardos. Já se comparou a lista dos Papas com as das mais altaneiras famílias reais de antanho. Faz-nos esta remontar, por série ininterrupta, do Papa que no século XIX coroou Napoleão, ao que, no século VIII sagrou Pepino, o Breve... A República de Veneza era o mais antigo dos Estados. «Moderníssima» em relação ao Papado, ELA DESAPARECEU contudo, ao passo que o papado permanece. Continua a viver, NÃO

EM ESTADO DE DECADÊNCIA, ou como simples vestígio do passado, mas em pleno vigor e em toda a força da SUA JUVENTUDE. Ainda hoje a Igreja Católica envia, até aos países mais afastados do mundo, mensageiros de sua fé não menos ardentes dos que desembarcavam na Inglaterra (século IV) com Agostinho (Santo).

Ainda hoje os Papas sabem resistir aos soberanos hostis tão corajosamente como Leão, o Grande, fez com Átila (o 41º Papa, não o 1º, como faz crer aos bobos o Sr. Antero). NADA ANUNCIA O FIM PRÓXIMO DE SUA SOBERANIA (ouviram, coveiros do Catolicismo?).

A Igreja Romana viu começarem todos os poderes e todas AS CONFISSÕES QUE ATUALMENTE EXISTEM. NÃO OUSARIAMOS GARANTIR QUE NÃO OS VERA' ACABAR (e verá, digo eu). Ela já era grande e veneranda muito antes de os saxões haverem pôsto pé na Inglaterra e de os francos haverem atravessado o Reno, quando a eloquência grega brilhava ainda em Antioquia e os ídolos eram adorados no templo de Meca. Poderá ainda existir EM TÔDA A SUA FÔRÇA, quando um viandante de Nova Zelândia vier um dia e, no meio de imenso deserto e ruínas, instalado sobre um pilar demolido da ponte de Londres, desenhar os escombros da Cathedral de São Paulo».

Isso é o Catolicismo realmente considerado por quem não é fanático.

Ninguém foi capaz de destruí-lo porque é obra de Deus e o que é de Deus vence o mundo. Disse-o Jesus. Se o Catolicismo fôsse obra humana teria acabado com as outras. Dura, apesar dos séculos? E' que é obra de Deus, cumprindo-se o que disse Jesus.

Mas eis que surgiu um fenômeno em Alegrete — outro poder mais alto se alevanta — que vem desmentir a Cristo e vai acabar com a Igreja e enterrá-la.

E' o fenômeno de um «reverendissimo guarda-livros»,
padre improvisado.

Veremos no frigidar dos ovos...

Basta por hoje e talvez para sempre, se o nosso competidor não tiver mais modos, mais lógica, menos fanatismo e mais senso comum.

Se parar, não é devido a que não tenha argumentos para destruir os sofismas d'ele, mas é para não dar importância a quem não tem.

Nada mais.

CARTA AO PRESIDENTE DO APOSTOLADO

de Alegrete
Uruguaiana, 22 de junho de 1934
Ilmo. Sr. Presidente do Apostolado

Saudações em Cristo.

Já fazem dias que o artigo refutação do resto dos artigos do Sr. Antero seguiu para Alegrete, quando recebeu, a 21 dêste, o n. 107 do «Jornal do Sul», no qual aparece humorístico «ultimatum».

O nosso impagável Abade, além de não provar coisa alguma com suas tiradas, vem fazer-me um «ultimatum», com o praso de dez dias, contendo quatro coisas. Três delas JA' FORAM REFUTADAS NO ARTIGO SUPRA, datado de 16 de junho, PORTANTO, ANTES DE SEREM FORMULADOS OS QUESITOS, que são datados de 18 de junho. As três coisas refutadas são:

1) que o poder de perdoar pecados não foi dado aos 120 discípulos, POIS ESTA REUNIÃO SE DEU DEPOIS DA ASCENÇÃO (Atos, 1, 15); 2) que Rui Barbosa se desdisse, foi provado de sobejo PELAS PRÓPRIAS PALAVRAS DE RUI, dizendo-se mudado. (Livros «Minhas Conversões» e «Pensamentos de Rui Barbosa»). Que falei verdade quando afirmei que Rui se CONFESSARA, prova-o a «Revista da Semana», número especial por ocasião de sua morte, no qual Frei Celso, em carta datada de 4 de março de 1923 diz: «ADMINISTRADO O SACRAMENTO DA CONFISSÃO, perguntei-lhe se desejava receber os santos óleos!!! E quanto à comunhão, DISSE A VERDADE, pois continua o Reverendo Frei Celso, depois de dizer que recebera os santos óleos: TERIA RECEBIDO IGUALMENTE A SANTA COMUNHÃO SE LHE

TIVESSE SIDO POSSÍVEL»!... Foram, portanto, estes quesitos refutados antes mesmo de terem sido enunciados. Agora vamos ao que ficou fora: 2º) E' éste: «terá que provar...»

2º) Que o Pontífice no Cristianismo é o Papa e não o Cristo.

Os protestantes têm manias assim: fazem um catolicismo de cabeça própria; derrubam-no e depois dizem: derrubamos o Catolicismo. Ora, chô-mico! — diria o gaúcho. Derrubaram, mas foi a fantasia criada por cérebros doentios. E' o caso de agora. O princípio enunciado acima NÃO E' DO CATOLICISMO. A afirmação não é católica. Prove-a, pois. Nós católicos não negamos que seja Cristo o Pontífice do Cristianismo; pelo contrário, afirmamos ser Ele o PONTÍFICE POR EXCELENCIA, DO QUAL O PONTÍFICE ROMANO NÃO PASSA DE UM CAPATAZ, pôsto por Cristo na cabeça do seu rebanho, para não haver nêle anarquia, mas ordem e segurança de govêrno.

Pelo demais, sobejamente demonstrada a incompetência e má fé do respeitável abade de Ibirapuítan no assunto, damos por encerrada a discussão, enquanto nos seus artigos, não acharmos coisa que valha a pena de empregar o tempo em refutá-las.

Do amigo criado e obrigado

Pe. RICARDO D. LIBERALI

VERDADEIRAS VERDADES EVANGÉLICAS

Quando da minha ordenação, tomei por princípio que mandei imprimir no santinho-lembrança de ordenação e Primeira Missa êsse verso de Isaías: 10, 10): «Removei os tropeços do caminho do meu povo», fazendo-me também sucessor dos que tiveram a dita de ouvir de Cristo: «Ide e ensinai a todos os povos», (Mat. 28, 20) e «quem vos ouve a mim ouve e quem vos despreza a mim despreza». (Luc. 10, 16). A minha missão como a de todo sacerdote e todo cristão é de vulgarizar a verdade e desmascarar o lobo disfarçado de ovelha que, disse Cristo, haveria de invadir o rebanho. Não se admirem, pois, os leitores, se sempre ando às voltas com os inimigos do Catolicismo. Quem estuda deve levar os seus conhecimentos aos outros, pois diz Jesus que a luz não é feita para estar debaixo do alqueire, mas para iluminar a todos os circunstantes. «Luza a vossa luz na presença dos homens para que glorifiquem vosso Pai que está no céu». Enquanto Deus me der fôrças, pois, não hei-de esmorecer no cumprimento da minha missão. Onde houver ignorante, hei-de ensinar, e onde houver lombo de lobo, meterei o porrete.

E mais uma lebre anticlerical foi levantada em Alegrete.

Trata-se de um guarda-livros protestante, que se diz teólogo e sacerdote.

Tinha êle uma cunhada que se negou a receber os sacramentos durante a sua doença e, naturalmente, como é lei, também não recebeu a encomendação. Levantou-se, então, o guarda-livros e não só atacou ao Vigário de Alegrete, como a mesma Igreja Católica, especialmente a

confissão, dizendo-a invenção do Catolicismo, e se esforce por prová-lo. Disse-ra que foi Crodogang, Bispo de Metz, que fundara a confissão em 763 (sabe até a data!!!). Disse-ra que o Concílio Lateranense IV, impôs ao mundo a confissão como obrigatória, que antes disso não se conhecia a confissão particular. Respondi eu, citando autores que falavam em confissão auricular séculos antes de Crodogang e, êle como veremos, faz saltos mortais na corda bamba do protestantismo, multiplicando-se em sofismas e demonstrando absoluta má vontade. Quis também provar que a confissão não consta da Bíblia nem da História dos séculos. E tão certo se julgou de dizer a verdade que já cantou vitória, pois no número 113 do «Jornal do Sul» diz isso: «Como se vê dos artigos que publiquei, nem a Bíblia, nem a História, nem a razão estão do lado desta doutrina da confissão auricular».

Mas sabe êle que a Bíblia, a História e a razão estão do lado da confissão auricular. Êle, se fôsse sincero, esperava a devida resposta, mas o cego fanatismo o faz cantar vitória antes de ouvir o contendor. Quer dizer que não aceitará a verdade **NEM QUANDO RECONHECIDA**. O nosso guarda-livros-confessor (pois chegou a afirmar que todos receberam o poder de ouvir confissões) é um triste espécimen de mentalidade puramente protestante: **SEM LÓGICA, SEM CRÍTICA, UNILATERAL e BASEADA NA MAIS CRASSA IGNORÂNCIA E MA' VONTADE**.

Senão, vejamos.

2. O QUE FOI FEITO — Provei-lhe que a Religião Católica é a única verdadeira, porque é a única portadora das promessas de Cristo. Êste disse que a SUA Igreja (una só) atravessaria os séculos sempre pura e de um modo visível. (Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio). Ora, Êle era visível. Logo, visível devia ser a sua Igreja. Seria ela sempre pura, porque **CONSTITUI-**

RIA O CORPO DO QUAL ÊLE SERIA A CABEÇA, E ESTA CABEÇA SERIA A SALVADORA DO CORPO (Ef. cap. 1, v. 22 e cap. 4, v: 12, 15 e 16). E seria loucura pensar que a CABEÇA MUDE DE CORPO ou que tal CABEÇA QUE E' CRISTO, não tenha tido poder para salvar da corrupção o seu CORPO MISTICO, tanto mais que Êle dissera que «as portas do inferno não prevaleceriam contra a sua Igreja» (Mat. 16, 18), porque «estaria com Êle TODOS OS DIAS até à consumação dos séculos». Ora, o ÚNICO FATO RELIGIOSO CRISTÃO que atravessou os séculos, levando de vencida tôdas as perseguições e dificuldades, foi o catolicismo. Portanto, é justo que a Êle se refiram as promessas de Cristo. Logo, a priori, se pode concluir que o Catolicismo não pode conter interpolações da verdade. Dizer que se interrompeu introduzindo dogmas, como faz o Abade de Ibirapuitan (quem é sacerdote bem pode ser abade) E' O MESMO QUE INJURIAR A CRISTO, QUE NÃO TERIA SABIDO SUSTENTAR A SUA PALAVRA, quando prometeu dar a sua assistência e infalibilidade ao fato religioso-cristão que atravessaria os séculos, como prometeu em Mateus, 28, 20. E' o mesmo que dizer que Cristo teria mentido, faltando com a verdade quando disse: «passarão o céu e a terra, mas não passará minha palavra» (Mc. 13, 31).

Por essas conclusões absurdas do protestantismo, devemos concluir que «PELA HONRA DE CRISTO, O CATÓLICO, COMO ÚNICO FATOR RELIGIOSO-CRISTÃO QUE ALCANÇA O TEMPO DE CRISTO, NÃO PODE CONTER FALSIDADES OU INOVAÇÕES ESSENCIAIS». Pode haver más interpretações e calúnias contra êle, má vontade em se receber e, especialmente, muita ignorância a seu respeito, mas erros, NÃO! E' uma conclusão natural e incontestável. Pode haver quando muito paradoxos, em que os sábios e santos se edificam e os maus e ignorantes se escandalizam. Um ilustre ex-protestante, filho

do Arcebispo Primaz da Inglaterra (protestante), Robert Hugues Benson escreveu um livro que oportunamente será traduzido, intitulado: «Paradoxos do Catolicismo».

3. TERMINANDO A DIGRESSÃO — Contra o primado de Pedro, cita o meu adversário as palavras de Sto. Agostinho. Não há nisso sinceridade. Sto. Agostinho era Bispo católico e sujeito ao Romano Pontífice, como ao Representante de Cristo, pois, em sua Epístola 43, escreve que venerava a Igreja Romana, «na qual sempre existiu o principado da cátedra apostólica, na qual existe a máxima autoridade». Quanto à sua interpretação diferente do texto de Mateus, disse que era por êle não saber o aramaico, em cuja língua não há PEDRO, mas PEDRA, de forma que não há fugir. Que êle não sabia aramaico se prova pelas cartas trocadas por êle com São Jerônimo, pedindo explicações de textos por êste traduzidos. Mas fica em pé: Agostinho reconhecia a primazia do Romano Pontífice. E mesmo que não a reconhecesse, seria o único. E como disse: uma andorinha não faria verão.

Quanto aos erros de certos Papas, não há maior calúnia e mentira histórica do que isso. E a propósito do Papa Vítor, de qual dos três dêste nome se trata?

4. LISTA DOS PAPAS, ANTES DE LEÃO I — Quer o nosso guarda-livros (êle se ofende, porque o chamo de guarda-livros, mas a culpa é dêle, porque se assina assim, acrescentando, cada vez, a rua e o número com mêdo de se perder) que Leão I seja o primeiro Papa, escorando-se em Carlos Pereira, na obra refutada pelo Pe. Franca.

A propósito do Pe. Franca, aça o nosso homem que êle foi cabalmente refutado por Ernesto de Oliveira. Mas engana-se. As palavras de Franca são tiradas de obras autênticas de Lutero, consultadas «in loco», e não no Vaticano, como diz. Assim que para refutar Franca

é preciso renegar a Lutero e a mesma história, o que é impossível. De mais a mais, a tal obra que julga irrefutável (do Prof. de Curitiba), já foi respondida em formidável volume do mesmo Padre Franca, intitulado «CATHOLICISMO E PROTESTANTISMO», que reduz a nada a obra do tal professor. Assim é que saiu o feitiço contra o feiticeiro. E, também esta, como a primeira obra, os protestantes não poderão refutar NEM NESTÁ, NEM NA OUTRA ENCARNAÇÃO. (Numa expressão como esta, o guarda-livros pensou que eu fôsse espírita. Chô mico, então não vê que digo isso por IRONIA? Será que o homem não tem senso comum?).

E. afirma que eu não trago os nomes dos Papas, porque supõe que não tenha a lista. Caro guarda-livros, não sou protestante para passar gato por lebre em matéria de religião. (Não vá fazer agora a defesa do gato e da lebre, como quis fazer a da sogra — numa evidente prova de falta de critério, só porque eu dissera que o catolicismo não era a «casa da sogra» como o protestantismo).

Antes de Leão I, ou Magno, houve os seguintes Papas: 1) PEDRO, 2) LINO, 3) CLETO, 4) CLEMENTE (que governou de 90 a 100, e, em sua Epístola aos Coríntios: a) fala em nome de Cristo (PRIMADO); b) determina a época da festa da Páscoa; c) diz haver hierarquia na Igreja, da qual fazem parte os leigos). 5) EVARISTO, 6) ALEXANDRE, 7) XISTO I, 8) TELÉSFORO, 9) HIGINO, 10) PIO, 11) ANICETO, 12) SOTERO, 13) ELEUTÉRIO, 14) VÍTOR, 15) ZEFERINO, 16) CALIXTO, que faleceu em 222 (2 séculos antes de Leão I) e que fala (De pudicícia c. 1) do Primado do Pontífice Romano e da Absolvição dos Pecados. 17) URBANO I, 18) PONCIANO, 19) ANTERO, 20) FABIANO, 21) CORNÉLIO I, que na Epístola a Cipriano fala sôbre o Primado do Romano Pontífice e sô-

bre diversas ordens existentes na hierarquia eclesiástica: de Bispo, Presbítero, diácono, subdiácono, acólito, exorcista, lector e ostiário.

22) LÚCIO, 23) ESTÊVÃO, que determina se «conservem as tradições apostólicas «E NÃO SE RECEBAM AS INOVAÇÕES DOS HEREGES, os quais, quando se arrependessem, não seria preciso que se batizassem de novo, mas bastaria que se LHEM IMPUSESSEM AS MÃOS PARA A PENITÊNCIA para obter o perdão dos pecados a que se refere Calixto I, e se lhes desse a Comunhão». (Ep. ad Cyprianum).

24) XISTO II, 25) DIONÍSIO, que fala sobre a Trindade e a Encarnação, contra os Triteístas e os Sabelianos.

26) FÉLIX I, que escreve aos Alexandrinos sobre a Encarnação. 27) EUTIQUIANO, 28) CAIO, 29) MARCELINO, 30) MARCELO, 31) EUZÉBIO, 32) MILTIÁDES, em cujo reinado houve o Concílio de Iliberitano, em que se estabelece o celibato aos clérigos de qualquer gênero.

33) SILVESTRE, em cujo reinado se reuniu o Concílio de Arles contra os Donatistas e o de Nicéia contra os Arianos, no qual, como no antecedente, se determina sobre o batismo dos hereges (Arianos, Cátaros, Novacianos e Paulianos) e também sobre a necessidade da Comunhão aos moribundos.

34) MARCOS, 35) JÚLIO I, que reclama o seu «primado» contra o pouco caso do Bispo de Alexandria (Carta aos Antioquenos). Durante o seu reinado se reuniu o Concílio de Sardes, no qual foi declarado um fato natural e de direito o «Primado do Romano Pontífice».

36) LIBÉRIO, que trata do batismo dos hereges.

37) DÁMASO I: durante o seu Pontificado se reuniu o IV Concílio Romano, no qual se tratou da Trindade, da Encarnação e do Espírito Santo. Neste Concílio que se verificou no ano 382, tratou-se do Cânon das ESCRITURAS SAGRADAS, QUE CONSTAVA, JA' ENTÃO, DE TODOS

OS LIVROS SAGRADOS DO CÂNON CATÓLICO HODIERNO e não deixa fora sete livros, como a Bíblia, editada pelos protestantes.

Durante o seu Pontificado se reuniu também o Primeiro Concílio Ecumênico de Constantinopla (II universal) contra os hereges Macedonianos, Eunomianos, Anomianos, Arianos, Eudoxoanos, Sabelianos, Marcelianos, Fotinianos e Apolinários. (Como hoje desapareceram êstes hereges, desaparecerão, amanhã, os protestantes de todos os feítios).

38) SIRÍCIO, que defende o Primado do Romano Pontífice (Ad Himerium, Ep. Tarraconnensem, dia 10 de fevereiro de 385). Na mesma carta, fala do batismo dos hereges e do celibato dos clérigos, das ordenações dos monges, e a Anísio, Bispo de Tessalônica, escreve sôbre a virgindade da Virgem Maria. Reúne-se, durante o seu Pontificado, no ano de 397, o terceiro Concílio de Cartago, no qual se dá o Cãnon das Escrituras Sagradas, sendo o mesmo completo como o CATÓLICO HODIERNO.

39) ANASTÁCIO que declara a inocência de Libério, que hoje alguém ataca como herege. Durante êste pontificado se reúne o Concílio de Toledo, no qual se fala sôbre o ministro da Confirmação ou Crisma.

40) INOCÊNCIO I, escreve sôbre o batismo dos hereges e da reconciliação pela penitência, em artigo de morte, em Carta ao Bispo de Tolosa. Ao mesmo dá o Cãnon das Escrituras, que é o mesmo atual do Catholicismo. Aos Bispos da Macedônia escreve, dando lições sôbre o modo de tratar os hereges paulianistas. (13 de dezembro de 414). Ao Bispo Decêntio, escreve sôbre o ministro da Confirmação e sôbre o ministro da Extrema-Unção (19 de março de 416). A 27 de janeiro de 417, em Carta aos Bispos da África, reivindica o «O PRIMADO DO ROMANO PONTÍFICE».

41) ZÓZIMO: reuniu o Concílio de Cartago (na Áfri-

ca) contra os Pelagianos, no qual manda que se batizem as crianças. Em Carta aos Bispos africanos, a 21 de março de 418, declara como DE ORIGEM DIVINA O PRIMADO DE PEDRO E DA IGREJA ROMANA, sua sucessora, bem como a INFALIBILIDADE DO ROMANO PONTÍFICE. E diz também que esta crença é indubitável. Aos Bispos do Oriente escreve sobre a necessidade do Batismo por causa do pecado original (Março de 418).

42) BONIFÁCIO I escreve a Rufo, Bispo de Tessalônica, em 11 de março 422: «NUNCA SE PODE DUVIDAR DO QUE ESTABELECE A SE' APOSTÓLICA», afirmando, portanto, a infalibilidade e Primado do Romano Pontífice.

43) CELESTINO I, aos Bispos das Províncias de Vienne e Norbonne, escreve, a 26 de julho de 428, mandando que não se negue a penitência (o perdão dos pecados) aos moribundos. Durante o seu Pontificado se reuniu o terceiro Concílio Universal em Éfeso, contra Nestório, sob a chefia de Felipe, representante do Romano Pontífice, em cuja terceira sessão aprovou-se a seguinte ata: «Ninguém duvida e foi sempre do conhecimento de todos os séculos que Pedro, Príncipe e Chefe dos Apóstolos, coluna da fé e fundamento da Igreja Católica, recebeu de Nosso Senhor Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, as chaves do reino, e ao mesmo foi dado o poder de perdoar ou reter os pecados: cujo poder dura até a este tempo e vive em seus sucessores, exercendo o julgamento».

E note o leitor que temos até aqui muitos Concílios reunidos por ordem do Papa em tôdas as partes, vimos cartas dando ordens por tôda a terra civilizada de então. E segundo o nosso guarda-livros, o Papa ainda não tinha nascido. Só mais tarde apareceria. Entretanto, vemos o Concílio de Éfeso (na Ásia) condenar durante o papado de Celestino I aos Pelagianos e a Nestório. Ve-

mo-lo também inculcar a autoridade de Santo Agostinho (em Carta aos Bispos da Gália, março de 431). Vêmo-lo na mesma Epístola defender o Primado do Romano Pontífice, reabilitar a memória de Libério, defender o livre arbítrio e dar à Sé Apostólica (que sempre foi entendida a Romana) como norma do são cristianismo.

Depois dêle vem Zózimo III, o 44º, e só agora vem em ordem cronológica o Papado de Leão Magno ou 1º que o Sr. guarda-livros quer impingir como sendo o primeiro Papa. E' o 45º Papa!!!

E note o leitor que êste senhor deu aos seus escritos o pomposo título de «Verdades **Evangélicas**». (Com mentiras tão desconunais, t'arrenego «evangelho» do guarda-livros).

E' o caso de se dizer: não seja tolo! Quer tapar o sol com uma peneira, quer apagar a história? Quer atirar terra nos olhos do indígena?

APOLOGIA DE ALEGRETE — Por ter eu dito que não era um guarda-livros em Alegrete que descobriria a pólvora, (por êrro tipográfico saiu palavra em vez de pólvora) êle acha que eu ofendo a formosa cidade sediada nas barrancas do Ibirapuitan.

Não. Em dizer a verdade não ofendo a ninguém. Então, acharia que deveria dizer que em tôlas as cidades se descobre de novo a pólvora, para não ofendê-las? Onde tem a cabeça? E' tão infeliz na defesa de Alegrete, quanto na da sogra que tão pouco não ataquei. Mas sabe quem ofende Alegrete? E' V. S., nem mais nem menos. Pois diz V. S. («Jornal do Sul», n. 107): «Alegrete felizmente não produziu ultramontanos».

Se por ultramontanos entende os bobos, então ofende a cidade, porque todos sabem que há pelo menos um bobo em Alegrete, tão tolo que, se disséssemos que o povo de Alegrete não o acha bobo, seria verdadeiramente injuriar a êsse povo.

Se por ultramontano quer dizer católico, como todos os indícios o dizem (para ofender), então a injúria toma proporções maiores, pois tenho sob minha guarda os livros de batizados de muitas dezenas de milhares de pessoas que nasceram em Alegrete. Assim que, hoje, dizer que em Alegrete não há católico, é uma injúria atroz.

E ofende suas tradições também. Quando se reuniu a Constituinte em Alegrete, quem presidiu a primeira sessão foi o deputado mais votado, o **Vigário Apostólico Francisco das Chagas Martins Ávila Sousa**, e nesta primeira sessão se propôs que, no dia seguinte, os constituintes iriam assistir à Missa do Espírito Santo, rezada pelo Vigário, o que se fez a 30 de novembro de 1842, sendo que na Missa se procedeu ao juramento dos constituintes, que começava assim: «Juro manter a religião católica, apostólica, romana, a independência e integridade do Estado Rio Grandense» (Vitor Russomano) — Hist. Constitucional do Rio Grande do Sul — pág. 129).

Feito o juramento reuniu-se a Constituinte, sendo Bento Gonçalves introduzido no recinto pelo Pe. Chagas. Depois da fala do Presidente, procedeu-se à eleição da mesa da Assembléia e, para o cargo de Presidente da mesma, foi nomeado outro Padre. Era Ildefonso de Freitas Pedroso. Para Ministro da Justiça, foi nomeado um frade: Frei Pedroso de Albuquerque.

Para a Constituinte republicana tinha sido eleito também um Padre, João de Santa Bárbara, um dos vultos mais eminentes da época, assim que sôbre 35 deputados eleitos havia 4 Padres, mais de 10%. E isso em Alegrete.

Dizer, pois, que Alegrete não é cidade católica é injuriar o seu povo e malsinar-lhe a história.

6. RUI BARBOSA — Dissera eu que Rui, ao morrer, se confessou. Eu disse que se confessara COM um frade (Frei Celso) e não COMO um frade, como vergonhosamente pretende V. S. deturpar as minhas palavras.

Pergunta como teria sido possível, uma vez que êle não falava? Mais uma vez se vê que nada conhece do catolicismo. Então, Rui não tinha olhos e não sabia ler; não tinha ouvidos? Eu tenho confessado surdos-mudos, por escrito e por sinais. O mesmo fêz Frei Celso com Rui.

O caso é que êle afirma que lhe administrou o Sacramento da Confissão (Carta de 4 de março de 1932, «Revista da Semana», comemorativa da morte de Rui).

E assim Rui acabou de enterrar o importuno guarda-livros deturpador da vontade dos mortos, o qual lhe atribui ditos e fatos por êle mesmo desautorizados, quando disse que não era o mesmo, (ver os livros: «Minhas Conversões» e «Pensamentos de Rui Barbosa», de Moisés Horta), quando se ajoelhou diante da imagem do Coração de Jesus, no dia da entronização, quando foi assistir às Missas campais em ação de graças, depois do seu restabelecimento e no 50º aniversário de sua formatura. E basta de Rui.

7. MODÉSTIA — O nosso guarda-livros não cessa de se gloriar de ser teólogo profundo (pobre Teologia!!!) e chega a fazer pouco dos teólogos católicos, pois chega a dizer («Jornal do Sul», n. 107): «Quem não sabe que a grande maioria dos Padres não conhece a teologia, sendo alguns dêles exportados de colônias e que aprenderam somente o catecismo em S. Leopoldo?»

Pois quem não sabe, meu caro guarda-livros, sou eu. Quando tinha doze anos, eu ensinava catecismo em minha terra. Aos oito, já o sabia todo de cór (e era dos grandes). Assim mesmo, tive que ir a S. Leopoldo estudar mais doze anos. E não só se estudava Teologia, como todas as ciências que, com certeza, não estudou o nosso guarda-livros, porque a sua cultura se ressentia de falhas fenomenais, como teremos oportunidade de ver nos seus estudos bíblicos e históricos. A sua cultura é quase nula

em lógica e crítica, bebendo qualquer coisa contra o catolicismo e não aceitando nada do que lhe provo com clareza meridiana. E' que a ignorância produz fanatismo.

Em São Leopoldo, com DOUTORES em filosofia e teologia, se estudam estas matérias a fundo, bem como Biblia, (exegese e hermenêutica). Estuda-se a História Ecclesiástica e a profana, a História da civilização e da filosofia, a sociologia, há o estudo das religiões comparadas, das línguas latina, portugueza, italiana, alemã, grega, franceza e inglesa. Dão-se a física e a química com as devidas experiências em gabinete, como ainda não vi em estabelecimentos officiais. Estudava-se as matemáticas com as suas modalidades: geometria, trigonometria, álgebra.

Da baixa aritmética, estuda-se também um pouco de comércio, como o câmbio, etc. Da superior estuda-se até a cosmografia com suas paralaxes e coordenadas. Na electricidade se fazem tôdas as experiências. Dez anos antes da descoberta de Marconi, em minha mão, se acendeu uma lâmpada elétrica, sem contacto de fio algum. Etc. E êle diz: «Estuda-se só um pouco de catecismo». Não julgue os outros por si, faça favor...

8. BÍBLIA E TRADIÇÃO — Escreve o Sr. Guarda-livros (a propósito, não se pense que eu ataco as idéias de um guarda-livros; êste quer indispor a classe contra mim, fazendo a apologia dela, em desgarrado das minhas ofensas contra ela! Será caduquice? Aliás êle se declara velho, por diversas vêzes. Há velhos que são caducos). Escreve, pois, o Sr. Guarda-livros: Fora da Biblia não há salvação e a Tradição não está de acôrdo com ela, e mãis esta falsidade: «A Tradição é a base sôbre que repousam as invenções ultramontanas e não tem valor algum». («Jornal do Sul», n. 112).

E em seguida inculca a necessidade da leitura da Biblia e traz para isso testemunhos de católicos, como o Cardeal Arcoveide. Ora, amigo, V. S. está chovendo no mo-

lhado, quando quer provar a um sacerdote católico a autenticidade da Bíblia e a necessidade de sua leitura.

A Igreja Católica mais do que ninguém zelou e zela pela Sagrada Escritura. Se vós protestantes sabeis qual é a Bíblia, deveis isso ao Catolicismo. Ele foi quem trouxe a Bíblia dos tempos apostólicos e vós lhe reconhecestes a autoridade em matéria religiosa, quando venerais um livro que ela disse ser venerável e autêntico.

A Bíblia contudo, apesar de ser uma necessidade a sua leitura, **NÃO PODE SER A BASE ÚNICA DA IGREJA**, assim como não pode sê-lo a tradição. **Se não tivesse existido Bíblia ou Tradição, nem por isso teria deixado de existir a Igreja de Cristo, anterior às duas. Este é um fato que ninguém, mesmo de má vontade, pode negar, sem negar a razão, o bom senso e a história. Senão, vejamos.**

Jesus começou a organizar a sua Igreja no 1º ano de sua vida pública. Morreu no ano 33 de nossa era (para não discutir pormenores). Pois bem, durante os primeiros dez anos, estendera-se a Igreja por toda a Ásia, inclusive a Índia, já São Pedro se fixara em Roma, onde já antes havia cristãos e Igreja organizada. **Pois bem, é um fato histórico que, durante os primeiros dez anos, não havia uma só linha do Novo Testamento escrita.** Depois de 43 foi escrito o Evangelho de S. Mateus, depois de 52 escreveu-se o de São Marcos, e depois do ano 63 o de S. Lucas, e só pouco antes do ano 100 foi escrito o de S. João. Assim, se o Novo Testamento fôsse base da Igreja, seria uma base posterior ao edifício.

— Sabe o que significa a Bíblia, em relação à Igreja? O mesmo que os livros para o comerciante. Os livros não são a causa dos seus negócios, mas pelo contrário, os negócios são a causa dos seus livros, pois houve muitos negócios sem haver guarda-livros nem escrituração. Assim não consta, por exemplo, que os Fenícios tivessem livros de razão, de borrador, nem guarda-livros, e nem por isso

deixaram de ser bons negociantes. Assim, pois, a Bíblia é um auxiliar da Igreja, e não a causa da mesma. A Bíblia depende da Igreja, e não a Igreja da Bíblia.

9. PROCEDER ARRAPOSADO — Diz o nosso velhote que a tradição não tem valor algum.

• A raposa, depois de lidar para alcançar as uvas, vendo um passarinho fazer troca de seus esforços, disse: «São verdes; só cães as podem tragar». E querendo sair, cai uma folha sêca e ela se volta mais do que depressa para ver se era um bago.

Assim os protestantes. Procuram por tôda a tradição, se tem alguma palavra a favor dêles; mas como tôda a história antiga (A Tradição não é outra coisa a não ser o testemunho dos séculos em favor da verdade católica) está a favor da demonstração católica, em quase tudo, êles dizem assim: «Não tem valor algum — são verdes»

Se, porém, algum autor tradicional fala algo a favor da idéia protestante, então tem alto valor.

Vimos o nosso velhote citar a Tradição na pessoa de Santo Agostinho e até escritores mais recentes (contra a confissão), como Sto. Tomás, que apelida uma consciência despertada por Deus. Mas, olhe, são verdes as uvas; são só para cães!... (Vêde: Crimilde Leite de Aguiar — ex-protestante, — na obra: «Protestantismo indesejável», pág. 8).

A Tradição é a História, é a voz dos séculos, que vem confirmando, com o Magistério e a Bíblia, as verdades ensinadas por Cristo. Tradição católica é aquilo que nos foi transmitido oralmente ou por escrito, por testemunhos fidedignos e insuspeitos e que faz dizer a S. Paulo: «Pelo que, irmãos, estai firmes, e retende as Tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por Epístola nossa». São Paulo equipara aqui o testemunho escrito ao oral (II Tess. 2, 15). Na mesma Epístola (3, 6), escreve mandando que os cristãos se apartem dos homens que andam

desordenadamente e «não segundo a Tradição, que de nós receberam».

Tradição é também a interpretação da Bíblia dada por Cristo e os Apóstolos, a qual nos veio através dos séculos consignada nos escritos históricos, como os de Sto. Irineu, discípulo de Policarpo, o qual foi discípulo de Papias, discípulo de São João.

Se o protestantismo achou a Tradição suficiente, quando esta lhe apresentou a Bíblia e de sua mão a recebeu, porque não merecerá fé a mesma, quando lhe dá a interpretação desta mesma Bíblia? Ou merece fé nas duas cousas ou em nenhuma. Logo, ninguém poderá interpretar VERDADEIRAMENTE a Bíblia em desacôrdo com a Tradição, sem errar, e sem faltar com a sinceridade, sem usar dois pesos e duas medidas.

10. S. PEDRO EM ROMA — Afirma o nosso homem que São Pedro não esteve em Roma, não podendo, pois, ser Papa.

Para destruir o sofisma, não é preciso trazer a aluvião de testemunhos que existem. Basta citar o Dr. Júlio Motti, metodista de Garibaldi, neste Estado, que escreveu um opúsculo, no qual diz: «Afirmar que S. Pedro não esteve em Roma é dar demonstração de ignorância». Um metodista com outro se destrói. Cito também a Lutero e Calvino que declararam não poderem negar a estadia de S. Pedro em Roma, onde foi morto por Nero. (em 29 de junho de 67). Em Roma está seu túmulo. Há dois anos foi encontrada uma casa nas escavações mandadas proceder pelo Duce, e em uma das paredes se encontrou esta inscrição: «Nesta casa se hospedaram Pedro e Paulo».

Basta isso para quem tem boa vontade.

11. CLERICALISMO — Diz êle que não ataca o catolicismo; que ataca o Cléricalismo.

Neste caso, deveria atacar também o Metodismo, por-

que lá também há «clero»; pelo menos, assim se chama, apesar de não ter ordens sagradas.

Então, o nosso impagável guarda-livros quereria um Catolicismo sem Clero? Seria o mesmo que querer medicina sem médico, comércio, sem comerciantes, engenharia, sem engenheiros, pátria, sem patriotas.

Os sacerdotes são os embaixadores de Cristo e todos não o podem ser. Qual é o país em que todo o povo é embaixador? Para que não volte a duvidar, isso se encontra em I. Cor., 4, 1. São, pois, indispensáveis entre o povo. O sacerdócio universal é uma invenção dos protestantes. Os sacerdotes haviam de ser, consoante a vontade de Cristo: «Luz do mundo, sal da terra». Se todo o povo já fôsse sal ou luz, não haveria mister de sal ou luz para conservá-lo ou alumia-lo. São também «dispensadores dos mistérios de Deus». Se todos podem agarrar as cousas, não se haveria mister de dispenseiro. São Paulo se teria calado.

12. CENTO E VINTE DISCÍPULOS — Para defender a sua tese, de que Cristo deu o poder de perdoar os peccados não só aos Apóstolos, mas a todos, nas pessoas de quase 120 discípulos, me faz uma injustiça, dizendo que estou sofismando, quando afirmo que essa reunião se dera **depois de Jesus ter subido aos céus, quando, pois, nem estava mais na terra** (Atos, 1, 15).

Em vez disso, êle é que sofistica vergonhosamente, querendo fugir da responsabilidade de uma afirmação que êle não poderá provar, lançada só para impressionar ao indígena ignorante.

E' um fato sabido e só um louco pode negar que 1) o poder de perdoar peccados foi dado no **dia da Ressurreição, à tarde** (Jo. XX, 19): «Chegada, pois, a tarde daquele dia — de Ressurreição — Jesus pôs-se no meio d'êles», etc.; 2) a **subida aos céus se operou quarenta dias depois** — (Atos, 1, 3): «Sendo visto por êles — depois da Ressurreição — por espaço de quarenta dias», etc. Depois o livro dos Atos

fala das instruções e dos mandamentos dados: «aos Apóstolos que escolhera (verso 2 do mesmo capítulo), foi elevado às alturas e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos» (verso 9).

Em seguida, depois dos anjos terem vindo e terem dado a nova de que Jesus tinha ido ao céu «como o vistes ir», acrescenta o verso 12: «Então voltaram para Jerusalém, do Monte das Oliveiras»... E só depois, no verso 15 do mesmo capítulo, se diz: «E naqueles dias (nem naquele dia mesmo) levantando-se Pedro no meio dos discípulos, disse (ora, a multidão — à qual se dirigia Pedro — era quase de cento e vinte pessoas): E então Pedro propôs a substituição de Judas que **foi contado conosco**» (disse para tapar a boca ao abade que afirmava: «nunca ter sido Judas cristão»).

E quanto à multidão, trata-se da multidão à qual se dirigiu Pedro propondo a substituição de Judas. E isto «naqueles dias», depois da Ascensão de Jesus ao céu. Onde o tal poder de perdoar pecados a todos?

Mas basta, porque estou eu gastando pólvora em chifimango (ai de mim, por que fui eu ofender êste inocente passarinho? Mas, consolo-me com a certeza de que vai ter uma brilhante defesa do defensor da sogra).

Por que estou eu gastando cera com tão ruim defunto? (Quero ouvir também a apologia do defunto do cemitério, ouviu, sr. abade da zona?) Mas chega isso.

O que ficou dito é prova suficiente para quem tem boa vontade.

13. O PRIMEIRO PAPA — Já disse que existe um adágio popular: «Cada macaco no seu galho» (teremos que ouvir a defesa do macaco). E o sr. abade de Ibirapuitan não quer entender. Mete-se a teólogo (veremos depois com que infelicidade) e mete-se também a historiador.

Agora vejamos o que êle afirma («Jornal do Sul», n. 93): «O Papa Leão I foi o usurpador de Jesus Cristo (já vimos

a mentira com a lista dos Papas anteriores). «Assim, pois, o primeiro Papa começou em 440, que foi quando subiu ao pontificado Leão I». Pois bem, convido o leitor a saborear um «grilo» histórico do nosso homem. Pois a sua infelicidade o faz dizer, no mesmo jornal, que não aceitava os testemunhos de São Jerônimo, Irineu e Efrem, porque **nada mais eram do que cegos instrumentos da tirania papal**. Pois todos três viveram e morreram antes de nascer Leão I. Como pôde haver «tirania papal», antes de haver Papa?

E depois sou eu que sofismo, hein? Sou eu o Padre «bobalhão» que engana o povo?... E a verdades como esta é que se dá o nome de **verdades evangélicas**... Que tal? Se, sendo verdades, são mentiras descomunsais, como não serão as mentiras protestantes?

14. CAULY — Citara êle Cauly contra certos abusos da Igreja (nos costumes, sob a pressão dos poderes públicos, na Idade Média). Pediu, então, que trouxesse o texto original. Mas, naturalmente, queria o texto completo e não interpolado. Pois êle, para enganar o povo a respeito do que realmente diz Cauly, só traz as acusações e a realização de fatos, que eu não tinha negado, **mas cala a interpretação que êsse autor faz dos mesmos**. Isso é sinceridade? E' o cúmulo do cinismo. Pois após trazer os fatos de doze Papas, pouco edificantes, que houve em sessenta anos, o mesmo Cauly escreve: «Mas, **cousa maravilhosa e que mostra até que ponto Deus vela sôbre a sua obra** (que é a Igreja Católica), **nenhum desses Papas, mesmo dos mais indignos, faltou à sua missão, como chefe da Igreja**. Nem um só trouxe para a Cadeira de S. Pedro o ensino do êrro, nem procurou justificar sua conduta alterando as santas leis morais... E nem todos foram homens sem merecimento. Bento IV era um Santo; Anastácio III, João X, Leão VII, Estêvão IX deixaram uma memória imaculada... Elevados ao trono pontifical pelas facções muitas vêzes sem autoridade e sem liberdade, como podiam os Papas dessa época

preservar da decadência os povos que lhes foram confiados?»

Estão aí as verdadeiras palavras de Cauly, traduzidas do original francês (Cours d'instruction religieuse, p. 423). Nada mais significam do que uma tempestade inevitável na Igreja. Mas ela não soçobrou com isso, nem podia soçobrar. Nem o diabo com sua astúcia prevaleceria contra ela. Foi só o que se deu.

15. ESCÂNDALOS — Eu disse que escândalos não poderiam faltar na Igreja Católica. Entre os doze Apóstolos houve um Judas. Êste nada provaria contra Cristo e os Apóstolos.

Assim, a existência de Padres maus em nada prejudicaria à Igreja. Para quem traz o exemplo dêles, seria amostra de alma rasteira do que anda à cata de imundícies, no monturo da História da Igreja.

Mas o nosso homem tem um prurido de vomitar alguma imundície. E lá vem o caso de Caxias, que nada significa contra o Catolicismo, pois o Padre mesmo (Agostinho Ghisleni) declarou no «Correio do Povo» que a culpa era unicamente dêle e não da Igreja.

Quanto ao caso do Paraná é o mesmo. Essas cousas, já o disse eu, formam o «estêrco» da Igreja Católica, e não ela mesma.

Espero que o nosso homem não volte neste ponto, porque senão serei obrigado a mostrar que o protestantismo é sem comparação mais escandaloso. Pois, sendo poucos os protestantes no Brasil, já enchem um volume de escândalos cabeludos, cousas do «arco da velha», escritas pelo Sr. Crimilde Leite de Aguiar, que foi protestante durante 28 anos (do ano 25 de sua idade até ao 53). Ele andou lá por dentro e nos faz revelações pra lá de sensacionais.

Eu, para mostrar que não sou como êle, caló. O livro se chama «Protestantismo Indesejável». Crimilde Leite de Aguiar mora no Rio (Rua S. Pedro, n. 84).

E nem precisaria catar os escândalos dos protestantes crioulos. Bastaria trazer as palavras e os fatos de Lutero, do qual o líder luterano d'este Estado, George Kritch, diz não se prestar de forma alguma para sanjo, (porque era amigo de regabofes e comezainas, de palavras suínas e de mulheres). Calvino, então, era uma fera. Etc.

16. CELIBATO E CASAMENTO — Quer provar a mim que o casamento foi instituído por Deus. Está chovendo no molhado. Para quem quiser casar, entendido! Assim que não basta o casamento civil, como com êle se conformam muitos protestantes. A instituição divina se administra pela Igreja, como diz São Paulo: «O Matrimônio é um grande Sacramento, mas em Cristo na Igreja.»

Mas Deus não entendeu obrigar ninguém a casar. No Gênesis disse Deus: «Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra; dominai-a; dominai aos peixes do mar e as aves do céu, e a todos os animais que se movem sobre a terra». (Gên. 1, 28).

Assim, quem não vê que a lei se refere só a Adão e Eva? Pois, se Deus tivesse dito só: «Crescei e multiplicai-vos», ainda se poderia duvidar. Mas «crescei e multiplicai-vos. Vós que tendes o poder sobre tôdas as cousas». Pois, quem tem hoje o poder sobre tôda a terra e os animais?

E o celibato não é um dogma. E' uma lei DISCIPLINAR da Igreja.

Mas, como tôdas as leis da Igreja, esta do celibato tem fundamento na Bíblia.

Disseza Jesus: «Eu vos vim dar o exemplo, para que, o que eu fiz, vós também façais».

E não era Jesus solteiro? E não devemos imitar a Cristo?

Quanto ao casamento de Pedro, é claro que êle foi casado, mas abandonou a mulher para seguir a Cristo;

pois, quando Jesus dissera: «Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, mãe, e MULHER e FILHOS e irmãos, etc., não pode ser meu discípulo» (Lucas, 14, 26), foi pronto em dizer (e êle só o disse como para tapar a bôca dos protestantes — Deus sabe o futuro): «Eis que nós deixamos TUDO e te seguimos» (Luc. 18, 28). TUDO o que? O que Cristo pedira como condição essencial para ser discípulo. Isso é claro como água limpa. Portanto, deixou a mulher também.

E depois São Paulo fala de um modo infosismável sobre a virgindade dos que servem a Deus. Em Coríntios 7, 7, diz: «Porque quisera que todos os homens fossem como eu...» E êle era solteiro, porque diz, a seguir (8): «Digo porém aos solteiros e às viúvas que é bom ficarem como eu (isto é, continuarem assim, sem casamento). E acrescenta, nos versos 32 e 33 do mesmo capítulo: «O solteiro cuida das coisas do Senhor, em como há-de agradar ao Senhor; mas o que é casado, cuida das coisas do mundo, em como há-de agradar à mulher». Esta é a verdade infosismável. Para quem serve a Deus é conforme o espírito de Deus que não se case. Logo, isso não é «invenção do papismo».

17. A CONFISSÃO CONSTA DA BÍBLIA — No número 109 do «Jornal do Sul», o nosso homem pretende tapar o sol com a peneira, que outra coisa não é o querer provar que a confissão não se encontra nas Escrituras Santas. E isto êle quer dizer com dois argumentos: um positivo: Cristo não confessou, e outro negativo: Não consta da Bíblia a confissão auricular.

Quanto ao primeiro: que Cristo perdoasse pecados, como perdoou em diversos lugares da Bíblia, sem confissão, era muito lógico, pois Êle como Deus sabia todas as coisas, e por isso não tinha necessidade de ouvir confissões. Que os Apóstolos não confessassem, isso não pode dizer V. Senhoria, porque cada vez que êles falam de penitência,

supõe-se a fizessem ou mandassem fazer pelo modo como a instituiu Cristo.

Vimos já como Sto. Tomás de Aquino, que V. S. citou contra mim como sendo «uma consciência despertada por Deus», referindo-se à passagem de S. Tiago: «confessai-vos uns aos outros», achou que era evidente que se referia a confissão feita aos sacerdotes como exige o texto de João, XX, 23. A Igreja Católica também diz: Sacramento da Penitência, entendendo tudo o que faz parte da absolvição dos pecados, como o exame, o arrependimento e o propósito, a confissão e a satisfação.

Quanto a parábola do publicano e tôdas as justificações antes da morte de Cristo que traz sem confissão, é claro que nada significam, porque além de ser pelo fato supra, a Confissão foi instituída no dia da Ressurreição, à tarde, portanto, só depois de ter Jesus morrido. Assim que nada dizem. E se quiser, hoje mesmo pode alguém se justificar dos seus pecados sem confissão, uma vez que não a possa fazer, desde que se arrependa, prometendo de emendar-se e recorrer o mais cedo que puder, ao meio estabelecido por Deus para o perdão dos pecados, que foi pelo Sacramento da Penitência, como veio atravessando os séculos.

Nas Epístolas, porém, fala-se muitas vezes em Penitência. Mas é claro que por penitência entendessem os Apóstolos o mesmo que a Igreja entende hoje. Uma das condições para a penitência ser completa é a confissão. Assim se entendeu desde os tempos de Cristo.

Vou retorcer o argumento: — Cristo também não batizou a ninguém, nem aparece na Bíblia um só lugar em que os Apóstolos se tenham batizado ou que batizassem em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, mas aparece que batizaram em nome de Jesus. Seguir-se-á, impagável teólogo das dúzias, que não se deve batizar, nem que os Apóstolos não eram batizados ou que não batiza-

vam como Cristo lhes tinha mandado? Pois é o mesmo caso.

2º Argumento: «**Não consta na Bíblia**». Não consta menos que o **BATISMO**. O Batismo só consta **explicitamente uma vez**. E' em São Mateus, 28, 19. Nos mais lugares, fala-se em «Batismo», às vêzes em «Batismo em nome de Jesus» (Atos 2, 38; etc.).

Uma vez foi instituída a confissão **explicitamente** (Jo. XX, 23): «**Aqueles a quem vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e áqueles aos quais vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos**».

Deus é que do céu perdoará os pecados, mas **homologando a absolvição dos que deixara na terra encarregados de perdoar os pecados**. Isso é mais claro do que água limpa.

Assim também, Deus é que dá a graça santificante. Entretanto, se a pessoa não se batiza por intermédio do elemento humano, **não receberá a graça santificante pela primeira vez**. E se para a primeira justificação precisa o homem de um homem, porque poderá dispensá-lo a segunda vez?

Não vê que está exorbitando? E, no entretanto, as duas vêzes Deus é que dá a justificação. Implicitamente, **sem explicar o modo**, entende-se a confissão também quando Jesus deu a S. Pedro o Poder das chaves e o Poder de ligar e desligar, estendendo mais tarde a todos os Apóstolos. Lutero chama o capítulo do seu catecismo em que trata da confissão: «Do poder das chaves». Cheira a Romanismo, não? Sim, Lutero era, sem dúvida, muito católico...

Vimos como S. Tiago fala da confissão a se fazer «uns aos outros, entendendo. Sto. Tomás por êstes outros a «sacerdotes», o que parece confirmar-se pelo fato de que êle, Tiago, está tratando dos irmãos doentes, para os quais se deveria chamar os **Presbíteros da Igreja** (v. 14) que «ungissem o doente com os santos óleos e a oração da fé salvará o doente... e, se houver cometido pecados, ser-

he-ão perdoados». Por que meio? Pela oração da fé feita pelos Presbíteros chamados. E' claro, porque é d'elles que se trata.

O sacerdote ou presbítero católico perdoa os peccados também **com uma oração**. Diz êle: «O Senhor Nosso Jesus Cristo, te absolva, etc... Eu te absolvo, em nome 'do Pai, e do Filho e do Espirito Santo». Em seguida, faz mais uma oração (Ritual Romano — Sacramentum Penitentiae). Quem não vê a semelhança de proceder entre o sacerdote do Apóstolo e o atual?

Para os que têm bom senso, estranho seria, se fôssem diferentes, uma vez que se trata dos mesmos presbíteros.

São João, por sua vez, diz: «Se confessarmos os nossos peccados, Ele (Jesus) é fiel para nos perdoar os peccados... Confessar como? Como Jesus quis: aos encarregados.

É, sem tirar nem pôr, o mesmo que o batismo.

Falam os Evangelhos, a Epístola aos Romanos e a Primeira aos Coríntios e os Atos sôbre o batismo, mas em geral. O como se faria isso é suposto pelo texto.

Diz o nosso homem (Jornal citado, n. 109): «Tratando-se de uma cousa tão importante para a salvação (como é a confissão, no conceito da Igreja), por que Jesus Cristo, ou ao menos os Apóstolos, não falavam claramente, para que ninguém tivesse dúvida sôbre coisa de tanta importância?»

Por que? Porque era desnecessário dizer mais lo que ficou dito! Pouco falam os Evangelhos sôbre a Santa Ceia, e das Epístolas, tirando a Primeira aos Coríntios, nenhuma fala dela. Do batismo, que é o **mais importante dos sacramentos**, como vimos, só se fala claramente **uma vez**. E tirando duas epístolas que se referem ao batismo, **nenhuma fala sequer em batismo**. E, segundo o nosso abade, que falta de cuidado por parte dos Apóstolos! Uma cousa tão importante a deveriam repetir a cada instante e explicar o como se fazia, etc.

Mas é que, quando êles falam em EVANGELHO ENTENDIAM EVANGELHO COMPLETO, e não deturpado, ou diminuído e alijando-se do mesmo SACRAMENTOS, como fazem certos hereges.

E' que os Apóstolos julgavam ter leitores CORDATOS, obedientes à Igreja (UMA SÓ), a qual seria a COLUNA E FUNDAMENTO DA VERDADDE (I Tim. 3, 15), e «quem não ouvisse a ela, seria tido como pagão e publicano» (Mat. 18, 17). Essa é a verdade.

A confissão, portanto, consta da Bíblia (João XX, etc.).

Faz parte da penitência de que se fala tantas vèzes na mesma.

Vejamos, agora, se consta na história.

18. A CONFISSÃO CONSTA DA HISTÓRIA — Onde o nosso homem é máximamente infeliz, é na história da confissão.

Até quando abusarás, portentoso abade, da ignorância dos teus leitores?

Desculpe o «tu» momentâneo; deu-me o prurido de imitar a Catilinária. Pensas estar na África?

Na exegese, sua infelicidade foi total, mas não aparece tanto aos do povo, como os fatos da História. A mentira tem pernas curtas. Dura enquanto não vem a verdade.

E, em assunto de História, o nosso abade passou aos leitores um verdadeiro conto do Vigário (se for coerente, fará a apologia do Vigário.) Fêz o que se chama: passar «gato por lebre».

Falem os documentos. Eu não faço como êle, que me atribui sofismas, mas não prova porque nem como sofismo. E' que a verdade não sofisma, e nesta polémica tenho a honra de representá-la, pois o meu adversário representa uma verdade nascida em 1729 (com o ano da fundação do metodismo). Já antes dêsse ano havia verdade no mundo. Esta não se descobre em 1729, pelo me-

nos em cristianismo, não, como em pólvora tão pouco.

Vejamos a «calva» histórica do nosso velhote.

No número 91 do «Jornal do Sul» de terça-feira, dia 17 de abril (ficava melhor se fôsse no dia 1º), vemos essa solene declaração do abade: «Não há intelectual (inclusive êle, entendido) que não saiba que a confissão auricular não é um Sacramento, e, sim, uma invenção de Crodogang, bispo de Metz, em 763. (Tomem nota da data).

Já provámos o contrário, em artigos anteriores, mas isso não vem ao caso agora, e virão mais provas adiante.

O que nos interessa sobremaneira é que êle se contradiz por diversas vêzes, de um modo tão vergonhoso, que se vê claramente estar desamparado da razão. E quem falta com a verdade uma vez, não se lhe deve crer nem quando diz a verdade (pelo menos deve-se recebê-lo, com cautela). E a prova da contradição evidente é esta: no número 111 do mesmo «Jornal», do dia 3 de julho, escreve: «No ano de 450, Leão I começou a introduzir na Igreja o uso da confissão secreta...»

Assim, note bem o leitor, JA' NÃO FOI CRODOGANG o fundador da confissão.

E' o caso do lobo que queria comer o cordeiro. «Sujaste-me a água — disse ao cordeiro — Mas como posso sujar-te a água, se esta vem de lá para cá?»

— Se não foi agora, foi há seis meses.

— Mas há seis meses eu não era nascido.

— Bom, se não foste tu, foi teu pai ou avô!

Assim é a sinceridade de certos protestantes.

Têm necessidade de alijar a Igreja Católica e esta DEVE então ter introduzido dogmas não ensinados por Cristo.

Por isso vem o palpite: Foi Crodogang que inventou a confissão.

Provada a mentira, então acha-se outro antes: foi Leão I.

Mas logo se estraga também nisso, por si mesmo.

Falando de Nectário, diz no mesmo jornal: «Assim-
enquanto o bispo de Constantinopla abolia a confissão, o
Bispo de Roma a introduzia. Este fato nos mostra que
a confissão ao padre, ainda que essencialmente diversa
da que se usa agora, não foi introduzida na Igreja Ro-
mana antes da metade do V século». (por Leão I, claro).
Está aí outro «gato» do guarda-livros. Nectário abolia
a confissão que acabara de fundar Leão I.

Isso demonstra que o nosso guarda-livros, ou tem
orelhas respeitáveis, ou pretende enganar.

Pois Nectário aboliu, não a confissão, mas o sacerdote
penitenciário no ano de 390 — sessenta anos antes de
Leão I ter fundado a confissão feita ao sacerdote...

E por cúmulo vem esta afirmação: «Uma cousa, po-
rém, é certa: que até o IX século a confissão auricular
não existia...»

E' verdade que êle se declarou já velho. Mas não
pensava que fosse caduco...

Mas vou explicar eu a verdadeira história da con-
fissão.

No princípio, era evidente, não podia haver a ARRE-
GIMENTAÇÃO que se foi operando gradativamente atra-
vés dos séculos.

Cristo entregou à sua Igreja todos os dogmas, que
ela ia praticando, sem fazer alarme a respeito dêles. Ela
recebeu todo o «depósito» de fé de que fala S. Paulo.

Pelas palavras que Jesus dissera ao seu capataz (ao
qual entregou as suas ovelhas e seus cordeiros — João,
último cap.): «Eu te darei as chaves do reino dos céus;
tudo o que ligares na terra será ligado nos céus» (Mat.
16, 19), S. Pedro e seus sucessores teriam o poder de
REGULAMENTAR a prática das verdades ensinadas e

deixadas por Cristo sob sua custódia e responsabilidade. Vigiam, portanto, pelas suas ovelhas. E quando se fazia mister por esta ou por aquela heresia negar ou pôr em dúvida algum dos pontos de fé recebidos, então levantavam o seu cajado pastoral e fustigavam o lobo (muitas vêzes desfarçado de ovelha) e declaravam alto e bom som qual é o sentido verdadeiro de uma verdade ensinada por Cristo. E declaravam-se assim dogmas.

A DECLARAÇÃO de um dogma, não é a INTRODUÇÃO de uma crença, mas meramente a AFIRMAÇÃO de uma verdade sempre tida por todos os séculos como tal. Foi o que se deu a respeito da confissão.

Nos primeiros séculos ninguém pensou em duvidar dessa instituição divina. Também não era regulamentada.

Confessavam-se os primeiros cristãos segundo as necessidades e está quase certo que só acusavam as faltas graves. E' que, tendo vindo do paganismo, as consciências eram um pouco laxas, assim que custavam achar um pecado grave. Mas sempre houve a confissão, embora não com a frequência de hoje.

Havia confissão pública de CERTOS pecados públicos, como até hoje existe para os pecadores públicos. Pública era a confissão, enquanto pública devia ser a demonstração do arrependimento pelas penitências que cumpriam.

Por exemplo, o caso de Teodósio, que ficou três dias à porta da igreja, em Milão, para poder ser reintegrado no número dos fiéis.

Ao lado desta penitência, que deviam fazer especialmente os cristãos que tinham sido apóstatas por medo das perseguições, sempre existiu a confissão secreta para os pecados comuns. Ao lado dos presbíteros comuns para estas confissões, se estabeleceu o sacerdote penitenciário, com poderes especiais como até hoje só existe na Igreja de S. Pedro em Roma.

E, visto o Abade (!) Joaquim, os Albigenses e Wál-

denstês terem duvidado da divindade da confissão, do Mistério da Santíssima Trindade, da Santidade do Matrimônio, da Matéria do Batismo, achou a Igreja oportuno declarar que existe o Mistério da Trindade, que a matéria do Batismo devia ser água (dirá o novo abade que ela inventou o Mistério da Santíssima Trindade e o Batismo?) e que a confissão se faça ao menos uma vez ao ano e que a comunhão se tome uma vez ao ano, pela Páscoa da Ressurreição. Foi isso em 1215.

Dirá o nosso homem que a Comunhão também foi inventada e feita Sacramento por Inocência III? Seria rematada loucura. Pois, está no mesmo plano a confissão. Sem tirar nem pôr. Tudo se tratou no mesmo Concílio.

A propósito, é preciso que se saiba que a REGULAMENTAÇÃO é da alçada da Igreja, como vimos, e veio muito depois, em TODOS OS PONTOS do cristianismo. Assim, por exemplo, em que dia se celebraria a Páscoa, sobre o Batismo de crianças, etc.

O Batismo também era à vontade, no princípio. Sto. Agostinho, filho de uma Santa (Santa Mônica), só se batizou aos 30 e tantos anos. Por que deveria surgir desde o princípio a regulamentação da confissão? Só para tapar a bôca aos protestantes? Seria dar-lhes muita importância.

Pela verdadeira história da confissão, porém, não vemos a introdução dela em nenhum século, porque todos a supõem. E se tivesse sido inventada por alguém, é possível que não se soubesse quem foi? E aquêlê que quer apontar nomes de inventores, faz fiascos, como o nosso guarda-livros.

Mas, voltando a Leão Magno, que foi que êle fêz? Inventou a confissão? O nosso homem ouviu cantar o galo, mas não sabe onde. Êle não fundou a confissão, nem sequer a declarou dogma. Apenas fala nela em Carta ao Bispo Teodoro de Forli, a 11 de junho de 452 (não

em 450) e aos Bispos da Província de Campânia (não aos Bispos da campanha, como por ignorância diz o nosso homem); fala da Regra Apostólica a respeito da confissão a se fazer só aos sacerdotes. Isso foi em 6 de março de 459. Onde a fundação do dogma, se **êle supõe que seja um costume apostólico?**

Quanto às confissões de frades mandadas por S. Bento e outros Abades, não se trata de fundação de confissão, mas queriam que os frades contassem, na confissão, **até as faltas leves**. E é claro que um frade, que aspira à perfeição, devia ser mais escrupuloso do que outra pessoa do povo. Mas isso era lei particular da ordem, sem vigor universal, **porque até hoje os pecados veniais não são matéria necessária para a confissão**, porque dêles se pode obter o perdão por outros meios.

Assim que não houve introdução, mas **unicamente** mais ou menos regulamentação de uma genuína instituição de Cristo.

Já vimos que antes de Leão Magno falam da confissão inúmeros historiadores.

Não quero abusar da paciência do leitor trazendo todo o aluvião de testemunhos que tenho aqui à mão. Citarei apenas o nome dêles, nem de todos.

São Teodoreto, falecido em 434; o Abade São Nilo, falecido em 432; Sozômeno, falecido em 430; Marcos, o Eremita, morto por êsse mesmo ano; Santo Agostinho, falecido em 429. Êste tem muitas passagens a respeito da confissão secreta e, visto o meu adversário lhe ter reconhecido a autoridade, por tê-lo citado contra mim, embora sem razão, porque se tratava da tradução de uma palavra de uma língua que êle não conhecia, diz no sermão 392: «Ninguém diga: Eu faço penitência secretamente diante de Deus... Se assim fôsse, para que disse Jesus Cristo: «**Tudo o que ligares na terra, será ligado no céu?**» Foram debalde confiadas as chaves da

Igreja? Nós abusamos (ouça bem, isso vale para quem foge da confissão!) do Evangelho e transtornamos o que Cristo instituiu». E no sermão 351, diz: «Todo fiel culpado de pecado grave (vem confirmando o que acabamos de dizer a respeito da matéria da confissão, antigamente) todo fiel culpado de pecado grave, deve ir ter com os sacerdotes, porque a êles (limpe os óculos, cara guarda-livros que o testemunho é importante!) porque a êles é que foi confiado na Igreja o poder das chaves». Como falaria assim Santo Agostinho, se só depois é que Leão I iria fundar a confissão feita ao sacerdote?

Mas citemos os outros autores que falam igualmente da confissão a se fazer aos sacerdotes, começando pelos mais novos, mas sempre antes que Leão reinasse. São Jerônimo, falecido em 381; S. Gregório Nazianzeno, falecido em 389; S. Gregório Nisseno, falecido em 371; S. Paciano, falecido em 370; Santo Ambrósio, falecido em 370; Sã o B a s í l i o, falecido em 365; Astério, falecido pelos mesmos anos; Sto. Efrém (diácono), falecido em 362; Sto. Hilário, falecido em 355; Sto. Atanásio, falecido em 350; Eusébio, historiador, falecido em 325; Latâncio, falecido em 303; Afrates, nascido em 280; S. Pedro Alexandrino, falecido em 283; S. Cipriano, falecido em 248; Orígenes, falecido em 230; Tertuliano, falecido em 199; Sto. Irineu, falecido em 202; S. Clemente, terceiro sucessor de Pedro, falecido em 100; as Constituições Apostólicas, que remontam à mais alta antiguidade (pelo ano 70); S. Dionísio Areopagita, falecido no ano 60, mais ou menos; e o Apóstolo S. Barnabé, falecido no mesmo ano.

Isso para citar só os que antes de Leão Magno falam em confissão feita ao sacerdote, pelo modo como todos os séculos entenderam e como foi entendida mesmo pelos hereges orientais como os Nestorianos que saíram da Igreja Católica antes do Pontificado de Leão Magno,

porque foram condenados pelo Concílio de Éfeso, em 431.

Pois bem, seria mais do que loucura admitir que os hereges, separados antes de Leão, fôsem adotar uma autoridade, da qual se procura discordar e depois de ter brigado com ela. O mesmo vale dos gregos-ortodoxos e cismáticos, separados pelos anos 800, mais ou menos. Sabendo êles que Leão teria sido o inventor da confissão feita ao sacerdote, como a praticariam hoje, como fundada por Cristo?

Pense!

CONCLUSÃO — Mas temos muitos testemunhos suspeitos de protestantes que pensam como nós a respeito da confissão. Assim, por exemplo, Isaac Casaubon, teólogo Calvinista, diz:

«Cumpre não dissimular a diferença que eu encontro entre a nossa fé (protestante) e a da Igreja primitiva... Lutero desviou-se dos antigos no que respeita aos sacramentos».

O mesmo, em um tratado teológico, diz: «Aquêles que se aproximam da mesa sagrada... devem confessar os seus pecados não só a Deus, mas se há necessidade, a um padre» (admito que queira dizer ministro).

Leibnitz: «E', sem dúvida, um grande benefício de Deus, o ter dado à sua Igreja o poder de perdoar e de reter pecados, poder que ela exerce por meio dos Padres, cujo ministério não se pode desprezar sem pecado».

Henrique VIII, do qual falou mal o «abade», era fundador da seita anglicana, e assim êle escreve: «Quando mesmo não soubesse que Deus tenha fundado a confissão (como sabia), bastaria saber-se que ela foi acreditada e professada em todos os tempos e lugares, para ficarmos firmemente convencidos de sua origem divina».

E, por fim, ouçamos ao ferrenho Gibbon, (o protestante), na sua História do Império Romano: «O homem instruído — diz êle — não pode resistir à força da evi-

dência histórica, que estabelece a confissão como um dos principais pontos de crença na igreja papista durante os quatro primeiros séculos». (Logo, havia Papas antes de Leão, V século!).

Está, pois, mais do que provado: a confissão consta da Bíblia e da História.

Mas estará por ela a razão humana??

Sim, veremos.

19. A CONFISSÃO E A RAZÃO HUMANA — A natureza humana exige que, quando a consciência se acha carregada de faltas, esta se desabafe. Tenho visto pecadores vir da campanha, fazendo muitas léguas, só para se verem livres do remorso, declarando seus pecados e recebendo um bom conselho e a absolvição.

O nosso guarda-livros, até, acha isso natural, pois afirma no número 98 do «Jornal do Sul» que o protestantismo tem quatro espécies de confissão, sendo a terceira: «A confissão do MINISTRO, se usa, quando o cristão se acha inquieto e agitado pelo estudo de sua alma e recorre ao ministro como conselheiro»...

Ora, não são só os protestantes que têm o direito de serem consolados em suas inquietações. Todos os cristãos têm o direito de serem consolados. E no catolicismo a consolação é ainda maior do que no protestantismo, porque além do desabafo recebe-se o perdão dos pecados, o que é, sem dúvida, um bem muito maior.

Mas, tragamos testemunhos de protestantes mesmos, que serão melhor aceitos do que os meus ou de outros católicos. Vejamos: Leibnitz, teólogo e filósofo protestante, escreveu em seu sistema teológico: «De certo, a Religião Cristã não tem prática mais digna nem mais bela (do que a confissão, de que trata)... Com efeito, a necessidade da confissão desvia muitos homens do pecado, especialmente aqueles que ainda não endureceram no crime e dá grandes consolações aos pecadores...E se sobre

a terra não há felicidade, como a de se encontrar um amigo fiel, que felicidade não será a de ter encontrado um Padre que é obrigado pela religião inviolável de um sacramento divino (veja a confissão do homem e espelhe-se nêle e verá como fica, meu abade) a socorrer as almas».

Outro protestante, Lord Fitz William, em suas «Cartas a Attico», escreve: «Enquanto o cristão de qualquer seita se examina de leve, e se absolve com indulgência, o cristão católico é escrupulosamente examinado por outro; espera o decreto de réu, suspira pela absolvição consoladora que lhe é concedida ou negada, em nome do Altíssimo. Que meio admirável de se estabelecer entre os homens a mútua confiança, a perfeita harmonia no exercício de seus deveres!...

Que segurança, que prova exige de cada indivíduo para o cumprimento de seus deveres e para o exercício de tôdas as virtudes: a justiça, a benevolência, a caridade e a misericórdia. Poder-se-á encontrar isto em alguma outra religião?»

Os luteranos de Nuremberg, espantados em vista dos crimes que se cometiam depois de abolida a confissão por Lutero, chegaram a pedir a Carlos V o restabelecimento da confissão entre êles, ao que êle retrucou: «Se não soubestes respeitar a confissão fundada por Cristo, menos respeitareis uma instituição humana».

E para terminar, citarei o que dizem dois protestantes, um deles metodista, sôbre as vantagens para a natureza humana, advindas da confissão auricular.

Numa reunião de cêrea de mil ministros protestantes em Nova Iorque — reunião que se faz anualmente na Federação das Igrejas Protestantes — vários oradores discursaram, no dia 7 de fevereiro de 1927.

Distinguiu-se entre todos o Dr. Fosdick, da seita batista, o qual defendeu e apregooou a confissão, e atacou acerbamente o protestantismo, que a aboliu na sua pre-

tensa reforma, depois de ter vigorado por espaço de 15 séculos.

Nessa mesma reunião houve numerosos congressistas que, consultados sobre o assunto, acharam a confissão muito natural e razoável.

Um jornalista e pastor protestante assim se exprimiu, comentando o fato:

«Nossos irmãos católicos romanos, conservando o confessionário, quase que nos varreram do cenário de um dos campos da atividade humana. Por meio do confessionário estabeleceram eles um serviço estupendo para o **tratamento das almas enfermas**. Um bom sacerdote, por meio do confessionário, pode seguir um tratamento especial do indivíduo, e nós não temos nada que se possa comparar com a confissão. Eu, apesar de ser batista, há seis anos que trabalho no meu chamado **confessionário**. Não acho inconveniente em restaurar o que os protestantes rechassaram: o **esplendor do culto e o confessionário**. Tenho uma oficina à qual podem vir comunicar-me seus assuntos os que se sentem espiritualmente enfermos e interiormente perturbados. Por que não hei-de ajudá-los?... Nós, protestantes, desleixamos a formosura antiga. Em vez de batalhar com as almas humanas para a vida ou para a morte, nos entretemos em discussões».

O pastor Stockman, metodista, assim se manifesta:

«Ao abandonar o confessionário, perdeu a Igreja Protestante uma ou duas coisas vitais. Uma delas — a perda maior — é o banimento da especificação dos pecados. Os protestantes fazem o arrependimento dos pecados demasiado fácil, vago e geral. Assim como não se pode provar a culpabilidade do réu em um tribunal sem aduzir encargos específicos — assim tão pouco se pode provar a culpabilidade da consciência com razões vagas e gerais.

A outra vantagem do confessionário é a que exige ao penitente declarar oralmente os seus p e c a d o s.

Isto é uma ajuda para o arrependimento e um alívio para o pecador».

Está, pois, provado que a confissão está na Bíblia, consta da História e é exigida pela natureza e razão humana. Esta é a verdade evangélica a êste respeito. O mais são lorotas e conversa fiada.

PESCADORES EM ÁGUAS TURVAS

O PROTESTANTISMO no Brasil só pode alastrar-se no campo da ignorância dos católicos, aos quais vão mentindo descaradamente, envenenando o proceder dos Padres e torcendo a verdade dos fatos históricos.

Querem fazer passar nossas imagens que temos meramente como símbolos como sendo as de deuses condenados nas Escrituras.

Deus mesmo foi o primeiro que mandou fazer imagens de anjos e isso no mesmo livro em que proíbe as imagens de deuses, a saber, em Êxodo, 25, 18.

Falam com completo desprezo da Igreja de Cristo, verdadeira, venerável criação divina de 20 séculos de duração.

Da confissão, que consta do cap. 20, v. 23, de S. João e cuja prática nos veio dos tempos apostólicos, ironizam-na como judeus.

Da Comunhão em que se recebe de fato Cristo, falam dela como pagãos.

E se apresentam cinicamente como sendo êles os organizadores ou possuidores da Igreja de Cristo, julgando-se a si mesmos PERFEITOS, santos, que nem reagem diante da ofensa, apesar dos fatos desmenti-los a cada passo.

Um exemplo típico de pregador, Protestante fanático, intolerante e injuriador é, sem dúvida, o ex-pastor de Cunha, Sr. Antônio José Silva.

Provocara êle os católicos que apedrejaram seu templo.

E se apresentou, então, como mártir cristão, vítima dos ROMANISTAS.

Um seu colega, Dr. Paulo Rabelo Teixeira, escreveu uma carta no «Expositor Cristão», mostrando o absurdo do dito pastor querer passar por mártir. Quis êle publicar a carta dêste na íntegra e o disse enquanto escrevia o artigo. Na transcrição, porém, notei que haviam passagens que não diziam respeito ao assunto. Para não cansar os leitores, cortei partes da carta, desnecessárias, esquecendo-me de corrigir a passagem em que dizia que a carta iria na íntegra. Só por êste lápso insignificante, me chama de MISTIFICADOR DOS FATOS. Acha que com isto OS PADRES DETURPAM OS MANDAMENTOS DA LEI DE DEUS... E prossegue: «A' luz das realidades os Padres são réus de morte eterna diante de Deus e dos homens. Perecerão com os ímpios».

No caso de EU ter errado, coisa sem gravidade, SERIA EU O PECADOR. Por que fazer entrar em cena TODOS OS PADRES?

Judas foi traidor. Segue-se, então, que OS APÓSTOLOS SÃO TRAIDORES?

Ondee vamos parar com essa lógica e êsse exagero dos fatos?

O Sr. Silva parece ver tudo com vidro de aumento.

Se os protestantes são tão mansos, por que mistificar assim os fatos? Por que dar tanta importância? E por que alterar-se se o cristão tem de «ouvir e calar»?

E infelizmente não faltam crédulos a nenhum espertalhão que apareça em nossa terra. A tudo se dá crédito. Por isso não deve ficar sem resposta nenhuma mentira, nenhuma calúnia.

Quanta necessidade há que os nossos leitores se instruam na apologia do verdadeiro e único cristianismo autorizado por Deus: o Catolicismo.

Oxalá todos os brasileiros se impregnem da necessidade da Ação Católica.

Que ela seja uma realidade, espargindo a luz meridiana nas águas turvas em que muitos pescadores do mal fazem a fêria de Satanás.

Que os Padres do alto do púlpito ponham de sobre-aviso seus fiéis para que não dêem crédito à lábia untuosa e cheia de mentira desses impostores que têm a desfaçatez de dizer: «QUE A VERDADE REPUGNA AOS PADRES». (Silva em folheto «Martírios Protestantes», pág. 16). Aos Padres repugna que o lobo entre em seu rebanho disfarçado de ovelha, usando desabusadamente o santo nome de Jesus e dizendo-se por conta própria e sem missão legítima, prêgadores do Evangelho... vivendo à margem do mesmo que não admite igrejas novas feitas por homens que todos conhecem.

Essas e muitas outras são as verdades que todos os bons brasileiros deveriam saber para se precatar contra essas aves de arribação.

FARISAISMO PROTESTANTE

1. «PERFEIÇÃO PROTESTANTE»

Em meu artigo no «O Luta^{dor}» — «Martírios Protestantes por mãos católicas» trazia eu como documentos das pretendidas perseguições um livro, de Pedro Tarsier e o caso do pastor português Antônio José da Silva, em Cunha, caso que um outro pastor do mesmo lugar, Paulo Rabelo Teixeira, explicava como sendo tôda a história o resultado da provocação do primeiro. Uma imprudência de Silva.

Indignou-se êste com a carta do colega e publicou um folheto incendiário contra êle, pedindo que eu desmentisse o que tinha dito; somente porque êle, Antônio José da Silva o dizia.

Então, não sabe, Sr. Silva, que ninguém pode ser juiz e causa ao mesmo tempo?

Como vou eu me desdizer se a verdade de sua imprudência permanece de pé? E o provo?! O Sr. Rabelo Teixeira pediu uma sindicância do órgão dirigente metodista para ver se havia perseguições de fato ou se havia em Cunha, um pastor imprudente que desmanchava com os pés o que fazia com as mãos. Resultado: veio agora pelo segundo folheto que está em Piquete. Logo, o govêrno da Igreja Metodista, achou que o acusante tinha razão e com êle e o Sr. Rabelo Teixeira posso sustentar que as tais pretensas perseguições de Cunha foram provocadas pelo «evangélico pastor».

E vamos ao segundo folheto que contra mim escreveu o dito pastor com o título: «Martírios Protestantes».

Procura neste folheto o Sr. Pastor português provar

sua inocência e explora o que eu disse de que o povo não discute, mas vai logo às vias de fato, ao argumento mais prático ao seu alcance.

Aí êle acha que eu aqulo a massa a usar da fôrça. Isso é torcer a verdade!

Ele não vê que eu consigno apenas um fato real. Se fôsse psicólogo êle também teria reconhecido isso a tempo. Daí a tempestade que provôcou. Daí a pantomina das perseguições cabotinas para passar por mártir.

E pelo povo católico ainda não ter alcançado a perfeição evangélica de agueñar tudo calado, acha que eu reconheço a inferioridade católica e a inutilidade dos sacerdotes como doutrinadores.

Textualmente: «Onde está a benfazeja atuação da Igreja Romana, se os seus adeptos ainda são incapazes de obedecer aos preceitos divinos, agindo como primitivos, com vias de fato e violência?»

Nós, os católicos, reconhecemos que somos capazes de perder a paciência, porque ainda não alcançamos a perfeição. Entretanto, ponhamos os pingos nos «ii».

Se pecamos a êste respeito NADA TEM QUE VER COM ISSO NOSSA SANTA RELIGIÃO, à qual faltamos por nossa ruindade.

Não disse Cristo que «a carne era fraca, mas o espirito pronto»?

E o que faz perder a paciência não terá também parte na culpa? Confesse, Sr. Silva.

Cristo, como Sêr perfeito, não tomou êle o azorrague e não foi às vias de fato? Fracassou a Religião por isso?

Pedro, na hora «H», não puxou do facão e não cortou fora uma orelha alheia?

Com isso fracassara Jesus como doutrinador?

Segundo o «inocente» ex-pastor de Cunha os protestantes, sim, êsses são uns anjinhos caídos do céu por

descuido, são umas pombas sem fel, uns cordeirinhos: para lá de mansos. Deixa-se até tosar, sem se queixar...

Ouçamos textualmente suas palavras: Os evangélicos (?) nunca dizem desaforos aos católicos»... «Os evangélicos (?) que os Padres tanto combatem já atingiram essa perfeição de ouvir e calar em obediência ao Divino Mestre. Não provocam, não revidam as monstruosidades católicas». etc.

Isso é puro farisaísmo, pura mentira que logo se descobre.

Não são como os outros. São santos... Os católicos é que são maus...

Não se dá conta que ÉLE MESMO — já não falamos nos outros — se desmente palavra por palavra.

Diz êle: «Os evangélicos já atingiram essa perfeição de ouvir e calar, não provocam nem revidam as monstruosidades católicas».

E porque não calou quando seu colega Dr. Paulo Babelo Teixeira escreveu aquela carta explicando os fatos de Cunha? Por que escreveu contra êle o folheto «Perseguição Religiosa» no qual — diz o segundo folheto pág. 9 — «a referida carta foi reduzida «A MENOS DE ZERO»?!?! Por que se ergueu como uma cobra contra o meu artigo se êle é realmente evangélico que não revida nada, que aguenta tudo? Que contradição é essa?

Os evangélicos já atingiram a perfeição... Está-se vendo todos os dias.

Aqui não faz um ano que um metodista reagiu à bala contra um católico porque lhe queria dar uma bofetada. E era um evangélico perfeito porque para Silva OS protestantes são perfeitos.

Henrique VIII matou «evangélicamente» cinco mulheres para viver «evangélicamente» com a que sua sensualidade desejava. O barba azul também era dos perfeitos...

O evangélico Lutero era o desbragado que conhecemos na história. E era perfeito...

Cremilde Leite de Aguiar — ex-protestante — escreveu um livro: «Protestantismo Indesejável» onde está relatada a sujeira protestante no Brasil.

Mas êles seguem a perfeição de Jesus! Quanto cinismo farisaico!

E vem agora o Sr. Silva a querer tapar o sol com a peneira.

Cá e lá más fadas há.

Donde nos vem a maior sujeira de todos os tempos, senão pelo cinema de Hollywood?

Não é do PROTESTANTE Tio Sam? E êles são perfeitos!...

Onde está a situação benfazeja do protestantismo em Norte América se a avalanche do mal se vai avolumando cada vez mais?

Apesar das brabesas do nosso povo, aqui ainda não há o banditismo organizado com gangsters e metralhadoras.

Aqui não há linchamento de negros como na terra dos protestantes se faz, creio que «evangêlicamente».

E até vergonhoso estas aves de arribação se acharem com o monopólio da verdade, da Bíblia, de Cristo e do Evangelho. Isso é desaforo dos grandes!

Ficai sabendo, ó néscios, a Igreja Católica é o único verdadeiro evangelismo autorizado por Cristo. Os demais pregadores desde Lutero a Daniel Aweri são INTRUSOS NA IGREJA DE DEUS, impostores sem credenciais e nada mais.

2. COVEIRO DO CATOLICISMO — Segundo se desprende de todo o folheto o catolicismo está agonizante, está prestes a acabar.

Pobre pigmeu êsse Silva!

Gigantes do pensamento disseram o mesmo. E êles

morreiam e a barca de Pedro, em que por vêzes parece dormir Cristo, vive ainda cada vez mais forte.

Lutero dissera: «Minha morte será tua morte, Papa». E morreu Lutero e vive o Papa. Morrerá Silva e viverá o Papa e o Catolicismo — o verdadeiro Cristianismo que tem promessa de incorrupção e perenidade.

O Sr. Silva peca pela base.

Ignora o Catolicismo, não sabe que êle é a BÍBLIA POSTA EM PRÁTICA, com a explicação dada por Cristo e os Apóstolos.

Não toca a miseráveis bisonhos da Inglaterra ou da Alemanha organizar no mundo a Igreja para Cristo. Cristo já a fundara: é o Catolicismo. Urge estudá-lo, urge ir a êle, sem o que não tereis a salvação.

Quanto ao parecer de diversos católicos sôbre a religião semi-pagã de certa parte do povo, não segué dai que AQUILO SEJA O CATOLICISMO. Essa parte do povo é uma parte doente que se precisa curar. E' o que se está fazendo pela Ação Católica.

A propaganda protestante só pega quando há ignorância religiosa.

Havendo povo instruído, «os quatro gatos» podem fazer as malas.

Se eu disse que êles fazem uma barulhada de seiscentos demônios não me referia à eficiência dêles, mas ao «bluff» em que estavam deixando o povo e o governo.

São 19.000 metodistas. E numa democracia a maioria manda.

E os «quatro gatos» queriam igualdade de direitos em mandar...

Era a isso que me referia, não aos sucessos dêles, em campo religioso.

Cessai, protestantes, de provocar os católicos com mentiras e ataques e estudai o catolicismo e com Sir Lorimer achareis que não há motivo de protestar contra o

catolicismo, e vos convencereis de que «**não se pode procurar a verdadeira religião sem se chegar à Igreja Católica**».

3. «**INOCÊNCIA**» PROTESTANTE — Para finalizar, voltemos ao assêrto de Silva de que «os evangélicos nunca dizem desaforos aos católicos» e nem os provocam.

Que mentira descomunal! Depois sou eu que minto, quando deixo fora uns tópicos da carta de Teixeira, que não tinham motivo para o caso...

Quantas cobras e lagartos não terá largado sobre o manso povo de Cunha êsse pastor português se até nesse folheto, escrito para provar sua inocência, escrito, portanto, com todo o cuidado, se encontram mais de trinta desaforos graúdos aos católicos! Trinta desaforos!

Se num folheto se descontrola assim, que faria êle numa tribuna?

Vejamos umas amostras:

1. «A Igreja Romana não pode subsistir. **ELA E' O MAL ORGANIZADO...** em seu bôjo fervilham os germes corrosivos»... Pág. 14.

2. Os protestantes são «crentes» e os católicos «incrédulos» P. 7.

3. A Igreja Protestante é «evangélica» a católica é pagã. Ibidem.

4. «Os princípios católicos são de tirania e violência». Ibidem.

5. Condena as imagens, interpretando mal a Escritura». Pág. 8.

6. Diz que a Igreja tirou o 2º mandamento, quando ela tem o da Biblia na íntegra, com 7 livros mais que os protestantes.

7. Atribui ao Dr. Getúlio Vargas umas expressões infelizes de 1925, que até já retratou praticamente. Hoje com os dados estatísticos na mão, êle seria incapaz de

repetir essas frases de antanho. No dia 7 do mês passado ele visitou a minha catedral com grandes mostras de respeito e orou diante da Aparecida, embora mentalmente, e mandou dar um grande auxílio às obras em andamento.

8. Fala em «guante vaticanista». Pág. 7.

9. Os católicos atacam o EVANGELISMO (diga pseudo).

10. Os católicos vivem atrelados a um corpo morto, ignoram o abc das Escrituras.

11. «Os católicos NÃO TEMEM A DEUS, NEM RESPEITAM OS HOMENS»... Pág. 6.

12. Os padres «ACEITEM O EVANGELHO DE CRISTO» — como se não fossem obrigados a VIVER O EVANGELHO. Eles é que têm o EVANGELHO PURO. Quanto descaradismo! Pág. 9.

13. Em contraposição ao Evangelho de Cristo, prega-lo por eles, traz «a falsidade romanista e a mistificação dos padres». Pág. 15.

14. A mentalidade evangélica vai eclipsando as IDÉIAS ERRÔNEAS DO CATOLICISMO libertando os homens do ariete agressivo de Roma papal. (Ibidem).

(Como se o catolicismo não seguisse a mentalidade evangélica!!!)

15. Deseja: destacar as INVENCIONICES DO CLERO ROMANO (por que não diz católico?).

16. Deseja «focalizar o fato de que o JESUITISMO, O INESCRÚPULO E A INCREULIDADE SÃO AS NORMAS DO CLERO». Pág. 16.

17. A proporção que os «verdadeiros» evangélicos (?) avançarem COM A VERDADE, OS ROMANISTAS são forçados a recuar. Pág. 17.

Meu caro Antônio José da Silva, se V. S. disse tanto desaforo em tão poucas páginas, em que afirmara que

OS PROTESTANTES NUNCA DIZEM DESAFOROS AOS CATÓLICOS, nem os provocam, («Os EVANGÉLICOS OUVEM E CALAM». Pág. 6), que de desaforos não dirá quando não cuida a linguagem como cuidou neste folheto em que pretendeu demonstrar a SUA INOCÊNCIA?

Nestes e em muitos outros desaforos que não cito, V. S. demonstrou uma pavorosa má vontade para com o Catolicismo, mistificando a ESPÓSA DE CRISTO, O EVANGELISMO PURO E ÚNICO NO MUNDO.

V. S. como bom português, com certeza meteu as quatro patas nos católicos de Cunha e como eles não tinham sangue de barata e a carne é fraca, V. S. teve de sofrer a consequência.

Mas não se queixe. Ainda teve muita sorte.

Não queira passar por mártir DO EVANGELHO, quando recebeu o retruque das injúrias assacadas contra uma religião milenária e respeitável, a qual, apesar de todas as Cassandras e coveiros, assistiu à derrocada das nações e povos e à divisão e o desaparecimento de centenas de heresias, como a metodista.

Se instituição humana fôsse, teria já desaparecido.

Ela é a exceção da história, PORQUE E' A ÚNICA SOCIEDADE DIVINA.

ELA E' A PERENE IGREJA DE CRISTO. «Eu estarei convosco TODOS OS DIAS ATE' A CONSUMAÇÃO DOS SÉCULOS».

COM UM APÓSTATA

Contra-Resposta ao Pastor de Piquete

1. MA' VONTADE MANIFESTA — Apesar de ter dito que os pseudo-evangélicos (que a si mesmo se apresentam como tais, apesar de, na realidade, serem INTRUSOS na Igreja de Deus, por entrarem pela janela e não pela porta legal, que é a sucessão apostólica), apesar de ter dito que eles «Não provocam nem revidam as moas-truosidades católicas», o ex-pastor de Cunha, hoje no Piquete, perfeito apóstata da única religião verdadeira de Cristo, impenetrável à verdade e à boa vontade, cego voluntário, contradizendo-se mais uma vez, retrucou a alguns folhetos, em que eu convidava aos hereges a aderirem ao Magistério ÚNICO de Cristo — a Igreja Católica — e ao artigo de «O Lutador», em que eu refutava as injúrias de Antônio José da Silva, pastor português das pretendidas perseguições de Cunha, publicando um folheto intitulado: «Carta aberta ao Pe. Liberali».

Começa o tal pastor a contestar que Forster tivesse alguma autoridade quando disse que «a Religião Católica é a mãe de tôda a civilização» por este ter lamentado que entre os sábios (não disse católicos) há mais interesse no estudo das religiões dos selvagens de Fidji ou do Tibet do que em relação do Catolicismo: «Em relação à Igreja Católica, ainda entre os homens sérios, reina uma ignorância de clamar aos céus».

Esta citação tôda é em favor do catolicismo e não contra, pois LAMENTA que não seja mais conhecido do que é.

E eu também lamento que até os protestantes crioulos, mesmo José da Silva, tenham a respeito do Catolicismo uma ojeriza, um ódio inexplicável.

Esse ódio faz aceitar tôdas as calúnias e mentiras como verdades evangélicas. E êles mesmos não têm vergonha de passar adiante as maiores calúnias sem pestanejar, pecando, pois, contra o mandamento da lei de Deus: «Não levantar falso testemunho».

Todos êles, com raras exceções negam o catolicismo, a cristandade; para êles, a religião católica, é uma série de imposturas introduzidas no mundo por diversos Papas e de forma alguma a consideram como sendo uma religião cristã. E não há demonstração alguma, nem lógica insofismável que os faça demover de semelhante INCOMPREENSÃO (para não dizer cabotinismo e velhacaria).

Discutir com êles é trabalho perdido: perde-se água e sabão...

Daí vemos como é prejudicial para a pacificação dos espíritos essa mentalidade orgulhosa e desprezadora das tradições brasileiras. A propaganda protestante está a semear ventos. Um dia virão as tempestades. Pobre Brasil.

Vamos responder por parte ao novo folheto do pastor de Piquete, para que não propale a sua grei que «os católicos calam porque não têm razão».

2. OS CONVERTIDOS E HARNACK — Contesta o pastor de Cunha que tivesse havido conversões nas pessoas de Lorimer ou de Orchard, das quais me ocupei nestas colunas, êste, PROFESSOR da oficialmente protestante Universidade de Oxford declarando que deixava o anglicanismo pelo catolicismo. Quanto ao banqueiro Lorimer, educado até os 20 anos num seminário protestante, renunciando ao protestantismo para aderir ao catolicismo.

Em ambos os casos, o maldoso pastor de Piquete acha «que não houve nenhuma conversão» e que os dois cidadãos nunca foram protestantes. Quer negar o valor histórico dos fatos?

Êstes foram propalados aos quatro ventos por todos os principais jornais do mundo, e eis que vem um português-Zépovinho-de-tamancos a desmentir, simplesmente por cabeçudagem, alegando que: «O crente evangélico... jamais volta ao seio do romanismo, salvo quando interesses pessoais, secundários, estiverem em jôgo»...

Sim, houve interesses pessoais, mas de ordem espiritual. Se continuassem protestantes, certamente se condenariam. E' que êles estudaram o catolicismo e descobriram que êle não é aquela religião monstruosa que apresentam os protestantes na sua má fé e ódio inqualificável contra a **ESPÔSA DE CRISTO**.

E vendo-se na heresia, numa religião de impostura, fizeram o que devia fazer o apóstata de Piquete: voltar à casa paterna.

Êste é o interesse que entra em tôdas as conversões ao catolicismo; quando se dá alguma deserção do catolicismo para o protestantismo quase sempre é por motivos vergonhosos, a começar de Lutero. Sem referências.

E quanto ao elogio de Harnack ao Catolicismo, fique sabendo que realmente é do único catolicismo real de que fala êle. E quanto a êle ser protestante, eis o que diz o novo Dicionário de Lelo Universal de HARNACK: Harnack (Adolfo), teólogo e exegeta protestante alemão da escola liberal n. em Dorpat em 1851, autor de uma «**História da Literatura Cristã Primitiva**» e de «**Essência do cristianismo**». Assinou em 1914 o manifesto dos intelectuais alemães» (pág. 1245).

E não negue assim as cousas, Sr. Silva, que cheira mal. E não seja tão teimoso. Podem as cousas não serem de seu gôsto, mas nem por isso devem deixar de suceder. Nunca vi tanta má vontade e má fé em um homem. Mas se trata de um católico desertor, apóstata, que quer jus-

tificar sua consciência traidora. E' que no catolicismo não passaria de um sacristão e no pseudo-evangelismo poude bancar pastor e chefe. Não será talvez o caso dos tais interesses?

Um bom julgador julga por si... Mas não venha falar em nome da verdade, nem atribuir à Bíblia explicações que ela não comporta.

3. A IGREJA E' MAIS QUE A BIBLIA — O pastor de Piquete acha que é um dos erros do Catolicismo o defender o magistério apostólico como anterior à Bíblia. Ela é seu autor, diz, e a competência dêle se deve sujeitar à interpretação da mesma para não ser profanada com explicações pessoais errôneas e divergentes.

Diz êle: «nada se lê que a salvação depende da Igreja».

Pobre coitado; por que não leu I. TIM. 3, 15 que «a Igreja é coluna e firmeza da verdade?»

A salvação vem da verdade e a verdade da Igreja. Logo, a Igreja é a mãe da salvação.

Não diz S. Mateus, cap. 18, v. 17 que quem não ouvir à Igreja deve ser considerado como pagão e publicano?»

Logo, quem não ouve à Igreja não tem salvação. Logo, a salvação vem da Igreja.

Cristo nada escreveu.

Fundou seu magistério, sua Igreja, e lhe prometeu perenidade.

A Igreja tinha mais de vinte anos de vida quando appareceu o primeiro trecho do Novo Testamento. Isso dá-lhe a história e também Upton Kritch, chefe luterano do Rio Grande do Sul, no «Correio do Povo».

O último trecho do Novo Testamento — diz a história — foi escrito por S. João, em 87; foi o Evangelho dêsse Apóstolo.

Esta fé ouvida de Cristo e ensinada oralmente pelos

Apóstolos e seus sucessores é o que se chama **tradição**. Não é a tradição humana a que Cristo se referia a respeito dos fariseus. Tradição significa ENTREGA. E' o conjunto de verdades que Êle entregou aos Apóstolos, das quais **umas foram escritas e outras não, sem deixar de ser por isso a mesma verdade, ensinada antes e depois de escrita.** Que nem tudo foi escrito consta do Evangelho de S. João, cap. 21, v. 25.

Que Cristo **SÓ FALOU**, talvez possa duvidar um pastor de Piquete, mas não um homem sensato.

E Jesus disse: **«assim como meu Pai me enviou, assim eu vos envio a vós».** (Jo. 20, 21).

Portanto, se Cristo se limitou a falar, **ASSIM** poderia fazer também os que Êle enviara.

Podia não nos ter vindo uma linha escrita e a Igreja fundada sem a Bíblia nos teria vindo desde o tempo de Cristo.

Ela é o fundamento da verdade (texto citado).

Ela é o elemento humano ao qual Cristo disse: **«Eu estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos».** (Mat. 20, 28).

Diz com desfaçatez o apóstata de Piquete: «o fundamento da Igreja Romana é o Papa desde o Concílio de Éfeso, em 431 da nossa era. O fundamento do luteranismo, do metodismo, do anglicanismo, etc., não obstante as imperfeições desses sistemas religiosos (se fôssem de Deus não teriam imperfeições: nota minha) é Jesus Cristo desde o primeiro século».

Haverá maior tentativa de intrujice que essa pegada?

Então, o Catolicismo começou a ter o seu fundamento em 431 da nossa era?

Que maluquice é esta?

Os protestantes é que tiveram Cristo por Fundador desde o primeiro século?

Que afirmação mentirosa! Que coragem, que cinismo, em afirmar semelhante asneira!

Onde está o elemento humano portador das promessas de Cristo que atravessa os séculos. Porque apostolicidade é, além das doutrinas verdadeiras, possuir também uma sucessão ininterrupta desde o tempo de Cristo ou pelo menos dos Apóstolos.

Isso porque disse Cristo que «estaria todos os dias» com seus sucessores, «sem nenhuma interrupção», até a consumação dos séculos. (Texto citado acima).

Ora, os protestantes que apareceram e eriam as suas igrejas agora, não passam de intrusos. A Palavra de Deus não lhes faculta a existência.

Antes dos fundadores não existiam as igrejas pseudo-evangélicas.

Esta é a verdade histórica que não sofre contestação.

A Palavra de Deus escrita pela Igreja «para se ter certeza de ser tal», deve ser controlada por ela mesma.

A Bíblia, portanto, depende da Igreja e não vice-versa.

Se se esperasse pela Bíblia não teríamos quem escrevesse a Bíblia.

Agora que está escrita não é um código de orates em que todos podem meter a mão arrancando dela pretendidas e atrevidas «igrejas de Deus».

O Catolicismo tem por único Fundador a Cristo, e a mais ninguém.

O Papa é o CAPATAZ DE CRISTO. O primeiro netes foi S. Pedro. Consta isso em Mat. 16, 18 — Luc. 22, 31

João, 21, 15 a 18: «Apascenta as minhas ovelhas», etc.

O que se deu em 431 não foi fundar a hierarquia romana.

Foi apenas reconhecer o primado do Papa como sucessor de Pedro. Reafirmar.

Eis o texto do Concílio de Éfeso — Sessão 3a: «Não há dúvida, e desde há séculos é conhecido o fato por

Todos: O Santo e beatíssimo Pedro, Príncipe e cabeça dos Apóstolos, coluna da fé e fundamento da Igreja, recebeu de Nosso Senhor Jesus Cristo, Salvador e Redentor do gênero humano, as chaves do reino, tendo-lhe conferido o poder de ligar e desligar os pecados e **êle vive até agora nos seus sucessores exercendo o julgamento**». (Deutzi-ger, n. 112, pág. 51. Atas do Concílio em grego e latim).

Logo, o Papa não é o **último fundamento**, nem começou a ser tal em 431. Pois o mesmo Concílio que se cita como tendo feito isso reconhece que **fazia séculos que capataziava a única Igreja de Cristo**, porque **Este assim determinara**. O papado não é criação humana, como as seitas protestantes, mas **DIVINA**.

4. **DOGMAS À-GBANEL**. — O pastor de Piquete cita como autoridade teológica o Dicionário Enciclopédico internacional, edição de judeus (Jackson Inc), coadjuvados por pessoas da mesma laia. E' por êsse dicionário que êle julga o catolicismo. Pelo menos o cita diversas vêzes. Assim, à pág. 11, do folheto, diz: **Já mostrei que os princípios romanistas, SEGUNDO A ENCICLOPEDIA E DIC. INTERNACIONAL, foram introduzidos no correr dos séculos pelos Concílios e padres e graduados romanistas e não por determinação bíblica**».

E julga o catolicismo por um dicionário judeu!

Não sabe que a luz solar, apesar de branca toma a côr do vidro por onde passa?

Quer conhecer a verdade sôbre o catolicismo? Vá à fonte e beba. Mas não pretenda ir para o norte tomando o rumo sul.

Pois tudo está completamente diferente a essa afirmação.

«Nenhum dogma católico foi introduzido durante os séculos seja por quem fôr».

«Todos os dogmas católicos têm seu fundamento na Bíblia».

O que se deu nos Concílios e pelos Papas «foi declaração de dogma», o que não é a mesma coisa.

A declaração de um dogma é emprestar a autoridade oficial da Igreja sobre a realidade de uma crença «sempre existente desde o tempo de Cristo».

Isso acontece quando surge algum herege que ponha dúvida sobre alguma crença cristã como não sendo genuína. Vem a Igreja e diz: «tal verdade é de revelação divina». Quem não crer não será bom cristão. Será excomungado. E' tudo.

«E' declaração de dogma e não fabricação» do mesmo.

Poderia provar com a Bíblia na mão o fundamento de cada dogma católico.

Pode nosso pastor manusear algum manual de teologia que os há em português e se certificará da verdade desta afirmação. O Prof. Selim do Seminário de Campinas editou um há pouco. (O selim pode ensinar o pastor — que trocadilho!).

Os dogmas a Igreja RECEBEU de Cristo com o poder de ensiná-los e os fazer praticar. Recebeu este poder em virtude das palavras de Cristo a Pedro: «Eu te darei as chaves do reino dos céus. Tudo o que ligares na terra estará ligado nos céus, tudo o que desatares na terra estará desatado nos céus». (Mat. XVI, 19).

Em virtude dêsse poder a «Igreja Católica, a única sucessora ininterrupta do elemento humano divinamente deixado e assistido por Cristo», deve fazer leis secundárias, leis disciplinares para bem governar os fiéis. Assim nascem os cânones, por exmplo, que os tem também a Igreja Metodista, apesar de não constarem na Bíblia, e os segue. Se a Igreja Metodista, que é de ontem, tem seus cânones em que se trata de todos os membros da Igreja,

e suas atividades, como por exemplo da administração dos bens eclesiásticos, sobre as vestes e orações dos membros, etc., etc., o catolicismo que tem perto de 2.000 anos de existência, com uma experiência muito maior, não os poderá ter?

Não consta, em verdade, da Bíblia, mas é uma consequência lógica das palavras bíblicas.

A ESSÊNCIA são os dogmas intangíveis através dos séculos.

Eles, sendo a verdade, são imutáveis como seu autor: Deus.

5. FALTA DE CULTURA E ÓDIO SATÂNICO — Poder-se-á pensar que a apostasia de Antonino José da Silva para o Metodismo, represente a conversão de um intelectual católico para outros arraiais.

Felizmente, a verdade é bem outra.

O atual pastor de Piquete não conhecia o catolicismo.

Não digo palavras átoas, provo o que digo com os mesmos ditos d'êle.

O uso das imagens no catolicismo não faz parte da essência do mesmo.

E' uso recomendável porque as imagens nos falam aos olhos e nos apontam o caminho heróico seguido por seus representados.

Mas não é dogma e MUITO MENOS são adoradas. Pelo contrário, o catolicismo aponta como «sendo o maior de todos os pecados, adorar uma cousa que não seja Deus». E' um pecado maior que matar o próprio pai. E' isso que diz o catolicismo. E vem agora o que foi católico (de orelhas em pé) dizer o seguinte: «A idolatria e as imagens tão generalizadas nos templos romanistas, e que os romanistas adoram, são pela Bíblia e pelas igrejas evangélicas condenadas incisiva e completamente». (Página 12).

Que caluniasse o catolicismo de idolatria quem nunca fôra católico vá lá. Mas da parte de quem o foi, não tem nome.

E se um católico adora a alguma cousa que não seja Deus, só sendo idiota.

Dirá êle que os católicos se ajoelham diante de uma imagem.

Mas isso não é adorar, pois diante de um morto, nós nos ajoelhamos, e os Padres incensam os cadáveres. E que maluco jamais pensou que os Padres e os que se ajoelham diante dos mortos adoram os cadáveres?

Possuo um retrato do então Príncipe de Gales, protestante, ajoelhado diante da bandeira inglesa. Logo, segue-se que êle adorava a bandeira?

Adorar é um ato interno, pelo qual reconhecemos como Criador e Soberano Senhor de tôdas as cousas o Ente adorado.

Mesmo que o povo diga: eu adoro meu santo, não é no sentido de adorar estritamente, mas de apreciar, querer bem, assim como o escolar escreve aos seus: meus adorados pais, ou o namorado escreve: minha adorada fulana. Nada mais.

E quanto à proibição que diz constar na Bíblia, esta apenas proíbe OS ÍDOLOS, isto é, estátuas de DEUSES contrapostos a Deus. E' o que se vê especialmente no Êxodo, pois Deus proibiu as imagens idolátricas que os judeus conheciam no Egito. Demorando-se Moisés no Monte Sinai, o povo chamou a Aarão, seu irmão e lhe pediu: «Faz-nos deuses», Êxodo XXXII, 2. Não disseram: «Faz-nos santos».

E Aarão lhes fêz o bezerro de ouro que era o deus boi Apis dos egípcios.

E foi de deuses que se queixou Deus a Moisés e êste, por sua vez, no verso 31 dêsse mesmo capítulo 32, pediu

perdão pelo povo, não simplesmente por ter feito imagens, mas por ter feito deuses.

Êstes deuses estão também explicados no Deuteronômio, cap. IV, v. 16-19 e em Romanos I. 23, em que se fala de aves, lua, estrêlas, sol, bichos, etc., que eram os deuses da época.

Quanto a outras imagens, no mesmo livro em que se proíbem DEUSES, são pelo mesmo Deus mandadas fazer, como se lê em Êxodo, cap. XXXV, v. 18.

No templo que Deus mandou fazer, havia, além de querubins em quantidade, uma vinha, 12 bois que sobre os ombros carregavam, ao que hoje chamaríamos, pia de água benta. Isso está nas Escrituras.

Logo, não proíbem as imagens em geral, mas certas, porque, senão Deus iria contra Si mesmo, proibindo e mandando executar o mesmo artigo.

As errôneas chamadas Igrejas Evangélicas — diz Silva — as proíbem incisiva e completamente por dar má interpretação às Escrituras.

Porque se Deus proibisse simplesmente tôda e qualquer figura, deveriam ir ao chão tôdas as estátuas das nossas praças e se deveriam queimar também os retratos que os protestantes têm, em casa, porque retratos são imagens.

Sejam lógicos e não fanáticos, senhores protestantes!

Na página 4, Silva reconhece que o luteranismo faz parte das Igrejas Evangélicas. Até na enumeração vem em primeiro lugar.

Pois bem, Sr. Silva, vai esta sobremesa: Nas Igrejas Luteranas existem impreterivelmente, pelo menos, Jesus Crucificado e uma Ceia de Cristo.

E como vão condenar INCISIVA e COMPLETAMENTE o que usam?

Venha aqui no Sul e em qualquer das Igrejas Luteranas se certificará disso.

Na Igreja Luterana de Vila Clara, município de S. Vicente, vi sobre o altar principal uma imagem de Cristo em mármore, muito linda, cópia da de Thorvaldsen, escultor dinamarquês. Havia duas ceias, um crucifixo junto ao púlpito e no corpo da igreja um grande retrato de Lutero ornado de luzes coloridas. Isto vi com os meus olhos. Se duvidar, venha ver, porque Silva tem tanto ódio ao Padre, segundo tôdas as ocasiões que dêle trata, que o faz um monstro capaz de tôdas as mentiras e infâmias. Esse ódio satânico será também evangélico?

A ignorância do pastor de Piquete se demonstra também quando afirma na mesma página 12, n. 7, que o celibato é um dogma, quando é apenas uma lei disciplinar. Isso um analfabeto, sendo católico deve saber. Silva, depois que deixou o catolicismo estudou alguma cousa, mas seu saber ainda não chegou a tanto. Vê-se que êle está completamente analfabeto a respeito do catolicismo, tal os apontados por Forster que ligam mais a umas religiões tolas do que a de Cristo.

E com que autoridade pode Silva atacar a uma religião que NÃO CONHECE como o está demonstrando? E se êle que foi católico é tão ignorante a respeito do catolicismo, que abismo não terá a ignorância dos demais membros da grei? Inventam, caluniam, ofendem, injuriam à vontade. São verdadeiros casos de polícia por perturbar a paz dos cidadãos pacatos naquilo que têm de mais caro: a sua religião.

Os protestantes fabricam um catolicismo a seu talante, guiados por autores sem escrúpulo e depois atacam o produto de seus cérebros doentios pela ignorância cantando logo o triunfo contra o papismo e o romanismo.

Não conhecem o que seja caridade e fingem não saber o mandamento: não levantar falso testemunho.

6. «A FE' E' PELO OUVIR» — Sim, dí-lo S. Paulo. A fé não é de cada um ir tirando de um livro a SEU MODO.

O magistério ia prégando no princípio. Depois, alguma cousa, o principal foi escrito. A prêgação era o EVANGELHO COMPLETO ainda não escrito em parte ou em sua totalidade. «A fé é pelo ouvir», diz S. Paulo em Rom. cap. 10, v. 17.

Teima Silva que deve ser o Evangelho escrito, que não havia ainda.

São Paulo, porém, não deixa dúvidas e no verso 14 diz: «Como invocarão aquêles em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem prêgue? 15. E como prêgarão se não forem enviados?»

Mais claro é ainda o verso 16: «Mas nem todos obedecem ao Evangelho, porque Isaias diz: «Senhor, quem creu na nossa prêgação?»

Quer dizer: mui poucos ouviram a minha prêgação e por conseguinte não obedecem ao Evangelho que não conheceram. Mais claro só água. Logo, a fé através dos séculos era dêste modo que deveria ter vindo, pois São Paulo dá por excomungado quem segue um evangelho diferente, arrancado de um livro e não ouvido. (Gal. 1, 8 e 9).

7. UM SO' MEDIADOR — O Catolicismo admite que a economia da salvação tem por seu centro a Cristo. Êle é autor da Redenção. Êle é que nos dá as graças e é o autor da mesma.

Se rezamos aos santos ou à Virgem, em nada se prejudica essa mediação, pois a Virgem e os santos também nos vieram de Cristo, fazem parte dos bens que Êle nos deu. Bem explicado está isso no cap. 24 de S. Mateus e no 12 de S. Lucas em que se vê o servo fiel DISTRIBUIR

OS BENS DO AMO. Ele não roubou os bens: apenas foi distribuidor deles. Ora, os santos são os servos fiéis por excelência.

Logo é fácil concluir que dessa forma devem ser as relações no Novo Testamento.

A cada passo se vê nas Escrituras que podemos orar **um pelo outro**. S. Paulo é o melhor mestre a êste respeito.

Se os homens da terra, cheios de pecados, podem orar **uns pelos outros**, por que seria absurdo que no céu, em muito melhor posição, não o poderão fazer? Que no céu se sabe o que se passa na terra, está fora de dúvida, pois Jesus disse que ali haveria mais alegria por um pecador convertido do que de cem que não precisam de penitência. Como se vão alegrar sem saber?

Caro Sr. Silva, quanto aos seus 17 pontos de exposição da doutrina protestante, quase tudo coincide com o **catolicismo**, menos nas partes que já tratamos das imagens, do perdão dos pecados que Jesus estabeleceu **POR MEIO DOS SEUS REPRESENTANTES**, como disse em João cap. 20, v. 23. Discordo também do último. A saber que:

8. A IGREJA E' UM REINO — Diz V. S.: «A Igreja de Cristo é uma democracia...» pág. 13.

Segundo as Escrituras ela é **UM REINO** e não uma democracia.

Já Daniel, na explicação do sonho de Nabucodonozor, diz que o Messias, cujo símbolo foi a tal pedrinha, fundaria «um reino que não seria jamais dissipado nem passaria para outro povo». (Dan. cap. 9).

Na Anunciação, o anjo anuncia à Maria que seu Filho reinaria e **SEU REINO NÃO TERIA FIM**. (Luc. 1, 33).

Jesus mesmo, ao ser interpelado, se era Rei, disse que sim, que para isso viera ao mundo, mas que seu reino não era dêste mundo. Seria um reino espiritual.

A democracia em religião seria uma panela em que muitos mexeriam.

Deus é único e sua religião deveria refletir essa UNIDADE.

Mesmo pelos templos se deveria ver algo de sua majestade. Daí o grande exemplo do prá lá de luxuoso templo de Salomão, do qual Deus mesmo foi, por assim dizer, o arquiteto.

A apresentação da Igreja Católica não é mais que uma imitação do que Deus fez.

Mas a apresentação e o luxo fazem parte da essência do **Catolicismo**. Quando há necessidade se pode fazer como nas catacumbas antigas: nem há edifício externo e nem por isso a Igreja deixa de existir e funcionar.

Mas ela É O REINO DE DEUS NA TERRA.

Seria ridículo falar em democracia de Deus.

9. CRISMAS EM CUNHA — Escandaliza-se Silva de que o Bispo exija um estipêndio por ocasião da Crisma e compara os nossos Bispos a outros tantos Simões Magos querendo o Espírito Santo a poder de dinheiro.

Entretanto, saiba de uma vez por tôdas: a Igreja não vende Sacramentos, nem missas, nem coisa alguma espiritual.

Ela faz com que os fiéis contribuam para o sustento do Pastor por ocasião de certos Sacramentos e não pelos Sacramentos, o que é coisa bem distinta.

O sistema protestante é assim, pelo menos aqui: cada família paga 5 cruzeiros por mês para o sustento do culto. Seria justo que eu dissesse que os pastores protestantes administram os bens espirituais a trôco de patacas adiantadas? Pois êles já têm na sacola seu ordenado certo. Eu seria incapaz de dizer semelhante desplane. Entretanto, o apóstata de Piquete não se envergonha de

dizer em letra de forma: «é comércio sacrilego...» «é pura questão financeira».

10. VANIQUE-CHOVILLON — Silva dá crédito a tudo o que se diz contra o Catolicismo e os Católicos.

Só é verdade o que é contra êles. O que é a seu favor é mentira. Referindo-se ao fato de que o Cel. Vanique afastou o Pe. Hipólito Chovillon do seu acampamento por nocivo e prejudicial, não sei o que há a respeito. Só sei que êsse Padre anda, há anos, à cata dos índios ebriantes, passando muitos trabalhos. Porque Vanique achou o Padre Hipólito assim, não sei se é verdade, nem porque.

O que é certo é que foi um outro Hipólito que fez do Cel. Vanique o que êle é.

Êle foi criado pelo Padre, hoje Mons. Hipólito Costabile, de Bagé, que foi quem o fez homem. Assim fica um Hipólito pelo outro.

11. EVANGELISMO MAÇÔNICO — Felizmente, e ainda bem, nosso Silva acha que a Maçonaria é uma sociedade má.

«A Maçonaria, diz êle, pág. 10: **também merece combate no campo religioso e terá seu fim um dia, com o advento da verdade inspirada**».

Entretanto, que decepção vai ter agora nosso pastor.

Vai certificar-se de que o protestantismo é uma religião que não tem uma unidade de vistas, que não tem uma direção segura, que aquilo é à vontade. Uns entendem a Bíblia de um modo, outros de um modo oposto. E tudo é evangelismo.

Agora vem os FATOS.

Lutero, conforme Galanti, Cantú e todos os historiadores, queimou em praça pública a Epístola de S. Tiago. Hoje os protestantes a têm na Bíblia. Quem ter razão? Para Lutero era Epístola de palha, para os protestantes

E' PALAVRA DE DEUS. E Lutero era inspirado e êles também... Pois sim!

Quem está governando o protestantismo? E' a casa da sogra...

Seria injúria dar a Deus um autor do sim e do não ao mesmo tempo.

Mas, vamos à maçonaria.

Para Silva, ela é uma sociedade que «MERECE COMBATE e que deve desaparecer».

Quer dizer, segundo seu modo de ver: um bom evangelista não pode ser maçom.

Assim como Harnack, sendo protestante, não poderia negar a divindade de Cristo, como negou, conforme está em seus escritos.

Não poderia, mas nega.

Assim, se o protestantismo fôsse de fato evangélico, êle estaria com o Catolicismo, no combate às sociedades secretas e EM TÓDAS AS COUSAS.

Isso pensa também Silva, embora deseje ao Catolicismo a morte imediata.

Uma galinha cega de vez em quando acerta um grão.

Acerta no combate à Maçonaria. Mas vai enleiar-se como pinto na estopa.

Pois, meu caro Sr. Silva, aqui em Uruguaiana QUASE TODOS OS METODISTAS PERTENCEM A' MAÇONARIA...

O pastor metodista Adolfo Ungaretti, europeu também como o Sr., ERA O ORADOR DA MESMA. Eu vi nas vitrinas retratos dêsse pastor com o avental dos pedreiros livres, com os demais comparsas da loja. E ainda é pastor em Santa Maria.

Se duvidar, pergunte aos seus correligionários aqui.

Em Pelotas, outro pastor era, e parece que ainda é, venerável da loja.

E' o Reverendo Neves.

Os Episcopais são os mesmos anglicanos. Logo, segundo Silva, evangélicos também. Pois Atalicio Pitan, seu Bispo, é gradação na maçonaria.

Foi venerável e eu possuo uma revista maçônica em que está seu retrato ao lado de uma colaboração dêle para a mesma.

Quem tem razão: o «soi-disant» evangelista de Piquete ou os outros?

12. COVEIRO INVETERADO DO CATOLICISMO —

Escreve Silva: ...«A Igreja Romana tem seus dias contados, pelo desvio da verdade e de Cristo Jesus. Ela não é, como já vimos, de origem divina, (êle se refere ao que disse o dicionário judeu, se os judeus negaram a divindade de Cristo serão boas autoridades para afirmar a divindade da Igreja? Que ingenuidade!), não interpreta condignamente os ensinamentos de Cristo, tem uma história sanguinária a depor contra ela, tem seus catecismos como prova da adulteração dos mandamentos de Deus, (grifo meu) e, portanto, é uma árvore que Deus não plantou; não importa a sua idade, mas importa que não sendo de Deus desmoronar-se-á como castelos de arcia. E' questão de tempo e fato». (Pág. 10).

Para êle o desaparecimento do Catolicismo são FAVAS CONTADAS.

Pobre títere! E' incorrigível!

Mas agora que conhecemos o pôco de ignorância que êle é, merece pena.

O sol não cai pelo grito do mocho.

Seu fanatismo e seu ódio apostático o faz dizer essas monstruosas injúrias sem pêjo. E êle no outro folheto disse que não sabe injuriar...

O protestantismo pelas suas divisões e subdivisões pela sua pouca orientação, é um verdadeiro reino dividido.

Ele, sim, terá seus dias contados, pois representa a impostura religiosa.

Pregam sem ter legítima missão profanando a Palavra de Deus, dando-lhe interpretações pessoais e errôneas.

Vão-se multiplicando as seitas e aos poucos, era uma vez...

Dou por encerrada esta polêmica, não que tenho medo da verdade, nem trabalho. Mas pôr ver que gente da laia de Antônio José da Silva, ignorando as cousas, ainda quer afirmar o que não sabe, sabendo, por outro lado, que os apóstatas parece que têm uma maldição especial de Deus, é-lhes inútil tôda e qualquer discussão: envio-o ao meu *Horas de Combate*, onde se poderá entreter.

Ele abusou da bondade de Deus e não merece a fé que é um dom gratuito da munificente mão divina. O que posso fazer ainda é orar para que ainda se salve êsse desertor da Barca de Pedro, em que mora Cristo, para se atirar a nado pelo mar da vida.

Deus se compadeça do pobre Calabar Catolicismo.

Ainda bem que é português. Não nos envergonha tanto.

VOLTANDO A' CARGA

*Resposta ao folheto "Horas de Combate"
do Pastor Protestante Antônio
José da Silva*

1. INTRODUÇÃO — Na Carta-Resposta ao pastor de Piquete, dava por encerrada a Polêmica, na certeza de que êle também a desse por encerrada, êle que disse no seu opúsculo «Martírios Protestantes», p. 6, que «os evangélicos... já conseguiram a perfeição de ouvir e calar».

Pois enganei-me pela terceira vez, êle sai a campo a dizer injúrias ainda maiores contra a Igreja e seus ministros, que vem a ser contra Cristo e seus legítimos representantes.

Veio com o boletim: «Inquisição» a que já respondi, e com o «Horas de Combate», em que pretende refutar o meu livro dêste título e ao resto da minha resposta.

Deveria deixar correr à revelia, pois, acho que até os protestantes reconhecem a cabeçudagem descomunal de Silva, porquanto nada mais se publica dêle no «Expositor Cristão» e o Sr. Paulo Rabelo Teixeira, pastor protestante de Cunha, afirma que Silva torcia suas afirmações de tal forma que, seguindo-se pelo seu método, seria fácil provar pela Bíblia que não havia Deus: bastava omitir: «Disse o ímpio».

Realmente, Silva é um malabarista na interpretação bíblica.

Só as passagens por êle citadas é que valem. Cita uma e nem que as outras digam o contrário, a que êle trouxe, é que deve prevalecer.

Silva deve ser basco ou prussiano, para ficar péssimo com razão ou sem ela.

Deveria deixar de fazer polêmica, mas que cate ele que não tem a razão, nem a verdade.

Deveria deixar, porque lidar com ele é tempo perdido, pois antes de ler qualquer coisa, já vai com seus planos pré-estabelecidos.

Ele não busca a verdade com sinceridade.

Falando claro, portuguêsmente, lidar com ele é perder água, tempo e sabão...

Aqui diríamos que era gastar pólvora em chimango, bicho à-toa.

Mas como o número dos beócios é infinito, não quero deixar nenhuma afirmação de Silva sem a devida resposta, para desmascarar o erro.

2. BASES FUNDAMENTAIS NECESSÁRIAS — Quem quiser ler esta resposta com proveito, incluindo os protestantes, deve partir dessas verdades fundamentais:

1) Cristo é o Messias vindo para salvar a humanidade (base bíblica).

2) Não há outra salvação a não ser seguir-se a Cristo; (base bíblica).

3) Cristo organizou sua única Igreja quando vivia; (base bíblica).

4) Essa Igreja deveria atravessar os séculos visivelmente; (base bíblica).

5) Atravessaria os séculos sem interrupção; (todos os dias), (base bíblica).

6) O que ensinasse essa Igreja seria o ensino de Cristo; (Luc. 10, 16).

7) A Igreja como tal funcionou até o ano 53, sem nenhuma linha do Novo Testamento Escrita; (base histórica)..

8) Em vista dos escritos virem depois, seriam aces-

sórtos na Igreja, pois ela já existia quando vieram; (base lógica).

9) Essa Igreja não se desviaria nunca da verdade, pois com ela estaria Cristo; (Mat. 28, 20).

10) Se fracassasse, Cristo seria um falsário e Deus um mentiroso; (base bíblica).

11) Logo, seria uma sociedade à qual se deveria acatar e respeitar; (base bíblica).

12) A «priori» já sabemos que não pode errar na doutrina de Cristo; (base bíblica).

13) A única Igreja com o nome de cristã que atravessou os séculos foi e é a Católica; (base histórica).

14) A «priori», pois, deve achar-se que ela não pode nem ser idólatra, nem ter arbitrariedades; (base bíblica).

15) As dificuldades surgidas para o intelecto, estudem-se sem paixão, sem condenação antecipada, tomando em conta as fraquezas do fator humano na Igreja, pois como o homem tem corpo e alma, a Igreja é divino-humana; (base lógica, com fundamento bíblico).

Sem estas bases desapassionadas, não se pode julgar a Igreja Católica e nem discutir, que nunca se chegará a um acôrdo.

Desejando certo dia explicar a verdadeira religião a um metodista, exigi que se eu dissesse que dois e dois são quatro, êle deveria admitir esta verdade, ao que êle me respondeu: «Se é o senhor ou um Padre católico que afirma, sou capaz de duvidar».

Era êle o apóstata Tácito Pires, ex-Diretor de um grupo escolar.

Com um fanático assim a verdade é manga de colete e o êrro mato.

Orgulho descomunal e manifesta má vontade. E era um apóstata.

Bem diz Jesus que quando o diabo volta a entrar num corpo torna-se a segunda situação do homem pior do que a primeira.

E' a escravidão de Satanás.

E Silva anda neste caminho. Deus tenha misericórdia de sua alma.

3. PENSAR DO MESMO MODO — Se os protestantes agissem de boa fé e estudassem o catecismo com serenidade de espírito, as divergências entre católicos e protestantes seriam reduzidas a pouca cousa.

Silva me mandou um resumo do Credo protestante, que é, afinal sem tirar nem pôr o «Creio em Deus Pai», inclusive o creio na Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, na Ressurreição da carne, na Remissão dos pecados, e na Vida eterna.

Praticamente crêem nas mesmas cousas do Credo. Na realidade querem que a Igreja Católica do Credo não seja o Catolicismo e Silva quer que a Comunhão dos Santos seja somente a Comunhão dos Santos vivos. Onde está escrito na Biblia, já que quer só Biblia, que a Comunhão dos Santos não inclui os que estão na vida eterna?

Não diz Cristo que há no céu mais alegria por um pecador que fizer penitência, do que por 99 justos que não precisam dela?

E como vão alegrar-se, se não têm comunicação com os vivos?

Estarão os que estão na vida eterna em piores condições do que os que se acham na imperfeição da vida terrena?

Os judeus até hoje, oram por seus mortos e no tempo de Cristo já estava em uso entre eles o rezarem pelos mortos, sem que Jesus condenasse tal prática judaica.

Eu não sou apóstata, como diz, por pensar da mes-

ma forma em certos pontos, pois os cristãos divergindo em muita coisa, têm muito de comum; mas é apóstata Silva, porque abandonou a verdade pelo êrro, deixou-se levar pelo orgulho de impingir a Deus uma igreja, com desprezo do que o mesmo Deus deixou para norma dos homens no mundo.

E quanto à Comunhão dos Santos, Silva vem com a injúria: **E' mais fácil para um padre rezar um Pai Nosso do que matar a fome e cobrir a nudez dos santos necessitados, nesta vida, como se eu excluísse a caridade necessária para com os necessitados.** Não, meu caro Silva, V. S. afirma demais.

Comunicar-se com os que nos rodeiam, orar pelos mortos ou pedir favores aos mais felizardos que estão já com Deus, pois os servos fiéis são distribuidores dos bens de Deus, (Mat. 24, 47 e Luc. 12, 44), isso é Comunhão dos Santos!

Nós não truncamos nada. Comunhão dos Santos é com todos êles neste mundo ou no outro. E' mais bíblico do que o pensa Silva, seleccionando os santos e reduzindo-os a êste mundo.

4. UM REPTO — Diz Silva: **Por que as Escrituras dizem Igreja de Deus e NUNCA Igreja Católica? Logo, Liberali está errado.**

Que cousa mais ridícula êste repto.

Cristo não morreu por **todos os homens?**

A Igreja não é para **todos? não é universal?**

Pois universal vem a ser a mesma cousa que **Católica.**

Não são as Epístolas de S. Judas e S. Tiago **Epístolas católicas? Veja bem.**

Logo, estão erradas também.

Igreja Católica e Igreja de Cristo coincidem, não há **diferença.**

Quanto ao como eram chamadas no início não vem ao

caso, porque a Bíblia também não fala em Igreja cristã, nem de Cristo. Logo, Cristo não fundou nenhuma Igreja, então?

Prescinde-se de nomes. Podia ter vindo anônima. A Igreja verdadeira e única de Cristo é a que remonta viva e sempre a mesma desde o tempo de Cristo. E esta é a que hoje se chama Católica, Apostólica, Romana. Mas os fatos e as realidades históricas estão com ela. Reconheça este fato, Sr. Silva, que está em jôgo sua alma. E' pelas entranhas da misericórdia divina que lhe dou o aviso. Assim vai mal.

5. MAGISTÉRIO ECLESIASTICO OU CASA DE ORATES? — Já existia a Igreja espalhada em todo o mundo e o Evangelho sabido por todos, sem nada escrito dêle.

A êsse Magistério confiou Cristo o ensino da verdade.

Depois, êsse mesmo Magistério escreveu algo, que de forma alguma poderia ter sido a base da Igreja que já existia.

Silva afirma que Timóteo foi instruído nas sagradas letras, não pelo magistério clerical, mas por sua mãe Eunice e sua avó Lóide.

E que sagradas letras eram estas que ainda não existiam?

O texto não fala em «letras». Diz apenas: «Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide e tua mãe Eunice, e estou certo de que habita também em ti».

Que letras são estas que habitam dentro da gente?

Não vê, caro Silva, que se trata de ensino oral, ouvido do magistério e que depois foi transmitido a Timóteo e por êle a outros? (II Tim. 2, 2).

Quanto ao verso 13 do cap. que eita, diz o mesmo: conserva o exemplar das palavras sãs, que de mim tens ouvido... Logo, não é exemplar de livro, mas o depósito da fé, pois era ouvido e nem havia ainda tudo escrito.

Quanto aos de Baréia, foram conferir com as profecias do Antigo Testamento, para ver se combinavam com a época do aparecimento do Messias e, apesar de judeus, reconheceram a verdade do que lhes era pregado de viva voz (v. 20) mas nunca pensaram em tirar da Bíblia uma nova Igreja, dando à mesma uma interpretação particular, pois formaram na Igreja pregada por Paulo e Silas. E termina Silva: **O indivíduo é que deve examinar as Escrituras.** Agora o Pe. Liberali fica reptado a dizer **que não é assim. Prove-me que Timóteo foi instruído pelos sacerdotes.** Venha com provas claras que a Igreja Romana está errada, que apostatou da verdade e da fé.

E' muito cinismo dizer asneiras dêsse jaez, pois não provou nada.

E' um atrevimento revoltante. Tudo é falsa suposição. Não vê que com isto injuria até Cristo?

Onde estão as provas claras da apostasia do catolicismo? Só porque V. S. fabrica um catolicismo que não é real? Por que não acredita na história?

Quer que a Escritura seja a base de um edifício que já estava feito quando ela veio, senão este edifício não existe? A Igreja tem culpa de ser anterior à Palavra de Deus escrita? Não vê que ela é a guardiã natural da mesma palavra de Deus total, escrita ou não?

O protestantismo é que quer um lugar que nunca terá.

O lugar da Religião de Jesus Cristo está tomado antes de haver uma linha do Novo Testamento escrita pela Religião Católica... e querer me vir dizer a mim que quem apostatou da fé foi a Religião Católica? Foi Lutero, Calvino, Beza, Wesley, Henrique VIII, Daniel Aweri, William Booth, Tomás Munzer, Zwinglio, tôda essa corja de profanadores da Palavra de Deus, interpretando-a a seu talante e aleijando dela 7 livros do A. Testamento, apesar de figurarem até no código dos hebreus.

E fechando a digressão: A Igreja Católica não é

contra a leitura da Bíblia, mas não quer que haja interpretações diferentes da que lhe deram Cristo e os Apóstolos antes dela escrita. Logo, deve ser lida por gente sensata e que não pense de tirar dela uma outra igreja por sua conta e risco, atribuindo-a, depois, injuriosamente a Deus, pois diz S. Pedro (II cap. 3. 17) que «nas Epístolas de S. Paulo há cousas difíceis de entender, que os indoufos e inconstantes torcem, como também as outras Escrituras, para a sua própria perdição».

Para não torcer, pois, se deve cotejar o texto lido com a explicação de quem a escreveu e ouviu os comentários de tudo isso, antes de ser escrito.

Ainda sustenta, Sr. Silva, que o indivíduo é que deve examinar as Escrituras?

Pois ouça o que diz a mesma Escritura: nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. (II Pedro, 1, 20).

Teima ainda? Cuidado, pois logo após avisa São Pedro que há muitos falsos profetas e falsos doutores que introduzirão, encobertamente, heresias.

Em Cunha e Piquete, por exemplo... Falta só dizer o nome.

Não está tudo respondido, e documentado pela Bíblia?

Falta só provar que Timóteo foi instruído pelos sacerdotes. E' a cousa mais fácil d'este mundo. São Paulo não era sacerdote? Ouça o que êle escreveu ao mesmo Timóteo: **E o que de mim, de entre muitas testemunhas ouviste, confia-o a homens que sejam idôneos para também ensinarem os outros** (2 Tim. 2, 2).

Logo, êle foi ensinado pelo sacerdote Paulo e foi constituído mestre para ir ensinando de viva voz o Evangelho de Cristo, pelo simples motivo de que os Evangelhos ainda não estavam escritos.

Peço ao meu contendor ler com atenção que não

faço para machucá-lo, mas para que se convença da verdade católica e deixe sua heresia.

Leia com mais vagar e boa vontade o «Horas de Combate». Aviso-lhe que saiu nova edição sem duas espadas, mas com meu protetor o Anjo S. Miguel, em luta com Satanás, na capa. Assim não se escandalizará das espadas.

6. QUEM TRUNCA A BÍBLIA? — Na página 4 do seu folheto, Silva diz que os Padres católicos é que são os falsos profetas, truncam a Bíblia. Bem diz o provérbio que um bom julgador por si julga. O nosso rebanho existiu desde o tempo de Cristo. Antes vem o rebanho e DEPOIS é que o lobo pretende vitimá-lo. E as seitas protestantes vieram DEPOIS. Elas é que trunçaram a Bíblia, pois a nossa tem 45 livros do Velho Testamento e 27 do Novo. Eles têm só 38 do Velho e 27 do Novo, faltando 7 livros do Velho Testamento; quem truncou, pois?

Quanto ao que no meu livro disse de Lutero é tirado religiosamente da história COMPARADA e dos escritos d'ele e dos outros pseudo-reformadores.

Não sou Silva para vir com injúrias (cachaceiros eu não escrevi, como afirma).

7. PERSONAGENS DO «HORAS DE COMBATE» — Os diálogos de «Horas de Combate» foram mantidos em S. Vicente, Cacequi, no trem, em Uruguaiana, Alfredo Chaves, S. Leopoldo, Pôrto Alegre e os personagens foram muitos. A carta no início foi escrita pela hoje Sra. Maria Schenkel Ibarra; o protestante que qualificou o meu livro de metralhadora da verdade é o professor Cardoso, de S. Gabriel. Ela era daqui.

Quanto à afirmação de um protestante que disse que preferia ser muçulmano, ser o diabo, a ser católico, foi de diversos de meus interlocutores da fôrça de Tácito Pires ou do mesmo Silva. Ele também seria capaz de afirmar o mesmo, tal é o miserável estado de fanatismo em

que se encontra. É um verdadeiro janizaro da heresia.

Certa ocasião, desafiei um pregador protestante, em sua própria casa, em presença de todos os seus, da seguinte forma: se êle me provasse pela Bíblia protestante que o Catolicismo fôsse uma igreja falsa e o protestantismo verdadeira, eu me faria protestante, mas se eu lhe provasse pela mesma Bíblia protestante que o protestantismo era uma religião falsa e o Catolicismo a **única Igreja de Cristo**, êle se faria católico. Aceitou o desafio. Apertámo-nos as mãos, ficando todos os presentes de testemunhas.

Ao cabo de cinco horas, êle estava de rédeas no chão. Não podia contestar mais nada.

Então, pondô a mão sôbre a Bíblia eu o interroguei: Está provado ou não está pela Bíblia que o protestantismo é uma religião falsa?

— Está, me respondeu.

E continuei: Está provado ou não está, pela Bíblia protestante, que o catolicismo é a **única religião verdadeira**?

— Está, me respondeu com voz firme.

— Cumpra agora a sua palavra, lhe sentenciei.

Mas o homem, levado pelo orgulho, até hoje não abjurou o metodismo.

Deixou de ser pregador, tem uma noiva católica e veio pedir a bênção das alianças. Quer dizer que já vem vindo.

Mas, o orgulho é que perde muita gente.

O nome dêste doutor, poderia dizer-lho em particular; para que envergonhar ainda quem já vem vindo para a casa do Pai?

Como vê, os meus diálogos não são nem imaginários nem mentirosos.

Nem todos têm o descaradismo de Silva para negar a verdade.

Até parece ter uma maldição especial para não compreender nada, nada!

Deus se apiede do pastor de Piquete.

8. CAPATAZIA DE PEDRO -- Eu trouxe a autoridade do Concílio de Éfeso, o Terceiro Concílio Universal da Igreja de Deus, celebrado em 431 da nossa era, por já citar como um fato crido como apostólico e legitimamente cristão, o reconhecimento da primazia de Pedro na prioridade dos outros Apóstolos. Diz o Concílio que: o fato era conhecido por todos, fazia séculos.

Em 252 S. Cornélio reafirma que era fato haver na Igreja Universal um Bispo por excelência, um primaz.

Antes dele, Sto. Irineu, Bispo de Lião, que morreu no ano 202 da nossa era, cuja vida passou-se no segundo século, declara que, apesar de perseguida, a Igreja de Roma tinha a primazia sobre todas as igrejas do universo.

Já Clemente, terceiro sucessor de Pedro, está dando ordens, vivendo ainda o Apóstolo S. João, no ano 90, e todos os cristãos de então acharam isso muito natural. Vem agora de Piquete um alienígena a negar o fato em 1944. Tarde piaste, meu caro, diria algum patricio seu.

Naturalmente, Pedro vivendo durante o tempo dos Apóstolos, que tinham jurisdição universal, depositários da revelação, impecáveis, confirmados em graça, pouco tinha de fazer.

Entretanto, fica em pé que Jesus, em João I, 4, ameaçou a Pedro que lhe haveria de mudar o nome em PEDRA.

Seria de brincado que Jesus lhe ameaçou de mudar o nome?

Não; era para poder dizer-lhe: «Tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja» (Mat. 16, 18).

E lembro que Jesus não disse Pedro, mas Pedra, para ficar mais claro que o faria Pedra de sua Igreja. Não seria a pedra angular. Isso caberia a Cristo mesmo,

como se vê na Escritura. Entregou-lhe as suas ovelhas e os seus cordeiros.

Ora, aqui no Sul o encarregado de um rebanho alheio chamamos de **capataz**.

Quer dizer, não é o dono, é quem cuida pelo dono. Como escrevia a um pastor, pensava que êle conhecesse essa linguagem gauchesca.

Mais, Pedro, na enumeração dos Apóstolos, vem sempre em primeiro lugar, ou quase.

De sua barca Cristo prêgou. Havia muitas no mar. E' singular que Jesus escolhesse justamente a sua. **A êle sômente entregou as chaves do reino dos céus** como está em Mat. 16. 19. Tôdas as pessoas da casa dependem de quem tem de direito a chave.

Quanto ao ter repetido Cristo a todos os Apóstolos a passagem em que dizia a Pedro **em particular**: «Tudo o que ligares na terra estará ligado nos céus», prova, apenas, identidade de missão, mas não igualdade de posição.

E' como se um rei dissesse ao seu general: General, traga-me a vitória e depois indo com o general diria aos soldados também: Soldados, tragam-me a vitória, não quer dizer que com isto deveriam prescindir do general. Pelo contrário, necessitam do general. Com êle obterão a vitória.

Bem sabia Cristo dêsse deslize e por isso é que lhe recomenda: «**Depois de convertido, conforta a teus irmãos**». (Luc. 22, 32).

Três vêzes negou Pedro a Cristo, e três vêzes Cristo lhe fêz reafirmar sua dedicação. (S. João, 21, de 15 a 18). Estava rehabilitado.

Como se vê, não torço as Escritura, mas trago-as como são e não dando interpretações novas e protestânticas senão as do tempo antigo, anteriores à mesma Escritura.

Ninguém negou o Primado de Pedro no tempo antigo, porque se lembravam das palavras de Cristo. E é bem engraçado que milênios depois se pense contestar uma verdade tão universalmente crida na Igreja de Deus.

Novamente, tarde piaste!

Quanto a que a Igreja enviou a Pedro não implica isso numa diminuição de autoridade.

Quantas vezes eu tenho mandado meu superior aqui e ali.

Depende do modo de mandar.

Mandaram, achando conveniente sua ida à Samaria e Jerusalém. E foi continuando o que era, o humilde representante número 1 de Cristo na terra.

Por que os outros Apóstolos não falaram ao povo depois de terem recebido o Espírito Santo e em primeiro lugar? Foi Pedro que falou. Falou também na segunda vez, pouco depois estando junto com João à porta do templo.

Por que foi justamente êle o primeiro a falar em público por duas vezes?

Pela terceira vez também foi êle que tomou a palavra. (At. 4, 8).

Depois foi êle quem castigou Ananias por ter mentido ao Espírito Santo. (At. 5, 3) Cuidado, Sr. Silva!

Foi Pedro o primeiro escolhido por Deus para se dirigir aos gentios. (At. 10, 1).

Foi por êle que Deus, pela visão, levantou as proibições mosaicas a respeito de comidas. (At. 10, de 10 a 16).

No primeiro Concílio entre todos os cristãos, entre todos os Apóstolos, foi Pedro o primeiro que se levantou e assim falou: «Varões e irmãos, bem sabeis que há muito tempo Deus me elegeu de entre vós para que os gentios ouvissem da minha bôca a palavra do Evangelho, e cressem». (At. 15, 7).

Se êle falou em primeiro lugar em um Congresso era porque era o presidente.

E êle fala que todos sabiam que Deus escolhera a êle de preferência.

E ninguém estranhou, porque correspondia à realidade.

Todos sabiam, menos o pastor de Piquete em 1944

Pedro presidiu o Congresso e o abriu e Tiago como Bispo local apresentou as decisões de todos sob a presidência de Pedro.

Está tão claro. Mais claro, só água.

Negar a primazia de Pedro é negar ao próprio Cristo que lha deu.

Ler as Escrituras e não encontrar isso, é treslar a palavra de Deus.

9. PURGATÓRIO — Havia crença de sua existência entre os judeus do tempo de Cristo e êle não a contrariou, sancionando-a com o seu silêncio.

Se Cristo disse que o pecado contra o Espírito Santo não tem perdão nem neste mundo nem no outro, como me cita o texto, E' SINAL, segundo Cristo — que há pecados que são perdoados no outro mundo.

Se não houvesse purgatório não teriam sentido as palavras de S. Paulo em sua Primeira Epístola aos Coríntios, versos 12 a 15 do cap III, onde diz que o justo que se apresenta no outro mundo com alguma falha «será salvo, mas passando pelo fogo».

O Purgatório não é estado definitivo.

Quem lá está acaba no céu, é questão de tempo.

E depois do juizo final não haverá mais Purgatório.

Quanto às dez virgens das quais 5 eram levianas, Silva com reconhecida falta de caridade cristã, faz cavale de batalha de «lapsus calami». Corrija-se.

10. IMAGENS — Mas êste Silva é tardio de intelecto.

Não vê que no Êxodo tudo se refere a Deus, no cap. 20^o

Depois do verso 4, apenas há especificação desses deuses.

Não são tôdas as imagens que são proibidas.

Creio que o pastor terá em sua casa retratos de seus antepassados. Suponho que o pastor seja de pedigrée. Pois se a proibição se referisse a TÔDAS AS IMAGENS, para que está aí V. S. com elas? Fogo nelas!

E ainda tem V. S. o desprante de dizer que para Deus é a mesma coisa ídolos de deuses falsos ou imagens que se tem por ornamento ou símbolos?

E se esforça por derrubar por terra os dois textos trazidos por mim: O dos querubins, admite as imagens porque simbolizam a glória de Deus e o da serpente, porque simbolizava a obra redentora de Cristo.

Mas, meu caro, aqui não se trata do que poderiam simbolizar ou não. Trata-se de que Deus mandou fazer imagens. E Ele não mandaria fazer o que tinha proscrito.

Mas deixa estar, vou citar outro texto que amarrará bem o pastor e já não poderá dar mais pulos. E' êste: III dos Reis, cap. 7, versos 24 e 25 em que Deus mandou colocar no templo de Salomão doze bois para sustentar o mar ou bacia.

Dirá êle que o boi é o símbolo do sacrificio? Ou talvez dá fôrça?

E que dirá do verso 29 do mesmo capítulo em que se lê: «E entre as coroas enlaçadas havia leões e bois e querubins: e também nas juntas da parte de cima, debaixo e dos bois, como penúentes uns touros de cobre».

Dirá Silva que o leão figurará a fôrça de Deus ou a sua realza?

Pode vir tôda a fauna que Silva lhe achará motivo simbólico, para poder figurar na verdadeira Igreja de Deus.

Quer dizer que Deus permite dentro do templo imagens, desde que sejam símbolos.

E que são as imagens católicas senão símbolos?

Por favor, se colocarmos em cima do altar a pessoa mesma, aí sim, não seria símbolo, mas imagem é símbolo.

Ídolo seria se se adorasse tal símbolo como se fôsse Deus.

Pode crer, Sr. Silva, quem lhe fala é uma autoridade no catolicismo, nós só adoramos a Deus. Não somos idólatras. Repelimos essa pecha como uma vilíssima calúnia, da qual vós deveis dar contas a Deus, pois se Jesus disse que merece o fogo do inferno quem disser a seu irmão ímpio, quanto mais quem chamar a seu irmão de idólatra. Cuidado, mil vezes cuidado!

Fica em pé o que se vê a cada passo: Deus proibiu umas e mandou fazer outras imagens para se porem dentro da Igreja verdadeira, como símbolos que falem aos olhos sobre a virtude e a prática dos mandamentos.

E a estátua de Cristo sobre o Corcovado não é «uma abominação ao Senhor Deus», mas o símbolo da Redenção humana e da bondade divina sobre a Pátria brasileira. Quer cousa mais sublime? Não seja mocho para não ver tanta luz!

A Igreja Católica não cortou mandamento algum. Ela tem a Bíblia toda, com 7 livros mais que os protestantes.

Naturalmente, num resumo de catecismo só se diz o essencial. Se Deus é um só, lógica e automaticamente são proibidos os ídolos. Logo, os protestantes é que dividiram o primeiro mandamento e casaram o VI com o IX como se o desejo e o fato fôsem uma e mesma cousa.

O furto e o desejo do furto êles separam.

O pecado carnal e o desejo êles unem.

Dois pesos e duas medidas!

Êles fizeram do primeiro mandamento dois mandamentos, por sua conta e risco.

Desde os tempos imemoriais, a divisão católica era a única adotada. Vieram os bisonhos do século XVI, e na sua religião improvisada, meteram o machado no pri-

meiro mandamento, fazendo dois de um só. A divisão não é de Deus.

Esta é a verdade. Pense bem.

11. EUCARISTIA — Envio o caro Sr. Silva ao meu «Horas de Combate» para reler esse capítulo com mais calma.

Apenas direi que se Jesus não estivesse presente no pão consagrado, nunca teria dito (Luc. 22, 17 e 19) que o pão que dava aos Apóstolos era o mesmo Corpo que seria entregue aos homens, bem como o vinho seria o sangue que seria derramado.

Quer dizer que êle dava na última ceia a comer e beber o mesmo corpo e sangue que iria remir a humanidade.

Ora, Êle não remiu a humanidade com símbolos, mas com o seu Corpo e Sangue.

Não estivesse Jesus presente na Hóstia consagrada, e S. Paulo não diria que o que come e bebe indignamente a Comunhão do Corpo e do Sangue do Senhor se condena porque não sabe discernir o Corpo e o Sangue do Senhor. (I Cor. 11, 29).

Silva também não sabe discernir o Corpo e o Sangue do Senhor.

O próprio demônio, dentro de uma endemoniada, em Easton, U. S. A. dizia ao Pe. Clemente que vinha com a Hóstia Santa: «Tira daqui teu Deus de pão, que me incomoda mais que o fogo do inferno».

Um simples pão não poderia incomodar ao demônio. Serão os protestantes mais descrentes que o demônio?

Pergunto somente.

12. CELIBATO — O celibato é uma das cousas que Jesus disse que nem todos podem compreender, mas só a quem é dado.

Não é um dogma. E' uma lei disciplinar, calcada sobre os conselhos de S. Paulo, o qual disse: «Digo, porém,

aos solteiros e às viúvas que lhes é bom se forem como eu». (I Cor. 7, 8).

Nenhum Apóstolo era casado, exceto Pedro.

Este mesmo deixou a mulher, pois quando se tratou da recompensa disse a Jesus: «E nós, que abandonamos tudo para te seguir, que recompensa nos resta?»

Logo, tinha deixado também a mulher: TUDO.

Sr. Silva é teatral.

Afirma: «os apóstolos eram casados». E cita como prova dois textos que nem falam disso. Marcos, 1, 30., que fala na sogra de S. Pedro e I Cor. 9, 5, em que S. Paulo diz que «tinha direito de levar consigo uma mulher irmã».

Ora, quando foi que mulher irmã é o mesmo que mulher casada com êle?

Ora, não me faça rir, Sr. Silva, e se dê conta que tomou o bonde errado.

O Padre não casa porque não quer.

E não quer porque o estado de virgindade é o mais agradável a Deus, pois na antiga lei, os sacerdotes que serviam a Deus, no ano que lhes tocava servir, viviam no templo, longe da família. Deve ter lido isso.

Suponho que tenha lido a bíblia toda. E nós somos sempre sacerdotes...

E' por isso que na outra resposta citei por alto as palavras de Cristo, na suposição que as conhecesse.

E que sejam os favoritos de Deus os virgens, se prova pelo Apocalipse, em que se diz (14, 3) que êles cantarão um cântico só a êles reservado e somente êles é que acompanharão o Cordeiro para onde quer que Ele vá.

E por que não podemos seguir a Cristo que veio servir de modelo.

Com o celibato dos Padres, nem por isso a Igreja Católica proíbe o casamento. Dizer isso é ser maldoso e-

ryim. Seria só para puxar a Igreja Católica para a doutrina do diabo que proíbe o casamento.

Mas tal não se dá.

Só porque o governo proíbe o casamento do soldado raso, será razão de afirmar que o mesmo **proíbe o casamento em geral?**

Onde estão a cabeça e a lógica?

13. RELIGIÃO DE MARIA — «Sendo de Maria não é de Cristo»; ofende Silva.

Por ser de Maria é de Cristo, pois ela o que quer é que Cristo seja adorado e obedecido.

Tivemos Cristo por Maria, logo sem Maria não teríamos Cristo; porquanto a religião de Cristo é a religião de Maria. Onde se viu separar a mãe do filho?

Com isto não adoramos a Maria, mas lhe damos o lugar que compete na Redenção. Se Jesus, que é o mais, nos veio por ela, as graças do mesmo, podem muito mais facilmente ainda, nos serem entregues pelo mesmo caminho. Ela é serva fiel e, como tal, distribuidora dos bens de Deus (Lucas e Mateus).

Condenamos a evocação dos mortos do espiritismo, mas não a invocação dos Santos e de Maria.

Condenamos o chamar os mortos, quaisquer que sejam, **para nos virem falar,** porque está proibido por Deus, mas rogamos aos Santos que estão juntos de Deus que o façam propício a nosso favor.

Comunicamos-nos, indiretamente, em Deus.

Os espíritas evocam o que vier; vem o diabo e passa por tio, avô, etc., e engana a todo o mundo.

Conosco é diferente. Pedimos a Deus, pelo merecimento dos Santos. E quando pedimos aos Santos é sempre em Deus, e de Deus nos vem as graças.

Nosso desejo não é falar com os mortos. Ouça bem, Sr. Silva.

14. DECLARAÇÃO DE DOGMAS — Repito, a Igreja

não FUNDA, nem INVENTA DOGMAS. Apenas reafirma crenças ensinadas por Cristo, e lidas como de origem divina pelo povo todo e cuja existência se encontra direta ou indiretamente na Bíblia.

Declarar um dogma é dirigir o rebanho de Cristo, reafirmá-lo nas crenças antigas, quando alguém se lembra de pô-las em dúvida.

Isso é declaração de dogma e nada mais.

15. TORPE CALÚNIA — Afirma Silva à pág. 21 do seu folheto: «Não foi êrro grave o apôio que a Igreja Romana deu a Mussolini na invasão da Albânia e da Abissínia indefessas?» E atribui à Igreja a guerra civil da Espanha.

Com um lobo dêsse jaez, pobre cordeiro!

Impossível achar a verdade quem se deixa levar pelo ódio, que é péssimo conselheiro.

A Abissínia foi invadida por conta e risco de terceiros, sem a Igreja ser interrogada, e ela foi conivente? Prove, meu caro, afirmações não valem nada perante a história. E me prove também pela Bíblia que isso é verdade (Silva quer tudo provado pela Bíblia, mesmo os fatos históricos).

A Albânia, eoitada, foi invadida numa sexta-feira santa, dia em que a Igreja Católica proíbe todo o barulho e em que guarda luto fechado. E ela apoiaria a Itália para invadir êsse paisinho nesse dia?

Nem em dia nenhum se deu tal coisa, e Silva com um desplante que nem pestaneja afirma essa monstruosidade.

A calúnia não é pecado para Silva, desde que seja contra a Igreja Católica.

Vejo que um apóstata é mil vêzes mais satânico que um protestante nascido no protestantismo. Tenho muitíssimos amigos luteranos e metodistas e nenhum dêles jamais me saiu com tantas barbaridades.

E' que êles não dão crédito a tôdas as balelas como faz Silva.

E se sabe mentiras destas, cale-se para não ser embuçalado como agora.

Silva tem afirmações destas na página supracitada: «A Igreja Romana cometeu tôdas estas torpezas e não errou?»

Razão tinha Paulo Rabelo Teixeira em afirmar que Silva queria provar que dissera o que nunca lhe passara pela cabeça.

Meu Deus! aí está o porquê das perseguições que êle sofreu em Cunha.

Silva solta as patadas como quem bebe água. E nem todos têm sangue de barata. Daí o apedrejamento da casa de culto que sofreu. Colheu tempestades dos ventos que semeou.

Guarde para si as asneiras que pensa e não as diga nem em público, primeiro porque não representam a verdade e, em segundo lugar, porque divide os ânimos dos brasileiros, numa época em que precisamos da união de todos.

A Igreja Católica, como divino-humana que é, pode ter errado no agir dos componentes, na sua parte material, mas **onde está Cristo não pode estar o êrro**. Isto é, no seu conjunto de verdades **não se pode tocar**. Os **dogmas são verdades intangíveis**. Êsses atravessaram os séculos INTATOS.

E pergunta ainda cínicamente: «a Igreja de Deus vivo, segundo o Novo Testamento, tem alguma semelhança com a Igreja Romana?»

Quer dizer segundo Silva, que nem se parece.

Pois, meu caro, não é que seja parecida ou não. **E' ela mesma**.

Naturalmente, não julgada com as lentes de Silva.

A barca de Pedro balouçava, quando Jesus dormia, mas não foi a pique. Aparecia aos Apóstolos que andava

mal. Na realidade, com ela estava Cristo, portanto, por mais que as aparências mal interpretadas, a condenem, por certos atos feitos à revelia dos seus dogmas, de cujos atos não é responsável. Ela é sempre a mesma Igreja de Deus vivo, coluna e firmamento da verdade.

Quanto à antiguidade, a Igreja de Jerusalém foi uma Igreja local. A universal foi fundada antes, por Cristo. Seu centro foi levado a Roma por Pedro, razão pela qual se chamou acidentalmente Romana. Romano é só o nome. A realidade é Cristo.

Os valdenses e Huss não foram precursores da falsa Reforma porquanto os protestantes não subscrevem as afirmações dos hereges anteriores a eles. Veja no «Horas de Combate»: «Patriarcas do protestantismo onde se acham as crenças dos mesmos totalmente opostas às da Reforma.

São Pedro levou para lá o centro da cristandade porque de lá se irradiavam os exércitos e em tórno dela girava o mundo.

Na sua Epístola, cap. 5 verso 13, escreve de Babilônia, que todos reconhecem ser Roma e na segunda Epístola, cap. 3 v. 15, fala na carta que S. Paulo havia escrito ao povo romano e foi nessa ocasião que disse haver em tôdas as Epístolas de S. Paulo passagens difíceis que os indoutos e inconstantes interpretam erradamente, como as demais escrituras, para a própria perdição.

Se os indoutos e inconstantes não podem interpretar as Escrituras, muito menos os que, além disso, têm um ódio descomunal contra o catolicismo, como Silva.

Quão enganado anda Silva, pensando ter o Espírito Santo e agindo desta forma! Em seu coração, está entronizado Satanás! De outra forma não diria tantas e tão graves calúnias.

16. MINISTROS EVANGÉLICOS, PASTORES OU IMPOSTORES? — Lutero havia lançado a pena de morte

a todo aquêlle que se apresentasse ao sacerdócio **sem vocação** e sem ser enviado por autoridade humana, (vêde o artigo «**Inquisição espanhola e inquisições anticlericais**»). E não se lembrou de que todos os ministros protestantes se apresentam a si mesmos como tais, quando devem ser **chamados como Aarão**. (Hebreus). A honra do sacerdócio, diz S. Paulo nesta Epístola, não se assume.

Quem banca o sacerdote, sem passar pelos canais competentes, é impostor.

Cristo, naturalmente, consagrou todos os seus Apóstolos, mas todos os outros Bispos foram postos na Igreja por **imposição das mãos de Bispos**, como aconteceu com Timóteo. Veja o que diz S. Paulo: «Por cujo motivo te lembro que despertes o dom de Deus que em ti existe **pela imposição das minhas mãos**», (2 Tim., 1, 6). Por vêzes se lê que a comunidade impunha as mãos no ungido, mas essa comunidade era composta não somente de leigos, mas de gente com poder (Bispos). A imposição dêste é que vali e não a do simples povo.

Assim, hoje, também, nas ordenações, todos os presbíteros presentes impõem suas mãos no sacerdote que recebeu anterior imposição do Bispo.

Porque seria um absurdo que **todos fossem ministros**.

Esta palavra não teria mais sentido. O Ministro, diz São Paulo, é o **disperador dos mistérios de Deus**.

De cada qual é automaticamente sacerdote e pode agarrar para si as cousas, para que se há mister de ministros?

Se cada um bancasse o sacerdote ordenado pelo Espírito Santo, ou se julga tal e pelo mesmo julga inspirado, o mundo acabaria de patas para o ar e se multiplicariam os anabatistas contra os quais fundou Lutero sua inquisição. Assim surgiram as seitas protestantes que se vão multiplicando como ratos e com dogmas contraditórios tudo atribuindo ao Espírito Santo.

São Paulo fala que não há pregadores se não são enviados.

E por quem não de ser enviados?

Pelo Magistério deixado por Cristo, pelos Apóstolos e seus sucessores, sob a jurisdição de Pedro, vivo nos seus sucessores.

Não é de balde que se acha escrito que; Ninguém avance nesta dignidade, se não for chamado como Aarão. —

Não foi de balde que Cristo disse que «o que não entra pela porta no rebanho das ovelhas, mas entra por outra parte, êsse é ladrão e salteador, mas o que entra pela porta, êste é o pastor das ovelhas!»! (João, 10, 1-2).

Se cada um pode ser sacerdote, como afirma Silva, sem ser escolhido pelo magistério competente, êsse não é pastor, mas impostor, pior: ladrão, pois não entra pela porta que Jesus pôs no redil.

Silva fecha os olhos a tôda boa lógica, a todo o-modô alheio de ver.

Fabrica no seu bestunto certos conceitos, interpretando a seu modo a Bíblia, desprezando, além disso, a história e os usos cristãos baseados na Bíblia e chega a afirmar que os padres são agentes totalitários e que os pastores protestantes, êsses sim, ministros de Deus. (p. 24).

Quanto à passagem de I Cor. 12, 7-11 se refere aos dons especiais que tinham todos os cristãos ao se batizarem. Tinham dons especiais, mas não uma jurisdição especial. Podiam exercer êsses dons de acôrdo com o magistério e não lhes era permitido fabricar cada qual nova Igreja, como fazem os visionários protestantes de hoje. Podiam exercer seus dons, dentro da única Igreja, respeitando-a.

Hoje não há mais dons especiais externos. Foi necessário isso no princípio para chamar a atenção dos pagãos e provar-lhes que Deus estava com êles.

Foi como que a cimentação da Igreja de Deus. Uma

vez provada e reconhecida como tal, os dons especiais e os milagres a toda a hora eram inúteis. Seria chover no molhado. E Deus nada faz de inútil, que seria imperfeição. Há milagres de vez em quando na Igreja Católica, em Lourdes ou noutros santuários, para reafirmar aos descrentes que Deus está com o Catolicismo. Milagre se trata aqui de uma suspensão das leis da natureza que só Deus pode operar. Se Deus faz milagres por intercessão dos santos, aprova seu culto.

As tais Igrejas «evangélicas» não contam milagre nenhum de Deus. Através dos séculos se têm mantido esteíreis, divididas dogmáticamente e unidas unicamente no ódio à Roma, que não compreendem. No ódio que cega e condena.

E' que estas igrejas são dos que não entraram pela porta...

Vivem a injuriar o catolicismo de grosseira idolatria (p. 23), que trancou os mandamentos, que pisa aos pés as Escrituras (p. 19), etc.

Não adianta se escabujarem. O catolicismo é a árvore pujante que o Filho de Deus plantou e na qual as aves do céu fazem seus ninhos.

Tem dois mil anos de vitórias. Se fôsse o que êles afirmam, há muito que não existiria. Ela é a verdade e esta não morre.

17. A ÚLTIMA INJÚRIA — A Igreja Católica é o Evangelho posto em prática, antes de ser escrito.

Vai governando, dentro das normas recebidas, o povo cristão.

Ela tem credenciais para isso.

Dentrê outras cousas, providencia também para o sustento dos seus ministros.

Para que não pareça uma administração mercantil, com mensalidades certas e uma escrituração impecável, dando as economias tanto aos ministros em função e tanto aos jubilados, a Igreja Católica dá aos seus minis-

tros entradas eventuais, como recebia Cristo. E a jubilação do Padre católico é só na outra vida.

Estabelece, por isto, que **por ocasião de certos, não** de todos, nem de metade dos sacramentos, uma remuneração **pelo trabalho do ministro**. Mas isso não como condição «sine qua non». Se o remunerarem, dá o Sacramento e se não lhe remunerarem DEVE dá-lo da mesma forma. E' a lei.

Não é um mercadejar, pois êste parte do princípio: «se tu me dás eu te dou, e se não me dás não te dou».

Aqui se dá o Sacramento e depois o cristão, se quiser reconhecer a sua obrigação de bom cristão, aproveitará a oportunidade para ajudar aos ministros da Igreja.

Não disse Cristo que o operário é digno de viver de seu trabalho e não disse S. Paulo que quem trabalha para o Altar, do Altar tem de viver? (I Cor., 9, 13).

Na Epístola aos Filipenses, 4, 15-18, S. Paulo elogia a êstes cristãos porque tomaram parte na sua aflicção e o ajudaram na sua indigência.

Na sua administração, a Igreja Católica resolveu fazer assim, pedir para o sustento do ministro, **não pelo Sacramento** — pelo amor de Deus entenda claro, **mas na ocasião** em que o fiel ocupa os trabalhos do pastor.

E isso mesmo se dispensa quando o fiel é indigente.

Hoje mesmo e todos os dias tenho administrado todos os sacramentos, sem nada receber. Assim farão todos os padres.

De vez em quando alguém me dá um envelope.

Ontem recebi um. Estava branco, era de pobre. Paciência.

E a gente fazendo assim, não dói na alma a injúria de Silva a chicear cinicamente: «EM TODO O CASO DOU AO PE. LIBERALI o ensêjo de me provar, com textos biblicos, que a crisma, o batismo e os sacramentos, por exemplo, devem ser feitos a 3, 10 e mais cruzeiros cada um».

E' que não há PREÇO, e se administram com ou sem cruzes.

Ficou provado à sociedade que as espórtulas estão marcadas para regulamento de quanto o povo deve dar ao seu ministro, mais ou menos, para cumprir o dever de pagar os dízimos e sustentar o culto. E isto, não se pôde negar, é lei de Deus no Antigo Testamento, e Cristo não a abrogou.

Foi Deus que disse: «Honra a Deus com a tua fortuna».

Quem defrauda a Igreja ou seus ministros é ladrão de Deus, escrevia o «Expositor Cristão», algures.

E com razão, pois se pagamos impostos aos governantes civis, por que não ajudar também as cousas de Deus?

Agora, como são pagos os dízimos, isso as diversas Igrejas determinam.

A Igreja Católica escolheu o sistema que usa. Que é que tem que ver com isso o Sr. Antonino José da Silva? Não seja intrometido!

Se fica bem ou não, não será o Sr. que reformará a Igreja Católica.

Ela, sem sacrificar o depósito da fé recebido, vai se amoldando aos tempos.

Se futuramente mandar adotar uma escrituração da Igreja e dar aos Padres o sustento em separado, evitando de pedir algo, não à custa do Sacramento como vilmente assevera, (p. 26) mas por ocasião de certos sacramentos, ela o fará como melhor entender.

Não ensinemos à Igreja Católica. Ela é a mestra universal de todos os tempos.

«A verdade não teme concorrência».

Foi por isto que, apesar de eu ter dito que não voltaria à luta, aqui me tem o leitor amigo a abusar da sua paciência.

E me terá sempre, enquanto a mentira não desaparecer e der lugar à verdade.

E vejamos se Silva não volta a melhores sentimentos e não se mostra tão mau intérprete das Escrituras, condenando com elas o que êle não entende. Pobre Espírito Santo, se for o mentor de Silva!

Eu o convido a pôr a viola no sacco.

Duro é recalcitrar contra o aguilhão.

Aquela Igreja que S. Paulo perseguia é a mesma que nos veio do tempo de S. Paulo.

Quem a combate, combate Cristo, como respondeu a voz a Saulo.

Volte o Sr. Silva a melhores sentimentos e acabaremos com essa disputa sem fim.

São os meus votos.

18. QUEM E' FARISEU? — COMBATE A' MAÇONARIA, ÚNICA ACERTADA POR SILVA — I. Quando apedrejaram a casa de culto em Cunha, em que Silva atirava contra os católicos as mais atrozes injúrias — supponho que tenha repetido as que manifestou em suas respostas — achei a explicação no fato de os católicos, apesar da boa vontade, ainda não terem alcançado a perfeição de ouvir desaforos e calar.

O Sr. Silva exultou, dizendo que eu reconheci o fracasso do catolicismo, porquanto os católicos «ainda não alcançaram a perfeição»; têm seus defeitos.

Nunca achei os «católicos» infalíveis.

Eles sim, os protestantes, alcançaram a perfeição de ouvir «torpezas dos católicos» e seriam incapazes de responder.

E como amostra já vem êle respondendo pela quarta vez. E' como uma mulher de má língua. Quer ter sempre a última palavra. Isso se chama «alcançar a perfeição».

Macaco, olha para a tua cauda!

Se os católicos respondem é reconhecer o fracasso

do catolicismo, e os protestantes não respondem... respondendo sempre.

Agora temos o reverso da medalha.

Ponde em evidência a contradição dos protestantes, uns a favor da maçonaria e outros contra a mesma; vem Silva também reconhecer que «também entre os protestantes há falhas». Ainda não alcançaram a perfeição.

E aí Silva aproveita a ocasião para dizer que eles, protestantes, são humildes como o publicano, reconhecendo seus erros e não «fazem como os padres que se julgam infalíveis como o fariseu!...»

Mas, «seu» Silva, quê memória de galinha é esta?

Eu fui o primeiro a reconhecer erros e fraquezas «nos católicos».

Nunca o catolicismo achou infalíveis os católicos, nem o Papa, geralmente falando; e agora vem atribuir-nos afirmações por nós nunca enunciadas, para poder chamar os padres de fariseus.

Eu é que deveria ter chamado, na primeira resposta, a Silva e Cia. de fariseus, mas não o fiz, por caridade.

E vem êle agora trocar os papéis: já não alcançaram a perfeição como tinha dito antes e os católicos é que dizem ter alcançado isso.

Francamente, Silva pensa que se possa discutir, fantasiando erros nos outros.

II. Mas como chamar de fariseus os Padres que sempre foram humildes publicanos? Não é que Silva vai atirar terra nos olhos do leitor para não ver a «divergência incrível» nos arraiais protestantes, quanto ao assunto da maçonaria?

Silva condena tanto os protestantes que usam imagens em seus templos como os protestantes que são maçons.

Acha-os **transgressores da verdade** (p. 26). «Os evangélicos reconhecem irregularidades entre alguns que se dizem evangélicos. Porque reconhecem os pecados dos vícios. Os evangélicos reconhecem suas imperfeições...»

Em que ficamos? Se são transgressores da verdade, não se trata apenas de irregularidades e muito menos de «imperfeições».

Aí se vê claramente o quanto a religião protestante é sem bases firmes.

Posta à prova é como casa construída sôbre a areia. Ora uma coisa é essencial, ora não é. E depois, é o catolicismo que fracassa!

Se a maçonaria é transgressora da verdade, todos os protestantes a ela filiados são também transgressores da verdade

E aqui no Sul, nada menos que um graduado pastor, Nésio de Almeida, é o Grão-Mestre da Maçonaria e Atalício Pitan, de Bagé, «Bispo» Episcopal é um dos esteios mais firmes da maçonaria gaúcha. Sem falar na grandeturma de protestantes — quase todos — que fazem parte ativa da maçonaria.

Será possível que entre todos os protestantes do Brasil, só Silva ande acertado?

A meu ver, nem êle e nem êles. Erram todos.

Bastaria essa contradição para causar a morte de uma religião.

Realmente, o protestantismo é uma religião feita de afogadilho. Não é uma cousa pensada. E' feita improvisadamente, sem uma norma certa. Depende de como cada qual interpreta as escrituras. Não há, pois, dois protestantes que pensem da mesma maneira, porque o princípio do livre-exame faz com que cada qual tire da Bíblia o que bem entende, pois é séria injúria atribuir ao Espírito Santo as loucuras que cada qual pensa que êle lhe inspire.

Para uns as imagens são simplesmente símbolos permitidos por Deus e para outros são «ídolos» proibidos. Teremos dois Espíritos Santos diferentes?

Para uns, a maçonaria é muito boa, para outros é a «transgressão da verdade».

Para uns, o batismo de crianças é lícito, para outros é pecado; para uns, o livro da Epístola de São Tiago é inspirado por Deus, e para Lutero era uma Epístola de palha e foi queimado em praça pública.

O protestantismo é, pois, um saço de gatos, um pandemônio, em que ninguém se entende. E é êsse reino dividido que quer acabar com a gloriosa Igreja Católica, a única Igreja fundada por Cristo e que por 2.000 anos se tem mantido unida e firme? Que pretensão! Durará até que a mentira seja desmentida. Sê-lo-á brevemente.

INQUISIÇÕES CLERICAIS E ANTI- CLERICAIS

RESPOSTA AO FOLHETO «INQUISIÇÃO» DE ANTÔNIO
JOSE' DA SILVA

UMA PA' DE CAL SÔBRE A INQUISIÇÃO ESPANHOLA

1. MARTIRES PROTESTANTES? — Tendo «O Lutador» trazido um artigo, prevenindo contra o perigo comunista facilitado pela confusão que entre o povo trazem as centenas de seitas protestantes na faina de desunir espiritualmente o Brasil, profetizando que nos estamos aproximando da época dos mártires, o Sr. Antônio José da Silva, Pastor de Piquete, dá um grito, denuncia «a ameaça feita pelo aludido jornal contra o povo evangélico», isto é, pseudo evangélico, que é o protestante.

Ora, meu caro Silva, nesse artigo nem se tratou dos protestantes.

Será que V. S. está paranoico, vendo o diabo em cada canto?

Pois aí o articulista apenas previne de que «os católicos serão martirizados» pelos comunistas e seus comparsas.

Sentir-se ameaçado pelos católicos, neste caso é ver demais, é ser vesgo, «é ter mania de perseguição».

2. QUE SE ENTENDE POR INQUISIÇÃO? — Desde S. Paulo, a Igreja, como guia da humanidade e depositária da revelação escrita ou não, tem prevenido os fiéis contra a propaganda dos hereges. O Apocalipse é quase um auto de fé contra os hereges das igrejas asiáticas.

Em resumo, é um direito natural e obrigatório para

a Igreja verdadeira discernir o bom do falso, o jóio do trigo.

E sem inquirir as coisas não se pode julgar.

Daí a necessidade da INQUISIÇÃO.

Dentro da Igreja sempre houve e ainda há a inquisição, que se chama hoje Congregação do Sto. Officio, que julga os livros e condena os hereges, excluindo-os do seio da Igreja.

E tôdas as igrejas accitam ou excluem membros, conforme sua bondade ou ruindade.

Não se chamará inquisição ou Santo Officio o órgão julgador, mas praticamente é a mesma coisa.

Uma coisa é a inquisição Romana e outra a espanhola, como veremos.

3. PARA ENTENDER A INQUISIÇÃO ESPANHOLA.
Na inquisição espanhola, cada inimigo do catolicismo quer condenar ao mesmo COMO SEU AUTOR, responsabilizando-o das crueldades verdadeiras ou falsas.

Isso é falta de critério.

E Antônio José da Silva, guiado por diversos cegos, nulidades em história, porque pouco escrupulosos em lançar ao mundo, em nome da história, coisas que nunca foram da história.

Em seu folheto «A Inquisição» o dito senhor vem com as autoridades de Raposo Botelho e Joaquim Pimenta que, já se vê, seguem mais o seu rancor contra o catolicismo do que a verdade histórica, como veremos.

Para entender a inquisição espanhola e sua culpabilidade é preciso saber as seguintes coisas:

1) Que a Espanha fôra libertada fazia pouco do poder dos mouros e estava minada de judeus. Ambos êsses dissidentes do catolicismo eram considerados na Espanha como quinta-colunas, e, portanto, traidores.

2) Que nos diversos reinos da Espanha livre «era crime civil passível de morte o não ser católico».

Essas leis foram feitas por Afonso II para Aragão, em 1194, em Navarra, em 1238 e em Lião e Castela não consta data, mas se acham nas leis 2 e 17 do Livro 12, título 2.

Não ser católico, ser herege, era, pois, incorrer nas penas do código penal da Espanha.

Se era isto lícito ou não, não vem ao caso. Só vem aqui «o fato da existência». (Espasa, vol. 64, pág. 359).

4. A VERDADEIRA INQUISIÇÃO ESPANHOLA — Os reis católicos Fernando e Isabel, tendo unificado a Espanha, unificaram também as leis do código civil penal; unificaram também as leis referentes ao crime de falsa religião.

Ora, como os leigos não poderiam saber quais eram os que possuíam a religião verdadeira ou falsa, era mister se tivessem como auxiliares teólogos que conhecessem a ortodoxia e a eterodoxia.

Em assunto religioso, só os religiosos poderiam decidir.

Nisso foram lógicos e pediram ao Papa que lhes indicasse êsses doutores.

O Papa Sixto V, que reinava naquele tempo, concedeu no breve de 1 de novembro de 1478 a faculdade de «nomearem dois ou três inquisidores», os quais seriam destituídos e substituídos pelos mesmos. (Con. Lorente).

Era, pois, a Inquisição Espanhola um tribunal mixto.

O papel dos sacerdotes (os quais, seja dito de passagem eram, em geral, homens de ótimos costumes e austeros e não os que a literatura barata e judaizada, infelizmente crida pelos beócios, apresenta) era, pois, julgar se os réus eram católicos ou não.

E quem melhor do que um sacerdote pode saber se alguém é católico ou não?

Eles apenas diziam: êste é católico, aquêle é mouro ou judeu.

Quanto ao resto, a responsabilidade era do rei e das leis em vigor.

Demos a palavra ao maior historiador espanhol, Marcelino Menendez y Pelayo: «E há ainda católicos que, embora accitem que se deve reprimir a heresia, maltratam a inquisição espanhola? E porque? Pela pena de morte imposta aos hereges? Pois se ela estava consignada nos nossos códigos da idade média, em que, dizem, éramos mais tolerantes. Aí está o «fôro real», mandando que todo o que se passe para os mouros ou judeus, morra por isso... Aí estão as «partidas» Lei 2ª título 6º parte 7ª: «Diciendonos que al herege predicador debenlo quemar en fuego, de manera que muera». («Hist. da Espanha» do dito autor, p. 172, Madri, 1934).

O mesmo autor quer justificar que assim como naquele tempo se usava pena de morte contra o contrabandista que defrauda os bens materiais do estado, para os reis que tinham fé, mais perigoso e prejudicial era o herege que prejudica o bem eterno do povo que deve ser defendido.

Este autor tem considerações bem interessantes que, se fôsseem postas em prática pelo governo brasileiro, as coisas não seriam muito boas para o lado do Sr. Silva e Cia. Diz Pelayo: «Desde o código teodosiano até agora, a nenhum legislador ocorreu a idéia de considerar as heresias «como simples disputas de teólogos ociosos», que poderiam deixar-se sem repressão nem castigo, porque em nada alterariam a paz do Estado. Pois haverá um sistema religioso que em seu organismo e suas consequências não tenha relações com questões políticas e sociais?

O Matrimônio, a constituição da família, a origem da sociedade e do poder, não são matérias que interessam igualmente ao teólogo, ao moralista e ao político?

Nunca se ataca o edificio religioso, sem que trema

e ressinta o edifício social». Que longe estavam os reis do século XVIII, de pensar, quando favoreciam as idéias enciclopedistas, expulsavam os jesuitas, faziam sofrer a Igreja, que a revolução por êles nescientemente fomentada haveria de fazer ruir seus tronos no pó».

Em resumo, a inquisição espanhola era um ato de defesa do Estado que tomou a seu serviço alguns eclesiásticos, que eram seus funcionários demissíveis «ad nutum». Por muito favor podemos considerá-lo um tribunal especial mixto cabendo, pois, as arbitrariedades ou crueldades do «Estado» ou se se meteram também os inquisidores por «sua conta e risco».

5. NÚMERO DE VÍTIMAS — As crueldades da inquisição eram concomitantes com a mesma prática de todos os países do mundo civilizado de então. Seria talvez uma herança dos bárbaros que invadiram a Europa, «mas nunca a Religião Católica», como quer injuriosamente fazer crer Antônio José da Silva. E ainda quer fazer crer que a Igreja Católica «hoje tem o mesmo pensar».

Pois fique ciente, meu caro Silva, que o Catolicismo «tem a tolerância e a intolerância de Cristo».

Ele é a Religião de Cristo e não tem outras idéias que as de Cristo.

O Santo Ofício da Inquisição, antes e depois da Inquisição espanhola, limita-se a excomungar o herege, como é o seu caso. E também como quer que mantenha em seu seio quem não quer ficar nele?

Assim, se vítimas houve por parte do braço secular, era com pesar que ela via isso, mas como não mandava nos reis católicos, só lamentava o acontecimento, pedindo muitas vêzes clemência. Em 1519 o Papa Leão X excomungou a todos os inquisidores de Toledo. Assim que se Silva lamenta, a Igreja Católica lamenta consigo os prejuizos que a humanidade teve com a inquisição, que sendo um instrumento real, agia independente. (Devivier, p. 461).

Entretanto, o número de vítimas que fêz a Inquisição não foi tão grande como se propala.

Llorente fala em 35.000 vítimas em mais de 300 anos de funcionamento.

Mas Llorente não é de confiança nos dados históricos, pois queimou os documentos que Napoleão lhe pôs nas mãos. (Devivier, p. 458, numa nota).

Por que os teria queimado? Para não descobrirem suas mentiras!

E os nossos inimigos seguem a Llorente como a um Evangelho. Um copia do outro sucessivamente; assim as mentiras vão correndo mundo, não se dando conta de que estão pecando contra o oitavo mandamento, levantando calúnias sem bases sólidas!

E por que se ataca somente a Inquisição espanhola, se ela foi a mais benigna de todas?

Todos os inimigos do Catolicismo tiveram suas inquisições piores que a dele... A prova típica do que afirmo é que Miguel Servet, o sábio espanhol que descobriu a circulação do sangue, tendo escrito um livro contra a Santíssima Trindade, foi condenado à morte pelo tribunal católico de Lião, mas quem o queimou vivo foi Calvino, em sua feroz inquisição de Genebra.

O protestante Guilherme de Cobbet afirma que Isabel matou num só ano mais católicos que a Inquisição «em todo o tempo da sua existência».

E que a Inquisição não era tão ruim como se pensa está provado no fato de que os criminosos de outras culpas, sem ser a heresia, preferiam ser condenados nesse tribunal antes que pelos ordinários. Assim aos poucos a Inquisição julgava também os contrabandistas, os mágicos, os feiticeiros, os usurários, etc.

Tôda benigna se tornara a Inquisição que o rei da Espanha em data de 17 de Julho de 1568, foi obrigado a delimitar as atividades da mesma para dar trabalho tam-

bém aos demais tribunais (Espasa, vol. 64, p. 359).

6. INQUISIÇÃO LUTERANA — Os nossos inimigos ouçam também agora o reverso da medalha.

Foram intolerantes mais que os católicos.

Chegaram aos extremos a que nunca chegou a Inquisição espanhola.

Vejamos, por exemplo, a inquisição luterana, estabelecida no dia 7 de agosto de 1536 para acabar com os anabatistas. (Conf. Gastius. História do Davidismo, T. 2). No congresso reunido nesse dia se tomaram diversas decisões que depois foram realizadas: «Se, pois, o anabatista, persistindo em sua doutrina criminoso, sustenta a necessidade de um segundo batismo, nega o pecado original e separa-se de nós sem necessidade, morra pela espada na sua culposa obstinação». (Obra citada, página 176).

Outro tópico das resoluções do Sínodo de Hamburgo é este: «Todo aquele que rejeita o batismo de criança, que transgredir as ordens dos magistrados, que prega contra os impostos, que ensina o comunismo dos bens, que usurpa o sacerdócio, que faz reuniões ilícitas, que peca contra a fé, seja punido de morte». (Da bula do dito Sínodo).

Numa carta, escrita ao Conde de Hesse, Lutero entende a sua inquisição a todos os blasfemos e todos os que discordassem de um só ponto de sua fé. E ainda mais nas disputas demarcava que fôsse o magistrado civil que decidisse a contenda. Nessa mesma carta manda se entregar às mãos do carnífice todo pregador que não apresentasse vocação divina e mandato humano.

Essa foi a inquisição luterana que experimentaram os anabatistas.

7. OS ANABATISTAS — Foram estes os primeiros frutos da pregação de Lutero. Este pregava o livre exame das Escrituras. Eles, então, deduziram uma lógica de ferro, e diziam entre si: era virtude da liberdade cristã pregada

por Lutero, cada um de nós é senhor do seu espirito e do seu coração, de sua religião e de sua moral... que necessidade temos, pois, de padres, de pastores, doutores ou magistrados? Cada um é doutor e rei para estabelecer na terra o reino de Deus. Cada um de nós poderá, em virtude da liberdade prégada por Lutero, tomar quantas mulheres quisermos, como Davi e os Patriarcas.

Estas conseqüências, entretanto, irritaram a Lutero e seus príncipes que tomaram as armas e marcharam com canhões contra os anabatistas, chefiados por Tomás Munzer, os quais foram derrotados em Frankhause, enforcados, queimados e decapitados. Reorganizaram-se depois, dominaram a cidade de Munster ou Munich. Lá iam interpretando ridiculamente a Bíblia, pois, em obediência a uma passagem do Evangelho: «O que se exalta será humilhado» abateram tôdas as cúpulas das tôrres e campanários. João de Leyde foi o sucessor de Munzer. Ele rodeado de suas concubinas, sentava-se na praça pública, num tribunal, para julgar as pendências do povo, qual novo Salomão, executando êle mesmo as sentenças por vêzes de morte.

Foi derrotado em 25 de junho de 1535, mas foi morto com um punhal em brasa, cravado no coração, em 22 de janeiro de 1536, depois de ter sido torturado. Teve a sorte de, antes de morrer, pedir e obter um padre católico para se confessar e obter o perdão de seus inúmeros pecados.

Assim, acabou nas mãos da inquisição luterana êsse primeiro rebento do luteranismo. O pai matou o filho.

8. INQUISIÇÃO CALVINISTA — Em 1540 estabeleceu Calvino em Genebra seu tribunal, chamado consistório, constituído por seis pastores e doze anciãos, com uma policia secreta que denunciava tôdas as faltas do povo.

Contam-se centenas de mortos, entre êles Daniel Berthier e Miguel Servet, o sábio espanhol de que falamos.

Todos os outros principais reformadores estiveram de acôrdo com a queima de Miguel Servet.

Assim que, se a inquisição fôsse um êrro da Igreja Católica, já a reforma deveria ficar calada porque ela teria a mesma balda, com a diferença das truculências serem ordenadas diretamente pelos que se revoltaram contra Roma.

O curioso é que nenhum escritor da época fala contra a inquisição, porque com certeza achavam natural, então, seu proceder.

Nenhum reformador criticou a Igreja Católica de ser cruel.

Só hoje êsses mansos cordeiros de Cunha e Piquete é que se lembram de fazê-lo.

Eles provocaram com ataques rudes contra a doutrina católica, a ira de seus partidários. Provocaram a repulsa popular e... a inquisição chegou a Cunha. Já é muita mania.

9. INQUISIÇÕES ANGLICANAS — Foi a Inglaterra o Calvário dos católicos.

A Inquisição protestante teve ali diversas fases: a de Henrique VIII, que condenava à morte todos os católicos que não o reconhecessem como chefe visível da Igreja, a de Eduardo VI, auxiliado por Seimour e Cranmer. A pior, porém, de tôdas as inquisições foi a de Isabel, que por meio de eclesiásticos invadia a alma dos ingleses, com requintes piores que a mais negra inquisição espanhola. Pois ela, conforme diz Cobbet «Hist. da Reforma», Cap. XI, n. 339, exigia do acusado, com torturas, que se denunciasse a si mesmo; como católico «devia denunciar também» seus parentes, amigos e até seus pais sob pena de morte.

Ouvir missa, hospedar um sacerdote, reconhecer a supremacia do Papa «eram motivos suficientes para se aplicar ao infeliz católico a pena de morte». E todos eram OBRIGADOS a assistir ao culto protestante, sob pena

de grossas multas. Dessa passagem se esqueceu a Inquisição espanhola.

Os que se recusassem ir aos cultos protestantes eram multados em 20 marcos, banidos da Inglaterra dentro de três meses e se voltassem seriam mortos.

Só no ano de 1612 (portanto, Sr. Silva, já fazia cem anos passara a fundação da Reforma), só no Condado de Hampshire os católicos tiveram de pagar quase quatro milhões e meio de libras sterlinas. (Conf. «Intolerância Protestante», de Mandato, p. 38).

De mais a mais, até o ano de 1828, na Inglaterra, o católico não podia ser cidadão inglês.

Mas, resumamos o «Código de Sangue» que durou até princípios do século passado.

- 1) Os católicos não podiam votar nem ser votados;
- 2) Assistir Missa, multa de 60 libras e rezar, multa de 120;
- 3) Ter professor católico em casa, multa de 6 libras por mês.

O professor devia pagar uma multa de 2 libras por dia.

4) Mandar filhos para colégios católicos no estrangeiro, 2 libras por dia, cada filho. E êsse filho tornava-se incapaz de herdar, comprar ou possuir bens, etc.

5) Todo sacerdote católico, vindo do continente, que não abandonasse a religião católica dentro de três dias, morte pela fôrca e esquartejamento.

6) A mesma pena para quem voltasse à religião católica ou quem o fizesse voltar.

Para a Irlanda, êsse código era ainda mais severo.

Foram tiradas as terras a católicos e dadas a protestantes.

10. OUTRAS INQUISIÇÕES PROTESTANTES — Na Noruega, Suécia e Dinamarca, os católicos eram despojados do título de cidadão. E essas leis permaneceram em vigor até princípios do século XX.

Não acha, Sr. Silva, que estamos longe dos princípios da Reforma?

E como se atrevem os protestantes ainda em falar de inquisição católica?

As inquisições protestantes dos reinos de Saxônia e Brunswik sômente tiveram fim na guerra européia de 1914. Ouvia, Sr. Silva?

E desenterra-se a Inquisição da Idade Média quando êles têm agora ainda coisa fresca; talvez seja por isso mesmo. Por si se julgam.

11. OUTRAS INQUISIÇÕES — Diz o Sr. Silva que nós não trazemos provas de nada. Que êle, sim, traz um fato aqui de um padre revoltoso que incorreu no Tribunal de Segurança para dizer: «A Igreja Católica ainda tem inquisição, pois, Roma nunca renunciou ao seu espírito aventureiro de dominar o mundo...

Não renunciou, porque nunca teve tal bestialidade do pastor piquetense. A Igreja Católica, sim, é que soufreu as inquisições por dúzias, de todos os lados, de protestantes especialmente e não sômente no tempo da Reforma.

Quem não ouviu falar de Kulturkampf?

Não era êle uma inquisição do protestante Bismarek contra a Igreja Católica?

Pois há-de saber que na Alemanha de Bismarek o protestantismo era a religião oficial, como é até hoje na Inglaterra.

Não conhece também a inquisição de Combes que expulsou os religiosos da França?

Não conhece a inquisição do México com Calles, Carranza e outros?

Não conhece a inquisição do comunismo espanhol, prendendo e matando padres e freiras na Espanha dominada pelos vermelhos?

E o que fez Hitler na Alemanha não é inquisição?

E o que se passou na Rússia antes da guerra não é inquisição perfeita?

E por que se esquecem de tôdas essas inquisições da maçonaria mancomunada com o protestantismo e comunismo para somente ser lembrada uma miserável inquisição dos tempos em que o mundo saía da barbaria?

Onde está o bom senso e a equidade?

12. OS GUTAS DE SILVA — No seu folheto «Inquisição» o pastor de Piquete se estriba em duas nulidades históricas.

E que sejam tais logo se vê.

Vejamos o guia Péneta: «Uma religiosa brasileira por se ter recusado a entregar a direção de um educandário a uma confraria estrangeira «foi agredida a sôcos e pontapés» pelo próprio Arcebispo da Baía». (Págs. 3-4).

Quem diz isso de um Arcebispo brasileiro, cuja fidalguia é conhecida e cuja inocência foi comprovada nos tribunais, deixa de ser historiador e só pode ser mentor de pastores...

Esse mesmo «historiador» atribui à «intolerância clerical» a matança de S. Bartolomeu, em que teriam morrido 30.000 huguenotes.

Ora, dizer semelhante sandice é o suprassumo do atrevimento, pois a história prova que quem mandou fazer essa matança foi Carlos IX, à instigação de sua mãe, a rainha Catarina de Médicis que de clerical não tinha nada. Coligny ameaçou ao rei de rebelião se não fizesse guerra à Espanha. O rei queixou-se de não ser rei de todos os franceses, pois Coligny cobrava impostos dos seus huguenotes.

Providencialmente, o Papa que então imperava, Pio V, muito antes do atentado, a 10 de maio de 1567 escrevia ao embaixador espanhol em Roma uma carta dizendo que em França estavam premeditando qualquer coisa que êle não poderia nem aprovar, nem aconselhar, «porque sua

consciência reprovava semelhante coisa», que seria empregar meios para acabar com Condé e Coligny.

O outro historiador mentor do pastor é Raposo Botelho. Ele tem uma passagem que não corresponde à verdade. Diz que a Inquisição «julgava secretamente», quando era públicamente. O réu até tinha o direito de apelar e, mesmo de recusar o juiz para ser julgado por outro. (Espasa, vol. 64, p. 364). Essa é a verdade histórica e não a de Botelho (será o Pedro?).

13. POLÔNIA CONVERTIDA EM 1918? — Custa a crer que um homem como John Cunther tenha escrito que Foch enviou à Polônia, para convertê-la ao Catolicismo, ao General Weygand!!!

Isso até desperta hilaridade.

Essa é grossa! Mas não se lembra que Weygand foi à Polônia para lutar por ela contra os bolcheviques? Depois de independente, retirou-se, via Itália. A Polônia com a Lituânia, bem como a Hungria e Áustria, são países católicos da gema, que não acreditaram nas patacoadas dos pseudo-reformadores. Eles são católicos desde antes da Idade Média. Como se vão converter agora em 1918? Não foi Sobiesqui que venceu os turcos na batalha de Viena? Há na Polônia milhões de judeus, porque sabem que o catolicismo é bem mais tolerante que as intolerantes seitas protestantes que profanam a Igreja de Deus com partidarismos. Elas e seus partidários são os falsos profetas prenunciados por Cristo. Negam a IGREJA DE DEUS, pecando contra o Espírito Santo. Querem condená-la e por isso procedem com ela com a má fé do lobo em referência ao cordeiro. Que a estudem e vejam que ela não é o monstro que a julgam, mas, a IGREJA DE DEUS VIVO, coluna da verdade contra a qual é inútil combater porque as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

14. INQUISIÇÃO PROTESTANTE EM NOSSOS TEMPOS — Vai por sobre-mesa e como ponto final sobre o assunto o seguinte: os protestantes, onde não imperam, são

cordeiros; seguem as máximas do Evangelho e na aparência pregam a liberdade de consciência, mas quando dão as cartas aí se vê qual o motivo pelo que condenam a inquisição espanhola: é que um bom julgador por si mesmo julga.

Êles é que são os grandes intolerantes, não somente no tempo da falsamente chamada Reforma, mas sempre, pois não há terra que não sofra a sua insistente penetração, com pregação pelas ruas (exército de salvação), com boletins, caluniando vilmente a Igreja, taxando-a de invenção dos padres, quando tudo é mentira, torturando assim a consciência do povo.

Não reagem quebrando vidraças porque os católicos somente poucas vezes perdem a paciência e os deixa martirizar suas almas sem protestar, com raras exceções (das quais colheu a palma do martírio o provocante e imprudente ex-pastor de Cunha e atual de Piquete).

Não faz muito os protestantes Muckers, em S. Leopoldo, usaram a violência, interpretando a seu modo a Bíblia, matando e queimando casas, até que o govêrno teve que mandar uma fôrça contra êles e reduzi-los a bom juizo. E' uma amostra da inquisição protestante em nossos dias.

Mas nos anos em que vivemos também se pode observar o espírito inquisitorial dos protestantes.

E' por meio de seus colégios.

Pregam que em seus colégios há liberdade religiosa. Isso é para pegar os incautos.

Na realidade, porém, é tudo ao contrário.

Os alunos são obrigados a assistir o culto, ou, pelo menos, assistir a uma pregação de Bíblia interpretada erroneamente ao modo protestântico.

E' aqui, no Colégio União, é em Sta. Maria, no Centenário, é em Passo Fundo, no Instituto Ginásial, é em Porto Alegre, em todos os colégios.

Assim há-de ser em todo o Brasil.

Com os internos a coisa é pior ainda.

Aqui, pelo menos, era com diretores anteriores, não falando do atual que é norte-americano o qual pode ser que seja democrata e cumpra o prometido.

Mas antes, até há dois anos, e em Sta. Maria até hoje se dá o seguinte: o pensionista é proibido de ir à Missa católica e é obrigado sob penas a ir ao culto protestante. As penas são em geral privação a saídas ou perda de pontos.

Não é isso inquisição?

Nunca os colégios católicos chegaram a êsse ponto com os protestantes ou judeus que lhes frequentam as aulas.

E como vão os protestantes falar em inquisição... dos outros?

Olhem para si mesmos e terão de ver de que lado está a intolerância e onde se praticou e pratica em maior escala e OFICIALMENTE a inquisição.

E não venham mais com balelas mil vêzes refutadas que perderam o sabor da atualidade.

Fariam melhor em estudar o catolicismo; reconheceriam nêle a verdadeira Igreja de Cristo e em breve não haveria mais que um só rebanho e um só pastor - A Igreja Católica e Cristo, do qual o Papa é apenas representante.

DESCALÇANDO A BOTA

1. O Sr. Belerofante diz que um Papa em 30-5-1431 condenou à morte a Joana d'Arc como feiticeira e em 1919 outro Papa a declarou santa. Quem tem razão? Um errou? E quer que eu descalce a bota.

Meu caro Belerofante, não descalço a bota porque não está calçada. Se um ferroviário, em Uruguaiana, faz um erro, poderemos dizer: O Ministro da Viação errou? Só um maluco pode afirmar semelhante despalante. Não é lógica. Foi o caso. «Não foi um Papa que condenou Joana d'Arc.» Foi um Bispo, em Bouen. Ora, o catolicismo não diz que um bispo seja infalível por si mesmo. Ora, a Inglaterra estava em guerra com a França, e a Joana d'Arc eram atribuídas as vitórias francesas contra os ingleses. Caindo ela em poder dos ingleses, armou-se um «pg» (como se diria hoje) para liquidar com ela. E não faltaram os que atribuíram à feiticeira as visões que lhe são atribuídas. E foi queimada como tal, pois era esta a pena dos feiticeiros e espíritas naquele tempo (porque espírito de hoje era feiticeiro em outros tempos). Foi condenada pelo Bispo de Beauvais, Pedro de Cuchon, a serviço dos ingleses. Depois de terem queimado Joana, os mesmos ingleses exclamaram «queimamos uma santa».

O Papa em 1909 beatificando-a e em 1920 canonizando-a não fez nada mais nada menos que uma reparação.

Onde está o erro do Papa? Se o outro não era Papa!!!

Sobre a infalibilidade do Papa, é preciso não confundir com a impecabilidade.

O Papa pode pecar e mesmo errar, pois não dizemos que seja infalível sempre, mas «unicamente» quando «excâtedra», fala sobre a fé e moral. Quer dizer, o Papa só não

pode errar quando «encabeça a Igreja». E isso pela honra de Cristo, pois êste disse que «assistiria a sua Igreja todos os dias até o fim do mundo». Ora, onde está Cristo aí está a infalibilidade. Logo, a Igreja é infalível. E se ela é infalível, infalível deve ser quem lhe dá as determinações, quem a dirige. Uma comparação. Uma locomotiva deve chegar a tal cidade. Logo, os trilhos a devem levar até lá, também! Isso é claro como água!

2. MAIS UM COVEIRO — O catolicismo foi fundado por Cristo. Já resistiu a ameaça de todos os coveiros por quase dois mil anos. Não será um Belerofante qualquer que vai acabar com êle. Ele «é o órgão oficial deixado por Cristo, o reino de Cristo». Começa neste mundo e termina na eternidade. Voltaire disse em 1768: Daqui a vinte anos enterraremos a Igreja. Daí a vinte anos, a Igreja enterrava Voltaire que morreu pedindo um padre para se confessar e seus sequazes lho negaram. Morreu como um cão.

Mas os inimigos que enxergam não dizem que o catolicismo morreu. Pelo contrário. Estão alarmados pelo seu desenvolvimento.

Assim, no n. 50 do «Expositor Cristão», de 14 de dezembro de 1944, se encontra um artigo de fundo na 1a página com títulos garrafais: «Brado de Alarme», em que o autor C. W. Clay cita o artigo «Cruz Ansata» do escritor e historiador inglês H. G. Wells, em que o dito inglês se assusta dos avanços do catolicismo em tôdas as partes do mundo, comparando-o com um polvo com tentáculos por tôda a parte. Ora, se o catolicismo, ao qual chama injuriosamente de seita (?) caminha como diz Belerofante para o desmoronamento e já é «Cadáver», como poderia assustar o protestante? Um moribundo ou um cadáver não assusta a ninguém. E se o catolicismo é cadáver, contra quem se levanta o Belerofante? Que luta macabra é esta? Lutar com «um cadáver»?

Mas a realidade é bem outra. O Catolicismo «vence o mundo». Somos os mesmos cristãos das catacumbas.

3. O DIABO — Este não pode fazer milagres. Milagre é uma suspensão das leis da natureza. Isto não pode o diabo. Mas nunca disse que Diabo faz milagres e nem que haja coisas no espiritismo que seja milagre». Tudo o que se passa no espiritismo está na alçada do diabo. O diabo não se pode negar. «Jesus afirmou que existia o diabo que anda em redor da gente procurando quem enganar». Transforma-se em tudo «para enganar, pois até em anjo se disfarça, como diz a palavra de Deus, quanto mais neste ou naquele espírito. E negando o que ensina Cristo é que o espiritismo pretende ser a religião de Cristo. Se pratica a caridade por um lado, leva as almas ao inferno por outro. E isto é caridade? Sem falar nos loucos que produz.

Se o diabo faz um bem, é para com êste bem fazer um mal maior. E' como o pescador que vai dar comida ao peixe pela isca. Mas dentro da comida está o anzol traçoeiro e matador. O Espiritismo «não precisa de trombetas», e por que trombeteia? Por que trombeteiam os jornais sôbre os casos de Pinda e S. Gabriel? Interessante: só vêm o rabo nos outros; o próprio não se vê. O povo é que deve dar o fora nas religiões novas que não venham do tempo de Cristo. O Espiritismo como hoje está organizado, foi de 10 de junho de 1853. Ora, Cristo foi do ano primeiro. Antigamente o Espiritismo era mais sincero: Vinha em nome de Satanás. Assim é ainda entre os índios do Mato Grosso. Aqui é que vem com roupas cristãs, mas diverge de Cristo pelos ensinamentos: o Batismo, a Trindade, a Comunhão, os Sacramentos todos e dá aos homens como filho de macaco.

4. — Sou sacerdote por vocação e não por profissão. E' só.

ÍNDICE

Dedicatória	4
Duas palavras explicativas	5
Com um darwinista — Mais um coveiro	7
Com um mono — Bilhete-resposta ao Sr. Th. S. Doleys..	12
Descendência macacal	23
Um espécimen dêles	37
Com um Paulo sem Damasco	40
Escaravelhos	45
Caturrices de um doutor	50
Antagonismo visceral	53
A mentira (ao Sr. Prof. G. Carlos Pasini)	57
Com um irmão orelhudo — Desmascarando	61
Orelhas compridas?	64
Com um tenente	67
Cobras e lagartos	69
Interesses de Deus	74

Não é roubando	77
Religião definida	82
Com um advogado de Uruguaiana — A Pretensão	85
Pois não!	87
Juramento falso	93
Esperneando... — Trocando idéias	102
Pela culatra	114
Guascaços — I —	122
Guascaços — II — Pelas ventas do Sr. Intruso	124
Guascaços — III — Ao Índio Velho	126
Gato por lebre — Ao Índio Velho	129
A verdade católica — (Ao povo alegretense)	132
Verdadeiras verdades evangélicas	139
Verdadeiras verdades evangélicas	149
Carta ao Presidente do Apostolado	167
Verdadeiras verdades evangélicas	169
Pescadores em águas turvas	205
Farisaísmo protestante	208

Mons. Liberali 287

Com um apóstata — Contra-resposta ao Pastor 216

Voltando à carga — Resposta ao folheto 235

«Horas de Combate» 235

Inquisições clericais e anticlericais 266

Descalçando a bota 281

*Composto e impresso nas
oficinas gráficas de «O
Lutador» do Instituto dos
Missionários Sacramenti-
nos de Nossa Senhora.*

**LIVROS QUE SE RECOMENDAM
À LEITURA DE TODOS
OS CATÓLICOS**

30
354
76

Entre ágapes e Eucaristias, pelo Pe. Pascoal Rangel, S. D. N. — E' o melhor opúsculo para se seguir com proveito a Santa Missa. Cr\$ 35,00.

Histórias para o seu lar, pelo Pe. Casimiro Campos, S.D.N. — As mais belas histórias no mais pitoresco estilo. Cr\$ 25,00.

Nossa Senhora das Graças — Estudo doutrinário, pelo Pe. Antônio Miranda, S. D. N.
Valioso livro de teologia mariana, sôbre a Mediação universal de Nossa Senhora. Cr\$ 30,00.

O Evangelho das festas, pelo Padre Júlio Maria, S. D. N. — O sentido litúrgico de cada festa do calendário eclesiástico e as vidas dos santos de nossa principal devoção — eis o que êste livro encerra. Cr\$ 45,00.